



RIZOMA.NET

NEUROPOLÍTICA

Amigos Leitores,

Agora está acionada a máquina de conceitos do Rizoma. Demos a partida com o formato demo no primeiro semestre deste ano, mas só agora, depois de calibradas e recauchutadas no programa do site, que estamos começando a acelerar.

Cheios de combustível e energia incendiária, voltamos à ativa agora, com toda a disposição para avançar na direção do futuro.

É sua primeira vez no site? Estranhou o formato? Não se preocupe, o Rizoma é mesmo diferente, diferente até pra quem já conhecia as versões anteriores. Passamos um longo período de mutação e gestação até chegar nesta versão, que, como tudo neste site, está em permanente transformação. Essa é nossa visão de "work in progress".

Mas vamos esclarecer um pouco as coisas. Por trás de tantos nomes "estranhos" que formam as seções/rizomas do site, está nossa assumida intenção de fazer uma re-engenharia conceitual.

Mas de que se trata uma "re-engenharia conceitual" ? Trata-se sobretudo de reformular conceitos, dar nova luz a palavras que de tão usadas acabam por perder muito de seu sentido original. Dizer "Esquizofonia" em vez de "Música" não é uma simples intenção poética. A poesia não está de maneira alguma excluída, mas o objetivo aqui é muito mais engendrar novos ângulos sobre as coisas tratadas do que se reduzir a uma definição meramente didática. Daí igualmente a variedade caleidoscópica dos textos tratando de um mesmo assunto nas seções/rizomas. Não se reduzir a uma só visão, virar os ângulos de observação, descobrir novas percepções. Fazer pensar.

Novas percepções para um novo tempo? Talvez. Talvez mais ainda novas visões sobre coisas antigas, o que seja. Não vamos esconder aqui um certo

anseio, meio utópico até, de mudar as coisas, as regras do jogo. Impossível? Vai saber... Como diziam os situacionistas: "As futuras revoluções deverão inventar elas mesmas suas próprias linguagens".

Pois é, e já que falamos de jogo, é assim que propomos que você navegue pelo site. Veja as coisas como uma brincadeira, pequenos pontos para você interligar à medida que lê os textos, pois as conexões estão aí para serem feitas. Nós jogamos os dados e pontos nodais, mas é você quem põe a máquina conceitual para funcionar e interligar tudo. Vá em frente! Dê a partida no seu cérebro, pise no acelerador do mouse e boa diversão!

Ricardo Rosas e Marcus Salgado, editores do Rizoma.

28/08/2002

Índice

A FÁBRICA DA INFELICIDADE - Prólogo à edição castelhana (1)

Franco Berardi (Bifo)

PÁGINA - 5

A NEUROECONOMIA

Robert Anton Wilson (1)

PÁGINA - 18

ALUCINAÇÕES DE PROVETA

Roberta Salomone

PÁGINA - 25

O PENSAMENTO TRANSINDIVIDUAL: Afetos, Perceptos e Conceptos que determinam o cybertempo

Henrique Antoun

PÁGINA - 28

ESTADOS ALTERADOS DE CONSCIÊNCIA (SEM DROGAS!)

J. R. R. Abrahão

PÁGINA - 36

CIBERNÉTICA E ENTEOGÊNICA: DO CIBERESPAÇO AO NEUROESPAÇO

Palestra de Peter Lamborn Wilson, (aka Hakim Bey)

PÁGINA - 43

COGNIÇÃO E SENSIBILIDADE NO HIPERMUNDO

Franco Berardi (Bifo)

PÁGINA - 53

CONSCIÊNCIA QUÂNTICA

David H. Freedman

PÁGINA - 57

DELEUZE, ESQUIZOANALISTA - Suely Rolnik

PÁGINA - 66

DROGAS ILÍCITAS E GLOBALIZAÇÃO

A proibição causa a maioria dos danos associados às drogas

Maria Lúcia Karam

Ex-Juíza Auditora da Justiça Militar Federal

PÁGINA - 70

ENTREVISTA COM IRA (GROWROOM)

Alexandre Matias

PÁGINA - 77

ENTREVISTA COM STAN GROF

Álvaro Veiga Jardim e Carmen Maciel

PÁGINA - 79

ESCAPANDO DA ERA NEGRA

Robert Anton Wilson

PÁGINA - 90

HASHBURY CIDADE LIVRE (1)

Mário Pacheco

PÁGINA - 94

INTELIGÊNCIA NATURAL*

Jeremy Narby

PÁGINA - 103

JOHNNY MNEMONIC

William Gibson

PÁGINA - 111

JUST SAY "KNOW"

Timothy Leary

PÁGINA - 125

LIBERDADE AOS DIFERENTES

Maria Takeuchi

PÁGINA - 128

NEUROMAGMA E MULTIDÃO**Resistência e comunidade no contexto biopolítico**

Peter Pál Pelbart

PÁGINA - 131

O CÉREBRO E O FORA

Cléber Lambert

PÁGINA - 138

O PODER DO MEME MEME

Susan Blac.kmore

PÁGINA - 146

OS OITO CIRCUITOS DA CONSCIÊNCIA

Robert Anton Wilson

PÁGINA - 160

SAINDO DAS SOMBRAS

Renato Rovai

PÁGINA - 165

TECNOPSICOLOGIA

Derrick de Kerckhove

PÁGINA - 170

GNOSE PRA CHAPAR

Ricardo Rosas

PÁGINA - 172

PIONEIROS DO UNDERGROUND VIRTUAL

Por Andrew Edmond

PÁGINA - 178

SOLTOS AO VENTO E AO TEMPO - Erguendo o punho nos anos sessenta com o grupo-bomba Weather Underground

Revista Entropy (1)

PÁGINA - 181

A FÁBRICA DA INFELICIDADE - Prólogo à edição castelhana (1)

Franco Berardi (Bifo)



Quando este livro foi escrito na primavera de 2000, a *new economy* mostrava os primeiros sinais de uma crise que se agravou até desencadear a recessão em que o mundo entrou em 2001. A crise se precipitou de forma trágica quando, em 11 de setembro, o símbolo do poder econômico ocidental, as torres do World Trade Center, foram destruídas pelo ataque de um comando suicida.

Na última década vimos se sucederem com vertiginosa rapidez três fases diferentes: a ascensão de uma classe social ligada à virtualização, que encontrou seu triunfo na impressionante subida das ações tecnológicas na Bolsa; a crise ideológica, psíquica, econômica e social do modelo da *new*

economy; e por último a precipitação da crise e seu angustioso revés em forma de violência, guerra e militarização da economia.

A Fábrica da Infelicidade é um livro dedicado à análise da ideologia virtual, de suas aporias teóricas e, sobretudo, de sua fragilidade cultural.

A ideologia virtual é uma mistura de futurismo tecnológico, evolucionismo social e neoliberalismo econômico. Floresceu em meados dos anos noventa, quando a revista californiana *Wired* se converteu no evangelho de uma nova classe cosmopolita e *libertária* (2), otimista e superexcitada.

Nos últimos anos, todos começaram a se dar conta de que o neoliberalismo não é o mais perfeito dos sistemas políticos, de que o mercado não se corrige por si só, e de que a mão invisível de influência smithiana não é capaz de regular os processos sociais e financeiros até produzir uma perfeita auto-regulação do ciclo econômico. Ficou evidente que a *infoprodução* não é esse reino da felicidade e da auto-realização que a ideologia havia prometido como prêmio aos que trabalham na economia da rede, nas condições de contínuo estresse competitivo da empresa fractal individualizada. a promessa de felicidade e auto-realização no trabalho estava implícita no edifício discursivo e imaginário da *new economy*. Esta promessa se debilitou: a crise financeira das ações tecnológicas fez estourar um mal-estar que até esse momento foi omitido e acalmado com doses massivas de substâncias - financeiras e psicotrópicas. Esse mal-estar não teve como se manter ocultado ao ficar claro que os investimentos diminuam e, com isso, desapareceria o incentivo para adiar toda reflexão, todo relaxamento e todo aprofundamento.

No centro da *new economy*, entendida como modelo produtivo e como discurso cultural, se acha uma promessa de felicidade individual, de sucesso garantido, de ampliação dos horizontes de experiência e de conhecimento. Esta promessa é falsa, falsa como todo discurso publicitário. Impulsionados pela esperança de alcançar a felicidade e o sucesso, milhões de jovens trabalhadores altamente qualificados aceitaram trabalhar em condições de um espantoso estresse, de super-exploração, inclusive com salários muito baixos, fascinados por uma representação ambígua na qual o trabalhador é descrito como um empresário de si mesmo e a competição é elevada a regra universal da existência humana.

O aprofundamento da ideologia *felicista* ligada à economia de rede começou quando os títulos tecnológicos começaram a perder pontos nas Bolsas de todo o mundo e se começou a prever que a chamada "bolha especulativa" poderia furar. O sentimento de mal-estar se acentuou quando à crise financeira se seguiu uma autêntica crise econômica, com laivos de crise de superprodução semiótica e tecnológica. Finalmente, se abriu um vertiginoso e temível abismo quando a classe virtual descobriu que é fisicamente vulnerável, quando a violência se mostrou capaz de entrar no edifício transparente da virtualidade. O apocalipse fez com que a classe virtual descubra que não é imune à crise, à recessão, ao sofrimento e à guerra.

Nesse momento, as perspectivas mudaram de modo radical. Quando as torres de Manhattan foram destruídas por homens convertidos em bombas, a classe virtual que desenvolvia seu trabalho entinchada nessas torres saiu de sua condição de espírito puro, descobriu que tem um corpo físico,

carnal, que pode ser golpeado, ferido, morto. E descobriu também que tem um corpo social, que pode se empobrecer, ser despedido, ser submetido ao sofrimento, à marginalização, à miséria; e também um corpo erótico, que pode entrar em uma fase de depressão e de pânico. Em outras palavras, a classe virtual descobriu que é, além disso, cognitariado, ou seja: trabalho cognitivo dotado de um corpo social e carnal, que é submetido conscientemente ou não ao processo de produção de valor e de mercadoria semiótica, que pode ser submetido a exploração e a estresse, que pode sofrer privação afetiva, que pode cair no pânico, que inclusive pode ser violentado e morto. A classe virtual descobriu um corpo e uma condição social. Por isso deixou de se sentir classe virtual e começou a se sentir cognitariado.

O aprofundamento e a dissolução da *new economy*, ou seja, do teto ideológico e de categorias sob o qual se desenvolveu a semioprodução nos anos noventa, não supõe o aprofundamento da *net economy*, ou seja, do processo de produção conectado em rede. A infraestrutura da rede continuou crescendo e se articulando apesar da crise, e a prioridade hoje reside em criar os conteúdos, imaginar os usos, as funções sociais e comunicativas da rede futura. Que encadeamentos sociais serão criados com o desenvolvimento da banda larga, da fibra ótica, do UMTS (3), ou seja, das infraestruturas técnicas produzidas durante a onda expansiva dos últimos anos noventa e hoje amíde subutilizadas?

Abre-se um vasto campo para a imaginação. Trata-se de imaginar para os próximos anos interfaces de uso, modos de encadeamento, formatos de narração conectiva e narração em imersão, de ativar uma nova *mitopoiesis*

(4) da rede, caminhando à beira do abismo que a guerra e a recessão abriram.

Trata-se de imaginar tudo aquilo que se tornará produtivo durante e depois da abertura do abismo porque, se a humanidade não desaparece, a rede sobreviverá.

Consequências ideológicas do *dotcom crash*

Nos anos noventa, graças à participação massiva no ciclo de investimento financeiro, os produtores cognitivos puderam atuar como cobertura econômica auto-suficiente. Investiram suas competências, seu saber e sua criatividade e acharam no mercado financeiro os meios para criar empresa. Durante alguns anos a forma da empresa foi o ponto de encontro entre capital financeiro e trabalho cognitivo de alta produtividade. Uma forma de auto-empresa que exaltava ao mesmo tempo a autonomia do trabalho e a dependência do mercado. A ideologia libertária e liberal que dominou a cibercultura dos anos noventa idealizava o mercado ao apresentá-lo como uma dimensão pura. Nesta dimensão, natural como a luta pela sobrevivência que torna possível a evolução, o trabalho achava os meios para se auto-valorizar e se fazer empresa. Abandonado a sua dinâmica pura, o sistema econômico reticular devia obter resultados ótimos para todos, proprietários e trabalhadores. Este modelo, teorizado por autores como Kevin Kelly e transformado pela revista *Wired* numa espécie de visão altaneira e triunfalista do mundo digital liberal, acabou proibido nos dois primeiros anos do novo milênio, junto com a *new economy* e grande parte do exército de auto-empresendedores cognitivos que animaram o mundo das

pontocom.

Acabou proibido porque o modelo de um mercado perfeitamente livre é falso na teoria e na prática. O que o neoliberalismo favoreceu a longo prazo não foi o livre mercado, mas o monopólio. Enquanto o liberalismo idealiza o mercado como lugar livre no qual competem saberes, competências e criatividade, a realidade mostrou que os grandes grupos de poder atuam de modo nada *libertário*, introduzindo automatismos tecnológicos, impondo-se por meio da força dos meios de comunicação ou do dinheiro e, por último, roubando da massa de acionistas e do trabalho cognitivo sem pudor algum. A falsidade do livre mercado ficou completamente à vista com a presidência Bush. A política do governo Bush consiste em favorecer de modo explícito os monopólios - começando pelo escandaloso *indulto* a Bill Gates, em troca de uma aliança política e dos correspondentes apoios financeiros eleitorais. A política do governo Bush é de tipo protecionista, que impõe a abertura dos mercados aos países pobres mas permite aos Estados Unidos da América manter tarifas de 40 por cento sobre a importação do aço. Com a vitória de Bush, a ideologia liberal e *libertária* acabou derrotada, reduzida à hipócrita repetição de lugares comuns sem conteúdo.

A ideologia que acompanhou a *dotcommania* (5) consistia em uma representação um tanto fanática de otimismo obrigatório e economicista. Mas o processo real que se desenvolveu nos anos das *pontocom* contém elementos de inovação social, além de tecnológica. Na segunda metade dos anos noventa desenrolou-se uma autêntica luta de classes no seio do circuito produtivo das altas tecnologias. O devir da rede esteve marcado por essa luta. O resultado da mesma, neste momento, ainda é incerto. A

ideologia do livre mercado demonstrou ser um chamariz. A idéia de que o mercado pudesse funcionar como um espaço puro de confrontação em igualdade de condições entre as idéias, os projetos, a qualidade produtiva e a utilidade dos serviços foi varrida pela amarga verdade de uma guerra que os monopólios conduziram contra a multidão de trabalhadores cognitivos auto-empregados e a massa um tanto patética de micro-acionistas. Na luta pela sobrevivência não venceu o mais eficaz nem o melhor, mas o que pôs os canhões à mostra. Os canhões da violência, da rapina, do roubo sistemático, da violação de todas as normas éticas e legais. A aliança entre Gates e Bush sancionou a liquidação do mercado, e com isso se concluiu uma fase da luta interna na *virtual class*. Uma parte desta foi incorporada ao complexo tecno-militar, enquanto outra foi expulsa da empresa e empurrada até o limite da proletarização. No terreno cultural, estão se criando as condições para a formação de uma consciência social do cognitariado. Este poderia ser o fenômeno mais importante dos próximos tempos e a única alternativa ao desastre.

As *pontocom* foram o laboratório de formação de um modelo produtivo e de um mercado. O mercado foi finalmente conquistado e sufocado pelos monopólios e o exército de auto-empresendedores e de micro-capitalistas de risco foi dissolvido e expropriado. Inicia-se assim uma nova fase: os grupos que prosperaram com o ciclo da *net economy* se aliaram com o grupo dominante da *old economy* - o clã Bush, representante da indústria petroleira e militar - e isso assinalou um bloqueio do processo de globalização. O neoliberalismo produziu sua própria negação, e aqueles que foram seus mais entusiastas defensores se convertem em vítimas e marginalizados.

Enquanto a rede começou a se difundir e a mostrar sinergias culturais, técnicas e comunitárias, chegaram os comerciantes e os publicitários e todo seu bando de fanáticos por lucro. Sua pergunta era muito simples: a internet pode se converter em uma máquina de fazer dinheiro? Os "experts" - um punhado multiforme de artistas, hackers e experimentadores tecnossociais - responderam de maneira sibilina. Os californianos da *Wired* responderam que a internet estava destinada a multiplicar a potência do capitalismo, a abrir imensos mercados imateriais e a inverter as próprias leis da economia, que prevêem crises, recessões, rendimentos decrescentes e quedas da taxa de benefício. Ninguém desmentiu os vendedores digitais. Artistas da rede e midiativistas tinham outras coisas que fazer e suas críticas e reservas foram tomadas como lamentos do perdedor, incapaz de entrar no grande jogo. Visionários digitais cyberpunk e artistas da rede deixaram que o globo crescesse. O que entrava no circuito da rede era dinheiro útil para desenvolver todo tipo de experimentação tecnológica, comunicativa e cultural. Alguém o chamou de *funky business*. O trabalho criativo encontrou o modo de tirar alguns trocados de uma maré de capitalistas grandes, grandíssimos, mas também pequenos.

Mas a internet não é uma máquina de fazer dinheiro. Nunca o foi não pode se converter nisso. Isto não quer dizer que a rede não tenha nada a ver com a economia. Pelo contrário, converteu-se em uma infraestrutura indispensável para a produção e a efetivação do capital. Mas sua cultura específica não pode ser reduzida à economia. A internet abriu um capítulo completamente novo do processo de produção. A imaterialização do produto, o princípio de cooperação, a continuidade inseparável entre

produção e consumo fizeram com que se transpusesse os critérios tradicionais de definição do valor das mercadorias. Quem entra na rede não acredita ser um cliente mas um colaborador, e por isso não quer pagar. Nem a AOL nem a Microsoft nem os demais tubarões podem mudar este fato, que não é apenas um traço cultural um tanto anarcóide, mas o próprio coração da relação de trabalho digital. Não devemos pensar que a internet é uma espécie de ilha extravagante na qual entrou em crise o princípio de valorização que domina o resto das relações humanas. Mais exatamente, a rede abriu uma brecha conceitual que está destinada a aumentar. O princípio de gratuidade não é uma exceção marginal, mas que pode se converter no princípio universal de acesso aos bens materiais e imateriais.

Com o *dotcom crash* (6) o trabalho cognitivo se separou do capital. Os artesãos digitais, aqueles que nos anos noventa se sentiram empresários de seu próprio trabalho, vão pouco a pouco se dar conta de como têm sido enganados, roubados e expropriados, e isso criará as condições de aparecimento de uma nova consciência dos trabalhadores cognitivos. Compreenderão que, apesar de possuir toda a potência produtiva, o fruto de seu trabalho lhes foi expropriado por uma minoria de especuladores ignorantes mas hábeis no manejo dos aspectos legais e financeiros do processo produtivo. A capa improdutivo da classe virtual, os advogados e os contadores, se apropriam da mais-valia cognitiva produzida pelos físicos, trabalhadores informáticos, químicos, escritores e operadores midiáticos. Mas estes podem se separar do castelo jurídico e financeiro do semiocapitalismo e construir uma relação direta com a sociedade, com os usuários. Talvez então se inicie o processo de auto-organização autônoma do trabalho cognitivo. Um processo que, além do mais, já está em marcha,

como o demonstram as experiências do ativismo midiático e a criação de redes de solidariedade do trabalho migrante.

O sistema nervoso digital como centro de um novo campo disciplinar

Acabado o período do triunfalismo capitalista e da hegemonia ideológica neoliberal, devemos voltar às velhas categorias analíticas do marxismo e estratégias políticas do movimento obreiro do século XX, aos horizontes do socialismo democrático ou do comunismo revolucionário? Nada seria mais inútil e equivocado. O capitalismo reticular de massas que se afirmou plenamente nos anos noventa produziu formas sociais irreduzíveis à análise marxista das classes. Não nos bastam as categorias da crítica da economia política, porque os processos de subjetivação atravessam campos muito mais complexos. Começa a se desenhar um campo disciplinar no ponto de encontro entre os territórios da economia, da semiologia e da psicoquímica.

O modelo produtivo que se desenha no horizonte da sociedade pós-moderna é o Semiocapital. Capital-fluxo, que se coagula, sem se materializar, em artefatos semióticos. Os conceitos forjados por dois séculos de pensamento econômico parecem dissolvidos, inoperantes, incapazes de compreender grande parte dos fenômenos que tem aparecido na esfera da produção social desde que esta se tornou cognitiva. A atividade cognitiva sempre esteve na base de toda produção humana, até da mais mecânica. Não há trabalho humano que não requeira um exercício de inteligência. Mas, na atualidade, a capacidade cognitiva virou o principal recurso produtivo. No trabalho industrial, a mente era posta em marcha como automatismo repetitivo, como suporte fisiológico do movimento muscular.

Hoje se encontra a mente, no trabalho, como inovação, como linguagem e como relação comunicativa. A subsunção da mente no processo de valorização capitalista comporta uma autêntica transformação. O organismo consciente e sensível é submetido a uma pressão competitiva, a uma aceleração dos estímulos, a um estresse de atenção constante. Como consequência, o ambiente mental, a *infosfera* na qual a mente se forma e entra em relação com outras mentes, se torna uma ambiente psicopatogênico. Se queremos compreender o infinito jogo de espelhos do Semicapital, é necessário olhar-lo a partir de três ângulos:

- A crítica da economia política da inteligência conectiva,
- A semiologia dos fluxos linguístico-econômicos,
- A psicodinâmica do ambiente *infosférico*, os efeitos psicopatogênicos da exploração econômica da mente humana.

O processo de produção digital está adquirindo uma dimensão biológica. Tende a se assemelhar a um organismo. O sistema nervoso de uma organização tem analogias com o sistema nervoso humano. Toda empresa industrial tem sistemas autônomos, processos operativos que têm que funcionar para que a sociedade sobreviva. O que até agora tem faltado são as ligações entre as informações, análogas às interconexões neurais do cérebro. A empresa digital reticular que construímos funciona como um excelente sistema nervoso artificial. Nele, a informação flui com a velocidade e naturalidade do pensamento em um ser humano, e podemos usar a tecnologia para governar e coordenar grupos de pessoas com a

mesma rapidez com que nos concentramos em um problema. Segundo Bill Gates (em *Business @ the Speed of Thought*) (7), criamos as condições de um novo sistema econômico, organizado em torno do que poderíamos chamar de "empresa na velocidade do pensamento".

No mundo conectado, os anéis retroativos da teoria geral dos sistemas se fundem com a lógica dinâmica da biogenética em uma visão pós-humana da produção digital. A mente e a carne humana poderão se integrar com o circuito digital graças a interfaces de aceleração e simplificação. Nasce assim um modelo de produção *bioinfo* que produz artefatos semióticos com as capacidades de auto-replicação dos sistemas vivos segundo as leis de funcionamento econômico do capitalismo. Quando esteja plenamente operativo, o sistema nervoso digital poderá ser instalado com rapidez em qualquer forma de organização. Isso quer dizer que a Microsoft só aparentemente se ocupa em desenvolver software, produtos e serviços. Na realidade, a finalidade oculta da produção de software é a fiação da mente humana em um contínuo reticular cibernético destinado a estruturar os fluxos de informação digital através do sistema nervoso de todas as instituições-chave da vida contemporânea. A Microsoft deve ser então considerada como uma memória virtual global expansível e pronta para ser instalada. Um *ciberpanóptico* inserido nos circuitos de carne da subjetividade humana. A cibernética acaba por virar vida ou, como Gates gosta de dizer, "a informação é vossa linfa vital".

A depressão no coração

O sistema nervoso digital se incorpora progressivamente ao sistema nervoso

orgânico, ao circuito da comunicação humana. Recodifica-o segundo suas linhas operativas e sua velocidade. Mas para que esta mudança possa se realizar, o corpo-mente tem de passar por uma alteração infernal, que estamos presenciando na história do mundo. Para compreender e para analisar este processo não nos bastam os instrumentos conceituais da economia política nem da análise da tecnologia. O processo de produção se semiotiza e a formação do sistema nervoso digital implica e conecta a mente, o psiquismo social, os desejos e as esperanças, os medos e a imaginação. Por isso temos que nos ocupar da produção semiótica, da mudança linguística e cognitiva. Essa mudança passa pela difusão de patologias.

A cultura neoliberal injetou no cérebro social um estímulo constante na direção da competência e o sistema técnico da rede digital tornou possível uma intensificação dos estímulos informativos enviados pelo cérebro social aos cérebros individuais. Esta aceleração dos estímulos é um fator patogênico que atinge o conjunto da sociedade. A combinação de competência econômica e intensificação digital dos estímulos informativos leva a um estado de eletrocução permanente que se traduz em uma patologia difusa, que se manifesta, por exemplo, na síndrome de pânico e nos transtornos da atenção.

O pânico é uma síndrome cada vez mais frequente. Até uns poucos anos atrás os psiquiatras nem sequer conheciam este sintoma, que pertencia bem mais à imaginação literária romântica e que podia se assemelhar ao sentimento de ficar inundado pela infinita riqueza de formas da natureza, pela ilimitada potência cósmica. Hoje o pânico é sem dúvida denunciado,

com frequência cada vez maior, como sintoma doloroso e inquietante, como a sensação física de não conseguir controlar o próprio corpo, com a aceleração do ritmo cardíaco, uma crescente dificuldade para respirar, chegando até ao desvanecimento e à paralisia.

Ainda que, até onde sei, não haja investigações conclusivas exatamente sobre isto, se pode apontar a hipótese de que a mediatização da comunicação e a conseqüente escassez de contato físico podem produzir patologias da esfera afetiva e emocional. Pela primeira vez na história humana, há uma geração que aprendeu mais palavras e ouviu mais histórias da televisão que de sua mãe. Os transtornos da atenção se difundem cada vez mais. Milhões de crianças norte-americanas e européias são tratadas de um transtorno que se manifesta como a incapacidade de manter a atenção concentrada em um objeto por mais que alguns segundos. A constante excitação da mente por parte de fluxos neuroestimulantes leva, provavelmente, a uma saturação patológica. É necessário aprofundar a investigação sociológica e psicológica sobre esta questão. Podemos afirmar que se queremos compreender a economia contemporânea devemos nos ocupar da psicopatologia da relação. E que se queremos compreender a psicoquímica contemporânea, devemos ter em conta o fato de que a mente está afetada por fluxos semióticos que seguem um princípio extra-semiótico, o princípio da competência econômica, o princípio da exploração máxima.

Como se poderia falar hoje de economia sem se ocupar de psicopatologia? Nos anos noventa a cultura do Prozac esteve indissociável da cultura da *new economy*. Centenas de milhares de operadores, diretores e gerentes da

economia ocidental tomaram inúmeras decisões em estado de euforia química e rapidez psicofarmacológica. Mas a longo prazo, o organismo pode ceder, incapaz de suportar até o infinito a euforia química que até então sustentou o entusiasmo competitivo e o fanatismo produtivista. A atenção coletiva está supersaturada, e isso provoca um colapso social e econômico. Do ano 2000 em diante, por trás da cortina de fumaça da linguagem oficial que fala de provável recuperação econômica, de leve recessão, ou de *double dip recession* (recessão, uma pequena recuperação e outra recessão), há algo evidente. Como acontece com um organismo ciclotímico, como acontece ao paciente que sofre transtorno bipolar, à euforia se seguiu a depressão. Trata-se precisamente de uma depressão clínica, uma depressão a longo prazo que golpeia pela raiz a motivação, o impulso, a auto-estima, o desejo e o *sex appeal*. Quando chega a depressão é inútil tratar de se convencer de que passará logo. Tem que seguir seu ciclo.

Para compreender a crise da *new economy* é necessário partir da análise psicoquímica da classe virtual. É necessário refletir sobre o estado psíquico e emocional de milhões de trabalhadores cognitivos que animaram a cena da empresa, da cultura e do imaginário durante os anos noventa. A depressão psíquica do trabalhador cognitivo individual não é uma consequência da crise econômica, mas sua causa. Seria simples considerar a depressão como uma consequência de um ciclo de negócios ruim. Depois de trabalhar tantos anos felizes e rentáveis, o valor das ações despencou e nosso *brainworker* se surpreendeu com uma depressão. Não é assim. A depressão foi produzida porque seu sistema emocional, físico e intelectual não pode suportar até o infinito a hiperatividade provocada pela competência e pelos psicofármacos. Como consequência, as coisas começaram a ir mal no mercado. Que é o

mercado? O mercado é um lugar semiótico, o lugar em que se encontram signos e expectativas de sentido, desejos e projeções. Se queremos falar de demanda e oferta devemos raciocinar em termos de fluxos de desejo, de atratores semióticos que tiveram *appeal* e agora o perderam.

Infosfera e mente social

O *mediascape* é o sistema midiático em contínua evolução, o universo dos emissores que enviam a nosso cérebro sinais nos mais variados formatos. A *infosfera* é a interface entre o sistema dos meios e a mente que recebe seus sinais; é a ecosfera mental, essa esfera imaterial na qual os fluxos semióticos interagem com as antenas receptoras das mentes disseminadas pelo planeta. A *mente* é o universo dos receptores, que não se limitam, como é natural, a receber, mas que elaboram, criam, e por sua vez põem em movimento novos processos de emissão e produzem a contínua evolução do *mediascape*. A evolução da *infosfera* na época video-eletrônica, a ativação de redes cada vez mais complexas de distribuição da informação, produziu um salto na potência, na velocidade e no próprio formato da *infosfera*. Mas a este salto não corresponde um salto na potência e no formato da recepção. O universo dos receptores, ou seja, os cérebros humanos, as pessoas de carne e osso, de órgãos frágeis e sensuais, não está formatado segundo os mesmos padrões que o sistema dos emissores digitais.

O paradigma de funcionamento do universo dos emissores não corresponde com o paradigma de funcionamento do universo dos receptores. Isto se manifesta em efeitos diversos: eletrocução permanente, pânico, superexcitação, hipermotilidade, transtornos da atenção, dislexia,

sobrecarga informativa, saturação dos circuitos de recepção.

Na raiz da saturação está uma autêntica deformação dos formatos. O formato do universo dos emissores evoluiu multiplicando sua potência, enquanto que o formato do universo dos receptores não pôde evoluir no mesmo ritmo, pela simples razão de que se apóia em um suporte orgânico - o cérebro-corpo humano - que tem tempos de evolução completamente diferentes dos das máquinas.

O que se produziu poderia se chamar uma "cacofonia" paradigmática, uma defasagem entre os paradigmas que conformam o universo dos emissores e o dos receptores. Em uma situação assim, a comunicação se converte em um processo assimétrico e transtornado. Podemos falar de uma discrasia entre ciberespaço, em limitada e constante expansão, e cibertempo. O ciberespaço é uma rede que compreende componentes mecânicos e orgânicos cuja potência de elaboração pode ser acelerada sem limites. O cibertempo é, pelo contrário, uma realidade vivida, ligada a um suporte orgânico - corpo e cérebro humanos -, cujos tempos de elaboração não podem ser acelerados muito além de limites naturais relativamente rígidos.

Paul Virilio sustenta, desde seu livro *Vitesse et politique*, de 1977 (8), que a velocidade é o fator decisivo da história moderna. Graças à velocidade, diz Virilio, se ganham as guerras, tanto as militares como as comerciais. Em muitos de seus escritos, Virilio mostra que a velocidade dos deslocamentos, dos transportes e da motorização permitiram aos exércitos ganhar as guerras durante o último século. Desde que os objetos, as mercadorias e as pessoas puderam ser substituídos por signos, por fantasmas virtuais

transferíveis por via eletrônica, as fronteiras da velocidade foram derrubadas e se desencadeou o processo de aceleração mais impressionante que a história humana tenha conhecido. Em certo sentido, podemos dizer que o espaço já não existe, pois a informação pode atravessá-lo instantaneamente e os acontecimentos podem ser transmitidos em tempo real de um ponto a outro do planeta, convertendo-se assim em acontecimentos virtualmente compartilhados. Mas, quais são as consequências desta aceleração para a mente e o corpo humanos? Para entendê-lo, temos de nos referir às capacidades de elaboração consciente, à capacidade de assimilação efetiva dos signos e dos acontecimentos por parte do organismo consciente e sensível.

A aceleração dos intercâmbios informativos produziu e está produzindo um efeito patológico na mente humana individual e, com maior razão, na coletiva. Os indivíduos não estão em condições de elaborar conscientemente a imensa e crescente massa de informação que entra em seus computadores, em seus celulares, em suas telas de televisão, em suas agendas eletrônicas e em suas cabeças. Sem dúvida, parece que é indispensável seguir, conhecer, avaliar, assimilar e elaborar toda essa informação caso se deseje ser eficiente, competitivo, ganhador. A prática do *multitasking* (9), a abertura de janelas de atenção hipertextuais ou a passagem de um contexto a outro para a valorização global dos processos tendem a deformar as modalidades sequenciais da elaboração mental. Segundo Christian Marazzi, economista e autor de *Capitale e linguaggio*(10), a última geração de operadores econômicos padece de uma autêntica forma de dislexia, uma incapacidade de ler uma página do princípio ao fim seguindo um processo sequencial, e uma incapacidade de manter a atenção

concentrada no mesmo objeto por muito tempo. A dislexia se estende pelos comportamentos cognitivos e sociais, até tornar o prosseguimento de estratégias lineares quase impossível.

Alguns, como Davenport e Beck (11), falam de economia da atenção. Que uma faculdade cognitiva passe a fazer parte do discurso econômico quer dizer que se converteu em um recurso escasso. Falta o tempo necessário para prestar atenção nos fluxos de informação aos quais estamos expostos e que devemos avaliar para poder tomar decisões. A consequência é visível: decisões econômicas e políticas que não respondem a uma racionalidade estratégica a longo prazo, mas tão somente ao interesse imediato. Por outro lado, estamos cada vez menos dispostos a prestar nossa atenção gratuitamente. Já não temos tempo para o amor, a ternura, a natureza, o prazer e a compaixão. Nossa atenção está cada vez mais assediada e portanto a dedicamos somente à carreira, à competência, à decisão econômica. E, em todo caso, nosso tempo não pode seguir a louca velocidade da máquina digital hipercomplexa. Os seres humanos tendem a se converter em desapietados executores de decisões tomadas sem atenção.

O universo dos emissores - ou ciberespaço - já funciona em velocidade sobrehumana e se torna intraduzível para o universo dos receptores - ou cibertempo - que não pode ir mais rápido do que o permite a matéria física da qual nosso cérebro está formado, a lentidão de nosso corpo ou a necessidade de carícias e de afeto. Abre-se assim uma defasagem patogênica e a enfermidade mental se dissemina, como o mostram as estatísticas e, sobretudo, nossa experiência cotidiana. E, à medida em que

se difundem as patologias, se difundem os fármacos. A florescente indústria dos psicofármacos bate recordes a cada ano. O número de caixas de Ritalin, Prozac, Zoloft e outros fármacos psicotrópicos vendidas nas farmácias cresce, ao mesmo tempo em que crescem a dissociação, o sofrimento, o desespero, o terror de ser, de ter que se enfrentar constantemente, de desaparecer; cresce o desejo de matar e de morrer.

Quando perto do final dos anos setenta se impôs uma aceleração dos ritmos produtivos e comunicativos nas metrópoles ocidentais, apareceu uma gigantesca epidemia de toxicomania. O mundo estava saindo de sua época humana para entrar na época da aceleração maquinal pós-humana. Muitos organismos humanos sensíveis começaram a usar cocaína, substância que permite acelerar o ritmo existencial até se transformar em máquina. Muitos outros organismos humanos sensíveis começaram a se injetar heroína, substância que desativa a relação com a velocidade do ambiente circundante. A epidemia de pós dos anos setenta e oitenta produziu uma devastação existencial e cultural da qual ainda não fizemos as contas. Em seguida, as drogas ilegais foram substituídas pelas substâncias legais que a indústria farmacêutica põe à disposição de suas vítimas, e se iniciou a época dos antidepressivos, dos euforizantes e dos reguladores de humor.

Hoje a enfermidade mental se mostra cada vez mais com maior clareza como uma epidemia social ou, mais precisamente, socio-comunicativa. Se você quer sobreviver, deve ser competitivo, e se quer ser competitivo tem de estar conectado, tem de receber e elaborar continuamente uma imensa e crescente massa de dados. Isso provoca um estresse de atenção constante e uma redução do tempo disponível para a afetividade. Estas duas

tendências inseparáveis devastam o psiquismo individual. Depressão, pânico, angústia, sensação de solidão, miséria existencial. Mas estes sintomas individuais não podem ser separados indefinidamente, como até agora o fez a psicopatologia e como o quer o poder econômico. Não se pode dizer: você está esgotado, pegue umas férias no *Club Méditerranée*, tome uma pílula, cure-se, pare de se aborrecer, recupere-se no hospital psiquiátrico, mate-se. Não se pode, pela simples razão de que não se trata de uma minoria de loucos nem de um número secundário de deprimidos. Trata-se de uma massa crescente de miséria existencial que tende a explodir no centro do sistema social. Além disso, deve se considerar outro fato decisivo: enquanto o capital necessitou extrair energias físicas de seus explorados e escravos, a enfermidade mental podia ser relativamente marginalizada. Pouco importava ao capital seu sofrimento psíquico enquanto você pudesse apertar roscas e manejar um torno. Ainda que estivesse tão triste como uma mosca sozinha numa garrafa, sua produtividade pouco se ressentia disso, por que seus músculos podiam funcionar. Hoje o capital necessita de energias mentais, energias psíquicas. E são precisamente estas que se está destruindo. Por isso as enfermidades mentais estão estourando no centro da cena social. A crise econômica depende em grande medida da difusão da tristeza, da depressão, do pânico e da desmotivação. A crise da *new economy* deriva em boa medida de uma crise de motivações, de uma queda da artificiosa euforia dos anos noventa. Isso teve efeitos de desinvestimento e, em parte, de contração do consumo. Em geral, a infelicidade funciona como um estimulante do consumo: comprar é uma suspensão da angústia, um antídoto da solidão, mas apenas até certo ponto. Mais além deste ponto, o sofrimento se torna um fator de desmotivação da compra. Para fazer frente a isso, desenham-se estratégias.

Os padrões do mundo não querem, desde logo, que a humanidade seja feliz, porque uma humanidade feliz não se deixa enganar pela produtividade, pela disciplina do trabalho, nem pelos hipermercados. Mas se buscam técnicas que moderem a infelicidade e a tornem suportável, que adiem ou contenham a explosão suicida, com o fim de estimular o consumo.

Que estratégias seguirá o organismo coletivo para se evadir desta fábrica da infelicidade?

É possível, é ponderável, uma estratégia de desaceleração, de redução da complexidade? Não o creio. Na sociedade humana, não se pode eliminar para sempre potencialidades, ainda que estas se mostrem letais para o indivíduo e, provavelmente, também para a espécie. Estas potencialidades podem ser reguladas, postas sob controle enquanto seja possível, mas acabam inevitavelmente por serem utilizadas, como aconteceu - e voltará a acontecer - com a bomba atômica.

É possível uma estratégia de *upgrading* (12) do organismo humano, de adequação maquinal do corpo e do cérebro humano a uma infosfera hiperveloz. É a estratégia que se costuma chamar *pós-humana*.

Por último, é possível uma estratégia de evasão, de distanciamento do redemoinho. Mas se trata de uma estratégia que só pequenas comunidades poderão seguir, constituindo esferas de autonomia existencial, econômica e informativa frente à economia mundo.

Este livro não se alonga até este ponto. Não trata de elaborar uma

estratégia de evasão. Este livro propõe assinalar e cartografar um novo campo disciplinar que se encontra na intersecção da economia, da tecnologia comunicativa e da psicoquímica. Uma cartografia deste novo campo disciplinar é indispensável se queremos descrever e compreender o processo de produção do capital e a produção de subjetividade social na época que se segue à modernidade industrial mecânica e, portanto, se queremos elaborar estratégias de evasão.

O Império do Caos?

No final de 2002, enquanto escrevo esta introdução, o mundo parece suspenso sobre o abismo da guerra. Negri e Hardt, em *Império*, sustentam que o domínio global tem laivos de um Império, parecido com o Império Romano. Há algo de certo nesta descrição, mas ela acaba por se ajustar mais aos anos noventa que à atualidade. Nos anos da presidência Bush tudo parece haver mudado. Enquanto a nova economia sofre uma crise de mercado e, sobretudo, de confiança, a velha economia, a do petróleo e das armas, recuperou sua força e trata de guiar o mundo.

Se o império teve laivos de um domínio cada vez mais extenso, construído por meio da imposição de padrões tecnológicos, da hegemonia de um imaginário mercantil globalista, o que aparece nos anos da recessão não se parece com o império *soft* de que nos falam os autores deste livro, escrito em meados dos anos noventa. Não consigo ver, na política do grupo dirigente norteamericano, uma lógica, um pensamento racional, uma estratégia equilibrada e linear. Pressinto o efeito de uma loucura que está se difundindo por todos os espaços da vida planetária. A enfermidade mental

alcançou a cabeça do império, porque o projeto de controle total é um projeto enlouquecido, destinado a produzir desastres inclusive para aqueles que o conceberam.

Os Estados Unidos da América são a maior potência da Terra, como o foi Roma nos primeiros séculos da era cristã. Mas, como sugere Marguerite Yourcenar em *Memórias de Adriano*, os impérios podem manter seu domínio enquanto não pretendam subjugar o Caos por meio da força. O Caos não é derrotado por meio da guerra, pois o Caos se alimenta do tanto que o combatam. Por isso, a guerra sem limites que o Império decidiu desencadear contra qualquer desvio da ordem estabelecida pelos integristas liberal-cristãos está destinada a erodir o poder global, até afundá-lo na demência e no caos. Talvez estejamos a ponto de entrar em uma fase de decomposição acelerada de toda ordem e toda racionalidade. E o Império que emergirá será o Império do Caos.

Dezembro de 2002

Notas

1. O livro completo, traduzido para o espanhol, foi publicado em novembro de 2003 com licença livre pela editora Traficantes de Sueños e pode ser baixado (PDF) neste endereço: http://sindominio.net/biblioweb/pensamiento/fabrica_infelicidad.pdf (Nota do Editor)
2. No sentido norteamericano de liberal radical partidário de uma absoluta

liberdade do mercado e dos indivíduos frente ao Estado, diferente de sua acepção europeia como sinônimo de *anarquista*. (N. do E.)

3. UMTS é a sigla de "Universal Mobile Telecommunication System" (Sistema Universal de Telecomunicações Móveis), também conhecida como "telefonia de terceira geração", sendo uma tecnologia que combina o acesso móvel de alta velocidade com os serviços baseados no Protocolo Internet (IP), que permitirá a transferência real de informação multimídia e a conexão permanente com a internet através de celulares. (N. do E.)

4. *Mitopoiesis* ou mitopoética, como também usado em português, poderia ser traduzida como "produção criativa de mitos". O neologismo, de dupla raiz helênica, ficou sem dúvida incorporado ao léxico político dos movimentos, em boa parte graças à atividade do grupo italiano Wu Ming, e de seu predecessor europeu Luther Blissett. Para entender o desenvolvimento das ações deste grupo, leia *Wu Ming, Esta revolución no tiene rostro*, Madri, Acuarela, 2002. (N. do E.)

5. *Dotcommania*, ou "mania do ponto com", a que se refere Bifo, é a propalada febre pela internet, a "revolução digital" que atingiu o mercado e a cultura, principalmente dos EUA, no início dos 90. (Nota do Tradutor)

6. Queda das ações das empresas pontocom, cuja atividade se realiza sobretudo na, e em relação com a Internet. (N. do E.)

7. Bill Gates e J. A. Bravo, *Los negocios en la era digital*, Barcelona, P & J, 1999. (N. do E.)

8. Paul Virilio, *Vitesse et politique: essai de dromologie*, Paris, Galilée, 1977. (N. do E.)

9. Realização simultânea e em paralelo com mais de uma tarefa. (N. do E.)

10. Christian Marazzi, *Capitale e linguaggio. Dalla new economy all'economia di guerra*, Roma, DeriveApprodi, 2002. (N. do E.)

11. Thomas H. Davenport e John C. Beck, *La economia de la atención: el nuevo valor de los negocios*, Barcelona, Paidós, 2002. (N. do E.)

12. Atualização, incremento artificial de sua capacidade. (N. do E.)

Tradução de Ricardo Rosas

Fonte: Sin Dominio (www.sindominio.net).

A NEUROECONOMIA

Robert Anton Wilson (1)



A sociedade deriva do sexo, das relações reprodutivas. Enquanto unidades de trabalho, os primeiros bandos tribais humanos mantiveram-se unidos pelos laços entre casais e grupos mamíferos (as emoções impressas de afeição e confiança). No centro, o eixo central, encontrava-se a ternura orgásmica – ato partilhado, no acasalamento, do amor genital. Dele irradiou a ternura “sublimada” da relação entre pai e filho, irmão e irmã, e tios, tias e avós, toda a “família alargada”, ou bando caçador/coletor de alimentos.

O Estado conquistador, e a subsequente fissão da sociedade em classes distintas de privilegiados e carentes, criou a pobreza. Enquanto instituição humana, a pobreza deriva da conquista, da formação de governos (o bando

guerreiro invasor que ficava para reger as suas conquistas) e da instituição de “leis” perpetuando a divisão classista entre Invasores e Invadidos.

Como qualquer outro primata, o ser humano contém circuitos neurogenéticos prontos para serem impressos por laços de casal e laços de bando. O objetivo evolucionário destes laços continua a ser classicamente mamífero: assegurar a biossobrevivência e o *status* do bando, além de programar a maioria das sementes com os comportamentos heterossexuais-reprodutivos necessários à sobrevivência do bando, o que assegura por sua vez a biossobrevivência das gerações futuras.

A ascensão do Estado conquistador, o Estado feudal, e eventualmente do Estado capitalista moderno, minou e subverteu progressivamente os laços tribais de bando (“a família alargada”). Na nação capitalista mais avançada, os EUA, restam muito poucos destes laços tribais. Muito poucos cidadãos americanos se deterão para dar boléias ou esmolas aos pobres, não confiando sequer nos vizinhos. A maioria nem sequer *conhece* os vizinhos. Os comportamentos normais de bando, como a confiança, a solidariedade, a afeição, etc., passíveis ainda de serem encontrados nas nações feudais, encontram-se aqui atrofiados. A raiz das célebres “anomias”, “ansiedades”, “alienações”, etc., da sociedade capitalista encontra-se nesta ausência de normais laços de bando.

Falando em termos etológicos, os circuitos onde normalmente são impressos os laços de bando sobrevivem ainda. (Poderíamos exprimir o mesmo pensamento em linguagem psicológica dizendo que a necessidade de assegurar a biossobrevivência se mantém ainda). Esta constante

mamífera deve ser satisfeita, e numa sociedade abstrata essa satisfação torna-se também abstrata.

Na sociedade capitalista, o dinheiro de papel torna-se a impressão da biossobrevivência.

William S. Burroughs comparou o capitalismo ao vício da heroína, assinalando os terríveis paralelos: o *junkie* precisa de doses regulares; o cidadão capitalista precisa igualmente de receber injeções regulares de dinheiro. Se não tiver droga, o viciado transforma-se num feixe espasmódico de ansiedades; se não tiver dinheiro, o cidadão capitalista atravessa um trauma de carência em tudo semelhante. Quando a droga escasseia, os *junkies* comportam-se de forma desesperada, chegando ao ponto de roubar e mesmo matar. Se o dinheiro escasseia, o cidadão capitalista também é capaz de roubar e matar.

Segundo o dr. Timothy Leary, as drogas opiáceas funcionam como neurotransmissores do circuito da biossobrevivência, isto é, ativam as redes neuronais relacionadas com os laços mãe-filho. (Em termos de psicologia freudiana pré-neurológica, o *junkie* regressa ao êxtase infantil no regaço da Mãe Ópio). Numa sociedade desprovida dos normais laços mamíferos de bando, o dinheiro é sujeito a uma impressão semelhante, através do condicionamento, sobre os reflexos infantis, de uma série de associações aprendidas. O cidadão capitalista aprende neurologicamente que *dinheiro equivale a segurança e falta de dinheiro equivale a insegurança*.

Muito cedo na evolução homínida, a ansiedade da separação infantil (o

medo de perder a Mãe toda-importante) generalizou-se à ansiedade da separação tribal. Quem fosse expulso da tribo por comportamento delinqüente ou anti-social experimentava verdadeira ansiedade de biossobrevivência. (Em condições primitivas, uma tribo possui uma capacidade de sobrevivência muito superior à de um indivíduo só. À época, o ostracismo significava geralmente a morte, assim como o ostracismo da mãe pode significar a morte da criança.)

Já que, na sociedade capitalista, o dinheiro substituiu a tribo, a maioria dos cidadãos imprimiu no dinheiro as emoções mamíferas tradicionalmente associadas aos laços de sobrevivência filho-mãe e dos bandos individuais. Esta impressão é mantida por associações condicionadas criadas por experiências de privação real. Nas sociedades capitalistas, antes de surgir a segurança social as pessoas morriam mesmo, e em grande número, por carência de dinheiro; ainda hoje isso sucede ocasionalmente entre os muito ignorantes, os muito tímidos ou os muito velhos. (Por exemplo, há alguns anos, um casal idoso da cidade de Buffalo morreu congelado no mês de janeiro, quando a companhia local lhes corou o aquecimento por falta de pagamento da conta de eletricidade.)

A observação, que fazem os europeus, de que os americanos são “loucos por dinheiro” significa simplesmente que a abstração capitalista e o declínio da tribo se encontram mais avançados aqui do que nos estados capitalistas europeus.

Carente de dinheiro, o americano vagueia como um lunático possesso. A “ansiedade”, a “anomia”, a “alienação”, etc., vão crescendo

exponencialmente, reforçadas por reais privações de segurança. Nas sociedades menos abstratas, os pobres partilham os laços de bando e “amam-se” uns aos outros (a nível de aldeia). Carentes de quaisquer laços de bando, e viciados apenas em dinheiro, os americanos pobres odeiam-se uns aos outros. Isto explica a observação paradoxal, que muitos comentaristas fizeram, de como nas sociedades tradicionais a pobreza conserva ainda a sua dignidade e mesmo algum orgulho, mas surge na América como desonrosa e vergonhosa. Na realidade, os americanos pobres não se odeiam apenas uns aos outros; freqüentemente, e talvez em geral, eles odeiam-se a si próprios.

Esses fatos da neuroeconomia encontram-se de tal forma carregados de dor e embaraço que a maioria dos americanos se recusa pura e simplesmente a discuti-los. O puritanismo sexual do século XIX transformou-se no puritanismo monetário. Pelo menos entre o terço mais *avant* da população, as pessoas conseguem falar muito explicitamente sobre as vertentes fetichistas das suas impressões sexuais (“Sinto-me pleno quando uso a roupa interior da minha mulher”, ou coisas do gênero), mas uma fraqueza equivalente sobre as nossas necessidades monetárias faz gelar a conversa, podendo mesmo esvaziar a sala.

Por detrás do embaraço e dor superficiais encontra-se o terror mamífero máximo: a ansiedade da biossobrevivência.

A mobilidade das sociedades modernas faz aumentar ainda mais esta síndrome de ansiedade monetária. Durante a depressão dos anos 30, por exemplo, muitas mercearias e outras “lojas de esquina” permitiram aos seus

clientes a acumulação de grandes contas, por vezes durante meses a fio. Este procedimento baseava-se nos últimos farrapos dos tradicionais laços tribais e no fato de, nessa altura, há 40 anos, quase toda a gente das mesmas redondezas se conhecer. Hoje isso não aconteceria. Vivemos, como diz um romance, “num mundo cheio de estranhos”.

No primeiro capítulo de *The Confidence Man*, Melville contrasta o “fanático religioso” que carrega um cartaz dizendo “AMAI-VOS UNS AOS OUTROS” com os comerciantes cujos avisos dizem “NÃO FAÇO FIADO”. A idéia desta ironia era fazer-nos refletir sobre a inquieta mistura de cristianismo e capitalismo na América do século XIX – cristianismo esse que, como o budismo e as outras religiões pós-urbanas, parece ser em grande medida uma tentativa, a nível místico, de recriação dos laços tribais no seio da era “civilizada” (isto é, imperialista). A segurança social representa a tentativa de falsificação desses laços por parte do Estado (de forma mesquinha e paranóica, de acordo com o espírito da lei capitalista). O totalitarismo surge como a erupção, possuída de fúria assassina, da mesma tentativa de converter o estado num *nexus* tribal de confiança mútua e apoio à biossobrevivência.

Quando a filosofia libertária surgiu na América, ela representava duas tendências principais, que os libertários modernos parecem ter esquecido – imprudentemente, caso se provar a justeza da análise acima feita. Refiro-me à ênfase na *associação voluntária* – a retribalização a um nível superior, através de objetivos evolucionários partilhados – e nas *moedas alternativas*. As associações voluntárias, ou comunas, desprovidas de moeda alternativa são rapidamente absorvidas pelo *nexus* da moeda capitalista. As associações

voluntárias dispendo de moeda alternativa, abertamente declarada, são empurradas para os tribunais e destruídas. É possível que, tal como acontece em *Illuminatus!*, existam realmente associações voluntárias usando moedas secretas ou dissimuladas, a julgar por indícios ou códigos em algumas publicações libertárias de direita.

Nas condições presentes, nenhuma forma de libertarianismo ou anarquismo (incluindo o anarco-capitalismo e o anarco-comunismo) pode competir eficazmente com o estado do bem estar social (*welfare state*) ou o totalitarismo.

As práticas atuais do bem estar social resultaram de 70 anos de lutas entre liberais e conservadores, tendo estes últimos vencido a maioria das batalhas. O sistema funciona de modo a fazer crescer a síndrome do vício. O desempregado recebe uma pequena dose de dinheiro no princípio do mês, muito bem calculada para sustentar um averento extremamente frugal até por volta do dia 10 desse mês. Mediante a dura experiência, o beneficiário do bem estar social aprende a fazer render a dose até o dia 15, ou talvez mesmo até o dia 20. O resto do mês é passado sofrendo de aguda ansiedade de biossobrevivência. Como qualquer traficante ou condicionador comportamental sabe, este período de privação é que sustenta o ciclo todo. No primeiro dia do mês seguinte vem outra dose de dinheiro, e todo o drama recomeça.

O rol de beneficiários do desemprego não pára de crescer, já que – apesar da maior redundância e ineficácia – a tendência do industrialismo continua a ser, como diz Buckminster Fuller, fazer-mais-com-menos e a tudo-tornar-

efêmero (*omni-ephemerize*,[2]). A cada nova década, haverá cada vez menos empregos e cada vez mais pessoas dependentes do bem estar social. (Já hoje, 0,5 por cento da população detém setenta por cento da riqueza, deixando os outros 99,5 por cento para competirem violentamente pelo restante). O resultado final poderá muito bem ser uma sociedade totalmente condicionada, motivada apenas pelo vício neuro-químico do dinheiro.

Para medir o seu progresso em direção a este estado, tente o leitor imaginar vividamente o que faria se amanhã todo o seu dinheiro e fontes de rendimento desaparecessem.

É importante termos bem presente que estamos aqui a discutir *comportamentos mamíferos tradicionais*. Em pesquisas recentes, alguns chimpanzés foram ensinados a usar dinheiro. Indicam os relatórios que eles desenvolveram atitudes “americanas” normais para com esses ícones misteriosamente poderosos. A Pirâmide dos Illuminati, que vem impressa nas notas de um dólar, e similares emblemas “mágicos”, como a *Fleur de Lys*, a suástica, a águia bicéfala, estrelas, luas, sóis, etc., com que outras nações acharam por bem decorar as suas notas e documentos de estado, são intrínsecos à “fantasmagoria” do monopólio que o Estado detém sobre o maná, ou energia psíquica. Temos aqui dois pedaços de papel verde; um é dinheiro, o outro não. A diferença é o primeiro ter sido “abençoado” pelos feiticeiros do tesouro.

O trabalhador capitalista vive num estado de ansiedade perpétua, em tudo semelhante ao do viciado em opiáceos. Originalmente, a segurança da

biossobrevivência, a neuroquímica da sensação de segurança, encontra-se sempre ligada a um poder externo. Esta cadeia condicionada *dinheiro equivale a segurança, falta de dinheiro equivale a terror* é reforçada sempre que vemos alguém ser “despedido” ou vivendo na miséria.

Psicologicamente, este estado pode se caracterizar como *paranóia clínica de baixo grau*. Politicamente, a manifestação deste desequilíbrio neuroquímico é conhecida por Fascismo: a mentalidade Archie Bunker(3)/Arnold Schickelgruber(4)/Richard Nixon.

Como diz Leary, “A nossa vida social é agora dominada por restrições que o medo e a raiva impõem à liberdade (...). O medo e a violência restritiva podem tornar-se prazeres viciantes, reforçados por dirigentes esquizofrênicos e um sistema econômico que depende da restrição da liberdade, da produção de medo e do incitamento ao comportamento violento”.

Na metáfora perfeita de Desmond Morris, o macaco nu comporta-se tal qual um animal de zoológico: a essência da experiência da jaula é o desespero. No nosso caso, as grades da jaula são as intangíveis regras impressas no jogo: os “grilhões forjados pela mente” de Blake. *Somos literalmente o ceguinho que está a ser roubado. Abandonamos literalmente os nossos sentidos*. O ícone incondicional, o dinheiro-símbolo, controla totalmente o nosso bem estar mental.

Era aparentemente isto o que Norman O. Brown tentava explicar nas suas obras oculto-freudianas sobre a destruição da nossa “natureza polimorfa” (o êxtase natural do corpo) no processo de condicionamento do sexo

sublimado (os laços de bando) em jogos sociais como o dinheiro. A Ressurreição do Corpo prevista por Brown só poderá acontecer através da mutação neurosomática, ou, como lhe chama Leary, engenharia hedônica. Historicamente, os únicos grupos que lograram libertar-se efetivamente da ansiedade do jogo social foram: 1) as aristocracias absolutamente seguras, livres para explorar os vários prazeres “mentais” e “físicos”; e 2) as comunas de pobreza voluntária, uma forma de retribalização alcançada através da pura força de vontade.

À semelhança dos outros idealistas de Esquerda e de Direita, os libertários sofrem geralmente de uma dolorosa percepção do horrendo fosso que separa os seus objetivos evolucionários da presente e triste realidade. Esta sensação complica enormemente a resolução da sua própria síndrome de ansiedade monetária. Como resultado, virtualmente todas essas pessoas sentem uma culpa intensa relativa ao modo como adquirem o dinheiro necessário para sobreviver no mundo de macacos domesticados que nos rodeia.

“Ele se vendeu”, “Ela se vendeu”, “Eu me vendi”, são acusações ouvidas diariamente em todas os grupos idealistas.

Qualquer processo de “fazer dinheiro” expõe-nos automaticamente às vibrações culpabilizantes de uma das facções, da mesma forma que, paradoxalmente, nos livra de mais vibrações culpabilizantes oriundas da outra facção. O Catch-22 (5), a Ligação Dupla, O Princípio SNAFU (6), etc. não passam de extensões da ratoeira neuroeconômica básica: Não É Possível Viver Sem Dinheiro.

Como concluiu Joseph Labadie, “A pobreza transforma-nos a todos em covardes”.

Em última análise, existe um certo prazer em *suportar* a pobreza. É como o prazer de sobreviver ao desgosto e luto causados pela morte de um ente querido; o prazer que sentia Hemingway em manter-se firme e continuar a disparar sobre o leão que carregava; o prazer que sente o santo em perdoar aos seus perseguidores. Não se trata de masoquismo mas sim de orgulho: fui mais forte do que julgava possível. “Não chorei nem desatei aos gritos”. Foi esta a alegria sentida por Nietzsche e Gurdjieff ao ignorarem as suas doenças dolorosas para só escreverem sobre os estados “despertados”, ultrapassando todos os laços e emoções.

A paranóia direitista sobre o dinheiro de papel (as várias teorias conspiratórias sobre a manipulação da oferta e a retirada de moeda) será sempre epidêmica nas sociedades capitalistas. Os *junkies* nutrem mitos do gênero sobre os traficantes.

São alimentos autênticos, roupas autênticas e abrigos autênticos que são ameaçados quando o dinheiro é suprimido, ainda que por pouco tempo, assim como é autêntica a privação que ocorre quando o dinheiro é suprimido durante qualquer período de tempo. O macaco domesticado é apanhado num jogo de símbolos mentais, e a armadilha é mortal

Existe uma espécie de prazer masoquista em analisar um assunto doloroso em profundidade, em todas as ramificações e complexidades dos seus

labirínticos tormentos. Existe algo deste gênero subjacente à “objetividade” de Marx, Veblen, Freud, Brooks, Adams. Estes autores parecem querer assegurar-nos, e a si próprios também, que “Por pior que a coisa seja, pelo menos conseguimos enfrenta-la sem gritar”.

“Só aqueles que beberam da mesma taça nos conhecem”, disse Solzhenitsyn. Referia-se à prisão e não à pobreza, mas as duas experiências assemelham-se enquanto castigos tradicionais para a dissidência. Enchemo-nos de orgulho por havermos conseguido suportá-los, caso consigamos sobreviver.

Uma crença muito difundida sugere que a contracultura dos anos 60 foi espancada até a morte pelos bastões da polícia, rusgas antidroga e outros tipos de violência direta. A minha impressão é que a deixaram simplesmente morrer de fome. O fluxo de dinheiro foi cortado e, após privações suficientes, os sobreviventes treparam no primeiro salva-vidas capitalista que passou por perto.

Jack London escreveu que o capitalismo tem o seu próprio céu (a riqueza) e o seu próprio inferno (a pobreza). “E o inferno é bem verdadeiro”, escreveu, baseando-se na sua amarga experiência pessoal.

Se, na melhor das hipóteses, a paternidade é uma tarefa problemática, então no capitalismo ela se torna um trabalho de herói. Atualmente, quando o fluxo de dinheiro é cortado, o pai de família americano experimenta ansiedade múltipla: medo por si e medo pelos que o amam e nele confiam. Só o capitão de um navio que naufraga conhece esta

vertigem, esta chaga.

Sobreviver ao terror constitui a essência da verdadeira Iniciação. Porque os que vivem mais felizes são os que mais perdoaram e, como disse Nietzsche, aquilo que não me mata, me torna mais forte.

Publicado originalmente no boletim No Governor.

1. Este texto faz parte da coletânea de artigos reunida sob o título de *The Illuminati Papers*, tradução portuguesa: O livro dos Iluminati, ed. Via Optima, de onde este foi retirado. R.A.W. assina aqui como Hagbard Celine. O capitão Hagbard Celine, para quem não sabe, é um personagem fictício dos romances da trilogia *Illuminatus!*, de Robert Anton Wilson e Robert Shea. Ele luta contra os Illuminati com seu submarino dourado. É uma espécie de Capitão Nemo discordiano e filósofo anarquista (Nota do Rizoma).

2. Neologismo de Buckminster Fuller (N. do Rizoma).

3. Archie Bunker é um famoso personagem conservador da *sitcom* americana *All in the Family* (N. do Rizoma).

4. Arnold Schickelgruber é um trocadilho com o nome do ator Arnold Schwarzenegger e o verdadeiro nome de Hitler, Adolf Schickelburger Hiedler (N. do Trad.).

5. Termo militar, nos EUA, cujo significado básico é: se há uma regra, não

importa o que seja essa regra, há sempre uma exceção para ela. É uma espécie de misterioso mecanismo regulador que forma, em essência, um argumento circular (N. do Rizoma).

5. SNAFU é o acrônimo de Situation Normal All Fucked Up (Situação Normal Está Tudo Fodido), aludindo a uma situação de confusão e desorganização provocada por excesso de regulamentações e rotinas. (N. do Rizoma).

Tradução de Luís Torres Fontes

Fonte: O livro dos Iluminati, Ed. Via Optima, Porto, 1999.

ALUCINAÇÕES DE PROVETA

Roberta Salomone (salomone@no.com.br)

Quem vê cara, não vê profissão. Apesar da imagem de bom velhinho, o bioquímico Alexander Shulgin já criou mais de 100 drogas no seu laboratório em Laffayette, California. Aos 76 anos, ele é um pioneiro na pesquisa de compostos psicodélicos e já foi chamado pelo guru do LSD Timothy Leary de "um dos cientistas mais importantes do século 20". É conhecido entre estudiosos do assunto como o "pai do êxtase". Não por ter sido o primeiro a fabricar a pílula, hoje tão popular entre jovens. E sim porque foi a primeira pessoa no mundo a divulgar suas experiências com a droga, ainda nos anos 70. "Ela tem a propriedade de destruir a barreira invisível que separa as pessoas do mundo", exagera Shulgin, em entrevista, por e-mail, a no..

Apesar da guerra oficial contra as drogas, Shulgin conseguiu escapar da repressão governamental graças a uma licença especial da DEA (Drug Enforcement Agency) que lhe permite analisar drogas para testemunhar em processos de tráfico. Desde os anos 60, ele têm se dividido entre consultorias para processos e laboratórios farmacêuticos e a sua pesquisa. Além de "[Pihkal: A chemical love story](#)" e "[Tihkal: The continuation](#)", livros que fornecem receitas para todos os tipos de drogas imagináveis, ele também escreveu "Controlled substances: A chemical and legal guide to the federal drugs", um popular livro de consulta entre agentes envolvidos no combate a droga nos EUA. "Minha pesquisa esteve disponível para o governo, assim como para todos os outros", disse ele ao [Los Angeles Times](#).

O *drug designer* também faz parte da [Alchemind Society](#), um grupo internacional que se dedica a promover a "liberdade de pensamento e dos indivíduos escolherem estar em variados estados de consciência". Sua mulher Ann, de 70 anos, é seu braço direito nas experiências mais ousadas. "Quando ela recebeu a notícia de que o êxtase tinha sido proibido, ela

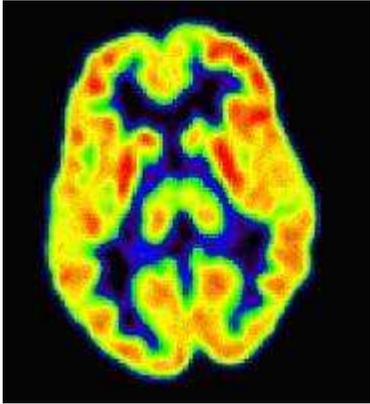
começou a chorar", lembra ele, que é contra o uso da pílula em raves. "Hoje, posso estimar que pelo menos 50% das drogas vendidas e consumidas nas raves não são MDMA (*nome científico do êxtase*) na verdade. São substâncias como DXM ou efedrina, que até podem levar a morte", garante.

Quando o senhor iniciou a sua experiência com drogas?

Alexander Shulgin - Meu interesse pela relação entre mente e drogas psicotrópicas aconteceu pela primeira vez durante a Segunda Guerra, quando trabalhava como marinheiro num comboio destróier no Atlântico Norte. Sofri um acidente, feri o meu polegar esquerdo e precisei tomar injeções de morfina para controlar a dor antes de chegar em terra. Então, de tantas em tantas horas buscava alívio na morfina. Essa foi então a primeira droga da minha vida. Quando chegamos ao porto de Liverpool, toda a tripulação resolveu se reunir num bar e beber. O álcool foi a segunda droga. A primeira experiência com uma droga psicodélica aconteceu em 1960, quando tomei 350 miligramas de sulfato de mescalina. Foi um dia tão mágico para mim que jamais esquecerei. Desde então, comecei a me dedicar ao assunto. Tenho doutorado em psiquiatria e farmacologia, sou PhD em bioquímica e já criei mais de uma centena de compostos psicodélicos em laboratório.

Quando o senhor começou a estudar o êxtase?

A. S. - Nos anos 70. Um amigo meu me falou sobre uma pílula que se chamava MDMA e resolvi experimentar. Comecei a tomar uma pequena quantidade e a cada três dias, dobrava a dosagem. Tive uma surpresa: as propriedades da droga foram estimulantes e não psicodélicas como pensava.



Quais são os principais efeitos dessa droga?

A. S. - O MDMA tem uma propriedade mágica. Os efeitos são notados na primeira meia hora e se desenvolvem ainda mais nos outros trinta minutos. É como se as barreiras invisíveis que separam você do mundo pudessem ser removidas e possibilitassem a integração com outras pessoas de maneira verdadeira e honesta. Não há qualquer traço de amnésia, mas foram comprovados dois tipos de efeitos colaterais. Um é o bruxismo (*ação de ranger os dentes durante o sono*) e o outro são as pupilas dilatadas.

E quais são as propriedades terapêuticas?

A. S. - O uso médico mais freqüente do MDMA é na área da psicoterapia. Como disse anteriormente, essa droga tem a propriedade de destruir a barreira invisível que separa as pessoas do mundo. Na psicoterapia, existe uma certa dificuldade em fazer o paciente lembrar de situações passadas e depois, articular essas memórias escondidas, raivas e imagens negativas sobre si mesmo. Normalmente, o terapeuta precisa de seis meses de

sessões semanais de 50 minutos para isso. Com o uso do MDMA, esse tempo pode ser reduzido de seis meses para apenas um longo dia.

É verdade que o senhor é chamado de pai do êxtase?

A. S. - Sim, esse termo é muito usado quando as pessoas querem se referir a mim. Mas eu com certeza não sou o pai, já que a substância não foi criada por mim. O MDMA foi patenteado pela Merck alemã antes da Primeira Guerra. Alguns estudos com animais e MDMA foram conduzidos na Universidade de Michigan, na década de 50, e publicados anos mais tarde. O termo “pai” é uma consequência de ter sido a primeira pessoa a ter revelado minha experiência com a droga.

Como o senhor recebeu a notícia de que o MDMA tinha se tornado um substância ilegal?

A. S. - Com muita tristeza. De repente, uma majestosa pesquisa foi desconsiderada na comunidade médica. Mas eu já sabia que isso seria inevitável com aumento da popularidade do êxtase entre os jovens. Quando a minha mulher, Ann, recebeu a notícia por telefone, ela chegou a chorar.

Por que o senhor não gosta de que usem a palavra êxtase no lugar de MDMA?

A. S. - Eu me sinto bastante desconfortável no uso dessa palavra porque ela não traduz o que essa droga é. Anos atrás, quando o MDMA começou a aparecer nas ruas, o nome “empatia” era usado para defini-la. Mas com o aumento da popularidade da cena rave, o termo “êxtase” foi adotado e pegou. Na minha opinião, foi aí que o MDMA passou a ser desacreditado. É bom que fique claro que as mortes que aconteceram recentemente em Chicago em raves, foram causadas pelo uso da droga que é vendida como

êxtase. Esta pode, sim, causar overdose.

O senhor é contra o uso de êxtase em raves?

A. S. - Sim. Hoje, eu posso estimar que pelo menos 50% das drogas vendidas e consumidas como êxtase nas raves não são MDMA na verdade. São substâncias como DXM ou efedrina. Além disso, o uso de drogas ilegais e desconhecidas pode levar a morte.

Qual é a sua opinião sobre a legalização das drogas?

A. S. - É claro que têm que haver leis que proíbam motoristas de dirigir sob efeito de drogas e álcool. Também temos que fornecer conhecimento sobre o assunto a todas as pessoas. Mas acho que o uso de drogas em experiências médicas e espirituais nada tem a ver com lei e polícia. Todo esse dinheiro que vem sendo destinado a construção de presídios deveria ser investido em clínicas de reabilitação e cursos sobre drogas. Educação pode ajudar os jovens. Prisões, não.

É verdade que algumas das drogas que o senhor inventou escaparam para as ruas de algumas cidade americanas, como São Francisco?

A. S. - Falar que alguma coisa escapou, soa como se acontecesse secretamente e de repente se tornasse público. Eu sempre tornei as drogas que inventei conhecidas, publicando tudo sobre elas. Então, seria até provável que algumas delas saíssem dos laboratórios e chegassem às ruas. Qualquer pessoas com noções em química e um pouco de dinheiro, pode conseguir informações sobre drogas numa biblioteca e depois, fazê-las. No caso de São Francisco, aconteceu durante o “Verão do amor”, na metade dos anos 60. Uma droga, chamada STP, apareceu nas ruas e causou muitas overdoses. Meses depois, fui descobrir que eu tinha inventado essa droga

alguns anos antes e a batizado de DOM.

Em que o senhor está trabalhando no momento?

A. S. - Numa pesquisa sobre o cáctus. Estou estudando a planta que já foi o símbolo de uma pequena tribo da Bolívia e usada num culto secreto em Montana. Quero aprender tudo sobre cáctus, comê-los, sintetizar os seus componentes e anotar tudo isso para quem sabe, virar um livro.

O PENSAMENTO TRANSINDIVIDUAL: Afetos, Perceptos e Conceptos que determinam o cybertempo

Henrique Antoun



Tinham me fechado fora do espaço-tempo... Nunca mais teria uma Senha, um Ponto de Interseção... Tentando tocar o ainda sem forma de Burocracias Telepáticas, Monopólios do Tempo, Drogas de Controle, Viciados em Fluidos Pesados...

Almoço Nu, William Burroughs

Introdução Geral

Hoje -- vivendo em uma tecno-cultura comunicacional – somos obrigados a transformar profundamente o modo de conceber, referenciar e compor a

prática dos projetos, a produção de acontecimentos que deles decorrem e as formas de coletivação e subjetivação a eles associadas. O paradigma científico da complexidade tornou o conhecimento sinônimo de individuação, fazendo da comunicação uma mediação entre incompatíveis – uma transdução. O conhecimento e a existência são dados pela possibilidade de comunicar – ou seja, de defasar elementos incompatíveis, gerando a possibilidade de pólos em relação através de uma série singular de operações sustentadas pelos sinais comuns aos elementos, em tempos diferenciados. (1) À guisa de exemplo, podemos dizer que a folha é a transdução do movimento de queda da chuva e do escorrer da água na individuação da árvore, ou que a orquídea transduz o afeto sexuado da vespa em sua flor, viabilizando assim seu sistema reprodutivo. O engodo feliz explica, hoje, os modos de existir de forma muito mais abrangente que o modelo genérico sexuado que fundava a concepção moderna do indivíduo(2). A compreensão do conhecimento como, ao mesmo tempo, comunicação e individuação, compõe hoje os modelos do cosmos, do vital e do psíquico para o conhecimento.

Quando o conhecimento torna-se comunicação e individuação, pode-se colocar de forma renovada a questão da relação entre o pensamento e as práticas projetuais nas esferas humana, natural e artificial (3). Isto implica uma radical modificação nas formas de conceber os atributos da humanização e da sociabilidade. O modelo que concebia a comunicação como um sistema centrado no emissor e amarrado à codificação lógico-simbólica encontra seu ocaso quando entramos em um reino dominado pela interatividade, não-linearidade e acentralidade. A rede das redes de computação, como um híbrido de corpo/pensamento, obriga-nos a recolocar as questões dos modelos comunicacionais e sociais que ainda vigoram no ensino universitário do pensamento e da prática projetual. Pois se com o computador tanto o pensamento quanto o espírito encontraram uma opacidade capaz de possibilitar sua reflexão, com a rede das redes de

informação -- a Internet -- houve uma extensão das fronteiras da compreensão do social e do individual -- tradicionalmente, as práticas geradas pelo desejo, movido pela necessidade, através do trabalho explicam o social, enquanto o pensamento é circunscrito à esfera mental individual --, gerando uma instância privilegiada de observação da geração de subjetividade e coletividade. O pensamento, que no alvorecer da modernidade havia sido tragado pela mente individual, foi violentamente expelido pela “mente” computacional ao seio dos coletivos e das práticas projetuais.

Até meados do século XIX, o homem encontrava-se embaraçado com o problema do conhecimento do pensamento, devido à impossibilidade de separar sujeito e objeto(4). Se a introdução da lingüística, por um lado, abre espaço para um avanço neste conhecimento, por outro reduz os limites do pensamento aos limites da linguagem, seja através de seu eixo sintático ou semântico (5). A partir dos anos 50, as proposições da pragmática, aliadas à popularização crescente do uso dos computadores e ao desenvolvimento da linguagem de programação, permitem ampliar o campo de investigação do pensamento: pensar é também fazer algo e não apenas representar (6).

Mas ainda se mantém, em parte, o sonho da representação no manejo de diferenças irreduzíveis -- como software e hardware, na esfera dos computadores, ou ilocutório e performativo, na da pragmática da linguagem (7) -- , resguardando um nicho de pura objetividade na investigação. Os anos 80 vão transformar de forma decisiva estas concepções, seja por fazer o ilocutório se sobrepor ao performativo (8), seja por fazer das redes a forma privilegiada de comunicação, com a multimídia e o hipertexto predominando no campo da programação (9).

Hoje, a presença da Internet – uma rede aberta e acentrada de comunicação entre redes de computadores – nos obriga a modificar as questões sobre a individuação do pensamento e dos coletivos, na medida em que torna cada

vez mais indiscernível a separação software e hardware, bem como a diferença entre comunicação e conhecimento. Com as redes abertas de comunicação, pode-se conceber o pensamento como transindividual, regido por princípios de seleção e edição, mas só podendo existir em agenciamento. Trata-se de pensar agora a vida do pensamento, as práticas projetuais que determinam as condições de construção da existência como estilo de viver, e não os produtos individualizados de sua cristalização -- como as idéias ou os objetos, por exemplo, com suas formalidades e figurações. A senha tornou-se a marca da dividualidade contemporânea, pois, ao mesmo tempo, disponibiliza os diferentes acessos -- informação --, servindo como dispositivo básico de poder na Sociedade de Controle --, e gera um novo patamar para a potência de ação coletiva e pensamento projetual nesse modo de comunicação em tempo real (10). Se, por um lado, são inquietantes e perturbadoras as possibilidades abertas na Internet, tanto pelo pensamento-rede, quanto pela coletividade-espírito, por outro podem aprofundar a prática democrática ao quebrar os diversos regimes de restrição e controle da informação, possibilitando a construção de novas formas de vida, através do projeto coletivo desenvolvido pela comunicação acentrada e aberta da rede das redes.

Nosso intuito no presente texto é procurar compreender a constituição do diagrama controlador, ao mesmo tempo em que buscamos compreender os pontos de resistência emergentes capazes de ultrapassar o medo do extermínio – afeto dominante nesta condição histórica iniciada no fim da guerra contra a dominação nazista. É uma abordagem apenas introdutória sem ainda poder trazer algo de conclusivo sobre essa questão.

Afetos e Perceptos do controle

Em 1944, o corpo de William Burroughs lançou-se no deserto do vício em opiáceos, tendo por bússola, para sua travessia, o registro de suas experiências, esporadicamente inscrito em folhas amarrotadas. Folhas manchadas por uma escrita desenhada com "uma fina coluna de sangue" refluída das seringas de heroína e morfina "sólida e definida como um fio vermelho" (11). Através destes arabescos, simuladores do traçado alfabético, ele construiu uma interzona, alargando um tempo situado aquém do princípio do prazer e à beira do princípio da realidade, sem confundir-se com o tempo pulsional.

O princípio do prazer tem como fundamento a homeostase, ou seja, a possibilidade de descarregar um acúmulo de energia numa operação que restabeleça o equilíbrio energético do corpo. Mas se o princípio do prazer é fundamento do movimento animal – máquina térmica dotada de mecanismos de retroalimentação --, ele precisa ser fundado por algo que se encontra para além de seu domínio. A pulsão, enquanto produção autônoma de carga no interstício entre corpo e psiquismo, constitui o campo que sustenta a positividade da homeostase, fundando sua metaestabilidade. Pois não tendo qualquer compromisso com a descarga, sendo mesmo, antes, um princípio de carga por sua pressão constante, a pulsão ameaça todo o tempo a existência com uma tensão capaz de gerar impulsos mortais pelo desprazer que seu excesso proporciona ao organismo e à sua necessidade de equilíbrio. O princípio de realidade extrai sua positividade da capacidade de suportar a carga avaliando o direcionamento de sua liberação. Quanto mais podemos suportar a carga, mais podemos avaliar suas circunstâncias e, portanto, mais podemos escolher o bom momento e a boa direção do movimento de descarregar. O princípio de realidade é o fundado pelo duplo movimento da fundação e do fundamento.

Engana-se, porém, quem confundir o tempo e espaço da interzona inventada por Burroughs com o tempo e espaço gerado pela droga ou pelo

vício. Embora, como veremos adiante, a experiência da droga e do vício façam parte da descoberta da interzona, o tempo que a institui possui completa autonomia para determinar-se. Já o tempo da droga e do vício ainda está preso aos princípios do prazer e da realidade, mesmo que o tempo só tenha significado para o viciado "quando se refere à sua necessidade", obrigando-o, então, a fazer "uma incursão abrupta no tempo dos outros" e precisando esperar "como todos os De Fora" o seu preenchimento (12).

"O viciado gira no tempo da droga. Seu corpo é seu próprio relógio e a droga corre nele como numa ampulheta" (13).

A oscilação do viciado entre os dois princípios continua presa à pressão da carga pulsional trazida pela fissura da droga, pois...

"quando o circuito da droga é cortado por falta de pagamento, a pele drogada morre por falta da droga e excesso de tempo e a Velha Pele já esqueceu o jogo-de-pele, simplificando um caminho sob a cobertura da droga como soem fazer as peles... Uma condição de total exposição se precipita quando o fissurado não tem escolha senão ver, cheirar e ouvir..." (14)

Em 1959, Burroughs publica *Almoço Nu*, ao mesmo tempo, carta e tensor da travessia do deserto, cujo material era constituído por tudo aquilo que conseguira esparsamente recolher através dos quinze anos de sua experiência como viciado. A condensação destas experiências, reunidas em um livro "brutal, obscuro e desagradável", 15 permitiam a formulação, em um Postscriptum, de uma equação infernal, filha da vigência da álgebra da necessidade no domínio da produção e administração do mundo do vício:

"A droga cria uma fórmula básica do vírus do "mal": *A Álgebra da Necessidade*. A face do "mal" é sempre a face da total necessidade. Um viciado em droga é um homem em total necessidade de droga. Acima de certa frequência, a necessidade não conhece nenhum limite ou controle"(16).

Os quinze anos de vício haviam ensinado-lhe a distinguir uma "pirâmide de droga" com seus diversos cumes em que "cada nível devora os que estão abaixo"(17). Construídas sobre "os princípios básicos do monopólio", as pirâmides de droga alimentam-se "dos povos do mundo", submetendo-os a seus três implacáveis axiomas: nunca dê nada de graça; nunca dê mais do que precisa dar; sempre que puder, tome tudo de volta (18). A longa travessia lhe permitia saber que "existem muitas pirâmides de droga" (19) podendo todas serem reconhecidas por suas operações de conversão, que sempre incidem nos termos clássicos da determinação do capitalismo. Dela podemos inferir o diferencial que permite identificar produto e droga, circulação e controle, venda e tempo, mercadoria e vício. Não no sentido de anular suas diferenças, mas no de ressaltar este diferencial que permite realizar essas identificações.

Burroughs fez do limite do entendimento sua casa. Ele ultrapassou a linha que demarca o real distinguindo nele prazer ou realidade como princípios básicos da vida humana - a vida do mamífero capaz de reflexão simbólica - sem se deixar enredar pelo canto de sereia do pulsional. Mas não fez esse ultrapassamento abolindo o real ou reiterando sua representação. Ele investiu numa zona inabitada de onde desapareceram todas as configurações: zona intocada na fronteira entre os dois princípios. É preciso abolir a inteligibilidade para penetrar nessa interzona situada entre eles. O problema de Burroughs é viver fora da Sala de Controle, instituindo essa zona aquém de prazer e realidade ao mesmo tempo em que distingue os limites dos princípios e de suas fundações.

"Na Sala de Controle os painéis de instrumentos explodem... O técnico, nu, corpo enegrecido pelas queimaduras, cambaleia, como uma figura de *Götterdämmerung*, e berra: "É *xuperxônico!* 'Ora *xu ar!*" Um estalido final reduz o técnico a um pedaço de carvão" (20).

O uso do cut-up, invenção literária de Burroughs, é para lançar a escrita numa interzona vital onde todas experiências se dizem das metamorfoses intensas do corpo. Procura caminhar na estreita linha estendida sobre a interzona como um cego atravessando um abismo. Os riscos são inerentes à tarefa de exploração encarnada pelo escritor. Ele se vê afrontado pelo perigo constante de ser tragado pelo abismo sem possibilidade de emergir novamente. Tratava-se de pensar os liames impossíveis entre a ciência e a ficção, ou melhor dizendo, entre limite e desejo como figurações da realidade e do irreal. Esse pensamento emergia do afrontamento da ameaça de extermínio, procurando extrair uma linha de fronteira da matéria viva em sua polaridade oscilativa entre a maquinação simples ou dinâmica, a maquinação energética e a maquinação cibernética ou computacional. A indiscernibilidade entre humano e inumano, entre a linguagem que constitui o mamífero e a que constitui o inseto, essa oscilação entre a amplificação do limiar de hesitação e o investimento na pronta resposta reativa; ali onde o movimento vivo desenhou um enigma até então insuspeito, as bizarras criaturas de Burroughs revelam-no, repentinamente, ao sofrer as convulsões do enigma como quem padece um dilema. O inseto, entre os animais, é o melhor adaptado ao real. O real do inseto, porém, é uma máquina cega de respostas adquiridas por reações mecânicas. O inseto vive e se exprime neste lugar onde o princípio do prazer e o da realidade se confundem num mesmo movimento simples de reação cega.

Entretanto privilegiar uma vitória da repugnância do pensante reflexivo sobre o pensamento reativo do inseto custaria tão caro que sua repetição

faria advir para o vitorioso uma derrota totalmente ruínosa. De qualquer modo era impossível fazer o pensamento caminhar nesta zona de confronto entre o inseto e o humano - entre princípio mecânico e princípio orgânico ou, em nossa linguagem, realidade reativa ou ressentimento homeostático. Tornava-se necessário descobrir uma outra área onde a resposta mecânica dos mecanismos corporais e a necessidade orgânica de intervalos de hesitação pudessem reencontrar uma fronteira comum, linha onde, à princípio, se confundiam como resposta apenas para tornarem distinto o problema comum de onde emergiam. Tratava-se, portanto, de deslocar a reflexão. A gemelidade vital encarnada pela inconseqüência dos impulsos e a temeridade do existente se corporificariam num duplo médico, Dr. Benway, misto de pesquisador e carrasco que trabalha penetrando as entranhas onde o princípio do prazer e de realidade desenham sua trama num ponto comum de gênese: a genitalidade. Tratava-se, agora, de explorar duplamente a gemelidade do princípio: ao mesmo tempo conhecimento e exploração construtiva. Realidade e prazer; instrumento e gozo; ciência e ficção não se limitam a penetrar as entranhas dos pacientes com o instrumental científico pois extraem desta passagem um gozo duplicado por sua gemelidade. Porém a ambigüidade positiva de sua intrusão ganha uma perturbação quando o objeto de conhecimento e gozo pretende determinar um real único reencontrando a diferença no seio do movimento de sua exploração. Era preciso diferenciar o conhecimento da dominação -- distinguir nesta gemelidade qual o verdadeiro objeto de gozo e qual o mero veículo de investigação científica. Nestes momentos, um privilégio da sensibilidade emerge como um pressuposto da possibilidade de diferenciação. Mas a inversão do movimento do pensamento, trazida pelo fato de o objeto levantar suas próprias questões na relação, provoca uma queda vertiginosa no campo da possibilidade de pensamento. Ao invés da gemelidade pensamento e ação sair abalada, antes, ela se acentua em sua polarização e em sua ambigüidade. A droga surge como a linha comum onde realidade e prazer podem igualar-se em sua lancinante diferença.

O vício acentua a polarização conhecimento/apropriação e traz uma forte distorção para seu princípio diferencial. Agora, como um redobramento da gemelidade, a linha de investigação intelectual se confunde com um projeto de experimentação radical. Trata-se de compor novos instrumentos para submeter o corpo à sua ação. Trata-se de inscrever na própria sensibilidade um princípio de atividade, pela abolição do limiar entre prazer e dor, princípio que não se limita mais à receptividade e é capaz de discernir para além das semelhanças. A sensibilidade conquista através da droga um limiar experimental de atividade que não consegue encarar o corpo senão como campo de profundas experimentações mutacionais. Corpo da ciência que se transforma de investigativo em apropriador através dos instrumentos desenhados especialmente para este novo fim. Instrumentos estes, que não são formalmente diferentes dos anteriores: apenas mais duros. Instrumentos redimensionados de modo a não guardar nenhuma proporção com os limites de integridade da carne. Corpo do mecanismo que através da droga dá ao movimento uma pureza incapaz de ser obtida por qualquer outro meio: a droga, ao mesmo tempo, realiza num só ato o movimento e seu objetivo, eliminando todo e qualquer intervalo entre o ato e seu objeto comum -- reação mecânica.

A droga abole toda dependência que o princípio hierárquico do organismo -- princípio da realidade -- mantém com o princípio hierático do mecanismo -- princípio do prazer -- fazendo com que um imenso intervalo se constitua sem a presença de qualquer hesitação e sob a regência de uma técnica operativa precisa. Todo controle mecânico está fora da alçada orgânica: a droga abole a diferenciação extensa entre prazer e desprazer. A esta técnica cabe agora transformar de forma radical essa máquina gêmea para extraí-la do fundo monstruoso onde chafurda.

A espontaneidade é derrotada pelos limites da carne, da mesma maneira que a receptividade fora derrotada anteriormente pelos limites do intelecto,

de forma que ambas conclusões apontam na direção de uma mesma derrota. Tanto o privilégio da espontaneidade quanto o da receptividade esbarram num abismo comum, numa morte comum da qual não escapam nem conseguem ultrapassar. Na verdade ambas as conclusões escrevem um mesmo epitáfio para o falso problema do animal racional, ou animal simbólico como exige nosso tempo, decretando no limite a impossibilidade de formular a questão humana nos termos que até então fora formulada. Para formular um verdadeiro problema é preciso extrair de ambos os elementos potenciais -- o inseto, a droga, o crime, a expressão -- para caminhar com eles numa fronteira estranha -- deserto comum que separava os domínios anteriores -- e nessa caminhada poder distinguir esse dilema -- diferente deste fantasma de cadáver humano que insiste no deserto como sua assombração -- que se recusa à inteligibilidade e que -- sem ser dito nem visto -- insiste nos objetos da sensação e da inteligibilidade.

Voltamos ao corpo de Lee jogado na areia segurando folhas manchadas de sangue. Com este retorno queremos indicar um fundo que atravessa toda tarefa insana em que ele está mergulhado. Quando suas mãos escrevem é a máquina quem fala fazendo valer os seus direitos -- o discurso não se faz de frases nem de proposições nos dizia Foucault, e sim de enunciados: QWERT. Mas para que a máquina fale as mãos se afundam em suas entranhas, para além da carcaça de inseto onde secretam-se sucos e entreabrem-se mucosas. Porém, para atravessar essas vísceras é necessário que a carne negra surja encarnando-se no pó amarelado dos opiáceos e atravesse o limite do corpo do escritor, alojando-se de imediato em suas veias. Nem física, nem química - nem mecanismo e nem organismo - a realidade é aquilo que gera uma sensibilidade num mecanismo qualquer ao preço de uma maquinização desta sensibilidade gerada.

Lee é um exterminador que começa sua missão do mesmo modo que a conclui: matando. Origem e meta se confundem como um meio onde a

missão se desenvolve. E o crime é um jogo, como a brincadeira de Guilherme Tell onde ele se inicia, e o que é dito não visa mais eliminar as coisas que distingue, mas penetrar mortalmente no cerne da própria vida. Trata-se de invadir uma interzona entre o organismo e o mecanismo para cumprir uma missão de extermínio. A droga é para matar, ao mesmo tempo, os insetos e a melancolia nostálgica, mas o extermínio não visa propriamente a esta ou aquela criatura. Embora baste o hálito da droga para eliminar os insetos, estes renascem sem cessar tanto no exercício da própria escrita -- fazendo dele um exercício perigoso que lança aquele que o pratica no cerne das entranhas do inseto -- quanto no exercício do sexo -- transformando todo corpo numa megamáquina de insetos cuja carne dilacerada não se distingue mais dos atos do exercício.

Lee extrai o véu do mundo, mas ao fazer isto não cai no espaço imaginário de Maya onde realidade e sonho podem se confundir indefinidamente. Ele cai numa guerra sem tréguas onde a realidade ainda por se fazer precisa ser extraída dos limites impostos pelos princípios -- prazer/desprazer e realidade -- e pulsões. Neste novo mundo onde Lee trafega, interzona cega e muda de uma guerra sem fim -- falar é com o cú e faz com que este viaje por todo corpo, que só se alimenta do excremento que o cú falante produz sem cessar. A abolição das duplicidades mais evidentes -- alimento e droga, homem e mulher, realidade e prazer, oral e genital, etc -- é ultrapassada por reduções radicais dos limiares de diferenciação. Todo o tempo esses limiares são substituídos por uma mesma guerra, que se ramifica sem cessar para engendrar sua própria proliferação: é preciso exterminar o possível, mas sem o possível não se escreve.

A droga penetra diretamente o cú da máquina para que ela fale excitada como uma entranha sensível do inseto, num esmagamento e dilaceração ilimitados. Porém, desta vez, a questão não é abandonada, não encontra uma morte como resposta derradeira para seu exercício nas fronteiras do

impossível. Antes, de morte em morte, de combate em combate, a questão apenas se retoma num terror sem fim de seu próprio afazer -- sexo e inseto, escrita e entranha, cu e absorção -- no limite da própria possibilidade de expressão -- o consumo como limiar, fronteira comum do prazer e da realidade, sangue e óleo, organismo e mecanismo de uma luta sem tréguas contra o fracasso da expressão. Produzir um novo corpo, tarefa comum e secreta, mapa de um imenso fracasso que se confunde com a própria missão -- matar o homem, esse crime que abençoa todas as drogas e justifica o dilaceramento de todas as entranhas. Pois o homem sempre foi esta estúpida brincadeira de Guilherme Tell confundindo-se eternamente com o extermínio da experiência na transformação sensório-motora do devir em história. Lee é o exterminador do futuro. Em nome de um tempo por vir para que o controle do futuro de nosso tempo possa ser abolido.

Concepto

Em 1990, Gilles Deleuze -- em uma entrevista concedida a Toni Negri e em um artigo intitulado "Post-Scriptum: Sur les sociétés de contrôle" -- nos fala do fim da Sociedade Disciplinar.

"Mas as disciplinas, por sua vez, conheceriam uma crise, para lucro das novas forças que se punham lentamente em seu lugar, e que se precipitariam após a Segunda Guerra mundial: as sociedades disciplinares eram já o que não éramos mais, o que nós deixávamos de ser" (21).

O corpo pensado e vivido como máquina térmica é uma formação dos dispositivos disciplinares -- a acreditarmos na lição de Foucault e de Deleuze. O "projeto ideal dos meios de encarceramento, particularmente visíveis na usina" era "concentrar" os corpos; reparti-los "no espaço";

ordená-los "no tempo"; compô-los "no espaço-tempo" gerando "uma força produtiva cujo efeito devia ser superior à soma das forças elementares" (22). O corpo moldado pela disciplina -- gerado a partir da concentração em espaços fechados; repartido em posições individuais; ordenado em uma massa e composto em ações que reagem à solicitação que lhe é feita no presente (uma forma previsível de reação) -- é aquele sobre o qual uma carga maior do que ele suporta retroage sobre a ação que empreende, alimentando seu movimento. Excesso pulsional que vai sustentar o corpo sobrecarregado de desprazer que descarrega prazerosamente.

Fala também do advento de um novo dispositivo de poder: o Controle. Burroughs é sua principal fonte para definir o novo dispositivo e *Almoço Nu* delimita seu universo de referência.

"'Controle', é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhecia como nosso próximo futuro" (23).

Dois anos depois Deleuze se debate sufocado pelas crises de um enfisema, enquanto o coração de seu parceiro, Felix Guattari, encontra uma contração fatal que o liquida em colapso. Deleuze vai dar um basta a esta interminável sufocação jogando-se através de uma janela para o ar abundante da atmosfera, em 1995. Entre os riscos prematuros, traçados pela seringa de Burroughs, e a macabra geografia, delineada pelo corpo de Deleuze no asfalto, vai emergir e se cristalizar a Sociedade de Controle, saga de cujo desenrolar também faz parte o colapso do corpo como força de trabalho, oscilando nas sístoles e diástoles de uma bomba motora.

Nos entremeios desta saga cabe-nos pensar as relações entre arte e filosofia, entre sensação e pensamento, para além de figuração e abstração, a fim de não nos vermos enredados na armadilha da redução da experiência

artística aos ditames do belo e do sublime. Prazer ou desprazer -- superiores ou não -- ainda são fixados segundo os termos de uma máquina térmica cujo funcionamento depende do jogo de carga e de descarga -- jogo do belo e do sublime -- seguindo o modelo do arco reflexo e a lógica do purgante afetivo. Neste jogo, a arte é um mero conversor libidinal, condenada a alimentar-se dos dejetos que formam o circuito pulsional da sociedade. Nessa perspectiva, abstraindo ou figurando, a atividade artística dependeria de uma energia não ligada -- resto ou vazio da economia do corpo social -- efetuando um circuito que gira sobre si mesmo orbitando a falta de significação. Trocando em miúdos, se ficarmos restritos a esse quadro, a atividade artística seria incapaz de um movimento próprio, condenada eternamente a se alimentar dos restos inabsorvidos da representação simbólica para realizar o seu movimento.

(Seminário de 22 de agosto de 1996)

Notas

1. Cf. SIMONDON, G. (1992), *La Individuation Psychique et Collective*, Paris: Aubier.
2. Cf. DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (1980), 1837 "De la Ritournelle". In *Mille Plateaux*, Paris: Minuit.
3. Cf. CANGUILHEM, G. (1994), *Le Cerveau et la Pensée*. In *Canguilhem*, Paris: La Decouverte.
4. Cf. FOUCAUL, M. (1987), *Analítica da Finitude*. In *As Palavras e as Coisas*, São Paulo: Martins Fontes.

5. Cf. JAKOBSON, R. (1970), *À Procura da Essência da Linguagem*. In *Lingüística e Comunicação*, São Paulo: Cultrix, onde há um resumo da discussão dessa diferença que vai marcar as posições filosóficas antagônicas de, respectivamente, M. Heidegger e L. Wittgenstein através da oposição entre a concepção aristotélica (semiologia) e estóica (semiótica) da linguagem.

6. Cf. AUSTIN, J. L. (1962), *How to do Things with Words*, Londres: Harvard.

7. Cf. A polêmica entre G. Ducrot, defendendo o primado do ilocutório na constituição da linguagem (relação dos enunciados entre si), e E. Benveniste, defendendo o do performativo (relação entre o enunciado e a mente). Enquanto Benveniste privilegia a distancia entre linguagem e enunciação como o que torna possível a intersubjetividade e o primado da função simbólica; Ducrot vai privilegiar a distancia entre enunciação e enunciado fazendo do sujeito uma posição de enunciação.

8. Cf. DELEUZE, G. E GUATTARI, F. (1980), 20 novembre 1923. "Postulats de la Lingüistique". In *Mille Plateaux*, Paris: Minuit.

9. Cf. LÉVY, P. (1990), *Les Technologies de l'Intelligence*, Paris: Découverte.

10. Cf. DELEUZE, G. (1990), *Post-Scriptum sur les Sociétés de Contrôle*. In *Pourparlers*, Paris: Minuit.

11. Cf. BURROUGHS, W. (1984), *Almoço Nu*, (daqui por diante referido como AN) São Paulo: Brasiliense, p.67-68.

12. Cf. AN p.119.

13. Cf. AN p.194.

14. Cf. AN p.11.
15. Cf. AN p.10.
16. Cf. AN p.7.
17. Cf. AN p.6.
18. Cf. AN p.6.
19. Cf. AN p.6.
20. Cf. AN p.66-67.
21. Cf. DELEUZE (1990), p.240-241.
22. Cf. DELEUZE (1990), p.240.
23. Cf. DELEUZE (1990), p.241.

Fonte: Ciberidea (www.eco.ufrj.br/ciberidea).

ESTADOS ALTERADOS DE CONSCIÊNCIA (SEM DROGAS!)

J. R. R. Abrahão

Desde as experiências psíquicas com o uso de drogas psicodélicas levadas adiante por personalidades como Aldous Huxley, Timothy Leary, entre outros, ocorreu uma explosão no uso desse tipo de substância por parte de quem busca "expandir os horizontes de sua mente".

Na verdade, esse tipo de "estado alterado de consciência" é conhecido desde tempos imemoriais, sendo que inúmeras são as drogas capazes de provocar essas alterações na mente - mas também várias são as técnicas para se obter essa "mudança na mente sem o uso de droga alguma. Todas as civilizações primitivas conheciam e faziam uso regular de substâncias alteradoras psíquicas.

Até hoje, povos primitivos de todos os continentes se utilizam liturgicamente de plantas de poder e outras substâncias mágicas de forte efeito sobre a mente.

Drogas de uso entre povos nativos da América do Sul, como o Tabaco (*Nicotiana tabacum*), cuja folha era seca e fumada ritualisticamente - por ser um poderoso estimulante psíquico, e a Coca (*Erythroxylum coca*), cujas folhas, se verdes, eram mascaradas, e caso secas, maceradas e misturadas com Cinzas de folhas de Bananeira (*Musa spp.*, com numerosas variações), tendo essa mistura o nome indígena de Ypadu - usada para aliviar a fadiga, manter os níveis de açúcar do sangue, além de favorecer a permanência da mente em "estado de alerta", sem contar que era usada igualmente para

facilitar as longas jornadas em altas altitudes sem comida nem descanso.

Ignorando os riscos envolvidos no consumo desenfreado dessas substâncias, a ciência moderna trouxe ao seio da sociedade o Tabaco - na forma de fumo para cachimbos, charutos, cigarrilhas e cigarros - para ser fumado como forma de lazer, e o Cloridrato de Cocaína (conhecido popularmente como Cocaína), inicialmente reconhecida, além de poderoso anestésico, como droga estimulante e anti-depressiva milagrosa.

Que ambas tem, ainda hoje, utilidade, é óbvio (o Tabaco tem utilidade na elaboração de inseticidas, e a Cocaína é usada como anestésico em cirurgias de ouvido, nariz e garganta, além de ter uso no tratamento de dores em pacientes acometidos de canceres em estado terminal). Mas óbvio é, também, que essas drogas, consumidas regularmente de maneira recreacional, podem causar graves enfermidades do corpo (o Tabaco, pela ação tóxica do veneno Nicotina, um de seus princípios ativos, causa vaso-constricção no sistema circulatório, provocando infartos do coração e derrames cerebrais, além de doenças do trato respiratório - sem falar de câncer em todas as áreas de contato com a fumaça, como a boca, o nariz, a garganta e os pulmões; a Cocaína, destrói o olfato, causa rinite - se aspirada -, danifica as vias aéreas - se fumada -, tira definitivamente a sensibilidade clitoriana, vaginal e anal durante o ato sexual - se espalhada na mucosa dessas regiões -, pela ação corrosiva sobre as mucosas, provoca infarto do miocárdio - pela sobrecarga imprimida ao sistema cárdio-respiratório -, e pode desencadear doenças mentais latentes, além de provocar um incontável número de suicídios, pois, após estimular, deprime, por vezes de forma insuportável).

Entre as drogas psicodélicas mais conhecidas, contam-se: - LSD - Dietilamida do Ácido Lisérgico (alucinógeno semi-sintético); - Hydroxyethylamida do Ácido Lisérgico (princípio ativo do Ololiuqui); - ISO-LSD (composto semi-sintético); - Amido do Ácido Lisérgico (princípio ativo do Ololiuqui); - Mescalina (princípio alucinogênico - causador de "Visões" - do Peyote) - Psilocybína (princípio alucinogênico do Teonanacatil).

Interessante notar, porém, que os modelos moleculares das drogas acima são muito próximos de substâncias de ocorrência espontânea no cérebro (hormônios, ou seja, agentes fisiológicos que tem papel importante na bioquímica das funções mentais).

Por exemplo:

- O princípio ativo no cacto Peyote é o alcalóide Mescalina, muito próximo, em termos de arranjo molecular, do hormônio neurotransmissor Norepinephrina (Noradrenalina), pertencente ao grupo de substâncias que provocam a transmissão de impulsos entre os neurônios (células nervosas); quimicamente, Mescalina e Norepinephrina possuem a mesma estrutura. Ambas as substâncias são derivadas da substância conhecida em química como Phenylethylamina. Outro derivado da Phenylethylamina é o aminoácido essencial Phenylalanina (Fenilalanina), amplamente distribuída pelo organismo humano, além de presença importante em todas as bebidas dietéticas.

- Psilocybina e Psilocina, os princípios ativos do cogumelo alucinógeno

mexicano Teonanacatl, derivam-se do mesmo composto básico de que se deriva o hormônio cerebral Serotonina: Triptamina. A Triptamina também é o composto básico de um aminoácido essencial - o Triptophano.

Mas ninguém precisa, realmente, saber nada dessas confusas e complexas nomenclaturas técnicas para constatar a realidade dos fatos aqui descritos. O fato de importantes substâncias alucinógenas e hormônios cerebrais possuírem a mesma estrutura básica não é uma simples coincidência.

Essa surpreendente relação pode explicar a potência psicotrópica desses alucinogênicos. Possuindo a mesma estrutura básica, esses alucinógenos podem agir nos mesmos pontos do sistema nervoso nos quais atuam os hormônios acima, como se fossem chaves similares encaixando-se nas mesmas fechaduras.

Como resultado, as funções psicofisiológicas associadas com esses pontos cerebrais são alteradas, suprimidas, estimuladas ou de alguma outra forma modificadas. Vendo-se, por exemplo, a similaridade existente entre o LSD e os hormônios citados, pode-se compreender o fenômeno conhecido como flashback: não é o improvável resíduo do LSD que provoca tal "viagem de volta ao passado", mas simplesmente o próprio cérebro cria esse fenômeno, por meio de uma produção excessiva (quicá descontrolada) de seus hormônios neurotransmissores - identicamente aos efeitos do LSD no organismo. Fica fácil, então, concluir que utilizando-se de técnicas adequadas, não é necessário o uso de droga alguma para obter-se "estados alterados de consciência".

Basta fazer uso de algumas das técnicas iniciáticas, consagradas pelo tempo, como a Respiração Consciente, a Meditação Transcendental, ou técnicas científicas modernas como a Respiração Holotrópica, criada por Stanislav Grof, cientista com larga experiência no emprego psicoterápico do LSD, conforme relatado em suas diversas obras. Além delas, o sexo pode ser uma porta para a "expansão da mente", posto as alterações bioquímicas que ocorrem durante uma relação sexual realmente intensa (não obrigatória, nem forçada), são realmente potentes.

No outro extremo do eixo Eros-Thanatos (os deuses do amor e da morte, na mitologia grega), existem os esportes radicais: caça, alpinismo, vôo livre, pára-quedismo, canoagem. Todos eles provocam uma tal descarga de Adrenalina no organismo que os seus praticantes experimentam, sem dúvida, "estados alterados de consciência". E importante ter em mente que não são as drogas em si que são perigosas, mas a relação de cada indivíduo com elas.

Como dissemos anteriormente, os povos indígenas faziam - e fazem - uso de substâncias psicotrópicas poderosas, potencialmente perigosas, além de capazes de levar à dependência química. E veja-se que não há, em sua vida tribal, silvícolas viciados em nenhuma substância tóxica, embora usem-nas ocasionalmente.

Corriqueiro tornou-se, porém, nos depararmos com índios que, urna vez integrados na sociedade do branco, tornaram-se alcoólatras. Mais um caso de mau relacionamento com uma droga. E é esse o ponto de alto risco, Quando se consome uma droga, por mais poderosa que seja, num contexto

ritual ou litúrgico, os riscos minimizam-se; já o consumo recreacional de qualquer droga maximiza os riscos - quase sempre graves. Por isso resolvemos revelar algumas técnicas de produzir-se "estados alterados de consciência" sem ter que recorrer ao consumo de droga alguma.

Basicamente, daremos aos leitores as informações para a prática de exercícios poderosos, capazes de levar a mente a alterações semelhantes às obtidas com o consumo de doses psicoativas de drogas potentes como LSD, DMT, Mescalina, Psilocybina, Bufotenina, entre outras. Há, é claro, exercícios mais "leves", capazes de deixar a mente em estados alterados como os obtidos com outras drogas: Exercícios físicos de alto-impacto fazem o corpo produzir Endorfinas, um tipo de Morfina de ocorrência natural e espontânea no organismo humano. Daí se dizer que "esporte vicia".

- Pode ser verdade!

Práticas de Yoga física e Meditação Transcendental alteram a mente da mesma forma que o consumo de Maconha, Haxixe, Bhang, Charas, Skunk e Óleo-de-THC fazem. Esportes de luta e combate provocam estimulação psíquica extrema, parecida com a obtida com drogas como a Cocaína e o Tabaco.

O sexo, liberado e adulto, desinibe como o álcool, e provoca sensações de liberdade e prazer mais fortes que as conseguidas com a Heroína - sem destruir o "usuário"! Mas sexo pode viciar, já se sabe - mais uma prova dos fatos aqui citados Estimulo psíquico pode, também, vir da leitura de livros que despertem o interesse e prendam a atenção do leitor de forma que esse não consiga deixar a leitura até que o fim chegue. Diversas pessoas

disseram-me que ao ler meu livro O Quarto Segredo(1) experimentaram tal sensação - um impulso irresistível de ler o livro até o final, de um fôlego só, num único dia. Várias delas afirmaram terem ficado tão estimuladas que não conseguiram dormir, precisando conversar com alguém! E não houve a menor intenção, de minha parte, em provocar essa reação!

ALGUMAS TÉCNICAS DE EXPANSÃO DA MENTE:

Imaginemos que alguém deseje "alterações mentais", de molde a obter "insights" além dos possíveis com a mente "normal". A opção pela "Gnose-Química" não é a única disponível.

EXERCÍCIOS:

A) Este exercício provoca, na mente, alterações semelhantes às produzidas pelo consumo de derivados potentes da Maconha (Canabinóides como o Skunk, Haxixe, Bhang, Charas, Tintura de THC, etc.).

Para realizar este exercício, as técnicas empregadas são simples. Bastará sentar-se numa poltrona bastante confortável, num ambiente pouco iluminado e longe de ruídos ou distrações.

Aromas agradáveis, como os emanados da queima de incensos, são favoráveis ao momento.

As roupas usadas devem ser leves e soltas, e a pessoa precisa sentir-se confortável, não passando frio nem calor.

Uma música ambiente, de preferência instrumental, poderá contribuir positivamente. Primeira prática:

A pessoa deverá iniciar uma respiração ritmada da seguinte forma:

1) Inspirar, pelo nariz, profundamente, mas sem esforço, contando, mentalmente, até quatro, enquanto enche os pulmões de ar; 2) Manter os pulmões repletos de ar, sem forçar, enquanto conta, mentalmente, até quatro; 3) Expirar, pela boca, todo o ar dos pulmões, enquanto conta até quatro; 4) Manter os pulmões vazios, enquanto conta até quatro; 5) Repetir todo o procedimento por pelo menos vinte vezes; 6) Nesse momento, a pessoa já deverá estar com seus horizontes mentais bastante alterados e expandidos; 7) Tendo passado algum tempo (cerca de uma hora), a pessoa já deverá estar voltando "ao normal", podendo, então, reassumir sua "mente comum". Este exercício é tão poderoso que só deve ser realizado estando seu praticante sentado, sob risco de a pessoa perder o equilíbrio e cair, caso esteja em pé. Também não deve ser realizado deitado, pois deve-se evitar adormecer no curso de sua execução.

B) Este exercício produz, na mente, alterações semelhantes às provocadas pelo uso de Drogas Psicodélicas (ou Alucinógenas) como o LSD, o DMT, a Psilocibina (dos Cogumelos Psilocíbicos), a Psilocina (dos mesmos Cogumelos), a Mescalina (dos Feijões de Mescal e do Cacto Peyote), a Muscarina (dos Cogumelos 'Amanita muscaria' ou "Fly Agaric"), o TMA-2 (da Raiz do Cálamo) e as Anfetaminas Psicodélicas (ICE, CAT, MET, MDA, MDMA - o "Ecstasy"), entre outras. Este exercício chama-se, muito

apropriadamente, "deixar cair".

E sabem o que cai? Você!

Isso mesmo!

Primeiramente, você deve colocar um colchão de casal no chão. Deve forrá-lo, lateralmente, com travesseiros ou almofadas. Precisar, também, da ajuda de dois ou três amigos. Como é realizado:

1) Coloque-se em pé e de costas para o colchão; 2) Peça aos seus amigos que postem-se na parte externa do colchão, mas de forma a poderem ampará-lo antes que você atinja o solo - no caso, o colchão; 3) Procure não pensar em nada, nem sentir medo - afinal, mesmo que seus companheiros não consigam ampará-lo, você só atingirá o colchão; 4) Feche os olhos, e mantenha-os assim; 5) Coloque a ponta de sua língua no palato (céu-da-boca), o que conectará os hemisférios frontal e traseiro de seu corpo, além de fazer com que você conecte-se com sua Pituitária, localizada acima do palato, e onde se situa o centro de seu Ser; 6) Faça uma respiração ritmada inspirando e contando até 7 (sete), mantendo o ar retido nos pulmões enquanto conta 1 (um) tempo, solta o ar contando até 7 (sete), mantendo os pulmões vazios contando 1 (um) compasso. Essa respiração de poder recebe simplesmente o nome de "7-1-7-1". Outra alternativa igualmente viável é outra respiração idêntica, só que noutra compasso: "6-3-6-3", ou seja, inspirar contando até 6 (seis), reter o ar contando até 3 (três), soltar o ar contando até 6 (seis), daí mantendo os pulmões vazios contando até 3 (três); 7) Realizar uma das respirações escolhidas por, pelo menos, cinco

vezes; 8) Agora é a hora de "deixar cair", ou seja, deixar-se cair para trás; 9) Seus assistentes só deverão sustentá-lo quando faltar menos de dois palmos para que você atinja o solo (o colchão), permitindo-lhe uma queda livre relativamente grande; 10) Repita o exercício por, no mínimo, três vezes, mas não mais de vinte vezes.

C) Este exercício provoca alterações, na mente, semelhantes às produzidas quando se usa Afrodisíacos poderosos, como o Yohimbé, o Kala-Kiji, o Yuhba-Gold, para citar alguns. Trata-se de uma prática Tântrica, ou seja, uma fusão de sexualidade e espiritualidade. É segredo guardado zelosamente nos secretos círculos do poder oculto o fato que qualquer pensamento ou desejo mantido na mente durante o orgasmo se concretizará. Ou seja, mantendo-se na mente determinado desejo, durante a prática sexual (seja heterossexual, homossexual ou masturbatória), essa "forma pensamento" encarnará, por assim dizer, na energia do orgasmo, tendo como missão de sua existência a realização do desejo que o originou.

Mas, o que poucos sabem, é que existe outra técnica sexual, de idênticos poderes mágicos, que permite, além dessa realização dos desejos, uma extraordinária expansão da mente, atido ao mesmo tempo. Trata-se da técnica conhecida como "karezza", que consiste em, repetidamente, praticar a masturbação até bem próximo do momento do orgasmo, quando então suspende-se a estimulação. Isso é feito cinco, dez vezes, até que o corpo desista de atingir o orgasmo. E é exatamente nesse momento que a mente se expande para dimensões além da imaginação...

D) Este exercício altera a mente nos moldes dos efeitos provocados pelo

consumo do Estramônio (ou Trombeta, Datura, Lírio Roxo), do Acônito, da Mandrágora, da Losna (ou Absinto) e da Beladona, entre outros perigosos Delirantes. Esta técnica recebe o nome, muito apropriadamente, de "postura da morte". Se você tem qualquer problema psíquico, respiratório ou circulatório, não faça, jamais, uso desta técnica. Ela consiste em, estando num lugar onde se possa cair sem ferir-se (como estando sentado numa cama, ou no chão, mas cercado de almofadas, por exemplo), manter-se a mente vazia e, ao mesmo tempo, prender a respiração. Enquanto se prende a respiração, tampa-se, com as duas mãos, a boca e as narinas, de modo a realmente sentir-se impedido de respirar. Prende-se a respiração até não poder mais, e então... prende-se mais um pouco! Manter-se assim até sentir mal, mas mal mesmo, e então... prende-se ainda mais! Quando sentir-se estar a ponto de, literalmente, morrer sufocado, libera-se a respiração, ao mesmo tempo em que solta o corpo, deixando-se cair.

**

Estes exercícios, que mais parecem brincadeiras de malucos, são capazes de abrir a faculdade paranormal chamada de clarividência, ou seja, a capacidade de ver, com os olhos da mente, seres, imagens e paragens de outros planos e variadas dimensões. Duvida? Como pode algo tão simples funcionar da forma que alardeio? Simplesmente, ninguém precisa acreditar em minhas afirmações. Basta colocar os ensinamentos em prática e observar os resultados.

O que tentei mostrar aqui foi que os chamados "estados alterados da mente" são apenas "estados diferentes da mente", pois as alterações

psíquicas provocadas pela ingestão de qualquer fármaco alucinogênico podem ser conseguidas por simples alterações de conduta!

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR: Há, em português, algumas obras que mostram exercícios e práticas capazes de provocar esses "estados alterados" em qualquer pessoa que os realize. São todas obras destinadas aos "psiconautas"(2) mais avançados e ousados.

- ANTIGA CIÊNCIA E ARTE DA CURA PRÂNICA, Choa Kok Sui, Ground;
- A ANTIGA CIÊNCIA E ARTE DA PSICOTERAPIA PRÂNICA, Choa Kok Sui, Ground;
- CHAKRAS, Haristi Johari, Betrand Brasil;
- CONTROLE DA MENTE ON, Oldemar Nunes, Hemus;
- CURA PRÂNICA AVANÇADA, Choa Kok Sui, Ground;
- CURSO DE MAGIA, J.R.R.Abrahão, Iglu;
- MAGIA PRÁTICA
- O CAMINHO DO ADEPTO, Franz Bardon, Ground;
- PRÁTICAS E EXERCÍCIOS OCULTOS, Gareth Knight, Hemus;
- SÍNTESE MÁGICKA, Zelinda Orlandi Hypolito e Arsênio Hypolito Junior, Iglu;

Notas:

1. O Quarto Segredo (280 págs., Pacific-Post, 1995).

2. Psiconauta - do inglês Psychonaut, termo cunhado pelo ocultista britânico Peter James Carroll, autor de Líber Null & Psychonaut e Liber Kaos, além de

fundador da Ordem IOT - Iluminados de Thanateros. Psiconauta significa "indivíduo que mergulha, penetra e explora a mente", numa alusão ao que fazem os aquanautas (na água), os cosmonautas (no cosmos), etc.

J. R. R. Abrahão é Jornalista, Advogado e escritor, autor dos livros Curso de Magia, Ed. Iglu, 1994; o Quarto Segredo, Ed. Pacific Post, 1995; e Geomancia - O Oráculo do Futuro (em parceria com Antônio Rodrigues), Master Book, 1997).

Fonte: Revista Safira Estrela - no. 7; Junho/1998.

CIBERNÉTICA E ENTEOGÊNICA: DO CIBERESPAÇO AO NEUROESPAÇO

Palestra de Peter Lamborn Wilson, (aka Hakim Bey)

(Proferida durante o Festival Next Five Minutes - Tactical Media - Amsterdam, em 19 de Janeiro de 1996)

Aprendi o termo “Neuroespaço” do artista Vladimir Muzehesky, de Kiev, por meio de Geert Lovink. O que imediatamente pensei que ele queria dizer com isso era uma comparação deste espaço que é posto como pertencente ao computador, com o espaço neural ou a experiência do corpo-interior (*inner-body*) que vem, para a maioria de nós, principalmente através de drogas psicodélicas - neuroespaço como o espaço de alucinações, por exemplo. Gostaria de comparar e contrastar, como eles costumavam dizer na escola, ciberespaço e neuroespaço. Há semelhanças e diferenças.

Recordo-me de alguns anos atrás, quando a realidade virtual subitamente apareceu com grande êxito na cena, de haver ido a uma conferência em Nova York onde Timothy Leary, que Deus o abençoe, apareceu com Jaron Lanier e mais outros cibernautas. Tim estava pondo as luvas, estava no palco e disse: “Oooh, eu estive aqui antes.” Então desde o começo havia esta conexão feita entre a realidade virtual e a experiência com LSD - ou como alguns preferem chamá-la “a experiência enteogênica”, que é só uma maneira fantasiosa de não usar a palavra psicodélica por que ela alerta a polícia. Na verdade, “enteogênico” significa o nascimento do “Divino Interior”. Sou capaz de usar este termo que é significativo para mim mesmo que não seja um teísta no sentido estrito da palavra. Não penso que você

deve acreditar em Deus para entender que pode haver uma experiência do Divino Tornando-se Interior.

De fato historicamente - e, ao menos para mim, experiencialmente e existencialmente - esse tem sido o mais importante aspecto do reaparecimento de drogas psicodélicas durante minha vida. Sou quase um exato contemporâneo do LSD : Nasci em 1945, e Albert Hoffmann já estava inventando várias versões preliminares. No verão passado consegui encontrar Hoffmann, e ele ainda é uma maravilhosa propaganda para a experiência psicodélica. Está bem avançado nos oitenta, e é sadio e cordial, mantém todas suas células cerebrais e ainda está trabalhando, come como um cavalo, bebe como um peixe! É do curso de minha existência que estamos falando.

Há uma questão histórica, na própria história das religiões, e que é: De onde vêm os psicodélicos?

Terence McKenna acredita que a própria consciência humana é uma função da experiência psicodélica, especificamente do cogumelo de psilocibina. Ele acredita que um dia um macaco tomou um cogumelo e se tornou humano, por que a cognição apareceu. Terence diz que o que nos faz humano é a experiência psicodélica. Não sei se acredito literalmente nisto; em todo caso, não acredito em nenhuma origem única para a consciência humana. Mas é iluminador pensar na possibilidade de que devemos nossa diferença dos outros membros do clã símio por nossa habilidade de experimentar psicodélicos de determinada maneira. Se fosse este o caso, seria verdade que toda nossa experiência de cognição - a qual historicamente pertence à

categoria do que é conhecido como “religião” - poderia ter começado com psicodélicos. Toda a experiência psicodélica coexistiu no tempo com o tornar-se homem. Uma hipótese interessante; podemos adicioná-la a todas as teorias de origens do homem.

Gosto de pensar em palimpsestos. Na Idade Média eles não tinham muito papel, assim escreviam de uma forma no papel e depois escreviam de outra forma no mesmo papel. Algumas vezes eles até escreviam de uma terceira forma. Estavam acostumados a ler assim. Minha aproximação à teoria é palimpsêstica: gosto de empilhar teorias umas sobre as outras e trazer o bloco completo para a luz e ver se alguma luz está tendo êxito. Pense nisso como gels de animação, mas com a escrita numa pilha. Adicione todas essas teorias, uma sobre a outra.

A maneira positiva de olhar para a consciência é que é “nós”. O aspecto ruim disso é que a própria consciência pareceria ser um processo de separação. Georges Bataille falou sobre isto de um modo interessante: ele hipotetizou que toda religião diz respeito a um traço de memória de um tempo em que o humano estava separado da natureza - do animal, vamos dizer. E se você acredita em evolução, isto é apenas literalmente verdadeiro. Houve um tempo quando nós éramos macacos de algum tipo. É no momento da consciência que esta separação ocorre. Subitamente não é mais uma questão da experiência animal e o que Bataille chama de “intimidade original.” Nós somos agora tirados da matriz e plugados na cognição. Religião desta forma começa imediatamente depois deste momento, porque *religio* significa religar, reconectar novamente. O que estamos tentando fazer com todas estas formas religiosas e filosóficas é

tentar religar com a sabedoria original, a qual nós perdemos quando começamos a experienciar a cognição.

Se Terence está certo, então a cognição começa com as drogas, e logo o próximo passo seria tomar mais drogas para recuperar o que se tinha perdido. Assim, conforme esta leitura, a consciência humana e a religião humana, as quais estão tão intimamente ligadas, poderiam ter sempre estado envolvidas com plantas psicodélicas. Aqui nós nos voltamos contra um problema na antropologia, que só recentemente vim a saber. Quando antropólogos observam as sociedades mais “primitivas” que podemos encontrar - isto é, sociedades tribais de colhedores-caçadores – estas sociedades não parecem ter muito a ver com psicodélicos. De acordo com antropólogos, plantas psicodélicas aparecem na história humana com a agricultura – logo, no máximo, a 12.000 anos atrás.

Agricultura, a era na qual ainda estamos, é no máximo 1% de toda a história humana. Mas se você vai para a América do Sul e compara as tribos caçadoras e os agricultores primitivos, que cultivam um pouco de vegetais para subsistência, fazem alguma caça e pescaria – sem liderança forte, muito igualitárias – é nestes grupos que começamos a ver as plantas psicodélicas emergirem como um fenômeno cultural. Isso imediatamente me chamou a atenção de que há alguma coisa errada aqui. Porque agricultores deveriam conhecer mais sobre plantas selvagens que os caçadores e colhedores, que de fato dependem de plantas selvagens? Eles dependem pelo menos 70% da coleta e só 30% de caça. A coleta, a qual é normalmente feita por mulheres, é muito mais importante economicamente que a caçada, que é normalmente feita por homens. Os caçadores com

certeza sabem sobre todas as plantas, mas ainda não necessariamente as ritualizaram : ainda não criaram um culto da planta psicodélica.

A agricultura é a única nova tecnologia radical que já apareceu no mundo; e equivale a um corte na terra. Se você lê qualquer antropologia sobre nativos americanos, vai descobrir que quando os brancos europeus chegaram e tentaram forçar as tribos para a agricultura, o povo das tribos sempre dizia a mesma coisa: “Quê, você quer que a gente estupe nossa Mãe, a Terra? Isto é perverso. Como você poderia pedir para seres humanos fazerem isso?” A agricultura imediatamente aparece como um mau negócio para estas tribos. Não há dúvida de que esta tecnologia leva inevitável e muito rapidamente a hierarquias sociais, separação, estrutura de classes, propriedade, e religião tal como a entendemos – um clero que diz para todos os outros o que fazer e como pensar. Isso leva a, em outras palavras, autoritarismo e, fundamentalmente, no próprio Estado.

Economia, dinheiro, toda a miséria da civilização, nós devemos à agricultura. Antes disso, você tem dois milhões de anos de caça e coleta, a bela arte rupestre, um mundo que se mostra suspeitamente utópico, uma era dourada em comparação com o tanto de problemas que a agricultura ocasiona. De alguma forma, a agricultura é a queda do paraíso. Não quero ser um reacionário, um ludita – estou simplesmente apontando algo que é muito real e óbvio, mas levou muito tempo para seres humanos civilizados perceberem isto. Nos anos 60, o antropólogo Marshall Sahlins descobriu que as sociedades caçadoras e coletoras que existem hoje só trabalham uma média de quatro horas por dia para conseguirem sua comida, enquanto as sociedades agrícolas trabalham uma média de dezesseis horas por dia.

Caçadores-coletores têm cerca de 200 tipos de comida em suas despensas pelo curso de um ano, enquanto os agricultores primitivos só vão comer uma média de vinte.

Segundo este ponto de vista, Sahlins apontou, é absolutamente incompreensível que alguém abandonasse a caça pela agricultura. Desde então li esse livro chamado “Economia da Idade da Pedra”, tenho tentado conceber por que renunciamos a esta situação meio Jardim do Éden? Claro que o caçador conhece a fome, mas ele não conhece escassez; essa só vem a existir com a economia. A vida do caçador pode ser miserável – pode ser muito fria, muito quente, muito nua, ele pode ser pego pelo urso polar, o que quer que seja – mas aquela coisa que o caçador não tem de jeito nenhum são as misérias da civilização.

Se formos falar dos aspectos positivos da civilização, lembremos que eles só estão servíveis para 10% de qualquer população dada, em outras palavras, a elite proprietária. Para qualquer outra pessoa, a civilização é um negócio fodido e terrível. Ela torna você um servo ou um escravo, para o sacrifício humano. Nós sabemos que o canibalismo pertence à agricultura, não às tribos caçadoras. Gosto de pão – não estou disposto a renunciar ao pão. O que estou tentando apontar para vocês com este exagerado ataque à agricultura, é que a agricultura é um rompimento tecnológico muito severo. É como se você traçasse uma linha: desse lado há floresta selvagem, e deste lado há cultura, humanidade e, finalmente, civilização. Do lado claro, nós aramos a terra, traçamos linhas retas, conhecemos a tecnologia das sementes. O calendário é a primeira ideologia, no sentido da falsa consciência, porque só fazendeiros poderiam inventá-lo. A indústria é um

epifenômeno menor da agricultura, sob este ponto de vista. A agricultura é a única tecnologia importante que já foi inventada e ela solicita uma completa reavaliação da relação humana versus o mundo natural, o mundo de plantas e animais.

Como um resultado desta relação inteiramente nova, desta novidade, vai ocorrer uma interpretação absolutamente nova da planta psicodélica. A planta mágica, enteogênica, vai agora emergir num contexto religioso – enquanto antes ela poderia ser só uma questão do conhecimento individual de um colhedor individual. Agora, de repente, tem de haver um culto da planta enteogênica. Por ser tão traumática para a sociedade humana, a agricultura necessita ter uma relação viva, xamânica, mágica, com as plantas. Antes, plantas eram como quaisquer outros seres, agora elas são estranhos espíritos que crescem na floresta. E, de fato, um antropólogo escreveu um livro fascinante sobre o tabaco como uma planta psicodélica na América do Sul: a primeira agricultura teria sido o cultivo de plantas psicoativas, e é por isso talvez que seres humanos vieram mesmo a se tornar fazendeiros, para assegurar um bom suprimento de tabaco ou cogumelos ou o que quer que seja. Um amigo meu uma vez disse: “É, tudo é psicotrópico”. Qualquer substância que você ponha no seu corpo vai ocasionar uma transmutação. Não me importa se é água, comida, ar – é tudo transformação através da substância.

Não é verdade que a agricultura descobriu os psicodélicos. Posso provar, com base na mitologia, que a sociedade dos caçadores os conheciam muito bem. Todos os mitos referentes a plantas psicodélicas sempre dizem que nós aprendemos sobre as plantas pelos povos selvagens da floresta. Um

exemplo: o culto Buiti do noroeste da África, que é baseado na ibogaine. Eles clamam que pegaram ela dos pigmeus. De repente, nós parecemos ver pela primeira vez o aparecimento da planta psicotrópica. Enquanto antes ela era simplesmente uma entre muitas coisas psicoativas num mundo que era inteiramente psicoativo, agora ela é a substância especial que vai nos permitir recuperar essa sabedoria original. Ela vai nos fazer mais que conscientes, vai nos dar algo além da mera consciência, que num sentido será um retorno a essa sabedoria original da natureza.

Está bastante claro que todas as grandes sociedades neolíticas tinham algum tipo de culto de soma – a palavra sânscrita para a experiência psicoativa. O Rig-Veda, um dos mais velhos livros da humanidade, é todo sobre a experiência psicodélica. Se ao menos Tim Leary tivesse usado o Rig-Veda em vez do Livro Tibetano dos Mortos para apresentar o LSD, os sessenta poderiam ter sido uma década diferente. O Livro Tibetano é sobre morte, um baixa-astral, enquanto o Rig-Veda é muito sobre vida e alegria e poder. De qualquer forma, todas as sociedades neolíticas e clássicas tinham alguma variedade disto. Nós devemos todas estas descobertas ao grande Gordon Wasson, que foi o primeiro a discutir se o soma do Rig-Veda era de fato um cogumelo mágico. Ele também chegou à conclusão de que os mistérios de Elêusis, uma das principais ritos religiosos dos gregos antigos, eram também estimulados por uma planta psicoativa. Os antigos persas tinham algo chamada “helma”, que deveria ser uma planta que contém armolina. Reinvidico ter descoberto que irlandeses da antiguidade tinham um culto similar...e obviamente nós sabemos dos aztecas e maias: eles ainda tinham um ativo culto psicodélico quando os conquistadores chegaram. Em algumas das antigas crônicas espanholas pode se ler realmente sobre

cogumelos mágicos. Mas de alguma forma estes textos foram perdidos, ou ninguém os leu, ou se os leram, não acreditaram neles, ou ficaram horrorizados com eles.

É a difusão da cristandade que parece sinalizar o fim do mundo psicodélico clássico. John Allegro, um dos originais estudiosos dos manuscritos do Mar Morto - ele ficou louco, conforme a maioria das pessoas – escreveu um livro chamado “The Mushroom and the Cross” (O Cogumelo e a Cruz) no qual ele afirmou que Jesus Cristo era um cogumelo. Sempre senti que Jesus Cristo pode ser qualquer coisa que você queira que ele seja, então porque não? Historicamente, talvez este efeito anti-psicodélico teve algo a ver com o vinho, o sacramento da cristandade. O vinho mesmo, embora seja psicoativo, não é nada psicodélico como cogumelos mágicos. E o álcool tem seus problemas. Terence McKenna tomou uma posição bastante puritana: anti-alcóol, café, açúcar, chá, qualquer desses psicotrópicos modernos.

O Ocidente provavelmente perdeu o conhecimento da maior parte das substâncias de alteração mental num processo gradual paralelo à difusão da cristandade. O vinho é sacramentado, e seu potencial dionisíaco permanece, como mágica – por exemplo na missa católica, uma performance mágica em que pão e vinho viram um festim canibal, e na “função soma”, que significa que tudo são psicotrópicos. Como disse um poeta sufi: “Um bêbado nunca se tornará sábio, mesmo depois de cem garrafas de vinho, mas um homem sábio ficará intoxicado com um copo de água.”

Pensem em Rabelais, por exemplo. Ele dedicou o último capítulo de seu livro ao que chamou a “Erva Pantagrulion” e é claro que ele está falando aqui de

maconha. Logo, o conhecimento psicodélico não foi nem mesmo perdido, nem mesmo na época de Rabelais. Ele foi transmitido numa forma não alfabetizada – por mulheres sábias, médicos rurais, curandeiros, e mães camponesas que conheciam sobre plantas. O conhecimento se tornou oculto, é um segredo. Rabelais está brincando com o fato de que ele está a par de algo que você não sabe. O conhecimento nunca foi perdido porque nenhuma cultura pode persistir sem alguma abertura para a consciência não-ordinária. Você tem de ter alguma válvula de escape para a civilização, mesmo se for psicose em massa. Tem de haver uma escapatória.

A idéia de transformação através da ingestão de enteógenos ou plantas psicodélicas ainda não tinha sido totalmente suprimida mesmo na Alta Idade Média. O conhecimento foi condenado para o inferno. O cogumelo da psilocibina sempre esteve aqui, nunca sumiu, mas estava escondido – estou falando como Terence agora, apenas tomemos isso como uma metáfora - estava escondido porque ninguém o reverenciava, ninguém o necessitava. Não foi porque Wasson tirou os esporos de suas botas em 1956, que de repente cogumelos mágicos estavam por todo o mundo de novo; foi porque alguma mudança de paradigma ocorreu na mesma época. Se Wasson não o tivesse feito, alguma outra pessoa teria feito a descoberta. Como diz Robert Anton Wilson, “Quando é tempo de motor a vapor, a coisa é motores a vapor.”

A redescoberta já estava em curso desde o século dezenove quando gente como Baudelaire, Rimbaud e De Quincey, ou os românticos, entraram no haxixe e no ópio. Eles aprenderam sobre isso do mundo islâmico. Mais uma vez, de uma maneira oculta e velada, estes eram *poetes maudites* -

conhecimento maldito, conhecido por gente maldita. Então há Antonin Artaud, que foi para o México e tomou peiote; ou Ernst Jünger, Mircea Eliade, C.G. Jung, Walter Benjamin, Ernst Bloch – todos eles estavam fazendo experiências com drogas. Nós sabemos de Aldous Huxley porque ele escreveu o primeiro livro desse tema em inglês. Então, quando acontece a revolução psicodélica, já é uma velha estória.

A invenção do LSD, em torno de 1945-47, é de alguma forma emblemática para mim. Ela é, de fato, a primeira droga psicodélica sintética; e a coisa notável a seu respeito é que você precisa de 200 mg ou mesmo menos. Isso não é nada. Ela leva toda a estória da experiência psicodélica para o mundo novo, muito mais técnico, da ciência moderna. Antes, era o mundo primitivo das plantas. Há uma razão para isto. No começo, formulei a hipótese de que as drogas primeiro aparecem na história humana porque elas são usadas de forma religiosa em sociedades agrícolas, e o uso e descoberta de psicodélicos é de alguma forma uma resposta a um desenvolvimento tecnológico. Este avanço tecnológico torna mais lancinante, mais violenta, nossa separação daquela sabedoria original, daquela experiência da pura consciência animal. Sendo assim, é a própria tecnologia que provoca o reconhecimento, por parte das primeiras sociedades agrícolas, do aspecto cúbico e religioso destas plantas. Agora estamos aqui, um bom tempo depois na história humana – e ocorre o primeiro desenvolvimento interessante em tecnologia desde a agricultura.

Podia ser que, por volta de 1945, nós víssemos as coisas...em vez de se tornarem mais e mais massivas – de repente ficarem mais desmaterializadas. (A bomba atômica desmaterializa a matéria de uma

forma muito radical.) De um lado, uma experiência muito espiritual, e, de outro, o computador - o qual, como nós sabemos agora, estava destinado a gerar a “economia da informação.” Você não pode comer informação, logo ela não é realmente uma economia, e nunca será – mas apesar disso há algo nesta expressão. Há uma verdade por trás da merda, há esta desmaterialização, uma revulsão contra o peso do corpo, uma desincorporação da produção. Nós sabemos que computadores são supostamente um grande acontecimento espiritual, embora ainda seja uma máquina; não é uma máquina pesada, uma máquina simples, um botão de liga/desliga.

É claro que nós não superaremos a economia da produção por meio disto. Alguém ainda tem de fazer sapatos, de cultivar alimentos – e não vamos ser nós! “Nós” não vamos sujar mais nossas mãos com isso. Deixem os mexicanos fazerem isso, enquanto nós habitaremos este maravilhoso espaço gnóstico de pura informação. Nós mandamos nossas sujas fábricas poluentes para a Índia, Bofal, para Chernobyl, de forma que possamos ficar limpos, e possamos ser a “ciberclasse”. Não importa o que vocês pensem sobre os potenciais liberatórios do computador, nós também devemos levar em conta o fato de que há uma desincorporação acontecendo. Subitamente você não tem mais corpo – é análogo á desincorporação que a bomba atômica traz consigo quando ela o atinge. É por isso uma coincidência que precisamente nestes mesmos dois anos, o LSD é sintetizado, a mescalina, o MDMA, mais a redescoberta do cogumelo...

Há uma ligação muito interessante entre a tecnologia e a experiência psicodélica.

Provavelmente a ocultação dos psicodélicos tem seu clímax com a industrialização e com a furtiva substituição do espaço orgânico pelo espaço maquínico como um princípio de ordenação psíquica. Mesmo a consciência agrícola ainda é consciência orgânica: ela tem a ver com a terra, com plantas e animais. É uma consciência muito gradeada (1), ordenada, mas ainda é orgânica. Mas à medida que nos encaminhamos para os “Moinhos Satânicos” (Blake) e a classe trabalhadora de Engels, o espaço maquínico se tornou o princípio ordenador. Não é mais o arado que cria espaço, é a linha de produção que cria o espaço psíquico. Então o puritanismo vitoriano e o imperialismo devem representar a repressão pública do inconsciente por uma sobriedade rígida baseada num modelo mente/máquina que é o *cogito* isolado e mandatário. Se você quisesse descobrir um período da história humana em que houve realmente uma completa amnésia sobre a experiência psicodélica, este poderia ser o século dezenove, por volta de 1830-1880, quando nós pessoas civilizadas não só esquecemos de que houve algo como a experiência psicodélica como a negamos.

Como uma cultura, nós gostamos de rir de tribos primitivas – por exemplo, aqueles aos quais são mostradas fotos deles mesmos e que não conseguem se reconhecer nelas. Mas em 1876 um cientista francês caiu por acidente dentro de uma das cavernas paleolíticas. Mais tarde, em seu diário ele escreveu que parecia haver alguns rabiscos na parede. Ele não podia ver que aquilo era arte, ele era tão cego quanto o pigmeu que é cego para a fotografia. De repente, uns poucos anos mais tarde, as pessoas podiam ver aquilo como arte. O que permitiu que T. S. Eliot dissesse que depois de Lascaux, a arte ocidental “tombou da escadaria”. O que permitiu Picasso de

repente ver máscaras africanas, os impressionistas franceses verem arte japonesa, os hippies nos sessenta escutarem música indiana? Para os britânicos colonialistas que visitassem a Índia, a música para eles era como a “choradeira de mosquitos – como eles podem suportar isso?” Os ingleses não podiam ouvir isso como música. A geração dos meus pais nunca poderia escutar música indiana como música: “O que é esse ruído de zumbido? Garotos, vocês estão chapados de novo?” Isso é o que chamo mudança de paradigma da cognição.

No exato momento em que a enteogênese – isto é, o nascimento do Divino Interior – reaparece no ocidente, com os românticos tardios como uma subcultura, como “história oculta”, estão sendo postas as condições para esta mudança de paradigma. Nós ainda estamos basicamente submetidos a ela. A única coisa que poderia mesmo fingir suprimir esta mudança de consciência seria a Lei, como na Guerra às Drogas(2). Mas nossa lei é uma lei máquina, uma lei *gradeada*, mecânica, e ela é obviamente incapaz de conter a fluidez do orgânico. É por isso que a Guerra às Drogas nunca vai funcionar. Você deveria igualmente declarar guerra a todas as plantas. Logo o discurso público está próximo do esgotamento quanto à questão da consciência. A Guerra às Drogas é um combate à própria cognição, ao próprio pensamento como à condição humana. É o pensamento esta razão cartesiana dualista? Ou é a cognição esta coisa misteriosa, complexa, orgânica, mágica, com pequenos elfos do cogumelo dançando em torno? Qual há de ser?

A Guerra às Drogas é uma guerra de paradigmas. Todo refinamento na consciência maquínica vai evocar uma resposta dialética do reino orgânico.

É como se os elfos do cogumelo estivessem lá; como se houvesse uma consciência da planta que responde à consciência maquínica. Isto é uma metáfora tão bela – você não tem de acreditar em elfos, tudo é consciência humana, em última instância. Você não tem de acreditar em algo sobrenatural para explicar isto. Então, em torno de meados do século vinte a tecnologia começa a se afastar de uma perspectiva imperial-gigantesca para uma dimensão mais “interna”, com a quebra do átomo, o espaço virtual das comunicações e o computador. E foi por volta da mesma época que os psicodélicos realmente sérios começaram a aparecer – mesalina, psilocibina, LSD, DMT, ketamina, MDMA, etc., etc.

A guerra de paradigmas que está rebentando agora é uma medida de um antagonismo entre ciberespaço e neuroespaço, mas a relação não pode ser simplesmente vulgarizada como uma dicotomia. Isto nos traz à baila a assim chamada “segunda revolução psicodélica” – só uma outra batalha no mesmo combate. Sob um ponto de vista, nós perdemos a Guerra às Drogas nos sessenta, ela foi esmagada e levada para o subterrâneo de novo. O que Leary e Huxley sonharam, uma transformação da sociedade através desta experiência, não aconteceu. Ou aconteceu? Agora nós sabemos que a CIA estava profundamente envolvida na difusão do LSD pelo mundo. Na segunda viagem de Wasson para o México, havia um agente da CIA no grupo. Todos tiveram um momento maravilhoso, exceto uma pessoa – adivinhem quem... Eles estavam interessados no lado “bad-trip” – certamente também uma experiência psicodélica. A CIA tentou monopolizar o LSD, controlar sua distribuição, eles virtualmente financiaram todos os projetos de pesquisa. Eles estavam interessados em lavagem cerebral. Os sessenta devem tanto à CIA quanto aos Learies e aos hippies. Havia esta

complexa rede do bem e do mal, do sabido e do estúpido, tudo numa mistura de padrões de fumaça fractal influenciando um ao outro, no qual cada jóia reflete todas as outras jóias. Essa é a história secreta dos sessenta.

Durante os setenta e oitenta as coisas se mostraram completamente sombrias. A “segunda revolução psicodélica” que temos agora envolve novas drogas como a ibogaine e uma abordagem científica mais cuidadosa. Nós todos aprendemos a ser cuidadosos quanto a de onde vem os fundos, e nos protocolos. E há uma nova geração: não se preocupe, os garotos estão certos. O LSD é uma droga perigosa, destrói algumas pessoas, mas a vida é um negócio arriscado. Se há uma coisa que odeio é a palavra “segurança”. Vivemos numa civilização de segurança, na qual estamos eventualmente encasulados de todo perigo, quero dizer, de toda experiência. O que nos é deixado é um vegetal plugado num computador, que nunca deixa o quarto, como uma hedionda visão de um romance de William Gibson. Redescobrir o risco seria um bom conselho para nós.

A nova guinada do trabalho psicodélico pode ser encontrada no trabalho da Albert Hoffmann Foundation e na difusão do ácido na Europa oriental – tudo parte desta “segunda revolução psicodélica”, a qual ligo muito à Internet, esta resposta dialética entre o mundo da planta e o mundo da máquina. O antagonismo entre ciberespaço e neuroespaço é uma coisa – mas há também uma analogia. De alguma forma, o ciberespaço é alucinógeno, ou foi pensado para ser. Ambos envolvem um espaço interno visionário. É como dizer que o LSD é como a bomba atômica, “ele explodiu sua mente”. Ele tem este lado negativo também.

Deixem-nos ser claros: o ciberespaço está acontecendo fora de seu corpo, você deve mover seu corpo, vendo estas animações ruins se movendo ao seu redor. A realidade virtual já fracassou?

Alguém disse hoje que a realidade virtual fracassou porque ela já foi virtualmente experimentada através da mídia. Poupe seu dinheiro e escute sobre isso na tevê – isso é o bastante. É muito conceitual, um desses futuros que nunca aconteceu e nunca acontecerá. E não esqueçam que ciberespaço é muito mais que só RV (Realidade Virtual). A Rede realmente importante não é a internet, mas a rede bancária internacional. Lá, um trilhão de dólares está sendo movimentado todo dia. “O dinheiro foi para o paraíso,” como meu amigo Gordon costuma dizer. Dinheiro que se refere a dinheiro que se refere a dinheiro, etc. – o conceito mais abstrato que a humanidade já desenvolveu. Comparada a isto, a internet é nada, um minúsculo recanto das telecomunicações.

Apesar disso, a internet é interessante para mim porque ela parece ter um potencial liberador – nós queremos descobrir seu aspecto psicodélico. Pessoalmente estou ficando mais e mais pessimista, as trajetórias todas parecem acabar numa redução da nossa autonomia. A internet ou vai ser um outro instrumento para resolver a crise do capitalismo global, ou vai desaparecer ou ser relegada a um meio de comunicações menor, algo bem menos importante que a agência de correios. Há pouquíssimos espaços deixados para uma bela agitação. Não podemos mais esperar vencer esta particular batalha da guerra de paradigmas. Não acredito que esta tecnologia, mais que qualquer outra tecnologia, vai ser o instrumento que nos trará liberdade e glória. Ela não é a solução; não é nem mesmo a

pergunta, muito menos a resposta. Preferiria ver a questão ampliada para incluir o neuroespaço – porque o ciberespaço, conceitualmente, é uma forma de desincorporação.

Como um historiador das religiões, vejo que a tragédia da história humana é a separação da mente e do corpo. Desde os tempos da Mesopotâmia, a religião tem sido sempre uma tentativa de escapar do corpo: ela se torna mais e mais gnóstica, no sentido de aversão ao corpo. Se você quiser ouvir algum maravilhoso gnóstico, tudo que você deve fazer é escutar algum dos entusiastas defensores da internet. As pessoas que realmente acreditam que você vai transcender o corpo, fazer o download da consciência, escapar do cadáver. Isto é imortalidade através da tecnologia, transcendência através da consciência maquínica. Isto é a mesma coisa que o “vire pastel quando bater os pés” (*pie in the sky when you die*) que antigos anarquistas usavam para criticar a religião. A internet, neste aspecto, é simplesmente a versão moderna da religião. O ciberespaço é a nossa versão do paraíso.

Estes mitos não vão embora. Tal racionalismo acaba se revelando um outro culto irracional, apenas uma outra ideologia, uma outra forma para a consciência de classe. O problema da reincorporação, portanto, é a única pergunta religiosa, intelectual e técnica que precisamos nos fazer. O corpo é ao mesmo tempo o mistério e a chave para o mistério. O ciberespaço não acontece no corpo. O “Corpo Sem Órgãos” é uma expressão de Deleuze e Guattari - e eles são estranhamente ambivalentes sobre o aspecto moral deste corpo. Entendo que a sua “consciência maquínica” não seja necessariamente maligna. Poderia falar sobre a experiência psicodélica como uma máquina imaginal. Minha rixa com a consciência maquínica surge

quando ela postula que o corpo é maligno e a mente é boa. E não esqueçam que a igreja católica amava Descartes. Esta consciência cartesiana, que agora pensamos como maquínica, moderna e científica, foi uma vez aclamada pela igreja católica como uma verdadeira filosofia religiosa.

O neuroespaço também envolve alucinações. Você pensa que está no Palácio da Memória, mas não está. Você está apenas sentado em seu quarto, viajando em ácido: está num espaço imaginal, da mesma forma que no ciberespaço. E ainda, onde mais este evento está ocorrendo, senão no corpo? O neuroespaço é um espaço de incorporação. O ciberespaço é um espaço de desincorporação. Não quero soar como um moralista...Podemos acrescentar termos como “complexidade”, “caos”, ou “a cármica teia de gemas” (3).

Os últimos desenvolvimentos na consciência maquínica têm um aspecto “Deleuzo-Guattariniano” de subversão, tal como no ativismo via internet - com um certo sabor psicodélico. Enquanto “drogas” são criadas de uma “segunda natureza” que não é nada senão maquínica, toda a “crise das drogas” é, em boa parte, uma crise da consciência maquínica – e a heroína e a cocaína são, em boa parte, produtos- máquina, assim como o LSD. No entanto, um aspecto opositor também aparece, uma “segunda revolução psicodélica”, uma dialética de re-incorporação (“neuroespaço”) como oposto à tendência na direção da falsa transcendência e desincorporação no “ciberespaço”.

Uma das grandes “redescobertas” desta nova enteogênese é a natureza dialética do ayahuasca ou iagé (Santo Daime) – isto é, que DMT orgânico

pode ser “mirado” com um inibidor MAO como a armina, e que plantas es destas duas substâncias estão globalmente difundidas, totalmente espalhadas ao ponto da ubiquidade, impossíveis de controlar, e acessíveis. Preparados só requerem baixa tecnologia de cozinha. O neo-ayahuasca, ao contrário da tecnologia de computador, não é parte do capitalismo nem de qualquer outro sistema de controle ideológico.

É justo fazer esta comparação? Sim, na medida em que a enteogênese e a cibertecnologia estão ambas interessadas em informação e, conseqüentemente, em epistemologia. De fato, nós poderíamos chamar ambos de “sistemas gnósticos” – ambos estão implicados no objetivo do conhecimento que emerge do abismo que parece separar a mente/alma/espírito do corpo. Assim, a versão enteogênica deste conhecimento, no entanto, implica em alargar a definição do corpo para incluir o neuroespaço, enquanto a versão cibernética implica no desaparecimento do corpo em informação, o “*download* da consciência”. Estes talvez sejam ambos absurdos extremos, antes imagens que situações políticas; elas também são potentes mitos, poderosas imagens.

Nós precisamos aqui de uma política – não uma ideologia mas uma ativa cognição (*cognizance*) das situações verdadeiramente persistentes, tão claramente quanto podemos captar em nossa condição modelada, chapada. Precisamos de um sentido estratégico de onde aplicar as cotoveladas de nossa arte material, os pequenos gestos marciais, Zen, onde mesmo uma pessoa fraca pode vencer uma batalha. Onde mesmo nós, desprezados marginais, poderíamos realmente possuir força própria e assim influenciar a história. Tudo isso leva a uma visão de auto-importância divertidamente

apocalíptica e non-sense, como “Neuro-hackers vs. Nova Ordem Mundial”. Bem, é ao menos uma boa idéia para um romance de ficção científica.

(Transcrito e editado por Geert Iovink e Ted Byfield)

Notas

1. A noção do “gradeado”, o “gridwork”, representa, segundo o próprio Wilson/Bey, em *A Arquitetonalidade do Psicogeografismo*, o desenho da cidade primordial de Catalk Hüyük, essa mesma “grade” cruel e estruturante que governa a memória e a História, daí Hakim Bey propor a “arquitetonalidade” da deriva, espaço anti-grade e festivo, a cidade da resistência psicogeográfica. (N. do Trad.)

2. Wilson usa a expressão War on Drugs, lema da campanha anti-drogas promovida pelo governo norte-americano.

3. “Para Gary Snyder, a imagem do universo como uma vasta teia de gemas (pedras preciosas) de muitos lados, cada uma constituída das reflexões de todas as outras pedras na teia e cada gema sendo a imagem de todo o universo, simboliza o mundo como um universo de comunidades ecológicas tradicionais.” Donald K. Swearer em *Budhism and Ecology*. (environment.harvard.edu/religion/research/budhome.html)

Tradução de Ricardo Rosas

Texto extraído do site de Hakim Bey (www.hermetic.com/bey)

COGNIÇÃO E SENSIBILIDADE NO HIPERMUNDO

Franco Berardi (Bifo)



Mudança tecnológica e mutação psico-cognitiva são interdependentes, como o são o organismo e o seu ecossistema. O organismo do qual falamos é o organismo consciente que a tradição humanística idealiza conforme certas características. Mas as limitações humanísticas do organismo consciente entraram num estado de tensão. A extensão bio-maquínica é o problema frente ao qual a evolução se encontra atualmente. O organismo consciente é também organismo senciente, feito de receptores sensíveis, terminal sensível.

A entropia da linguagem

O mundo em que vivemos começa a se mostrar como o resultado de um *zapping* projetivo no qual combinamos seqüências de proveniências lingüísticas diversas, em fragmentos herméticos que funcionam como chaves para abrir uma porta além da qual não há mais que o vazio.

Experimentação hermética transcultural, construção de auto-estradas transparentes que correm irresponsáveis na direção do céu.

A infosfera é o ambiente no qual os organismos se formam como células interconectadas. A linguagem constrói este sistema de inervações e simula uma comunidade, uma atribuição; é na linguagem que se forma a simulação da origem, função da compreensão recíproca, mas também ilusão de um fundamento comum. A atribuição e a comunidade se fundam na linguagem, mas na realidade o processo comunicativo é dispersão: todo ato de comunicação é entrópico. Podemos falar, é claro, de uma língua como fenômeno estruturado, como execução de um programa gramatical – mas se trata de uma abstração. A realidade falada, vivida, de uma língua é de um gênero totalmente outro, é um processo fluido, um equilíbrio instável no devir da diáspora. Que é uma diáspora? O derivar de um lugar (ilusório, puramente mental, projeção nostálgica, alucinação da memória e simulação de identidade) na direção de todos os outros lugares. A diáspora é então a dispersão de uma verdade e de uma coerência originária, a qual de fato é nada mais que uma projeção nostálgica. Dispersão de uma simulação compartilhada. Entropia de uma ilusão projetada sobre o passado. “Não há a universalidade da língua, não há a universalidade dos atos lingüísticos. A toda seqüência de expressão lingüística é associada uma rede de cadeias

semióticas de toda natureza (perceptivas, mímicas, gestuais, pensamentos por imagens etc.). Todo enunciado significante cristaliza uma dança muda de intensidade que se joga ao mesmo tempo sobre o corpo social e sobre o corpo individual. Da língua à glossolalia, todas as transições são possíveis” (Félix Guattari, *L'inconscient machinique*, 1979).

Toda língua falada é o ponto de encontro transitório e evasivo de diferentes diásporas, de vários afastamentos de lugares passados virtuais puramente nostálgicos. A modernidade tardia é a época em que toda a humanidade é submetida a um desenraizamento, uma diáspora feita de emigrações e de colonização culturais cruzadas, mas também de uma constante emulsão informativa que goteja através de cada poro da vida cotidiana.

Para compreender o processo da mutação, deve-se ter em vista o ponto de intersecção entre a linha da mudança tecno-comunicativa e a fenomenologia da sensibilidade. Aparato tecno-comunicativo e sensibilidade formam o rizoma do devir psicoquímico.

Diáspora e pânico

Na época da modernidade tardia, as tecnologias de comunicação põem em movimento um processo de desterritorialização generalizado e constante que se manifesta como desenraizamento e ubiqüidade, e como aleatoriedade da relação entre signo e referente. A desterritorialização da modernidade tardia rasga o véu ilusório da referencialidade da linguagem e da identidade psíquica, premissa ilusória que o sujeito moderno trazia dentro de si: ilusão representativa, culto romântico da atribuição. O vigor

totalitário da modernidade, o integralismo, o economicismo, o fascismo, o socialismo autoritário são todas manifestações desta obsessão pela origem. A desterritorialização telemática faz explodir todo reconhecimento do território sensível, não menos que toda coerência objetiva do mundo conhecido. O inconsciente social reage à desterritorialização com um tipo de pânico aterrorizado por que o investimento social do desejo não o leva a aceitar a deriva como condição do consistir, não o predispõe a reconhecer o vazio e como destino e como ponto de chegada do conhecer. O pânico é a reação do organismo consciente improvisadamente despertado ante o irromper da proliferação semiótica, e improvisadamente privado dos filtros de que dispunha a mente crítica e disciplinar da modernidade. A sociedade moderna criou suas estruturas disciplinares como um exorcismo contra o vazio e contra o pânico. Mas agora o poder comunicativo da tecnologia digital produz um excesso de informação, em relação ao tempo de atenção socialmente disponível. O mercado da atenção está saturado. Marx falava de crise de superprodução referindo-se ao excesso de oferta determinado pelo crescimento produtivo, demasiado rápido em relação à capacidade de absorção do mercado. Hoje o lugar essencial da crise de superprodução é o mercado da atenção, o tempo de elaboração consciente disponível na sociedade.

A inflação semiótica

Os centros de onde provém o fluxo de informação se multiplicam e se tornam invisíveis até produzir um efeito de inflação incontrolável. Inflação significa: sempre mais dinheiro para comprar sempre menos mercadoria. A inflação semiótica se manifesta como um regime no qual sempre mais

signos compram sempre menos sentido.

“Aqueles que devem ser guias para a população vêem demasiados aspectos de todas as questões, investigam tantas coisas e descobrem que se podem dizer tantas delas a propósito de todas as coisas, que não comprovam mais segurança a respeito de nada. Um sentido oprimente não só da relatividade das idéias, mas de uma enorme quantidade e incoerência da informação, uma cultura de cruzamentos e de energias inextrincáveis – esta é a sensação primária de nosso tempo” (Charles Newman, *The Post-Modern Aura*, 1985).

E no último número da “Wired”, John Perry Barlow escreve: “A maior parte do congresso americano se encontra agora em situação de *datashock*. Todos dispõem de, com dificuldade, de um tempo de atenção equivalente a uma viagem de elevador. Catástrofe da complexidade em que um organismo é obrigado pelo contexto a elaborar mais informação do que aquela que pode compreender. O sintoma freqüente é a fibrilação, um tremor que precede o colapso do sistema. Podemos dizer que todo o congresso e o governo dos Estados Unidos chegaram a este estado”.

Os automatismos decisórios

Os signos proliferam além da capacidade de recepção atenta, e além da capacidade de decodificação consciente. Os signos não são mais sujeitos a interpretação. Tornaram-se, ao contrário, um oceano no qual se navega através de cadeias de associações. A superestimulação provoca sobre o plano cognitivo um tipo de obscurecimento da atenção, que leva a efeitos de desligamento. O processo de decisão que depende da atenção fica

progressivamente automatizado. Os automatismos tecno-sociais substituem progressivamente a vontade humana no processo da decisão. Caminhamos na direção de uma salutar rendição da vontade. Decidir, escolher, querer, são atividades impossíveis, do ponto de vista do sistema info-cognitivo.

Drogas e tecno-comunicações

Mas a sensibilidade, aquele processo de singularização do mundo experienciado a que chamamos erotismo, como se redefine, como se adequa à superestimulação? Conhecemos duas técnicas de mutação do organismo senciente frente à superestimulação: uma técnica é aquela da intensificação perceptiva (drogas de tipo afentamínico, XTC, aumento da capacidade de elaboração perceptiva da experiência na unidade do tempo); a outra é aquela da redução dos sinais a entrarem, através da proteção do sistema receptivo (drogas de tipo opiáceo, redutoras do afluxo de estímulos e refinadoras da qualidade perceptiva da experiência). Drogas e tecno-comunicação estão em estreita relação; são os dois fatores de alteração da relação mente-mundo. Quando falamos de drogas devemos tomar esta palavra em toda a sua extensão, não reduzida à restrita farmacopéia das substâncias criminalizadas pela lei, mas estendida a todas as substâncias que regulam a relação da sensibilidade com o ambiente. E quando falamos de drogas, nesta altura devemos reconhecer que estamos simplesmente iniciando um discurso sobre a auto-mutação, sobre a mutação auto-administrada a que o organismo consciente/senciente se induz a si mesmo para aprender a elaborar cognitivamente, perceptivamente, emotiva e eroticamente o material informativo-estimulante que recebe.

Com efeito, estamos apenas começando um discurso sobre a mutação genética auto-induzida, que constituirá provavelmente o percurso de readequação do organismo consciente ao hiper-mundo.

Política da mutação

A política da mutação que deveremos provavelmente desenvolver não terá mais nada a ver com a idéia de transformar um mundo que se tornou de todo ingovernável por parte dos agentes humanos (meros fragmentos de um cérebro de um superorganismo intergrado e governado por automatismos bio-maquínicos e tecno-linguísticos), mas serão essencialmente mutações genéticas e perceptivas auto-induzidas, próteses químicas e neuro-físicas que gerarão o organismo capaz de elaborar material informativo e perceptivo que não pode mais ser nem elaborado nem possuído na esfera do humano. O pós-humano não é um dado, mas um projeto no qual já estamos trabalhando, sem saber o quanto conscientemente.

Tradução de Ricardo Rosas

Fonte: Revista Derive Approdi (www.deriveapprodi.org/rivista/).

CONSCIÊNCIA QUÂNTICA

David H. Freedman



Nada na ciência é tão misterioso quanto a Mecânica Quântica - exceto, talvez, os mecanismos da mente. Agora, o gênio em vários campos, Roger Penrose diz que os dois estão intimamente conectados. Numa pequena sala de aulas no Estado de Pensilvânia, o matemático de Oxford e físico Roger Penrose dá uma palestra a uma pequena multidão de pessoas se acotovelando, formada de colegas e estudantes. O professor de fala mansa, com 62 anos de idade é um dos especialistas mundiais em Relatividade Geral e Mecânica Quântica, as duas complexas teorias que explicam tudo o que ocorre em nosso universo. Entretanto, sua palestra de hoje, parece estar ligada a um pequeno pacote de tubos, que ele rapidamente desenhou de maneira esquemática na lousa. O pacote poderia ser uma entre dúzias de entidades exóticas provenientes do reservatório de objetos matemáticos e físicos de Penrose: 'superenoveladores', 'buracos de minhocas' e 'mundos

tubulares' - todas curiosidades do espaço-tempo a que a audiência já está acostumada a ouvir e conhecer.

Entretanto, esse pacote em particular acaba tornando-se pouco familiar para seus ouvintes, embora seja de fato muito, mas muito mais mundano. É um arranjo de estruturas protéicas encontradas em todas as células vivas. De acordo com Penrose, essas estruturas poderiam desempenhar um papel muito especial no universo: seriam as responsáveis pela capacitação do cérebro, que afinal das contas nada mais representa do que um acúmulo do mesmo tipo de materiais que compõem as rochas e as estrelas, em gerar a mente, aquela entidade intangível, ilimitada que nos fornece aquela voz interna, imaginação, emoções, pensamento e o nosso sentido de ser.

Embora o assunto possa parecer estar afastado do campo de interesses deste grupo de pessoas, Penrose o coloca de maneira soberba dentro da perspectiva do grupo. A busca pelas leis últimas da natureza conduziu os físicos a locais tão maravilhosos quanto o interior de gigantescos buracos negros e nas inimagináveis pequenas ilhotas de matéria que são conjuradas dentro de aceleradores de partículas. Penrose afirma que a pista finalmente se aproxima do alvo, passando diretamente através de cerca de quilo e meio de uma gelatina acinzentada que está vibrando dentro das nossas cabeças. Para compreender a mente, diz ele, você necessita da nova física e, paradoxalmente, a descoberta dessa nova física poderá muito bem depender de novos conceitos sobre a mente.

Penrose primeiro discutiu a possibilidade de uma profunda, embora vaga, conexão entre a mente e a física em seu surpreendente best-seller de 1989, 'The Emperor New Mind' (A Nova Mente do Imperador). Naquele livro ele sugeriu que a mente seria criada por algum fenômeno mecânico-quântico misterioso que ocorreria dentro das células do cérebro.

Desafortunadamente, as células do cérebro parecem ser um local pouco

provável para as peripécias quânticas. O estranho comportamento quântico, já bastante bem conhecido, parece ocorrer exclusivamente em partículas subatômicas isoladas, e facilmente se mascara em massas extensas e apinhadas de átomos, tais como existem na matéria em geral. Naquela época, Penrose foi incapaz de fornecer qualquer sugestão ou pista sobre como tal conflito poderia ser resolvido. Mas durante o ano passado (1993) ele descobriu uma maneira. Penrose pode agora apontar para um componente específico das células cerebrais que parece constituir um canal ideal para os fenômenos da mecânica quântica. Esse componente, conhecido como microtúbulo, é o indicado por Penrose para ser a raiz física da consciência.

Surpreendentemente, a inspiração de Penrose sobre os microtúbulos não foi desencadeada por um artigo publicado num dos jornais de ponta da neurociência, mas através de um encontro fortuito com um livre-pensador de Tucson, Arizona, um anestesista chamado Stuart Hameroff. Embora o folclórico e obscuro Hameroff e o reservado mas reconhecido Penrose formem uma dupla pouco provável, a parceria produziu aquilo que poderá ser a teoria mais explícita da base física da consciência até hoje apresentada, uma teoria que, se comprovada, poderia causar um terremoto em campos tão diversos quanto a física, biologia, ciências da computação e filosofia.

Penrose se auto-descreve como um 'bisbilhoteiro'. Diz que é uma característica que adquiriu de seu pai, um médico que ativamente tinha interesses em psicologia, filosofia e enigmas matemáticos. Incapaz ou não, desejando manter sua mente focalizada naquilo que as outras pessoas poderiam considerar como material mais do que suficiente para perseguir numa única carreira, Penrose continuou a colecionar novas especializações durante as últimas décadas. Depois de receber o seu Ph. D. em Matemática da Universidade de Cambridge em 1957, ele rapidamente passou pelas

ciências da computação, moveu-se para a física e focalizou seu interesse na mecânica quântica, depois na relatividade geral durante algumas incursões em Princeton e Syracuse, antes de fechar contrato em Oxford.

Ao longo desse processo, Penrose começou a pensar sobre a mente. De forma particular, se perguntava se seria possível ou não programar um computador de forma que este viesse a adquirir algo que se aproximasse de uma consciência. Os pesquisadores de inteligência artificial já criaram programas que parecem capturar pelo menos um 'sabor' de todas as atividades inconscientes, incluindo o trabalho dos cinco sentidos, controle muscular e instintos. Tais programas permitem com que robôs encontrem e escolham blocos, que computadores respondam a perguntas sobre conserto de automóveis e criaturas de 'vida artificial' que se parecem com desenhos animados, encontrem seus companheiros para procriação, encontrem alimento e 'vivam' suas vidas numa tela de vídeo. Entretanto, os pesquisadores não dispõem de nenhuma pista de como fazer com que um computador venha a confirmar intuitivamente a verdade de algum argumento sutil ou ver o humor numa piada, sentir o impacto emocional da música, criar filosofias sobre o sentido da vida ou venham com soluções contra-intuitivas para problemas não-familiares. Resumidamente, eles não têm a menor idéia de como investir os computadores com aqueles aspectos da mente que parecem ser claramente conscientes, que permitiram com que Descartes declarasse: 'Cogito, ergo sum'.

Mas por que tais processos são tão sutis? Poderia ser que, como a maioria dos pesquisadores de inteligência artificial afirma, que a sua simulação em um computador exigiria programas muito mais complexos do que qualquer um até agora idealizado. Mas Penrose acha que essa explicação não é suficiente. De um lado, a pesquisa sugere que a maioria das células do cérebro parece estar preocupada com tarefas inconscientes tais como o processamento e armazenamento de imagens e em controlar os músculos e

que apenas porções relativamente pequenas do cérebro estão dedicadas ao tipo de tarefas que associamos com o pensamento consciente. Tais evidências vão contra a noção de que a consciência emerge de uma versão mais complexa do mesmo tipo de processos cerebrais que dão origem ao pensamento inconsciente; se assim fosse, poderíamos esperar que esta ficasse com a parte do leão da substância cerebral.

Além disso, se a consciência nada mais fosse do que um programa - mesmo que horrendamente complexo - por que então os pesquisadores da vida artificial ou os neurocientistas não obtiveram ainda sequer um único insight sobre a sua natureza? A razão é, concluiu Penrose, que a 'qualidade da compreensão e sentimento possuídos pelos seres humanos não é algo que possa ser simulado computacionalmente'; ou seja, não pode ser quebrada numa série de passos, como um tipo de receita, que quando executada por um computador, iria resultar numa imitação aceitável da coisa real.

A noção de processos não-computáveis não é desconhecida aos matemáticos e cientistas da computação. Um exemplo particularmente bem conhecido e impressionante deste processo nos é fornecido pela matemática dos arranjos de formas ('tilling') que se preocupa com as maneiras nas quais diferentes conjuntos de formas planas, ou 'azulejos', podem ou não ser arranjados de forma a recobrirem uma superfície plana infinita sem deixar vazios. Que certas formas, tais como quadrados ou triângulos ou hexágonos são capazes de fazer isso é algo quase intuitivamente óbvio. Curiosamente, os matemáticos provaram que é impossível planejar um programa de computador - um conjunto de regras gerais - que possa prever se mosaicos de uma dada forma básica podem cobrir completamente um plano. (O próprio Penrose explorou este problema e, de suas investigações, descobriu um par de 'azulejos' de forma hexagonal que podiam cobrir completamente uma superfície, mas apenas numa variedade infinita de padrões que nunca se repetiam.)

Se a questão de que certos 'azulejos' podem recobrir um piso não é computável, então a tarefa de avaliar a beleza de um objeto assim como alguma outra tarefa da consciência não seria igualmente não-computável? Penrose tem certeza que sim. Mas se a consciência não é computável, então qualquer que seja o processo no cérebro que dá origem à consciência também deverá ser não-computável. Essa conclusão tem uma implicação perturbadora e inevitável: presumivelmente, tudo o que acontece no cérebro obedece as leis da física e, se quisermos manter a religião e metafísica fora do jogo, todas as leis conhecidas da física são computáveis. De acordo com essas leis, todo processo físico no universo, de colisões atômicas a colisões galácticas, podem ser simulados sem erro num computador, pelo menos em princípio. Se este é o caso, Penrose decidiu que o cérebro deveria incorporar um processo físico que simplesmente não estava debaixo das leis conhecidas da física. A consciência, concluiu, estava fundamentada numa nova física, ou seja, em leis que ainda não foram descobertas ou formuladas. Mais ainda, pensou que sabia onde deveria procurar por elas: no mundo subterrâneo e exótico da mecânica quântica.

A mecânica quântica é uma teoria teimosamente estranha. Entre outras coisas, nos diz que um elétron ou qualquer outro habitante do mundo subatômico tende a existir numa multiplicidade de estados simultaneamente: está aqui e ali simultaneamente, movendo-se depressa e devagar, girando numa direção e noutra. Mas, no momento em que o elétron interage com a matéria ou energia ordinárias, quando se choca com as moléculas em um detector, por exemplo, ou é bombardeado por um raio de luz, a perturbação de alguma maneira faz com que o elétron 'escolha' um único estado. Neste ponto ele passa a se comportar como se esperaria que uma minúscula bola de bilhar atuasse. As bolas de bilhar reais nunca exibem personalidades múltiplas porque a estranheza da mecânica quântica geralmente fica aparente somente se os objetos têm o tamanho aproximado de um átomo ou ainda menores, e que se encontrem em

ambientes 'quietos', isolados da agitação casual das outras partículas e forças.

Cada medida já feita apoia esta imagem bizarra, de forma que a física a considera como se fosse um evangelho. Ainda assim, não existe uma explicação amplamente aceita de como uma partícula escolhe um único estado quando é perturbada. No que se refere aos cientistas, simplesmente escolhe. Logicamente, eles não se queixariam se uma boa teoria viesse a aparecer, mas provavelmente, qualquer explicação deste tipo também viria a exigir uma mudança fundamental em nossa compreensão da mecânica quântica, assim como a teoria geral da relatividade de Einstein necessitou de uma modificação fundamental da nossa compreensão da gravitação. E mesmo uma pequena modificação seria um desenvolvimento chocante para uma teoria que suportou tantos testes rigorosos.

Penrose sempre sentiu-se pouco confortável com esse hiato na visão de mundo da mecânica quântica e desde há tempo tem discutido que a teoria deve ser modificada para poder explicar com precisão o processo de escolha de um estado único. Mas, ao pensar sobre a necessidade de um processo físico não-computável no cérebro, lhe ocorreu que poderia senão matar, pelo menos dar uma raspada em dois pássaros com a mesma pedra. E se o processo de escolher quantum-mecanicamente fosse não-computável? Então este seria um candidato viável para representar o processo físico que dá origem à consciência. 'Algumas vezes', diz ele, 'o bisbilhotar se junta sem nenhuma razão aparente'.

De acordo com a neurociência convencional, o cérebro processa informações através do padrão de impulsos elétricos que as células nervosas do cérebro, ou neurônios, trocam umas com as outras. Talvez, se perguntou Penrose, esses sinais se iniciem numa mistura quantum-mecânica caótica de estados que permitem a existência simultânea de incontáveis padrões

diferentes ao mesmo tempo; desta mistura quântico-mecânica, um padrão torna-se capaz de realizar a tarefa solicitada - ele 'se liga' e é este padrão que se torna um pensamento consciente.

Penrose não explica exatamente como é que o cérebro sabe quando uma solução é a 'certa'. Logicamente ele não sabe, mas de alguma maneira, no meio do zumbido das atividades inconscientes que sempre estão acontecendo por detrás da cena, ocasionalmente um pensamento, inspiração ou sentimento emerge da generalidade do ruído de fundo e é trazido para a nossa consciência. O porquê deste estado específico ser 'escolhido' em contraposição aos demais, é algo que provavelmente tem relação com algum tipo de concordância existente entre padrões na mente. Além disso, pelo menos por enquanto, ninguém pode falar mais.

Essa escolha quântico-mecânica entre muitos estados é o modelo para a consciência que Penrose apresentou no seu 'A Nova Mente do Imperador'. A argumentação, na realidade, aparece nas últimas páginas do livro; o restante é uma brilhante apresentação e atualização sobre a física, ciências da informação, neurobiologia e outros campos necessários para que haja uma compreensão dos argumentos. O livro criou um turbilhão de opositores oriundos virtualmente de todos os campos que se preocupam com o assunto. Os pesquisadores de inteligência artificial aventaram que o elegante discurso de Penrose sobre a não-computabilidade falhou em fornecer evidências convincentes de que a consciência não é computável. O que importa que a intuição, o insight ou a autoconsciência nos pareçam misteriosas agora? Quarenta e cinco anos atrás, disseram eles, sequer tínhamos computadores e atualmente eles ensinam as crianças a jogar xadrez e jogam até o nível de grande mestre; quem sabe o que os computadores estarão pensando daqui a 45 anos? O que se refere aos físicos, a idéia de modificar a mecânica quântica, simplesmente porque o

processo da escolha de um estado a partir de uma infinidade destes parece ser arbitrário, atrai muitos poucos admiradores.

No início de 1992, Penrose se propôs escrever um livro-sequência que iria fornecer maiores evidências aos seus argumentos. Mas quanto mais progressos fazia, mais sentia-se incomodado por uma pergunta. Como é que os impulsos nervosos, os pacotes de energia elétrica que os neurônios trocam entre si quando disparam, podiam ser quânticos? Os impulsos nervosos estão viajando no meio de um dos ambientes mais ruidosos imagináveis: o cérebro é uma estrutura densa de células que estão em franca atividade elétrica e química e é exatamente este tipo de interação com a matéria e energia ao redor que tende a abafar o comportamento quântico. 'Estava completamente incomodado com a idéia de que o disparo neuronal pudesse ser um evento quântico', diz Penrose. Mas onde mais, além dos impulsos nervosos, a mecânica quântica poderia atuar significativamente no pensamento?

Como estudante na Escola Médica Hahnemann de Philadelphia, no início de 1970, Stuart Hameroff foi cativado pela questão de como as células conseguem realizar o processo de divisão celular. A resposta parecia estar relacionada com aqueles recentemente descobertos componentes celulares chamados de microtúbulos, tubos longos, finos, compostos de proteínas, com cerca de um milionésimo de polegada de diâmetro. Estes filamentos delgados agrupam-se lado a lado para formarem longos feixes, parecendo-se com um maço de canudos de refrescos frouxamente enroscados. Os feixes de microtúbulos, mesmo assim não maiores que um milionésimo de polegada, atravessam toda a célula, formando redes parecendo com malhas. Essas redes de microtúbulos servem como uma espécie de esqueleto para a célula, conferindo estrutura e criando caminhos para o transporte de substâncias químicas no interior das células. Mas, o que é muito intrigante, quando uma célula está para se dividir, os feixes se

dissolvem e em seguida reaparecem em novas configurações que repartem a célula no lugar exato. Comportam-se como guardas de trânsito, direcionando o complexo processo de divisão da célula.

Hameroff também tinha interesse nos mistérios da consciência e inteligência e, quando iniciou o seu internato no Centro Médico de Tucson, começou a pensar em especializar-se em neurologia. Mas um colega anestesista acabou convencendo-o a mudar de rumo ao lhe contar um achado curioso: anestésicos inalantes, tais como éter ou halotano, que podem 'desligar' significativamente a consciência, sem entretanto causar danos ao cérebro, pareciam atuar através de uma deformação temporária dos microtúbulos situados dentro dos neurônios. A molécula de proteína que constitui o microtúbulo possui um tipo de 'bolso' ao longo de seu comprimento; um único elétron pode deslizar para frente e para trás ao longo desta invaginação e a posição do elétron nesta, irá determinar a forma que a proteína irá se configurar e assim a configuração final e função do microtúbulo. As moléculas de um gás anestésico são capazes de imobilizarem o elétron, bloqueando a proteína e tornando inútil o microtúbulo. Embora ninguém saiba precisamente como a forma da proteína resulta em atividades específicas, a teoria parecia sugerir que os microtúbulos estavam diretamente relacionados à consciência.

Hameroff continuou a estudar os microtúbulos depois de ter assumido um emprego na Escola de Medicina da Universidade do Arizona em Tucson, descobrindo, entre outras coisas, que os longos tubos eram extraordinários condutores de vibrações físicas, ou ondas sonoras. Utilizando modelos em computadores para simular o comportamento dos microtúbulos, descobriu que uma vibração introduzida numa das extremidades do tubo era capaz de se propagar ao longo de todo o seu comprimento oco e preenchido de água, sem sofrer qualquer alteração. Mais ainda, que as perturbações ocorrendo nos microtúbulos vizinhos apresentavam uma 'coerência', ou seja, uma

vibração num microtúbulo podia fazer com que um outro microtúbulo vibrasse exatamente da mesma maneira, assim como um diapasão vibrando é capaz de fazer com que um diapasão de mesma ciclagem comece a vibrar, igualmente. Finalmente, um 'tranco' propagando-se ao longo de um único microtúbulo podia ser transmitido a feixes inteiros de microtúbulos que estavam vibrando em sincronia e talvez mesmo, espalhar-se, através das membranas das células, para microtúbulos de células vizinhas.

Hameroff suspeitou que essa propriedade estava relacionada com a função de 'guarda de trânsito' dos microtúbulos: se eles estavam encarregados do comportamento de organização da célula, então eles teriam de se comunicar uns com os outros e para isso, teriam de dispor de um sistema sensível e rápido de sinalização. 'Parecia que os microtúbulos eram ótimos para transmitir sinais', diz Hameroff. Eles eram tão bons nisso que parecia muito pouco provável que uma tão eficiente rede de comunicações não possuísse um propósito mais sofisticado para sua existência. 'Mas para o que mais serviriam esses sinais?', perguntava-se Hameroff.

Uma resposta possível apareceu em 1982, quando Rich Watt, um engenheiro elétrico que trabalhava do outro lado do corredor e que sabia do interesse de Hameroff nos microtúbulos, certo dia entrou na sala de Hameroff e lhe mostrou uma fotografia tirada através de um microscópio eletrônico, perguntando; 'O que é isso?' 'Parece com um microtúbulo', respondeu Hameroff instantaneamente. 'Olhe de novo', disse Watt. A fotografia na realidade era de uma das chaves microeletrônicas que constituem os chips. Hameroff percebeu então que aquilo que estava meio escondido no meio de suas idéias era algum tipo de rede de processamento de informações.

Hameroff gastou a maior parte dos próximos dez anos desenvolvendo uma teoria sobre como essa propriedade de carregamento de informação dos

microtúbulos podia capacitar uma rede destas a funcionar como um computador atuando no interior de uma célula. Tudo o que um chip de computador faz é transportar pulsos elétricos ao redor de uma rede de 'linhas de trem', com pequenos transistores funcionando como pequenas chaves comutadoras. Esta é também a maneira que o cérebro funciona, com os neurônios funcionando como chaves comutadoras. Mas Hameroff suspeitava intensamente que as redes de microtúbulos nas células podiam também atuar no papel de tal campo de manobras, direcionando pulsos vibracionais ao longo de certas trajetórias situadas no interior das células e também entre células; ao se arranjam e estabelecerem interconexões entre eles de forma correta, direcionavam os sinais vibratórios aqui e ali da mesma maneira que fios elétricos direcionavam o fluxo de sinais eletrônicos. Uma vez que uma rede podia existir no interior de uma única célula, no caso uma célula nervosa que por sua vez fazia parte de uma outra rede computacional maior - uma rede de microtúbulos na realidade seria como um computador dentro de um computador maior.

Se a rede de neurônios do cérebro é um computador, por que então seria necessário que cada neurônio individual funcionasse como seu próprio computador? De acordo com Hameroff, a rede neural do cérebro é muito inapropriada para dar conta de tarefas tais como, uma pessoa entrar numa sala e reconhecer instantaneamente cada objeto nela existente.

Embora isto nos pareça bastante ordinário, de fato é quase um feito miraculoso de processamento de informação, nem mesmo uma dúzia dos maiores computadores do mundo sequer seriam capazes de se aproximar em reproduzi-lo. Os neurônios atuando como chaves comutadoras relativamente simples não poderiam possivelmente ser capazes de fornecer este grau de computação, discutia Hameroff. O poder cerebral adicional, afirmava ele, estava à disposição no interior de cada neurônio.

Neste ponto, Hameroff não estava preocupado com a consciência como fenômeno em si. Estava simplesmente impressionado que o cérebro parecia solicitar um poder de computação muito maior do que os neurônios eram capazes de fornecer e que os microtúbulos, sinalizando-se mutuamente através de uma vibração simpática pareciam fornecer um mecanismo adicional plausível.

Quando o cérebro está tentando resolver um problema, de acordo com Hameroff, ele lida com a enorme quantidade de processamento necessário em dois níveis distintos: a nível dos microtúbulos, trocando sinais vibracionais e a nível de neurônios inteiros, trocando sinais eletrônicos. Hameroff propôs vários mecanismos para a interligação entre esses dois sistemas algo dessemelhantes. A sinalização do microtúbulo poderia proporcionar o nível inferior de processamento que irá determinar quando é que os neurônios irão 'disparar' no último estágio de processamento, por exemplo. Ou os dois processos poderiam trabalhar em conjunto, trocando sinais entre si, num diálogo contínuo. Ou então, os microtúbulos poderiam passar os sinais de neurônio a neurônio, em resposta ao disparo neuronal, gerando um esquema para uma sintonia fina dos padrões de disparo, assemelhando-se a um observador que diz aos soldados que estão manejando os canhões como ajustar suas miras depois de cada tiro.

A teoria de Hameroff, inovativa como era, não atraiu muita atenção da corrente de neurociências. Não ajudou em nada que o seu entusiasmo e imaginação fizeram-no sugerir, em suas palestras e artigos, que os microtúbulos podiam ser gerados artificialmente e direcionados a criar 'nanorobots' programados a realizar serviços médicos na corrente sanguínea de pacientes, ou criarem gigantes cérebros artificiais em órbita ao redor da Terra. Enquanto isso, a pesquisa no final dos anos 80, feita por biofísicos começou a produzir pistas intrigantes de que os microtúbulos, devido as suas minúsculas dimensões e forma tubular, apresentavam propriedades

quânticas únicas. Normalmente, qualquer pulso de uma energia vibracional ou outra dentro do cérebro, não poderia existir numa mistura quântica de estados, isto porque toda a matéria e atividade ocorrendo no cérebro iria perturbá-la e fazê-la escolher um único estado instantaneamente.

Mas, de acordo com os cálculos de alguns pesquisadores, um microtúbulo poderia isolar um pulso da balbúrdia restante; este pulso poderia viajar ao longo do microtúbulo totalmente separado do ruído ao seu redor, sem ter de interagir com as moléculas que constituem as paredes do microtúbulo. E enquanto que esse pulso não fosse obrigado a escolher um único estado, estaria livre para explorar simultaneamente qualquer número de padrões possíveis no interior e ao longo dos microtúbulos. (Até mesmo uma travessia em direção a outras células não perturbaria necessariamente este pulso, um diapasão vibrando pode fazer com que um outro diapasão passe a vibrar em sincronia, mesmo se o ambiente ao redor está cheio de ruídos de outros sinais.) Hameroff suspeitou que esse novo aspecto dos microtúbulos poderia abrir ainda outras possibilidades, mas não compreendia o suficiente da mecânica quântica para ser capaz de ver como isto poderia ocorrer.

Então em 1992, ele leu o livro de Penrose. Embora tivesse de lutar em algumas seções que lidavam com a física, compreendeu o suficiente do material para reconhecer que enquanto ele possuía uma teoria da estrutura quântica no cérebro, não dispunha de uma teoria da consciência que se aplicasse a ela e Penrose dispunha de uma teoria de consciência quântica à qual faltava uma estrutura biológica apropriada. 'Imaginei que realmente deveria entrar em contato com ele', relembra Hameroff.

Desde a publicação da 'Mente Nova do Imperador', Penrose recebeu uma grande quantidade de cartas, cuja maior parte ele polidamente caracterizava como 'pouco razoável'. De início, quando começou a ler uma carta enviada por um anestesista de Tucson, não se sentiu particularmente

encorajado. Mas à medida que lia e depois que examinou os artigos que com ela foram enviados, o seu interesse cresceu. 'Algumas coisas que Stuart está disposto a publicar são algo que, diríamos, é, às vezes, exagerado', diz ele. 'Mas mesmo que as idéias soassem como algo de ficção científica, não desejamos jogar o bebê fora, junto com a água do banho. Parecia que havia algo realmente importante ali.'

Hameroff encerrava sua carta informando que estava planejando visitar Londres em sua próxima viagem à Europa. Penrose respondeu: apareça. Num dia chuvoso do Outono de 1992, Penrose encontrou-se com Hameroff na estação de trem em Oxford. Em seu escritório, num pequeno espaço situado no meio daquela espetacular confusão de materiais e livros, suficiente apenas para se acomodar duas cadeiras, os dois sentaram-se ao lado da janela que dava para o jardim. Hameroff respondeu as perguntas de Penrose por mais de duas horas: explicou o que eram os microtúbulos, como estavam configurados no cérebro, as formas com que, parece, se transmitiam os sinais. Os dois discutiram cálculos mostrando que as propriedades isolantes dos microtúbulos poderiam permitir com que pulsos vibratórios quânticos pudessem explorar caminhos múltiplos. Enquanto ouvia, Penrose sentiu que as suas preocupações concernentes a Hameroff lentamente se evaporavam. 'Pessoalmente, Stuart era muito mais cuidadoso para indicar quais das idéias se situavam num campo mais selvagem e quais não, do que quando as publicava'. 'Geralmente acontece o contrário com a maioria dos pesquisadores.'

Embora Penrose parecesse completamente intrigado com os microtúbulos, Hameroff se perguntava, depois de ter sido conduzido de volta à estação de trem, se Penrose poderia fazer algo com a idéia. 'Me parecia que era como um tiro à distância', diz Hameroff. Foi depois de duas semanas que ele soube que Penrose havia anunciado a uma audiência - alguns dias depois de

terem se encontrado - que graças a Hameroff, ele finalmente havia encontrado um local plausível para localizar as raízes da consciência.

Mesmo modificada para incluir as idéias de Hameroff, a teoria de Penrose está longe de ser considerada como comprovada. Ainda é vaga em muitos pontos cruciais: por exemplo, Hameroff ainda está lutando para determinar como é que os pensamentos são representados por padrões de sinalização nos microtúbulos e como esses padrões disparam, suplementam ou modificam os disparos dos impulsos nervosos. E Penrose não parece estar próximo de dizer precisamente como é que uma mistura quântica de padrões acaba 'escolhendo' uma alternativa. É lógico, a teoria poderia simplesmente estar totalmente errada. 'Existem muitos lugares em que poderíamos ter tomado a direção errada', concorda Penrose.

Não existem ainda evidências comprovadas de que a mente está baseada num processo não-computacional, por exemplo, ou mesmo que tal processo exista na mecânica quântica ou em qualquer outro lugar na física. Essencialmente, o que ele sabe é que o cérebro, ao criar a mente, parece estar fazendo algo não-computável e que o mecanismo situado por detrás da 'escolha' quântica é tão sugestivamente incompleto que poderia muito bem envolver processos não computáveis, e aqui existe um belo entrelaçamento entre os dois, que parece convergir nos microtúbulos.

Mas ele tem idéias para confirmar, pelo menos, partes de sua teoria. Sua afirmação de que existe um hiato na teoria quântica, porque esta não consegue explicar o processo de escolha de um único estado, seria tremendamente reforçada se pudesse fazer uma previsão sobre o processo que não pudesse ser extraída da teoria corrente. Se a teoria atual estivesse completa, seria capaz de fornecer, pelo menos em princípio, todas as previsões que podem ser feitas. SE podemos fazer uma previsão que não vem da teoria, então a teoria está incompleta. Penrose e outros físicos

acreditam que uma tal previsão é possível de ser feita. Eles propuseram um acréscimo à mecânica quântica que iria descrever quanto tempo, na média, perduraria uma dada partícula num dado ambiente de misturas de estados quânticos, antes que viesse a escolher um estado único - uma questão sobre a qual a teoria convencional não fala. 'Acredito que esses tempos poderiam ser medidos', diz ele. 'Estou falando aos experimentalistas sobre essa possibilidade'.

Hameroff, por sua vez, está tentando criar um esquema para determinar experimentalmente como é que os microtúbulos processam os padrões de sinais. Para fazer isso ele está planejando um aparelho dotado de duas pinças microscópicas: uma iria produzir um pequeno choque elétrico em certos pontos numa rede de microtúbulos; a outra detetaria quaisquer choques elétricos que emergissem num outro ponto. Ao determinar onde emergem os choques elétricos isto poderia oferecer alguma indicação de como os microtúbulos se interconectam e dirigem o fluxo de sinais, e também como esses arranjos modificam-se com o tempo. Finalmente, Hameroff gostaria de determinar como é que os padrões de sinais dos microtúbulos representam a informação, à semelhança da maneira como um chip de computador representa a informação, com longas série de 1 e 0. 'Se pudermos decodificar os padrões', diz ele, 'poderemos ser capazes de conectar os microtúbulos a um computador e trocar informação de ida e volta'.

Mas mesmo na ausência de evidências experimentais, Penrose tem um sentimento sobre a teoria. 'É a velha discussão sobre Sherlock Holmes', diz ele. 'Depois que você eliminou o impossível, aquilo que permanece, por mais improvável que seja, é a verdade. Estou com 90 por cento de certeza de que essas idéias são basicamente corretas.' Depois de algum momento, acrescenta, 'Bem, tenho 80 por cento de certeza. O argumento de Sherlock Holmes pode ser perigoso'.

O modelo de consciência quântica, na forma de um presente extra esquisito, poderia em princípio, conduzir o caminho em direção a uma nova teoria da física que poderia solucionar um buraco sério (de partes) da mecânica quântica. Penrose acredita que tal teoria virá à luz mais cedo ou mais tarde, esteja ele certo ou não com respeito à consciência, mas poderia acontecer mais cedo, se o modelo vier a se provar correto.

Que grande piada a natureza teria feito em nós, se todo o pensamento que foi colocado na descoberta das leis últimas do universo viesse a revelar que uma das maiores pistas estava entremeadada o tempo todo no próprio tecido do pensamento...

Tradução do Instituto Nokhooja

Artigo publicado na revista Discover, junho de 1994, pp. 89-98.

Fonte: Instituto Nokhooja (www.nokhooja.com.br).

Link: Revista Discover (www.discover.com).

DELEUZE, ESQUIZOANALISTA

Suely Rolnik

No relato de um pequeno episódio, toma vulto a figura inesperada de um Deleuze esquizoanalista. Através de certas ressonâncias deste episódio na subjetividade, o leitor poderá acompanhar alguns meandros de um trabalho com o desejo que se orienta especialmente pela cartografia conceitual deleuziana.

Primeira cena: 1973. Começa uma amizade com Deleuze, cujos seminários venho acompanhando há mais de dois anos. Ele vive dizendo que meu esquizoanalista é ele e não Guattari (com quem efetivamente faço análise), e insiste que trabalheemos juntos. Um dia, me traz de presente um LP com a ópera Lulu, de Alban Berg, e sugere um tema: comparar o grito de morte de Lulu, personagem principal desta ópera, ao de Maria, personagem de Wozzeck, outra ópera do mesmo compositor.

Misturando a Lulu de Berg com a de Pabst (o belíssimo filme com Louise Brooks baseado nesta ópera), sua imagem é a de uma mulher exuberante e sedutora que se envolve com uma significativa diversidade de mundos, numa vida inteiramente experimental. Num período de miséria decorrente de algum episódio em que sua vitalidade sofre o impacto de forças reativas, Lulu sai às ruas para fazer algum dinheiro, em pleno frio de uma noite de natal. No anonimato do michê, ela acaba encontrando nada mais nada menos do que Jack o Estripador, que evidentemente irá matá-la. No momento em que antevê a morte refletida no facão que o assassino aponta contra ela, Lulu solta um grito dilacerante. O timbre de sua voz tem uma estranha força que fascina Jack a ponto dele quase desistir do crime. Também nós somos atingidos por esta força: sentimos vibrar em nosso corpo a dor de uma vigorosa vida que se recusa a morrer.

Já a outra mulher, Maria, é a cinzenta esposa de um soldado qualquer. Seu grito de morte é quase inaudível; confunde-se com a paisagem sonora. O timbre de sua voz nos transmite a pálida dor de uma vida insossa, como se morrer fosse igual a viver.

O grito de Lulu nos vitaliza, apesar e por causa da intensidade de sua dor. Já o grito de Maria, nos arrasta para a melancolia e nos dá vontade de morrer.

Segunda cena: 1978. Uma aula particular de canto, que venho fazendo com duas amigas, aos sábados à tarde, já há algum tempo. A professora é Tamia, cantora que pesquisa música contemporânea improvisada, vertente muito ativa no momento. Neste dia, para nossa surpresa, ela pede que cada uma de nós escolha uma canção e nos faz trabalhar com isso durante toda a aula.

A canção que me ocorre é uma entre as tantas do Tropicalismo - versões musicais do intenso movimento criador que vivíamos no Brasil nos anos sessenta, cuja interrupção brutal pela ditadura fora indiretamente responsável por meu exílio em Paris: «cantar como um passarinho de manhã cedinho... abre as asas passarinho que eu quero voar... me leva prá janela da menina, na beira do rio...». É Gal quem canta, com aquele timbre suave que explora em algumas de suas interpretações e que tem o dom de aconchegar o ouvinte.

À medida que vou cantando, uma vibração semelhante toma conta de minha própria voz, cada vez mais firme e cristalina. Sou tomada por um estranhamento: primeiro, a sensação de que este timbre me pertence desde sempre, e que apesar de silenciado por tanto tempo, é como se eu nunca tivesse deixado de expressá-lo; depois, porque à medida que flui, sua vibração apesar de tão suave parece perfurar meu corpo, que de repente se

mostra como que petrificado. Sinto o branco da jardineira e da camiseta que estou vestindo como uma pele/gesso compacta envolvendo meu corpo; e mais, esta espécie de carapaça parece estar ali há muito tempo, sem que eu jamais tivesse me dado conta. O curioso é que o endurecimento do corpo revela-se no momento mesmo em que o filete de voz o perfura, como se de algum modo voz e pele estivessem imbricados. Terá o corpo enrijecido junto com o desaparecimento do timbre? Seja como for, o gesso tornara-se agora um estôrvo, do qual tinha que me livrar o mais rápido possível.

Neste instante decido voltar ao Brasil. E no entanto, objetivamente, nada em minha vida em Paris teria me levado a tomar tal decisão - gostava de viver lá, tinha um círculo de amizades que conservo até hoje, trabalhava com psicóticos e dava aulas de análise institucional, como eu queria, tanto que nunca tinha pensado em ir embora e muito menos feito qualquer plano nesta direção. Mas voltei, e nunca duvidei do acerto de minha decisão.

Levei alguns anos para entender o que havia acontecido naquela aula de canto, e outros tantos para perceber que aquilo podia ter uma relação com o trabalho que me havia proposto Deleuze muito tempo antes.

O que o canto anunciava em meu corpo naquela tarde de sábado, é que a ferida no desejo causada pela ditadura cicatrizara o bastante para me permitir voltar ao Brasil se eu quisesse.

Entendamo-nos sobre a palavra "desejo": atração que nos leva em direção a certos universos e repulsa que nos afasta de outros, sem que saibamos exatamente porquê; formas de expressão que criamos para dar corpo aos estados sensíveis que tais conexões e desconexões vão produzindo na subjetividade. Pois bem, regimes totalitários não incidem apenas no concreto, mas também nesta invisível realidade do desejo: seus

movimentos tendem a bloquear-se; proliferam políticas microfascistas. Violência invisível, mas não menos implacável.

Do ponto de vista micropolítico, regimes deste tipo costumam instaurar-se na vida de uma sociedade quando multiplicam-se mais do que habitualmente as conexões com novos universos na alquimia geral das subjetividades, provocando verdadeiras convulsões. São momentos privilegiados em que se intensifica o movimento de criação individual e coletiva, mas que também incubam o perigo de desencadear microfascismos, se um determinado limiar de desestabilização for ultrapassado. É que quando a barreira de uma certa estabilidade é rompida, corre-se o risco de subjetividades mais toscas, arraigadas ao senso-comum, vislumbrarem aí o perigo de uma desagregação irreversível e entrarem em pânico. Por se pensarem constituídas de uma vez por todas, subjetividades deste tipo não entendem que tais rupturas são inerentes à produção de seus contornos, os quais estão sempre se redelineando em função de novas conexões. A reação mais imediata é interpretá-las como a encarnação do mal e atribuí-lo, para se proteger, a características dos universos desconhecidos que se introduziram em sua paisagem existencial. A solução é fácil de deduzir: eliminar estes universos, na figura de seus portadores. Isto pode ir desde a pura e simples desqualificação deste inconveniente outro até sua eliminação física. Espera-se com isso apaziguar, pelo menos por um tempo, o mal-estar que o advento de diferenças instaura.

Quando este tipo de política do desejo prolifera, forma-se um terreno fértil para o aparecimento de lideranças que a encarnem e lhe sirvam de suporte: são os regimes totalitários de toda espécie. Embora microfascismos não se produzam apenas nestes regimes, neles tais políticas são a principal base no âmbito da subjetividade. Tudo aquilo que diferir do senso-comum passa a ser considerado erro, irresponsabilidade, ou pior, traição. Como o senso-comum confunde-se com a própria idéia de nação, diferir dele é trair

a Pátria. Mais aterrador ainda é quando senso-comum e nação confundidos, são identificados aos ideais que norteiam uma ditadura militar: é a vez dos "ame-o ou deixe-o" em diferentes versões.

São estes os momentos de triunfo do senso-comum sobre as forças da criação. O gesto criador intimida-se e se retrai, associado que fica ao perigo de punição que pode tanto incidir sobre a imagem social, estigmatizando-a, quanto sobre o próprio corpo, através de prisão, tortura e até morte. Humilhada e desautorizada, a dinâmica criadora do desejo paraliza-se sob o domínio da culpa e do medo; esta parada que se dá na verdade em nome da preservação da vida, pode chegar a uma quase morte. O trauma de experiências deste tipo deixa a marca venenosa de um desgosto de viver; uma ferida que pode vir a contaminar tudo, brecando grande parte dos movimentos de conexão e invenção.

Uma das estratégias usadas para se proteger deste veneno consiste em anestesiar no circuito afetivo as marcas do trauma. Estas são então isoladas sob o manto do esquecimento, evitando assim que seu veneno venha a contaminar o resto, de modo que se consiga continuar vivendo. Mas a síndrome do esquecimento tende a abarcar muito mais do que as marcas do trauma, já que o circuito afetivo não é um mapa fixo, mas uma cartografia que se faz e se refaz permanentemente podendo cada ponto se vincular com qualquer outro e a qualquer momento. É então grande parte da vibratibilidade do corpo que acaba ficando anestesiada, o que tem como um de seus efeitos mais nefastos separar a fala dos estados sensíveis.

O exílio em Paris teve este sentido de me proteger do abalo sísmico que a experiência da ditadura e da prisão tinham me causado; proteger-me fisicamente pelo deslocamento geográfico, mas também e sobretudo subjetivamente pelo deslocamento de língua. Desinvesti por completo o português, e com ele as marcas venenosas do medo de sofrer que

inviabilizam os movimentos do desejo. Para evitar qualquer contato com a língua, eu evi-tava inclusive qualquer contato com brasileiros; instalei-me no francês como língua adotiva, sem sotaque algum, como se aquela fosse minha língua de origem, a ponto de muitas vezes não me perceberem como estrangeira. A língua francesa passou a funcionar como uma espécie de gesso que con-tinha e tornava coeso um corpo afetivo agonizante; um acolhedor escondido de pedaços feridos de meu próprio corpo que me eram intoleráveis, o qual me permitia fazer novas conexões e reexperimentar certos afetos que haviam se tornado perigosos em minha própria língua.

Naquela aula de canto, nove anos depois de minha chegada em Paris, algo em mim soube sem que eu ainda me desse conta, que o envenenamento estava em parte curado, pelo menos o suficiente para não haver mais perigo de contaminação. O timbre suave de um gosto de viver reemergia e me trazia de volta, já sem tanto medo. Mas afinal o que se passou naquele dia?

O gesso que até então tinha sido a condição de minha sobrevivência, a ponto de con-fundir-se com minha própria pele, perde o sentido a partir do momento em que o timbre suave e amoroso recupera o direito de e-xistir. O que fora um remédio para o molejo machucado do desejo passa a ter o efeito paradoxal de limitar seus movimentos. É provavelmente isso o que fez com que naquela aula acontecesse tudo de uma vez só - o reaparecimento do timbre, a descoberta da dura cara-paça e o incômodo que ela começa a me causar. O gesso feito de língua francesa que funcionara como ter-ritório através do qual minha vida pôde expandir-se num certo período, como toda estratégia defensiva, produziu igualmente um efeito colateral de restrição. Mas esta restrição só pôde ser problematizada quando a defesa tornara-se desnecessária: as inúmeras conexões que eu já havia feito na língua adotiva tinham reativado a

dinâmica experimental do desejo. Eu estava curada, não da dor causada pela violência do trauma, pois esta é incurável, mas de seus efeitos doentios. É no canto, reserva de memória dos afetos, que se expressou a metabolização dos efeitos do trauma e, junto com isso, a dissolução da síndrome do esquecimento que eu desenvolvera como reação defensiva.

E o que isto tem a ver com a Lulu de Deleuze? Chego em Paris, trazendo em meu corpo marcado pelo Brasil da ditadura, uma espécie de falência do desejo arrastando uma igual falência da vontade de viver. Ouvir Deleuze em seus seminários, tinha o misterioso poder de me tirar deste estado. Algo que não passava necessariamente pelo conteúdo de sua fala, pois no começo eu mal sabia francês, mas sim por seu estilo, especialmente a voz. Seu timbre transmitia a riqueza de estados sensíveis que pareciam povoar seu corpo; suas palavras e o ritmo de seus encadeamentos pareciam emergir desta riqueza, delicadamente esculpidos pelos movimentos do desejo. Esta transmissão contagiava qualquer um que ouvisse.

Um pouco mais tarde, Deleuze me propõe pesquisar os gritos de morte daquelas duas mulheres. A estranha força que o grito de Lulu transmite é o de uma violenta reação à morte. É isto que o ouvinte sente vibrar em seu corpo e que tem por efeito vitalizá-lo, apesar e por causa da intensidade de sua dor. Já a melancolia que transmite o grito de Maria, é o de uma entrega à morte sem resistência. É isto que promove uma vontade de morrer em quem o ouve. Na comparação destes gritos, aparecem diferenças de graus de afirmação da vida, mesmo e sobretudo diante da morte. É o aprendizado de que até nas situações as mais adversas é possível resistir ao massacre do desejo em sua potência criadora e continuar querendo conexões. Os gritos de Maria e Lulu associados transmitem este aprendizado ao ouvinte e o contagiam.

Não pude pensar nada disso quando Deleuze me sugeriu este trabalho. Talvez porque sua figura me intimidasse, apesar de nada nele justificar qualquer atitude de reverência; mas mais provavelmente porque a ferida era recente demais para que eu abrisse mão da estratégia defensiva que havia armado como proteção contra o envenenamento causado pelo trauma da ditadura militar. No entanto, a direção que Deleuze me apontou com Lulu e Maria instalou-se em meu corpo e foi trabalhando em silêncio, reativando os movimentos do desejo, viabilizando conexões e autorizando a criação. Quando cantei como um passarinho tropicalista, tornou-se audível que silenciara em minha voz o timbre mortífero de Maria diante do perigo de morte, e em seu lugar o timbre de Lulu voltava a soar. Eu já podia reconectar-me com meu corpo, falar através do canto de seus estados sensíveis, reintegrar na voz, o canto e a fala. Deleuze de fato havia sido meu esquizoanalista, ao lançar através do timbre de um grito no canto, a possibilidade de um efeito analítico, ainda que esta possibilidade tenha vingado muitos anos depois.

Alguns meses após a morte de Guattari, escrevi a Deleuze evocando os tempos em que ele se dizia meu esquizoanalista e contando onde aquilo tinha ido desembocar. Como sempre, sua resposta foi de uma densa e generosa simplicidade, própria de uma fala onde não faltam nem sobram palavras. Numa carta de junho de 94, ele me escrevia: «Nunca perca sua graça, quer dizer, os poderes de uma canção».

Ele queria de certo dizer que é sempre possível reerguer o desejo de suas falências e recolocá-lo em movimento, ressuscitando a vontade de viver; isto depende prioritariamente dos agenciamentos que se faz. Oportunidades deste tipo encontram-se onde menos se espera, como é o caso de uma canção popular, geralmente desqualificada na hierarquia oficial dos valores culturais. Para detectá-las é preciso desinvestir este tipo de avaliação a priori e afinar a escuta para os afetos que cada encontro

mobiliza como critério privilegiado na condução de nossas escolhas. Não será a graça exatamente a capacidade de deixar-se contaminar por este misterioso poder de regeneração da força vital, esteja ele onde estiver?

A descrição das duas cenas, sua ligação e a problematização de seus efeitos são a narrativa de um trabalho com o desejo que inclui partículas de Deleuze. Embora Deleuze esteja pessoalmente presente no relato, estas e outras partículas com potencial analítico transcendem evidentemente sua pessoa e sua morte. Elas pertencem ao seu pensamento e podem ser pinçadas em sua dispersão por toda sua obra, seus solos e também seus duos com Guattari.

Fonte: Página de Suely Rolnik (<http://caosmose.net/suelyrolnik>).

DROGAS ILÍCITAS E GLOBALIZAÇÃO

A proibição causa a maioria dos danos associados às drogas

Maria Lúcia Karam

Ex-Juíza Auditora da Justiça Militar Federal

18 de maio de 2003

Nota do Editor (Narconews): O texto a seguir foi o discurso dado pela Juíza Maria Lúcia Karam na última sexta feira no Fórum que ocorreu no Rio de Janeiro: "Democracia, direitos humanos, guerra e narcocontráfico".

.....

A política proibicionista e a ampliação do poder do estado de punir

A globalizada opção política pelo proibicionismo faz recair o processo de criminalização sobre condutas relacionadas à produção, à distribuição e ao consumo de algumas substâncias psicoativas (como a maconha, a cocaína, a heroína, etc.), que, artificialmente diferenciadas de outras daquelas substâncias (como o álcool, o tabaco, a cafeína, etc.), recebem a qualificação de drogas ilícitas.

É neste tema onde, hoje, mais fortemente atua a enganosa publicidade que consegue anunciar e vender o sistema penal como um produto-serviço destinado a fornecer proteção e segurança, fazendo de tal instrumento, que, na realidade, é um estimulante de situações negativas e criador de maiores e mais graves conflitos, o centro de uma política supostamente

destinada a conter uma exageradamente temida circulação daquelas substâncias tornadas ilícitas.

Esta política proibicionista acaba por ensejar uma perigosa intensificação do controle do Estado sobre a generalidade dos indivíduos, deixando entrever, nas formações sociais do capitalismo pós-industrial e globalizado, uma face máxima, vigilante e onipresente do Estado mínimo das pregações neoliberais.

Valendo-se do mistério e da fantasia que cercam as substâncias tornadas ilícitas, do superdimensionamento das eventuais repercussões negativas da disseminação de suas oferta e demanda, de apressadas ou falsas informações, de palavras ocas, de significado desvirtuado ou indefinido, da idéia de um “mal universal”, o Estado máximo, vigilante e onipresente atende, com as drogas qualificadas de ilícitas, à necessidade pós-moderna de criação de novos inimigos e fantasmas.

Como na Europa dos séculos XIII a XVIII, em que práticas legislativas e judiciárias de exceção e detalhados códigos permitiram a identificação e a estigmatização da bruxaria e da heresia, análoga fantasia reaviva-se na chamada pós-modernidade, para fazer de uma repressão mais rigorosa e vendida como mais eficaz, de legislações excepcionais, do abandono de princípios de um Direito minimamente garantidor, a marca das medidas penais, nas quais se centra a dominante política anunciadamente destinada a controlar a produção, a distribuição e o consumo daquelas drogas que, normativamente diferenciadas, são qualificadas de ilícitas.

A repressão às drogas qualificadas de ilícitas e a uma suposta, indefinida e indefinível “criminalidade organizada” a elas pretensamente relacionada tem sido, notadamente a partir da década de 1990, o principal pretexto para uma crescente produção de leis, que, no Brasil, como em outros países, muito se assemelham às legislações excepcionais criadas para a repressão política das ditaduras.

A legislação de exceção consagra o apelo a meios de busca de prova – como a quebra do sigilo de dados pessoais, a interceptação de comunicações telefônicas, a observação à distância, a infiltração de agentes policiais –, cuja verdadeira eficácia não é, como se anuncia, uma suposta viabilização de um controle mais eficaz da criminalidade, mas sim uma maior intervenção sobre a intimidade e a liberdade de todos os cidadãos. Ao lado destes meios invasivos do indivíduo, premia-se a delação, rompendo-se com o necessário conteúdo ético que há de orientar o processo penal ou qualquer outra atividade estatal em um Estado Democrático de Direito. O elogio e a recompensa da traição levam o Estado a exercer um papel deseducador no âmbito das relações interindividuais, ao transmitir valores, no mínimo, tão negativos quanto os que diz querer enfrentar.

A política proibicionista e a vulneração dos direitos à liberdade, à intimidade e à saúde

A violenta e perigosa política proibicionista, centrada na intervenção do sistema penal, manifesta-se de forma especialmente grave na vertente do consumo, notadamente quando se considera a criminalização – expressa ou disfarçada – da posse para uso pessoal de drogas qualificadas de ilícitas.

A criminalização da posse para uso pessoal é claramente incompatível com os postulados que devem informar os atos de governo em um Estado Democrático de Direito, seja quando se pune tal conduta com pena privativa de liberdade, seja para impor as chamadas “penas alternativas” (sanções pecuniárias ou restritivas de outros direitos), seja para impor tratamento médico. O consumidor de drogas qualificadas de ilícitas, estigmatizado como criminoso, infrator, ou doente, que deve sofrer uma pena explícita ou disfarçada em sanção administrativa, ou obrigatoriamente se submeter a tratamento médico, é indevidamente posto sob a alternativa: se é enfermo, não é livre; se é livre, é mau.(1)

Ocorre que a simples posse de drogas para uso pessoal, ou seu consumo em circunstâncias que não envolvam um perigo concreto para terceiros, são condutas que, situando-se na esfera individual, se inserem no campo da intimidade e da vida privada.

A função geral da ordem jurídica de proteção da dignidade da pessoa, que, na ordem constitucional brasileira, surge como um dos fundamentos da República, expresso no inciso III do artigo 1º da Constituição Federal, gera princípios limitadores do poder do Estado de punir, que fazem da consideração do dano social ponto de referência obrigatório para a fixação de parâmetros, na confecção de leis incriminadoras. No Estado Democrático de Direito, todo dispositivo legal criminalizador (isto é, toda regra que proíbe a realização de determinada conduta sob a ameaça de uma sanção penal) há de ter como elemento primário a ocorrência de uma lesão ou de um perigo concreto de lesão ao bem jurídico, que se pretende proteger com

a proibição, bem jurídico este que delimita o campo de incidência da regra definidora da conduta criminalizada e que pode ser definido como a relação de disponibilidade de um sujeito com um objeto, identificável ao direito que o sujeito tem de dispor (isto é, de usar, de aproveitar) de certos objetos como a vida, a saúde, o patrimônio, etc. A lesão ou o perigo de lesão ao bem jurídico (isto é, sua afetação) revelam-se exatamente quando uma conduta impede ou perturba a disposição desses objetos, que, assim, necessariamente, não de ser de titularidade de terceiros.

No Estado Democrático de Direito, cuja tônica maior encontra-se na subordinação do exercício do poder à lei, com vista a garantir os direitos e a dignidade de cada indivíduo, o bem jurídico há de sempre ser visto sob uma perspectiva pessoal. A identificação de bens jurídicos de caráter coletivo ou institucional só se admite enquanto condição de proteção de bens jurídicos individuais. A previsão dos denominados bens jurídicos de controle, que, apelando para expressões vagas, como ordem pública ou paz pública, orientam a atenção do direito penal no sentido da criminalização de condutas que atingem tão somente a mera afirmação da vontade ou da autoridade do Estado é incompatível com o Estado Democrático de Direito.

Na hipótese das drogas tornadas ilícitas, único bem jurídico reconhecível nas regras criminalizadoras é a saúde pública, como já explicitava o primitivo dispositivo do artigo 281 do Código Penal brasileiro, posteriormente substituído pela legislação especial. A saúde pública – espécie do gênero incolumidade pública – tem, como é sabido, um caráter coletivo, que é dado pela indeterminação de seus titulares. Sua afetação, como ocorre em relação a outros bens jurídicos desta natureza, só se verifica na medida da

expansibilidade da lesão ou do perigo concreto de lesão a um número indeterminado de sujeitos.

Assim, enquanto houver destinação pessoal para a posse da droga e enquanto seu consumo se fizer de modo que não ultrapasse o âmbito individual, não haverá afetação da saúde pública. Ter algo para si próprio é o oposto de ter algo expansível a terceiros. Aqui se têm condutas privadas, em que ausente a concreta afetação de um bem jurídico de terceiros, condutas que como tal, não podem ser objeto de qualquer forma de criminalização.

Faz parte da liberdade, da intimidade e da vida privada a opção por fazer coisas, que pareçam para os outros – ou que até, efetivamente, sejam – erradas, “feias”, imorais ou danosas a si mesmo. A dignidade da pessoa humana, reconhecida desde as origens do Estado Democrático de Direito, impede a transformação forçada do indivíduo. Enquanto não afete direitos de terceiros, o indivíduo pode ser e fazer o que bem lhe aprouver. O que os outros – e, portanto, também o Estado – podem fazer, nestas circunstâncias, é apenas tentar mostrar ao indivíduo, que, supostamente, está se prejudicando, que seu comportamento não está sendo bom, jamais podendo, no entanto, obrigá-lo a mudar este comportamento, ainda mais através da imposição de uma pena, qualquer que seja sua natureza ou sua dimensão.

Mas, a violenta e perigosa política proibicionista não esgota sua (ir)racionalidade no ilegítimo cerceamento dos direitos à liberdade individual, à intimidade e à vida privada.

É ainda nesta mesma vertente do consumo que surge um dos mais cuidadosamente ocultados paradoxos da criminalização. A falsa imagem, produzida pelo auto-referenciado sistema em que se desenvolve a política criminalizadora de determinadas substâncias psicoativas tornadas ilícitas, impede que se perceba que a proteção da saúde pública, que estaria a fundamentar a criminalização, contraditoriamente se vê afetada por esta mesma criminalização, trazendo a proibição maiores riscos à integridade física e mental dos consumidores das substâncias proibidas. Neste ponto, basta pensar nos efeitos da clandestinidade, a impedir o controle de qualidade das substâncias produzidas e comercializadas, a favorecer a falta de higiene, a complicar a procura de assistência, esclarecimentos e informações, a gerar maiores tensões, a estigmatizar, a isolar e marginalizar.

A política proibicionista, o mercado e a violência

Na vertente da produção e da distribuição das selecionadas substâncias psicoativas, que, normativamente diferenciadas, são qualificadas de drogas ilícitas, o descompromisso da globalizada política proibicionista com dados da realidade e a manipulação de fantasias e falsas informações já aparecem na própria linguagem.

Fala-se de “narcotráfico”, sem se dar conta da desvirtuação do significado de tal palavra, da mesma forma que se fala de “crime organizado”, sem que se estabeleça – até porque não há como fazê-lo – qualquer definição, com um mínimo de cientificidade, que traduza seu conteúdo.

A expressão “tráfico”, que tem o sentido de negócio ilegal, já traz uma forte carga emocional, que a diferencia da expressão equivalente “comércio ilegal”. A partir da política de “guerra contra as drogas”, adicionou-se à expressão “tráfico”, o uso do radical da palavra inglesa narcotics, que, estando presente também em outros idiomas, permitiu, ao mesmo tempo, uma uniformização de linguagens e uma ainda maior carga emocional, referida às atividades de produção e distribuição das drogas qualificadas de ilícitas. A expressão “narcotráfico” passou, então, a ser acriticamente repetida e interiorizada, sem que se perceba – ou se queira perceber – o claro descompromisso com a realidade e com a ciência, embutido em tal distorcido e funcional uso da linguagem.

Para criar o útil e exacerbado clima emocional, passa-se, tranqüilamente, por cima do fato de que o alvo principal da política proibicionista era e continua sendo a cocaína, que, como não se pode ignorar, não é um narcótico, mas, ao contrário, evidente e conhecido estimulante. Esta generalizada e distorcida utilização da expressão “narcotráfico”, a par de sua exposta funcionalidade para a consolidação dos rumos internacionalizados da política proibicionista, serve ainda para alimentar manipuladas fantasias em torno de algo misterioso e poderoso, a ser enfrentado não importa com que meios.

Da mesma forma, surgem, instalam-se e consolidam-se, a partir da década de 1990, as expressões “crime organizado” e “criminalidade organizada”, com que se pretende dar a idéia de uma suposta espécie nova de criminalidade, dita globalizada, transnacional, poderosa, a vir ocupar o lugar de um novo “mal universal”, constantemente associado à produção e à

distribuição das drogas qualificadas de ilícitas.

Tenta-se apontar características, que seriam dadas por uma estrutura empres ou por supostas infiltrações nos aparelhos do poder político, mas não se consegue chegar a uma definição desta supostamente pós-moderna modalidade de atuação criminalizada. Na realidade, toda conduta, criminalizada ou não, que não se limite a ser uma reação instantânea ou instintiva a determinada situação, tem um componente de organização, que se manifesta, ainda mais especialmente, quando se têm condutas que reúnem mais de uma pessoa, com uma finalidade comum, o que, ordinariamente, acontece, seja no campo das condutas lícitas, como no das ilícitas.

As expressões “criminalidade organizada” e “crime organizado” não têm, assim, nenhum significado particular. Como a expressão “narcotráfico”, têm a mesma carga emocional e assustadora que já tiveram, em outros tempos, as expressões “bruxaria” ou “heresia”. Como a expressão “narcotráfico”, apenas servem para assustar e permitir a produção de leis de exceção, aplicáveis ao que quer que se queira convencionar como sendo uma suposta manifestação de um tal imaginário fenômeno.

A substituição de amarras medievais por um mínimo de compromisso e atenção para com a realidade e com a ciência, certamente, poderia ajudar a desvendar a (ir)racionalidade da globalizada política proibicionista, nesta vertente da produção e da distribuição das substâncias psicoativas tornadas ilícitas.

Tome-se a realidade e a ciência econômica e pense-se, por exemplo, que a

expansão dos mercados consumidores de drogas ilícitas, obedecendo à lógica das relações econômicas capitalistas, é fator determinante da produção, abrindo novas oportunidades de acumulação de capital e de geração de empregos e, assim, suprimindo as limitadas oportunidades oferecidas pelas atividades econômicas lícitas, como já ocorreu em outras etapas do desenvolvimento capitalista. Esta lógica econômica já permite antever a inevitável ineficácia de uma política de controle fundada na intervenção do sistema penal: os empresários – grandes ou pequenos – e os empregados das empresas produtoras e distribuidoras das drogas qualificadas de ilícitas, quando presos ou eliminados, são facilmente substituíveis por outros igualmente desejosos de oportunidades de emprego ou de acumulação de capital, oportunidades que, por maior que seja a repressão, subsistirão enquanto estiverem presentes as circunstâncias socioeconômicas favorecedoras da demanda criadora e incentivadora do mercado. Onde houver demanda, haverá oferta.

Mas, pense-se também na pior consequência daquela variável artificial introduzida no mercado: a violência como corolário da ilegalidade. Ao tornar ilegais determinados bens e serviços, o sistema penal funciona como o real criador da criminalidade e da violência, fenômeno que se pode perceber também em relação ao jogo. Ao contrário do que se propaga, não são as drogas em si que geram criminalidade e violência, mas é o próprio fato da ilegalidade que produz e insere no mercado empresas criminalizadas – mais ou menos organizadas –, simultaneamente trazendo a violência como um subproduto necessário das atividades econômicas assim desenvolvidas.

Sendo o real criador da criminalidade e da violência relacionadas com as

drogas tornadas ilícitas, através da intervenção do sistema penal sobre o mercado, o Estado máximo, vigilante e onipresente se vale destas mesmas criminalidade e violência, para, manipulando o medo e a insegurança provocados por ações reais ou imaginárias daí decorrentes, ampliar o poder punitivo e intensificar o controle sobre a generalidade dos indivíduos.

Conclusão

Se se quiser compactuar com o apelo ao medo e à insegurança, com a contemporânea histeria criada em torno da violência associada à criminalidade, já se teria um argumento decisivo a indicar o caminho da descriminalização. Bastaria olhar e seguir o exemplo da história, sempre valendo repetir que quem derrotou a violência da Chicago dos anos vinte e trinta não foram os Intocáveis de Eliot Ness – foi, tão somente, o fim da Lei Seca.

Mas, a redução da violência não chega a ser a razão maior, a indicar o caminho da descriminalização. Mais importante é lembrar da advertência de Nils Christie de que o maior perigo da criminalidade nas sociedades modernas não é o crime em si mesmo, mas sim o de que a luta contra este acabe por conduzir tais sociedades ao totalitarismo.(2)

Esta significativa advertência deve direcionar as atenções para a necessidade de romper com a enganosamente salvadora intervenção do sistema penal, para a necessidade de romper com a revivida fantasia medieval que permite um pós-moderno sacrifício de novos hereges e bruxas, romper com o controle desmedido, manifestado através do

exercício do poder do Estado de punir, romper com as visíveis ameaças a princípios fundamentais do Estado Democrático de Direito, embutidas nas legislações de exceção, assim efetivamente rompendo com a globalizada política proibicionista, causadora maior dos danos relacionados às drogas tornadas ilícitas.

Esta globalizada política proibicionista somente se sustenta pelo entorpecimento da razão. Somente uma razão entorpecida pode crer que a criminalização das condutas de produtores, distribuidores e consumidores de algumas dentre as inúmeras substâncias psicoativas sirva para deter uma busca de meios de alteração do psiquismo, que deita raízes na própria história da humanidade. Somente uma razão entorpecida pode admitir que, em troca de uma ilusória contenção desta busca, o próprio Estado fomente a violência, que só se faz presente nas atividades de produção e distribuição das drogas qualificadas de ilícitas, porque seu mercado é ilegal. Somente uma razão entorpecida pode autorizar que, sob este mesmo ilusório pretexto, se imponham restrições à liberdade de quem, eventualmente, queira causar um dano à sua própria saúde. Somente uma razão entorpecida pode conciliar com uma expansão do poder de punir, que, utilizando até mesmo a repressão militarizada, crescentemente desrespeita clássicos princípios garantidores, assim ameaçando os próprios fundamentos do Estado Democrático de Direito.

Liberadas dos negativos efeitos da criminalização, as drogas que, normativamente diferenciadas, são hoje qualificadas de ilícitas, certamente se mostrarão menos danosas. Eventuais excessos ou incentivos ao consumo descuidado ou descontrolado das substâncias psicoativas, quaisquer que

sejam elas, devem ser objeto de medidas que, desvinculadas da nociva, contraproducente e dolorosa intervenção do sistema penal, possam resgatar o compromisso com a razão e se mostrar verdadeiramente eficazes na redução dos danos, eventualmente causáveis por um tal consumo excessivo, descuidado ou descontrolado.

Maria Lúcia Karam é Juíza de Direito aposentada, ex-Defensora Pública no Estado do Rio de Janeiro e ex-Juíza Auditora da Justiça Militar Federal. Membro do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, da Associação Juízes para a Democracia e do Instituto Carioca de Criminologia. Professora do curso “Jurisdição e Competência”, no Mestrado em Ciências Penais da Universidade Cândido Mendes.

Notas:

1. Cf. Alessandro Baratta, “FUNDAMENTOS IDEOLÓGICOS DA ATUAL POLÍTICA CRIMINAL SOBRE DROGAS”, in *SÓ SOCIALMENTE ...*, org. Odair Dias Gonçalves e Francisco Inácio Bastos, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992, páginas 35 a 49.

2. in *LA INDUSTRIA DEL CONTROL DEL DELITO – LA NUEVA FORMA DEL HOLOCAUSTO?*, edição em espanhol, com tradução de Sara Costa (Editores del Puerto, Buenos Aires, 1993, página 24).

Fonte: Narconews (www.narconews.com).

ENTREVISTA COM IRA (GROWROOM)

Alexandre Matias

O designer Ira tem 26 anos e fuma maconha todos os dias desde os 16. Nestes dez anos de fumaça, ele aprendeu não só a apreciar variedades diferentes de fumo, como a plantar a erva em casa. Mudou-se para a Alemanha há dois anos (para estudar) e aproveitou o clima de liberação da planta no Velho Continente para colocar seus estudos em prática. Mais do que isso - passar os ensinamentos adiante. Assim, ele criou o [Growroom](#), site dedicado ao cultivo da planta a domicílio, tudo para desvencilhar os prazeres da planta dos nefastos interesses do crime organizado. Troquei uma bola com o sujeito hoje à tarde, via ICQ, e segue o papo aí embaixo.

Como começou o Growroom?

O site surgiu em março. Tive uma idéia de desenvolver um site decente sobre cultivo de cannabis, já que na web brasileira não tinha nada que prestasse sobre o assunto. Comecei a pesquisar sobre o cultivo em inglês e acabei me deparando com o gigantesco site [Overgrow](#) que é tipo uma bíblia sobre o assunto. É um fórum em inglês sobre cultivo de cannabis, que na verdade eu somente traduzi e comecei a mandar por email para uma galera de usuários brasileiros que eu descobri por lá, além, de mandar para sites de pessoas que apreciam não só a erva, mas músicas e outras coisas de estilo de vida que se relacionem ao assunto.

O site foi criado em uma fase em que eu tava trabalhando num frila que o cliente era simplesmente um saco. Eu fazia uns layouts maneiros, levava no cliente e o cara mudava tudo, estragando todo o meu trabalho. Fiquei de saco cheio dessa situação e a fim de criar algo pra mim, um projeto pessoal que também servisse como válvula de escape. Onde eu pudesse

experimentar layouts como eu quisesse, sem chefe nenhum ou cliente algum dizendo "muda isso", "faça aquilo".

Assim, meti a cabeça no projeto que inicialmente era só um fórum para os usuários discutirem. O fórum que eu usava na época era um [board em PHP shareware/GNU em alemão](#)! Então meu primeiro desafio foi traduzir um site todo do alemão pro português, me enbrenhando pelos códigos PHP que também não me eram nada familiares como um designer. Mas dei meu jeito, já que havia vontade, e tudo funcionou bem. Até hoje ainda aparecem algumas coisinhas no site em alemão e sempre que as descubro, vou corrigindo!

E o site tem muitos acessos? Dá pra traçar um perfil do usuário?

Sim. Estamos formando uma comunidade bem informada e unida! Acho que estamos com umas 300 visitas por dia. Já temos quase 650 usuários cadastrados.

Teve um thread do fórum em que fizemos uma pesquisa sobre o que cada um faz da vida e foi constatado que na comunidade growroom existem muitos profissionais de internet na faixa dos 20 aos 30 anos. Confirmando então aquela pesquisa da BBC sobre os profissionais de TI que gostam da macaca!! Afinal, aguentar esse stress do mundo pontocom, só dando um pitozinho mesmo... O site cresce a cada dia que passa! Todo dia, se cadastram umas 10 pessoas! Estamos agora fazendo umas [camisas do site](#), já que o pessoal estava pedindo muito. A comunidade se tornou muito fiel e quem começa com o cultivo, não pára. Com o tempo, o site foi crescendo e fomos formando um time com os users mais antigos. Aí começamos a aumentar as áreas do site, que inicialmente era somente o forum. Depois surgiu uma área do site que é o FAQ, com as perguntas consolidadas que já foram discutidas no fórum. Em seguida, fizemos uma área de livros sobre

cultivo, uma base que já conta com informação sobre mais de 50 tipos de cannabis existentes.

Em breve estamos lançando uma galeria onde os usuários poderão compartilhar as fotos de suas plantinhas com toda a comunidade Growroom.

Desde que o site começou, muitas pessoas já começaram a cultivar cannabis em sua casa, convencidas de que assim irão fumar algo melhor que um fumo prensado cheio de amônia, que os traficantes colocam no fumo. Não vão precisar mais entrar em contato com criminosos perigosos ou ir para lugares perigosos, além de não incentivar ou patrocinar o crime organizado comprando fumo na mão dos traficantes.

Você está a quanto tempo na Alemanha?

Há dois anos.

As leis aí na Europa estão ficando mais brandas...

Com certeza o fato de eu estar na Europa me ajudou na criação deste site. Aqui o assunto não é mais tabu. Em qualquer lugar, as pessoas consomem cannabis: parques, festas, na rua... Ninguém está nem aí! Às vezes, nem mesmo a polícia! Só estão interessados em saber do que se trata se o comércio estiver envolvido. Mas o uso está totalmente tolerado!

Você acha que isso é possível no Brasil? Afinal de contas, seguimos o padrão americano, não o europeu...

Há pouco tempo, na Inglaterra, que é um país conservador, um político - David Blunket - mandou uma lei em que o usuário não será mais punido com

prisão ou algo do tipo. Eu vejo isso como uma tendência a ser seguida em países que estão mais avançados nesse lado da política das drogas.

No Brasil, eu realmente não sei! Vejo que toda essa nossa geração que tá vindo aí, já é muito mais esclarecida sobre o assunto. Quem tem de 20 a 30 anos sabe do que se trata quando se fala de maconha, ao contrário do meu pai e outras pessoas mais velhas que ainda acham que maconha se cheira. É muita falta de informação! E esse também é um papel do Growroom: informar realmente que maconha não é esse bicho de sete cabeças! É uma plantinha, somente. Acho que no Brasil, só vai mudar algo daqui a algumas gerações.

Além do Growroom, existem outros sites sobre o tema na internet brasileira?

Que aborde bem o assunto, eu não conheço mesmo! O único site que tinha era [O Bolha](#), que também é sobre cultivo. É de um designer que também mora no exterior.

Você acha que a internet é a melhor maneira de fazer as pessoas se conscientizarem disso?

A melhor forma são todas as formas! Mas a Internet é um canal que possibilita isso sem necessitar de convite de rádio, jornal ou televisão. É uma mídia bem democrática, que nos possibilita isso, sem dúvida.

Planos para o futuro?

Melhorar o acervo do FAQ, fazer um layout melhor para o site, já que o espaço pro conteúdo nas outras áreas diferentes do fórum é muito limitado, mas não tem data. Daremos início às vendas das camisas já!

E do alto de sua experiência, qual é o melhor jeito de se fumar?

A melhor forma é quando se está na frente do computador, trabalhando, fazendo um layout ou falando com alguém é uma caprichada BONGADA!! Encha a cabeça do bong com um fuminho verdinho, gostosinho e dê aquele catrancão!! Faz a cabeça de uma vez por horas, sem perder muito tempo. Mas se estou com tempo, quero saborear um fumo gostoso, estou com os amigos, em casa, relax, escutando um som, nada melhor que o clássico cone. Um baseado normal. E de vez em quando, pra variar, rola um cachimbo, um balde, chillum... Tanto faz!! Não tem aquela "EU BEBO TODAS"? Então: EU FUMO TODAS!

Fonte: Trabalho Sujo (<http://www.gardenal.org/trabalhosujo>).

ENTREVISTA COM STAN GROF

Álvaro Veiga Jardim e Carmen Maciel



Após anos de pesquisa clínica, com mais de 4.000 casos registrados de clientes tratados com LSD (a maioria em condições controladas de laboratório) e mais de 30.000 sessões de trabalho com a Respiração Holotrópica conduzidas com milhares de pessoas em todos os continentes do planeta, Stan Grof vem publicando através de seus 16 livros escritos, em várias línguas, o resultado de suas modernas pesquisas de consciência, que trazem sérias e profundas implicações para a Psiquiatria, para a Psicologia e para a Psicoterapia, pontuando, de forma sistemática e compreensiva, as

áreas que requerem uma revisão radical, sugerindo a direção e a natureza das mudanças necessárias. Essa revisão das idéias básicas sobre a consciência e a psique humana, proposta por Stan Grof, traria mudanças a serem promovidas na nossa forma de pensar, incidindo em várias categorias tais como: a natureza da psique e as dimensões da consciência, a natureza e a arquitetura das desordens emocionais e psicossomáticas, os mecanismos terapêuticos eficazes, a estratégia da psicoterapia e da auto-exploração, o papel da espiritualidade na vida humana e a natureza da realidade: psique, cosmo e consciência. (Álvaro Veiga Jardim)

.....

Esta entrevista foi concedida por Stanislav Grof, M.D., a Álvaro Veiga Jardim e Carmen Maciel, durante visita a Goiânia, GO, Brasil, no período entre 24 a 28 de Setembro de 2000. Neste período, o Dr. Grof deu uma palestra pública - "O Potencial de Cura dos Estados Incomuns de Consciência" - no Salão Tocantins do Castro's Park Hotel, onde se fizeram presentes mais de 400 pessoas prestigiando o evento, e, no Serro Park Hotel ele dirigiu a parte teórica do módulo "Arquitetura da Psicopatologia". Segue a entrevista no seu todo.

O que a Psicologia Transpessoal e o seu trabalho trouxeram para a psicologia como ciência?

O famoso psicólogo americano Abraham Maslow chamou Psicologia Transpessoal a Quarta Força em psicologia, que se seguiu ao Comportamentalismo, à Psicanálise Freudiana e à Psicologia Humanista. Na primeira metade do século, a psicologia americana e europeia e a psiquiatria foram dominadas, exclusivamente, através do comportamentalismo e da psicanálise. A Psicologia Humanista, fundada por Abraham Maslow e Anthony Sutich, surgiu como uma reação às inadequações e limitações destas primeiras duas forças.

A Psicologia Humanista corrigiu a tendência do comportamentalismo em ignorar a consciência e a introspecção e formular teorias sobre a psique humana, exclusivamente, através de observações do comportamento, particularmente, em relação ao comportamento dos animais, tais como ratos e pombos. A Psicologia Humanista também enfatizou a necessidade de ir além da tendência da análise Freudiana de manipular todos os dados do estudo da psicopatologia e incluiu indivíduos normais e supernormais como assuntos de pesquisa.

O foco do estudo humanístico foram os valores humanos mais elevados e a tendência em perseguir os "metavalores" de Maslow e "metamotivações", lidando com o que Maslow chamou "auto-atualização" e "autorealização". A Psicologia Humanista também sustentou uma ampla abertura, para o desenvolvimento de uma nova forma revolucionária de psicoterapias, chamadas "terapias experienciais", tais como prática da Gestalt, bioenergética ou técnica de Alexander.

A Psicologia Transpessoal então adicionou, ainda, uma outra dimensão importante, que é o reconhecimento da espiritualidade, como um aspecto importante e legítimo da psique humana. Esta é uma diferença radical da psicologia acadêmica, que destituiu a espiritualidade de alguma forma e de algum nível de sofisticação e a caracteriza como superstição, pensamento mágico primitivo, imaturidade emocional ou patologia. Um outro importante aspecto da Psicologia Transpessoal é que ela estuda o espectro inteiro da experiência humana, incluindo os estados incomuns de consciência, particularmente, várias formas de experiências místicas.

A Psicologia Transpessoal foi profundamente influenciada pelas experiências e observações dos estudos de estados incomuns de consciência, tais como aqueles que ocorrem durante práticas xamânicas, ritos aborígenes de

passagem, os mistérios antigos de morte e renascimento, sessões psicodélicas e várias formas de práticas espirituais (incluindo diferentes escolas de yoga, Budismo, Taoísmo, Sufismo, misticismo Cristão, etc.). E aí é onde entra meu próprio trabalho.

Minha contribuição para a Psicologia Transpessoal, além de dar o nome "transpessoal", vem de quatro décadas de exploração sistemática do potencial terapêutico, transformativo e evolucionário dos estados incomuns de consciência. Fiquei aproximadamente a metade deste tempo conduzindo terapia com substâncias psicodélicas, primeiro na Tchecoslováquia, no Instituto de Pesquisa Psiquiátrica, em Praga, e depois nos Estados Unidos, no Maryland Psychiatric Research Center, em Baltimore, onde participei do último programa sobrevivente de pesquisa psicodélica americana.

Desde 1975, trabalho com respiração holotrópica, um poderoso método de terapia e auto-exploração, que desenvolvi juntamente com minha esposa Christina. Através dos anos, também apoiei muitas pessoas passando por crises psico-espirituais ou "emergências espirituais", como Christina e eu as chamava. O denominador comum destas três situações é que elas envolviam estados incomuns de consciência ou, mais especificamente, uma importante subcategoria delas, que denominei holotrópico. Em terapia psicodélica, estes estados são induzidos pela administração de substâncias ou plantas, que alteram a mente. No trabalho com a respiração holotrópica, a consciência é mudada pela combinação de respiração mais rápida e profunda, música evocativa e liberação de energia, através de trabalho corporal. Em emergências espirituais, os estados holotrópicos ocorrem espontaneamente, no cotidiano e sua causa é usualmente desconhecida.

Somando-se a outras atividades, também tenho me envolvido, de modo mais periférico, com muitas disciplinas que são, mais ou menos diretamente, relacionadas ao estados incomuns de consciência. Tenho

participado de cerimônias sagradas de culturas nativas em diferentes partes do mundo, tenho tido contato com xamãs norte-americanos, mexicanos e sul-americanos e troquei informações com muitos antropólogos. Também tenho tido intenso contato com representantes de várias disciplinas espirituais, incluindo o Budismo Vipassana, Zen, Vajrayana, Siddha Yoga, Tantra e a Ordem Cristã Beneditina.

Uma outra área que tenho dedicado bastante atenção tem sido a tanatologia, uma jovem disciplina que estuda experiências próximas da morte e aspectos psicológicos e espirituais da morte e do morrer. Eu participei no final dos anos 60 e no início dos anos 70 de um amplo projeto de pesquisa, estudando os efeitos da terapia psicodélica, em indivíduos terminais com câncer. Eu poderia também acrescentar que tenho tido o privilégio de conhecer pessoalmente e de ter tido experiências com alguns dos grandes físicos e parapsicólogos de nossa era, pioneiros de pesquisa da consciência em laboratório e terapeutas, que desenvolveram e praticaram formas poderosas de terapias experienciais, que induzem estados incomuns de consciência.

Após todos esses anos de estudo de várias formas de estados incomuns de consciência, eu concluo que as experiências e observações desse trabalho mostram uma urgente necessidade de uma revisão profunda do nosso pensamento em psiquiatria, psicologia e psicoterapia. A profundidade e alcance desta revisão poderia ser comparada com o que aconteceu na física nas primeiras três décadas do século XX - a mudança da física Newtoniana para a teoria da relatividade e então para a física quântica. Eu escrevi sobre estas implicações em meu último livro "Psicologia do Futuro: Lições de Pesquisa da Consciência Moderna".

Você e sua esposa desenvolveram um método de terapia de auto-exploração que denominaram trabalho com a respiração holotrópica. Você

podia descrevê-lo?

O trabalho com a respiração holotrópica é um método que utiliza o potencial transformativo e de cura dos estados incomuns de consciência. Ele induz esses estados através da combinação de meios muito simples - respiração acelerada, música evocativa e técnica de trabalho corporal, que ajudam a dissolver bloqueios residuais bioenergéticos e emocionais. Esse método provê acesso para muitos níveis profundos da psique inconsciente, tais como memórias reprimidas da infância e adolescência, nascimento e período perinatal e mesmo um espectro completo de experiências que denominamos transpessoal - estados místicos, experiências de vidas passadas, encontros com figuras arquetípicas, visitas aos domínios mitológicos da psique e outros. Nessa teoria e prática a respiração holotrópica traz junto e integra vários elementos das tradições antigas e aborígenes, filosofia espiritual oriental e psicologia profunda do ocidente.

Em quais casos o trabalho com a respiração holotrópica pode ajudar e quando não poderia trazer benefícios?

O trabalho com a respiração holotrópica não poderia influenciar problemas mentais e emocionais que têm claramente causa orgânica, de base biológica, tais como infecções cerebrais, processos cardiovasculares, degenerativos ou tóxicos. Ela tem também rigorosas contra-indicações, tais como problemas cardiovasculares sérios, doenças debilitantes, gravidez ou epilepsia. Em caso de sérios problemas emocionais, o trabalho com a respiração holotrópica pode ser utilizada no contexto de relacionamento terapêutico com cuidados residenciais disponíveis 24 horas/dia.

Olhando para o lado positivo, nós temos visto através dos anos numerosos exemplos de participantes nos workshops e nos treinamentos serem hábeis para saírem da depressão, que conviviam nos últimos anos, superarem

várias fobias, libertarem a si próprias dos sentimentos irracionais que as consumia e radicalmente melhorarem sua auto-estima e autoconfiança. Temos também sido testemunhas, em muitas ocasiões, do desaparecimento de dores psicossomáticas severas, incluindo enxaquecas e observamos melhoras radicais e duradouras ou mesmo completo desaparecimento da asma psicogênica. Em muitas ocasiões, participantes dos treinamentos ou de workshops comparam favoravelmente seus progressos em várias sessões de trabalho com a respiração holotrópica a anos de terapia verbal.

Quando falamos sobre avaliação da eficácia de formas poderosas de psicoterapia experiencial, tais como trabalho com psicodélicos ou respiração holotrópica é importante enfatizar certas diferenças fundamentais entre essas abordagens e as formas de terapias verbais. A psicoterapia verbal frequentemente se estende por um período de anos e o mais excitante resultado são raras exceções além do habitual. Quando ocorrem mudanças dos sintomas, elas ocorrem em uma ampla escala de tempo e é difícil provar sua conexão causal com eventos específicos relativos à terapia ou ao processo terapêutico em geral. Por comparação, em uma sessão psicodélica ou de trabalho com a respiração holotrópica, mudanças poderosas podem ocorrer no período de poucas horas e elas podem estar ligadas de forma convincente à experiência específica.

As mudanças observadas na terapia holotrópica não estão limitadas para as condições tradicionalmente consideradas emocionais ou psicossomáticas. Em muitos casos, as sessões de trabalho com a respiração holotrópica levam a um aumento dramático das condições físicas que nos manuais médicos são descritos como doenças orgânicas. Ocorrem mudanças de melhora nas infecções crônicas (sinusite, faringite, bronquite e sistite) após desbloqueio bioenergético, abrindo a circulação sanguínea nas áreas correspondentes. Fica inexplicado para os nossos dias a solidificação de ossos em uma mulher com osteoporose, que ocorreu no treinamento do trabalho com a

respiração holotrópica.

Nós temos visto também a reconstituição de toda a circulação periférica em várias pessoas sofrendo de doença de Raynaud, um distúrbio que envolve frieza das mãos e pés acompanhadas pela mudança distrófica da pele. Em várias ocasiões, o trabalho com a respiração holotrópica leva a notável melhoria da artrite. Em todos esses casos, o fator crítico que conduz a cura parece ser a liberação de excessivos bloqueios bioenergéticos na parte afetada do corpo, seguida de vasodilatação. A mais espantosa observação nessa categoria foi a dramática remissão de sintomas avançados de arterite Takayasu, uma doença de etiologia desconhecida, caracterizada pela oclusão progressiva das artérias na mais alta parte do corpo. Sua condição é usualmente considerada progressiva, incurável e potencialmente letal.

Em poucas ocasiões, o potencial terapêutico da respiração holotrópica foi confirmado em estudos clínicos conduzidos por praticantes que tinham sido treinados por nós e que de forma independente usam este método em seus trabalhos. Temos também tido, em muitas ocasiões, a oportunidade de receber feedback informal de pessoas, anos após a melhora ou desaparecimento de seus sintomas emocionais, psicossomáticos e físicos, após sessões de trabalho com a respiração holotrópica em nosso treinamento ou em nossos workshops. Isto tem nos mostrado que as melhoras advindas das sessões de trabalho com a respiração holotrópica são frequentemente duradouras. É previsto que a eficácia deste método interessante de terapia e auto-exploração será no futuro confirmado pela bem desenvolvida pesquisa clínica.

Qual tem sido o impacto de suas idéias no meio científico?

Meu trabalho tem sido recebido de forma muito entusiástica em certos círculos científicos. Surpreendentemente, as primeiras respostas positivas

vieram principalmente dos físicos quântico-relativistas, de pessoas como Fritjof Capra, Fred Wolf, Saul Paul Sirag, Nick Herbert, David Bohm e mais recentemente Amit Goswami. Esses cientistas são conhecedores do fato que a velha filosofia materialista monística e a imagem Cartesiana Newtoniana do universo da ciência acadêmica dominante estão irremediavelmente fora de época.

Minhas idéias têm também sido muito positivamente aceitas pelos cientistas de vanguarda, representantes de várias outras disciplinas do novo paradigma - biologia, abordagem holográfica do cérebro, teorias de sistemas, tanatologia, parapsicologia, etc. A maior resistência vem do círculos acadêmicos que são geralmente fechados para todas essas novas correntes na ciência. Muitos cientistas tradicionais perseveraram em paradigmas superados de modo que pode ser melhor chamado "cientificismo" do que ciência. Suas atitudes parecem abordagens fundamentalistas utilizadas em religiões; eles já maquiaram suas mentes sobre o que o mundo parece ser e são completamente inacessíveis às evidências de qualquer espécie ou alcance.

Existe algo muito estimulante descoberto pelas pessoas do movimento transpessoal. Nas últimas várias décadas, sempre que ocorria algum avanço científico, ele sempre provou ser uma surpresa chocante para os representantes do velho pensamento, mas tem sido bem-vindo e abraçado pelos psicólogos transpessoais como compatíveis com suas próprias descobertas. Isto aconteceu com as implicações filosóficas dos físicos quântico-relativistas, com o modelo holográfico do cérebro de Karl Pribram, com a teoria do holomovimento de David Bohm, com a teoria das estruturas dissipativas de Ilya Prigogine, com o conceito de campos morfogenéticos de Rupert Sheldrake, com o campo psi de Ervin Laszlo e muitos outros. Se esta tendência continuar, em pouco tempo os novos pensamentos poderiam ganhar suficiente sustentação. Eu certamente espero que aconteça, antes

que seja tarde demais. Pode ser nossa única real esperança na crise que vivemos em nosso mundo conturbado.

Porque você atribui atenção especial aos temas espirituais em seu trabalho?

Minha pesquisa da consciência tem me convencido que a espiritualidade é não somente uma muito real e legítima dimensão da psique humana e da ordem universal, mas também uma dimensão de importância crítica. Em seu livro "The Natural Mind", Andrew Weil, um bem conhecido médico americano, expressou a opinião que a necessidade de viver uma experiência mística é a mais poderosa condutora da psique humana, muito mais poderosa que a sexualidade, que tem sido tão fortemente enfatizada pelos psicanalistas freudianos.

E eu não posso concordar mais. Acredito que essa atitude corrente, em direção à espiritualidade, descobriu um sério e trágico erro na ciência materialista de hoje e na psicologia moderna. A civilização industrial ocidental está pagando um pesado preço por ter rejeitado e perdido a genuína espiritualidade. Acredito na probabilidade de que este fator é uma das principais razões da crise global de hoje; o ateísmo, formado pela ciência materialista, contribui, de modo significativo, para que a humanidade moderna siga um curso destrutivo e suicida.

Há algum modo científico para abordar a espiritualidade?

Isso é exatamente o que a psicologia transpessoal está tentando fazer - mostrar que a ciência e espiritualidade não são incompatíveis, mas são duas abordagens complementares para a compreensão da realidade. A Psicologia Transpessoal é uma disciplina que integra a ciência e espiritualidade, filosofia oriental e pragmatismo ocidental, antiga sabedoria e ciência

moderna. Mas para sermos hábeis para fazer isso, temos que diferenciar claramente espiritualidade de religião e ciência de cientificismo.

A espiritualidade está baseada em experiências diretas de dimensões e aspectos incomuns da realidade. Ela não requer um lugar especial ou uma pessoa designada oficialmente para mediar contato com o divino. Os místicos não necessitam igrejas ou templos. O contexto no qual eles experienciam a dimensão sagrada da realidade, incluindo sua própria divindade, são os seus corpos e a natureza. E ao invés de ordenar padres, eles necessitam de um grupo de apoio de colegas buscadores ou a orientação de um professor, que está mais avançado na jornada interna do que estão eles próprios. A espiritualidade envolve um tipo especial de relacionamento entre o indivíduo e o cosmos e é, em essência, um caso privativo e pessoal.

Por comparação, a religião organizada é uma institucionalizada atividade de grupo que tem lugar em um local designado, um templo ou uma igreja e envolve um sistema de oficiais marcados que pensam ou não ter tido experiências pessoais de realidades espirituais. Uma vez organizada a religião, frequentemente, perde completamente a conexão com a fonte espiritual e torna-se uma instituição secular, que explora as necessidades espirituais humanas, sem satisfazê-las.

As religiões organizadas tendem a criar sistemas hierárquicos, focando sobre perseguição de poder, controle, políticos, dinheiro, possessões e outras preocupações seculares. Sob essas circunstâncias, as hierarquias religiosas, como regra, discordam e desencorajam experiências espirituais diretas para seus membros, porque eles criam independência e não podem ser controlados efetivamente. Quando esse é o caso, a genuína vida espiritual continua somente no ramo místico, ordens monásticas e seitas extáticas das religiões envolvidas.

Não há dúvida de que os dogmas das religiões organizadas estão geralmente em conflito com a ciência, se essa ciência usa o modelo materialista-mecanicista ou está ancorado no paradigma emergente. No entanto, a situação é muito diferente, ao considerar o autêntico misticismo, baseado na experiência espiritual. A grande tradição mística tem acumulado extensivo conhecimento sobre a consciência humana e sobre o domínio espiritual, de um modo que é similar ao método que cientistas usam para adquirirem conhecimento sobre o mundo material. Envolve metodologias para indução de experiências transpessoais, sistemática coleta de dados e validação intersubjetiva.

Experiências espirituais, como algum outro aspecto da realidade, podem estar sujeitas a cuidadosa pesquisa de mente aberta e estudadas cientificamente. Nada há de não científico sobre ser imparcial e estudar rigorosamente o fenômeno transpessoal e os desafios que eles apresentam, para uma compreensão materialista do mundo. Cada abordagem somente pode responder à questão crítica sobre o estado ontológico da experiência mística. Elas revelam uma verdade profunda sobre algum aspecto básico da existência, como mantido pela filosofia perene, ou elas são produtos da superstição, fantasia ou doença mental, como a ciência materialista ocidental as vê?

Qual a importância do domínio perinatal na formação da personalidade?

A quantidade de estresse emocional e físico envolvidos no nascimento da criança ultrapassam claramente o trauma pós-natal, na tenra infância e na infância, discutida na literatura psicodinâmica, com a possível exceção de formas extremas de abuso físico. Várias formas de psicoterapia experiencial têm acumulado convincentes evidências que o nascimento biológico é o mais profundo trauma de nossa vida e um evento de importância

psicoespiritual superior. É lembrado em nossa memória, em minúsculos detalhes, abaixo do nível celular, e tem profundo efeito em nosso desenvolvimento psicológico.

Reviver de forma consciente e integrar o trauma do nascimento representam importantes papéis no processo de psicoterapia experiencial e auto-exploração. As experiências originárias no nível perinatal do inconsciente aparecem em quatro distintos padrões experienciais, cada um dos quais é caracterizado por emoções específicas, sentimentos físicos e imagens simbólicas. Esses padrões estão relacionados estreitamente com as experiências que o feto teve antes do início do nascimento e durante os três estágios consecutivos do parto biológico.

Em cada um desses estágios, a criança experiencia um específico e típico contexto de emoções intensas e sensações físicas. Essas experiências deixam marcas inconscientes profundas na psique, que mais tarde têm na vida, um importante influência na vida do indivíduo. Eu me refiro a essas quatro constelações dinâmicas do inconsciente profundo, as **Matrizes Perinatais Básicas** ou **BPMs**.

As matrizes perinatais podem formar nossa percepção do mundo, influenciando profundamente nossos comportamentos diários e contribuindo para o desenvolvimento de vários distúrbios emocionais psicossomáticos, reforçados pelas significativas experiências emocionais da tenra infância, da infância e, mais tarde, a vida integra estas experiências em sistemas COEX. Em uma escala coletiva, podemos encontrar ecos de matrizes perinatais na religião, arte, mitologia, filosofia e várias formas de psicologia social e política e psicopatologia.

As implicações socio-políticas das observações com respeito às dinâmicas perinatais são particularmente fascinantes. Eu escrevi sobre isso, pela

primeira vez, em meu livro "Realms of the Human Unconscious", em 1975. Brevemente após sua publicação, recebi uma carta entusiástica de Lloyd de Mause, um jornalista americano e psicanalista. De Mause é um dos fundadores da Psico-história, uma disciplina que aplica as descobertas da psicologia profunda para a história e ciência política. Lloyd de Mause estava muito interessado em minhas descobertas, no que diz respeito ao trauma de nascimento e suas possíveis implicações sócio-políticas, porque eles supriam apoio independente, para sua própria pesquisa. Por algum tempo, de Mause tinha sido estudante dos aspectos psicológicos, dos períodos precedentes às guerras e revoluções.

Interessou a ele como os líderes militares, na mobilização de massas, tinham êxito, praticamente do dia para a noite, em transformar civis pacíficos em máquinas assassinas. Essa abordagem foi muito original e criativa; somada à análise das fontes históricas tradicionais, ele extraiu dados de grande importância psicológica de caricaturas, piadas, sonhos, imagens pessoais, atos falhos, comentários laterais de oradores e mesmo rabiscos e garatujas de documentos de policiais à beira de rude destacamento. Por um tempo ele fez contato comigo, analisou, de dezessete modos, situações precedendo o princípio do levante de guerras e revoluções, atravessando muitos séculos desde a antiguidade até época mais recente.

Ele foi atacado pela abundância extraordinária de figuras da palavra, metáforas e imagens, relacionadas ao nascimento biológico, em seu material. Desta forma, os líderes militares e políticos, de todas as idades, descrevem uma situação crítica ou declaram guerra, tipicamente, usando termos que, igualmente, se aplicam à aflição perinatal. Eles acusam os inimigos de os estar sufocando e estrangulando, colocando para fora a última respiração dos nossos pulmões ou nos confinando e não dando espaço para viver ("Lebensraum" de Hitler). Igualmente frequentes são alusões a cavernas escuras, túneis e labirintos confusos, abismos perigosos

para dentro dos quais podemos ser empurrados, ameaçados de engolfamento pela traiçoeira areia movediça ou um terrível remoinho de água.

Similarmente, a resolução da crise vem na forma de imagens perinatais; o líder promete salvar-nos do labirinto agourento, levar-nos para a luz do outro lado do túnel e criar uma situação onde todos, novamente, respirarão livremente, após o perigoso agressor e o opressor serem superados. Desde suas primeiras pesquisas, de Mause coletou centenas de posteres, cartoons, discursos e outros materiais de tempos de crise, que apóiam essa hipótese.

Há alguma relação entre sua teoria e as teorias de Freud e Jung?

A cartografia expandida da psique que desenvolvi, baseado em meus estudos com estados incomuns de consciência, integra a psicanálise freudiana e a psicologia analítica de Jung, mas inclui também a teoria do trauma de nascimento de Otto Rank e a compreensão dos aspectos bioenergéticos da psique de Wilhelm Reich. Todas essas teorias estão incluídas em minha cartografia, que apresenta três níveis ou domínios.

O mais superficial deles é o nível biográfico-rememorativo, que meu modelo compartilha com a psicanálise freudiana e a principal corrente da psicologia e da psiquiatria. Na psiquiatria tradicional e psicologia, a psique humana é limitada a este nível. Minha cartografia da psique tem, em adição, dois domínios transbiográficos. O nível perinatal, relacionado ao trauma de nascimento, é estreitamente relacionado (embora não idêntica) à psicologia de Otto Rank. O nível transpessoal então, inclui o inconsciente coletivo de Jung, em seus aspectos históricos e arquetípicos (mitológicos) e alguns elementos adicionais não descritos por Jung.

Há alguma diferença entre espiritualidade e o inconsciente?

Há, certamente, uma conexão entre espiritualidade e o inconsciente. A genuína espiritualidade está baseada em experiências envolvendo dimensões da realidade das quais não estamos conscientes em nosso estado ordinário de consciência e que, nesse sentido, são inconscientes. Mas nem todas as experiências inconscientes são espirituais em natureza e têm o que C. G. Jung chamou "qualidade numinosa", por exemplo, o conteúdo do inconsciente individual freudiano (memórias reprimidas da tenra infância e infância) e o reviver do trauma do nascimento. Também, muitas experiências espirituais, embora tecnicamente inconscientes, poderiam ser mais apropriadamente chamadas "superconscientes".

Você poderia explicar mais sobre estados incomuns de consciência?

Como mencionei anteriormente, eu despendi mais de quarenta anos conduzindo pesquisas de estados incomuns de consciência. Meu primeiro interesse foi focalizado no que chamamos aspectos "heurísticos" desses estados, isto é, em que eles podem contribuir para nossa compreensão da natureza do consciente e da psique humana. Desde meu treinamento original que era como psiquiatra clínico, também dediquei atenção especial ao potencial evolucionário, transformativo e de cura dessas experiências. Para esse propósito, o termo estados incomuns de consciência é muito amplo e geral. Ele inclui uma ampla variedade de condições que são de pouco ou nenhum interesse para a perspectiva terapêutica ou heurística.

A consciência pode ser profundamente mudada por uma variedade de processos patológicos - por traumas cerebrais, por intoxicações com venenos químicos, por infecções ou por processos circulatórios e degenerativos no cérebro. Tais condições podem certamente resultar em profundas mudanças mentais que poderiam relegá-las à categoria de "estados incomuns de consciência". No entanto, tais impermanências

causam "delírio trivial" ou "psicoses orgânicas", estados que são muito importantes clinicamente, mas não são relevantes para nossa discussão. Pessoas sofrendo de tais estados estão tipicamente desorientadas; elas não sabem quem são ou onde estão e em que data se encontram. Somados a isso, suas funções intelectuais são significativamente prejudicadas e elas tipicamente apresentam amnésia subsequente de suas experiências.

Tenho focado meu trabalho em um largo e importante subgrupo de estados incomuns de consciência, o qual difere significativamente do resto e representa uma fonte incalculável de novas informações sobre a psique humana, na saúde e na doença. Eles também têm um notável potencial transformativo e terapêutico. Através dos anos, as observações clínicas diárias convenceram-me sobre a natureza extraordinária dessas experiências e sobre as implicações de longo alcance que elas têm, para a teoria e prática da psiquiatria. Descubri, e é difícil acreditar, que a psiquiatria contemporânea não reconheça suas características específicas e não tenha um nome especial pra eles.

Porque sinto fortemente que eles precisam ser distinguidos do resto e colocados dentro de uma categoria especial, é que cunhei para eles um nome, holotrópico (Grof, 1992). Essa palavra composta, literalmente significa "orientada em direção à inteireza" ou "movendo em direção ao todo" (do Grego holos = todo e trepein = movendo em direção a ou movendo em direção a algo). Sugere que, em nosso estado de consciência diário, nós nos identificamos somente com uma pequena parte de quem realmente somos. Nos estados holotrópicos, podemos transcender nossos estreitos limites do corpo do ego e reclamar nossa completa identidade.

Nos estados holotrópicos, a consciência é mudada qualitativamente em uma maneira muito profunda e fundamental, mas ela não é grosseiramente prejudicada como nas condições causadas organicamente. Nós tipicamente

permanecemos orientados, de forma plena, em termos de espaço e tempo e não perdemos completamente o contato com a realidade diária. Ao mesmo tempo, nosso campo de consciência é invadido pelos conteúdos de outras dimensões da existência, numa maneira que pode ser muito intensa e mesmo esmagadora. Nós, então, experienciamos, simultaneamente, duas realidades muito diferentes, "tendo cada pé em um mundo diferente".

Os estados holotrópicos são caracterizados pelas mudanças perceptuais dramáticas em todas as áreas sensoriais. Quando fechamos nossos olhos, nosso campo visual pode ser inundado com imagens advindas de nossas histórias pessoais e do inconsciente coletivo e individual. Podemos ter visões e experiências retratando vários aspectos dos reinos animal e botânico, da natureza em geral ou do cosmos. Nossa experiência pode nos levar para dentro do reino de seres arquetípicos e regiões mitológicas. Quando abrimos os olhos, nossa percepção do meio pode ser transformada, de forma ilusória, pelas projeções vividas do seu material inconsciente. Isso pode ser acompanhado por uma ampla variedade de experiências envolvendo outros sentidos - vários sons, sensações físicas, cheiros e toques.

As emoções associadas com estados holotrópicos cobrem um muito amplo espectro, que tipicamente estende para bem além dos limites de nossa experiência diária, ambos em natureza e intensidade. Eles variam de sentimentos de arrebatamento extático, felicidade celestial e "paz que foge de toda compreensão" para episódios de terror abismal, assassinatos raivosos, pronunciada desesperança, culpa arrasadora e outras formas de sofrimentos emocionais inimagináveis. Formas extremas desses estados emocionais combinam com as descrições dos domínios celestiais ou paradisíacos e de infernos, descritos nas escrituras das grandes religiões do mundo.

Um aspecto interessante, em particular, dos estados holotrópicos é seu

efeito nos processos do pensamento. O intelecto não é prejudicado, mas funciona de um modo que é significativamente diferente do modo diário de operação. Enquanto podemos não ser capazes de depender do nosso julgamento, em matérias práticas ordinárias, podemos ser literalmente inundados com notáveis informações válidas, em uma variedade de assuntos. Podemos encontrar insights psicológicos profundos no que diz respeito à nossa história pessoal, dinâmica inconsciente, dificuldades emocionais e problemas interpessoais. Podemos, também, experienciar revelações extraordinárias concernentes a vários aspectos da natureza e do cosmos, que por uma larga margem transcendem nossos antecedentes intelectual e educacional. Contudo, grande parte dos mais interessantes insights, que se tornam disponíveis nos estados holotrópicos, gira em torno de assuntos espirituais, filosóficos e metafísicos.

Podemos experienciar sequências de morte e renascimento psicológicos e um amplo espectro de fenômenos transpessoais, tais como sentimentos de unidade com outras pessoas, a natureza, o universo e Deus. Podemos descobrir o que parecem ser memórias de outras encarnações, encontros poderosos com figuras arquetípicas, comunicar com seres desencarnados e visitar numerosas paisagens mitológicas. Experiências holotrópicas dessa natureza são a principal fonte das cosmologias, mitologias, filosofias e sistemas religiosos, descrevendo a natureza espiritual do cosmos e da existência. Eles são a chave para a compreensão da vida ritual e espiritual da humanidade do xamanismo e cerimônias sagradas de tribos aborígenes das grandes religiões do mundo.

Você fez pesquisa usando o LSD. Quais as suas descobertas e conclusões?

Dediquei mais de vinte anos conduzindo pesquisa em terapia psicodélica, na Checoslováquia e nos Estados Unidos. Como resultado senti grande espanto e respeito em relação a essas substâncias - o que elas podem fazer tanto no

lado positivo quanto no negativo. É importante enfatizar que elas são ferramentas poderosas que não tem benefícios intrínsecos ou propriedades prejudiciais. O resultado, é igual a todas as coisas, depende de como o homem usa essas coisas.

Em caso de psicodélicos os resultados dependem do que podemos chamar "set e setting" - quem os administra, para quem, sobre que circunstâncias e com que intenção. Eles podem ser usados como uma arma química ou, quer dizer, para fazer lavagem cerebral, como poderoso agente de cura ou como sacramento que pode facilitar experiências espirituais de transformação da vida.

Há alguma conexão entre sua pesquisa e o trabalho de Timothy Leary?

Realmente não. Nós nos encontramos em numerosas ocasiões, primeiro em 1965, quando eu o visitei em Millbrook e mais tarde em várias conferências, onde ambos fomos conferencistas, e também durante suas visitas ao Instituto Esalen, em Big Sur, Califórnia, mas nossa abordagem para psicodélicos era muito diferente. Ele era um colossal experimentador, tendo tomado LSD mais de mil vezes e com a exceção do seu mais novo trabalho em Havard, suas experiências com outros eram num contexto ao acaso e sem supervisão. Ele era um brilhante pensador, mas permaneceu em seu coração um rebelde irlandês, contrário ao estabelecido, não conformista e "agente provocador".

Eu, pessoalmente, usei psicodélicos para auto-exploração, mas numa escala muito mais conservadora. A maioria de minhas pesquisas psicodélicas foram trabalhos extensivos com outros, em um contexto clínico, primeiro no Instituto de Pesquisa Psiquiátrica, em Praga, na Tchecoslováquia e mais tarde no Centro de Pesquisa Psiquiátrica Maryland, em Baltimore, Maryland. Eu tentei formular minhas descobertas em artigos científicos e livros, com

intenção de tornar aceita a terapia psicodélica, na corrente psiquiátrica.

Você poderia falar sobre seu novo livro?

Escrevi meu mais recente livro, "Psicologia do Futuro: Lições da Moderna Pesquisa da Consciência", a pedido da State University Press, que publicou vários de meus livros anteriores. Eles queriam que eu descrevesse, de um modo sistemático e compreensivo, minhas observações de mais de quarenta anos de pesquisa, de uma importante variedade de estados incomuns de consciência, que chamei holotrópico (literalmente movendo em direção ao todo do Grego holos = todo e trepein = mover em direção a alguma coisa). Exemplos de tais estados são os transe xamânicos ou iniciações em rituais aborígenes, estados encontrados em práticas meditativas sistemáticas, episódios místicos espontâneos, experiências psicodélicas e psicoterapias experienciais com formas poderosas de auto-exploração, como, por exemplo, terapia primal, renascimento e trabalho com a respiração holotrópica.

O livro, basicamente, aponta, muito especificamente, para diferentes áreas, nas quais nosso pensamento sobre a psique humana na saúde e doença deveriam mudar radicalmente, para acomodar essas novas descobertas. Eu também delinhei a direção e natureza das mudanças necessárias. Exemplos de tais áreas são a natureza e origem da consciência, arquitetura dos distúrbios emocionais e psicossomáticos e estratégia da psicoterapia. Alguns outros problemas, descritos no livro, são a teoria e a prática do trabalho com a respiração holotrópica, aspectos espiritual e filosófico da morte, terapia psicodélica com pacientes com câncer, insights metafísicos da pesquisa da consciência e implicações desse trabalho em relação à crise global.

O livro poderá estar disponível no Brasil, traduzido para a língua portuguesa,

no início de dezembro de 2000. Estou planejando voltar ao Brasil, no início de dezembro, para dar algumas entrevistas e autografar o livro, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Vocês poderão ter informações mais específicas sobre a edição brasileira, através do Kiu Eckstein, no Rio, que é quem está envolvido, na tradução e negociações com o editor.

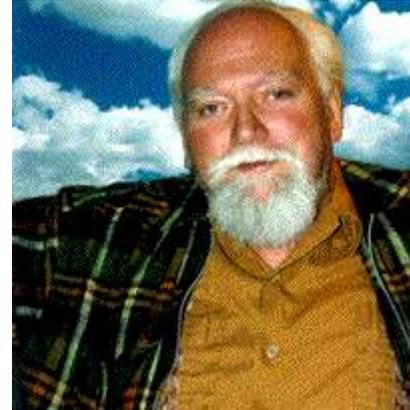
Tradução de Álvaro Veiga Jardim

Obs: O livro *Psicologia do Futuro*, escrito por **Stanislav Grof, M. D.**, Editora Heresis, Niterói - RJ., e está disponível no Brasil, desde dezembro de 2000.

Fonte : Aljardim (www.aljardim.com.br).

ESCAPANDO DA ERA NEGRA

Robert Anton Wilson



O livro final de Bucky Fuller - deixado incompleto quando este morreu em 1983 - finalmente alcançou as prateleiras, depois de uma cuidadosa edição e reorganização pelo homem que Bucky chamava de "seu adjuvante", Kiyoshi Kuromiya. Antes de falar alguma coisa sobre essa obra prima, sugiro que você aprenda um pouco sobre a precisão matemática da mente de Bucky Fuller, procurando num dicionário a palavra "adjuvante", que preferia em lugar de "associado", e "cosmografia", que define melhor o seu tópico de interesse do que "cosmologia".

Fuller sempre utilizou a palavra precisa para denotar o significado exato daquilo que desejava transmitir e com frequência notei que aproveitava melhor os seus livros com um dicionário ao lado, não apenas para encontrar o significado de palavras pouco familiares, mas quando eu suspeitava ter

perdido alguma nuance ou dimensão.

Entrevistando Bucky alguns meses antes de sua morte, perguntei-lhe o que é que uma pessoa ordinária (não treinada em matemática ou engenharia) poderia fazer para melhorar o "plano da revolução científica" que instava. Ele não hesitou mais que dois segundos e respondeu: "vivendo com integridade".

"Isto é tudo? ", perguntei, algo mistificado.

"É o necessário e suficiente", replicou ele. Reli este comentário e as palavras "integridade", "necessário", "suficiente" pelo menos uma vez por semana nestes últimos dez anos. Sempre obtenho novos insights a partir desse processo de repensar - insights sobre Fuller, sobre a ética científica e até mesmo sobre o Budismo.

Uma passagem característica das duas últimas páginas de "Cosmography" explora os mesmos pensamentos, com mais luz e clareza:

"Umhas poucas instâncias de reflexos condicionados persistentes e mal-colocados são popularmente, a falha, o fato agora cientificamente provado que não existem raças ou classes diferentes de humanos; a falha de reconhecer a obsolescência tecnológica da suposição Malthusiana-Darwiniana aceita como política mundial global de uma inadequação inerente da manutenção da vida e daí, "a sobrevivência apenas dos mais fortes"; a falha em ratificar o ERA (adendo constitucional de igualdade de direitos para as mulheres) pela democracia que até o momento atual na

história representa a população mais misturada do mundo ou, frente á ampla capacidade de produção de alimentos para todos os seres terrestres, termos o fato da tolerância de todos os sistemas de mercados com o sistema que resulta em milhões de humanos morrendo de fome a cada ano.

"A persistência insensata e não-desafiada de uma miríade de tais reflexos cerebrais mal-formados irá sinalizar tamanha falta de integridade das pessoas que poderá determinar a desqualificação da humanidade e sua eliminação pelo holocausto atômico".

"Você poderá sentir-se impotente para tentar parar a bomba. Para você, a conexão entre os direitos iguais e o holocausto atômico poderá parecer-lhe remota, de início. Tenho confiança que aquilo que estou dizendo é verdadeiro".

Em uma linguagem menos exata, pré-Fulleriana, os reflexos condicionados nos governam mais que nossas mentes. A falha da inclusão do ERA indica a persistência de um daqueles reflexos sem mente. A soma total desses reflexos criam todos nossos problemas planetários. Esses problemas globais sinergeticamente somam-se em direção a uma tendência à incessante repetição de hábitos obsoletos - hábitos que agora colocam nossa sobrevivência em perigo.

A Integridade, significando a mente atuando de forma honesta e criativa, lutando contra seus próprios reflexos condicionados, funciona como a única força trabalhando para contrabalançar esse impulso mecânico-condicionado em direção ao holocausto.

Mais no início de seu livro, Fuller lista os condicionamentos maiores do cérebro que são subjacentes a todas as confusões do Universo e nossa própria posição. Tais erros habituais indicam que permanecemos aprisionados na "Era Negra" pelos "termos nos quais fomos condicionados a pensar":

1. A crença na objetividade (ou externalidade) de "cima" e "baixo".
2. A crença de que as linhas retas estendem-se ao infinito.
3. A crença em medidas baseadas em quadrados fictícios e cubos não-existentes.
4. Q crença que os "sólidos" são realmente sólidos.
5. A crença que várias linhas podem passar pelo mesmo ponto ao mesmo tempo.
6. A crença num mundo tridimensional independente de nossos reflexos cerebrais.
7. A crença de que existe mais que uma raça de seres humanos.
8. A crença que o Universo contém um Deus masculino e que fora "dele" tudo o mais de importância é humano e dominado pelo macho. (Penso que se Fuller tivesse vivido para dar polimento e afinação ao livro, teria

acrescentado mais alguns "erros fundamentais", por exemplo:

9. A crença que o dinheiro existe independentemente de nossos cérebros e somente numa quantidade limitada e,

10. A crença que os recursos também existem apenas em quantidades limitadas. (Ou talvez ele considerasse esses erros - enormes e custosos - como não fundamentais, mas derivativos dos erros primários?)

Embora a maioria dos físicos e matemáticos concordem com Fuller sobre a falácia de todas as crenças citadas acima, ele não se preocupa em citar muitos dos seus trabalhos. Ao invés, leva-nos, passo a passo, através da visão de mundo alternativa que criou desde 1927, na qual o Universo não tem nem "cima" nem "baixo", ou "linhas retas", as tensões e compressões em sistemas geodésicos oferecem formulações mais simples e elegantes de nosso mundo do que o sistema tradicional Euclidiano-Aristoteliano-Newtoniano ou os sistemas revisados "modernos" que ainda fazem uso de geometrias pré-Fullerianas.

Todos os paradoxos e espantosas Alças Estranhas que infestam a ciência "moderna" (pós-quântica) agora aparecem, dentro da perspectiva fulleriana, como resultantes da aplicação da algebratização de Descartes de uma geometria de terra-plana de Euclides sobre um espaço esférico onde Euclides simplesmente não funciona. Na geometria de Fuller, os paradoxos e Alças Estranhas simplesmente não acontecem. O Universo torna-se espantosamente racional, novamente.

Uma das passagens mais belas e inovadoras (pp.146-159) explica, em termos da geometria sinérgica de Fuller, a forma mais simples de sinergia reconhecida pela ciência - o porquê de uma liga de dois metais acabar produzindo um todo mais forte que a soma de cada uma das partes. Numa precisão matemática maravilhosa, essas páginas provam mais do que os últimos 3.000 livros sobre o "holismo" produzidos por entusiastas intuitivos que nunca aprenderam a disciplinar suas intuições, como faz Fuller, com a lógica pura. Você não consegue ler aquelas páginas sem um novo e sublime insight sobre o que o "holismo"(ou como preferia Fuller, a sinergia) realmente significa e também o quanto do Universo também funciona nesses modos não-lineares e não-somatórios.

Num sentido, aquelas poucas páginas apenas podem elevá-lo da Era Negra Atual prevalente, se você lê-las com uma atenção total. Beleza e lógica iguais, em minha opinião, permeiam a discussão Fulleriana inteira sobre o "reflexo" e "mente". Os reflexos mecânicos ocorrem em cérebros humanos, como em todos os cérebros animais, diz ele, mas a "mente" apenas se manifesta quando um humano, utilizando tanto a intuição quanto a lógica, percebe uma generalização não-local. Em outras palavras, os reflexos somam-se num número finito de experiências-casos especiais, mas a mente habita diretamente o mesmo campo meta-físico (isto é, não-local) que a lei cósmica.

Abstrato demais? Deixe-me tentar novamente: tanto a mente como as leis cósmicas que ela transcreve permanecem não-locais, não-específicas, sem peso, sem massa, sem temperatura. Em todos esses aspectos, diferem de reflexos e de outros sistemas mecânicos que sempre apresentam localidade,

especificidade, peso, massa e temperatura. Onde a mente, neste sentido Fulleriano não tem o domínio, os reflexos preenchem este espaço e quando tornam-se obsoletos, ainda assim o mundo continua as mesmas brutalidades estúpidas, como as pessoas mecânicas presas numa peça de Beckett.

Fuller diz melhor, mas em palavras que você tem de ler mais devagar. A maior parte da Cosmography, utilizando diagramas sinérgicos simples, tenta mostrar a bela coerência do Universo pós-Einsteniando e assim tenta nos livrar de outras repetições mecânicas de nossos errados conceitos de "cima" e "baixo", assim como de formas de espaço "quadradas" e "cúbicas". Como vemos, o mundo Relativístico torna-se brilhantemente novo mais uma vez, e podemos visualizá-lo nos tetraedros e octetos e Fuller e outras estruturas simples - assim como se nós nunca havíamos realmente compreendido a Relatividade, antes.

Do interior do átomo até ao cosmos como um todo, Fuller nos mostra, novamente, os mesmos nós de energia sinérgicos não-simultâneos criando a ilusão de "objetos sólidos" que vemos normalmente. Este livro, portanto, poderá ser considerado como a melhor introdução à Física do século 20 e também como uma espécie de análogo de uma experiência iluminadora, já que os diagramas de Fuller nos ajudam, literalmente, a "ver" através do modelo materialístico até os sistemas de informação-energia dos quais as "coisas sólidas" surgem.

E, como li, recordei mais uma vez minha última entrevista com Bucky. Perguntei-lhe se "Universo" e "Deus" significavam a mesma coisa para ele,

como muitos de seus leitores suspeitavam.

"Deus", disse de maneira precisa, "parece um conceito muito pequeno para conter as coerências estranhamente inter-acomodativas do Universo".

De forma tipicamente fulleriana, penso: ele disse "coerências" e não "forças". O todo Aristoteliano-Newtoniano da mitologia da "força" representa um outro reflexo de Era Negra que havia superado.

Tradução do Instituto Nokhooja

Fontes: Trajectories n. 12 - Spring 1993 - Cosmography (Macmillan, New York, 1992).

Instituto Nokhooja (www.nokhooja.com.br).

Link: Site de Robert Anton Wilson (www.rawilson.com).

HASHBURY CIDADE LIVRE (1)

Mário Pacheco

No Verão de 1967, San Francisco era a “fumada” Frisco, a Liverpool americana. Havia um bando de *freaks*, que narcotizados pela filosofia *Beat*, o espelho para suas sensações marginalizadas, passaram a vagar por estradas, pregar o amor livre, protestar contra as guerras, ler hai-kais, viver em comunidade, afiando a consciência entre os desejos particulares e intervenções no espaço coletivo. Além das deliberações sexuais, buscaram nos alucinógenos notadamente o LSD, o perceptível passaporte ao inconsciente, almejando extrair uma visão paradisíaca das coisas.

O Jefferson Airplane possuía um casarão no número 2.400 da Fulton Street, onde passou grande parte de seus anos de melhor criação.

No número 1535 da Haight Street, funcionava um dos pontos de encontro dos *hippies* de Hashbury. Era a *Psychedelic Shop*, onde vendiam-se jornais, revistas, discos e livros. Na loja havia também um café, uma sala de meditação sempre na penumbra e outra para se fazer amor. Nesta última foram concebidos muitos dos bebês de Hashbury. Na *Psychedelic Shop* (Loja Psicodélica) também funcionava a redação do *Oracle*, o precursor da imprensa *underground*. O jornal uma espécie de porta-voz da tribo, chegava às ruas perfumado de jasmim, contando eventos ligados à vida da comunidade. As edições esgotavam em horas. Quando fechou as portas, o *Oracle* estava com uma tiragem de 100 mil exemplares e distribuição em toda a Califórnia, algumas das edições alcançaram tiragens de 120 mil exemplares. Ninguém lucrou com o jornal. Em caso de emergência, os colaboradores podiam tirar um vale para o aluguel, nada além disso. O espaço vazio deixado pelo Oracle foi ocupado por aqueles que seriam os mais bem-sucedidos e poderosos jornais alternativos - o *Rolling Stone* e o

Village Voice.

Um pouco adiante até hoje existe a *Haight-Ashbury Free Medical Clinic* (Clínica Gratuita), oferecendo assistência médica completa e gratuita aos *hippies*, onde estiveram os Beatles. Ninguém pagava nada. O pequeno consultório, fundado em Haight-Street por um grupo de médicos voluntários, incluía até um departamento especial para atender aos casos de *overdose* de LSD. Na entrada da sala, um aviso dizia: “Aos pilotos psicodélicos que precisam de ajuda para encontrar o caminho de volta para a terra”.



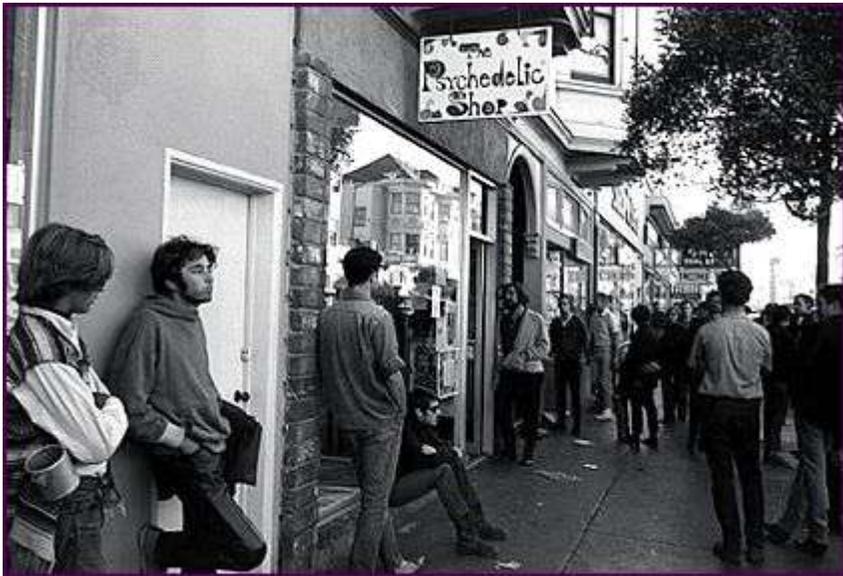
O projeto *Free City San Francisco* tinha levado à prática algumas formas experimentais. A idéia era comunicada ao visitante com a promessa deste nada dizer. Temia-se toda a publicidade desnecessária. Secretamente

distribuiu-se entretanto um comunicado que proclamava San Francisco uma “cidade livre”. Transcrevo uma informação sobre o *Carroussel*, quando este era propriedade do *Free City Movement* e que foi publicada pelo jornal *International Times*: “Carroussel Ballroom, 1545 Market Street, San Francisco, pertencente a Grateful Dead e Jefferson Airplane. Lotação para 2.500 a 3.000 espectadores, com preços o mais baixo possível. Há três semanas, os Diggers tem em funcionamento um *Free Food Store*. Ao longo da semana sucedem-se manifestações como a convenção *Free City Planning*. Todas as quartas-feiras há baile com os Hell’s Angels e Big Brother and the Holding Company, com entradas a 1 dólar. Brian Rohan, advogado em questões pop, informa gratuitamente sobre assuntos jurídicos. Toda esta equipe trabalha para conseguir dinheiro para a comunidade. Os panteras negras escondem as armas quando entram ali”.

O último exemplo é característico. A organização radical negra Black Panthers, constituída para defender o homem negro perante os desmandos dos brancos, ocultam as armas de fogo quando entram no *Carroussel*. Sabem que penetram noutra comunidade que estava a tentar pôr em prática a “cidade livre”. O *Gorilla Theatre* organiza manifestações de nudismo e o *San Francisco Mime Troupe*, um grupo de teatro guerrilheiro de Ronnie Davis realiza sátiras políticas na rua, coordenando de maneira geral o lado artístico do desbunde, deu nada menos que 124 espetáculos em 1968. Os atores não pedem dinheiro; quem quiser dar alguma coisa, dá e deposita o dinheiro num cesto.

Duas revoluções ajudaram o movimento: uma nos jornais, com o *Rolling Stone*; outra nas rádios, quando a nova música contou com as suas próprias estações emissoras. Sob a direção de Tom Donahue que modificou a programação FM da K.M.P.X., passando a transmitir à maneira de rádio pirata, faixas de discos e tapes dos grupos de rock, que nunca apareciam nas listas de êxitos da rádio comercial, rompendo a barreira da música

meramente comercial.



Os programas de música, eram frequentemente interrompidos para a transmissão de notícias e fatos da nova cultura de San Francisco. K.M.P.X., foi a primeira emissora de rádio *underground*.

O espírito pouco convencional da citada emissora chegava ao ponto de transmitir, por exemplo um raga de vinte minutos interpretada por Ali Akbar Khan, assim como o longo monólogo *Mixed Water* de Bukha White.

Existia também a escola secreta e misteriosa onde só se podia passar seis dias. Tudo de graça: cama, comida e transporte para chegar até lá. O que precisa era estar disponível por seis dias. E quem não estava disponível em

Hashbury nesses dias? Seis dias de iniciação com Timothy Leary, Alan Watts e outros advogados da nova consciência. No currículo do curso, cura espiritual através de cartas para os arcanjos, astrologia, medicina natural, dança. Aprendia-se também a conversar com os arcanjos do céu, os avatares, os bodisatvas, os bruxos. Tudo, claro, com a ajudinha de LSD.

Chegou o dia de celebrar a nova consciência que surgira na América e que, àquela altura, influenciava o mundo inteiro. O Festival das Viagens, a festa que marcou o evento, durou três dias e foi realizado ao ar livre, no Golden Gate Park. Gente de todos os continentes na grama do parque, garotas dançando seminuas, sarapes, mandalas, flores, túnicas indianas, incenso. Era a grande explosão, o apogeu do poder da flor. No último dia do Festival, uma caravana de dez mil pessoas subiram ao topo da colina de Twin Peaks, localizada no meio de Frisco, para saudar o Sol com cânticos e orações. Quando o Sol surgiu no horizonte, Charlie Brown, o homem sagrado, levantou-se e proclamou o nascimento do Verão do Amor.

A nova cultura de San Francisco (visível no seu teatro de rua San Francisco Mime Troupe, nos seus jornais *underground Oracle*, *San Francisco Good Times*, *Berkeley Tribe* e *Berkeley Barbo*, as suas comunas, *free shops*, *diggers* e conjuntos), foi silenciada durante um ano pela imprensa mundial, que lhe deu a chancela *hippie* para convertê-la num simples slogan turístico. Os chamados hippies tiveram que desfilar pelas ruas com um funeral aos ombros para que a imprensa proclamasse que o *hippismo* morrera de vez.

O que acontecia em Haight-Ashbury nesses dias eram turistas de todo o mundo, da Europa ao Japão, sabendo mais a respeito de Hashbury do que de San Francisco. Quando chegavam à Califórnia, o paraíso *hippie* era a primeira atração a ser visitada. De hora em hora, durante o verão, chegavam ônibus trazendo batalhões de turistas vindo dos hotéis do centro, a seis dólares por cabeça. Esses *tours* eram anunciados como “um safári

pelo único país estrangeiro dentro da fronteira dos Estados Unidos” ou “safáris pelo reino de Psicodelia, o único país estrangeiro em território americano”.

“A expressão *hippie* e os lemas similares *flower-power* e *make love, not war* se tinham convertido meses atrás em insultos e zombarias burguesas, definição que englobava todo os turistas vestidos com largas túnicas e portadores de colares de miçanga e insígnias de protesto. Quem passeie hoje em dia em San Francisco com uma flor; no cabelo, pode estar certo que será desmascarado como palhaço ridículo” (2).

De fato, aves raras é o que não falta em Hashbury. Pintaram subdivisões, como os *heads* (mentores do Zen Budismo), Merry Pranksters do célebre Ken Kesey, os Hell’s Angels (a polícia pantera-pop) e os desvairados *hippies* de North Beach. Havia, por exemplo, os Diggers, uma facção de *hippies* radicais que ostentam o símbolo 1% na camisa, referindo-se a si próprios como a percentagem de seres humanos totalmente livres. Os restantes 99% são condicionados. Os Diggers são conhecidos como um grupo filantrópico a serviço da libertação dos demais. Andam sempre imundos, descalços e mendigam comida de porta em porta. Na verdade, os Diggers foram um grupo anarquista que viveu na Inglaterra no século XVII, usando depósitos de lixo como moradia. A luta dos antigos Diggers era no sentido de que a terra fosse dada a quem faz uso dela. Essas raízes ideológicas se estabeleceram entre os Diggers de Hashbury. Sua meta era a anarquia não violenta. Foram eles que construíram uma grande moldura no Golden Gate Park, através da qual podia ver-se um bando de *hippies* ocupados com a laboriosa tarefa de fazer amor, fumar maconha ou simplesmente dormir. A obra de arte era para ser vista pelos “normais”, isto é, as pessoas de terno e gravata, “que só consideravam arte o que esta contido pelos quatro lados de uma moldura”.

Às quatro da tarde havia comida de graça no Golden Gate. Era o ritual diário dos famintos de Hashbury. Mais um gesto filantrópico dos Diggers, em solidariedade aos *hippies* menos afortunados. A comida era descolada nos bares, restaurantes, supermercados. Às vezes tinha de ser roubada. O passo seguinte era conseguir o local para cozinhar. Uma vez um biólogo doou aos *hippies* uma baleia pescada ilegalmente perto de Frisco. Foi a maior ceia de que se teve notícia em Hashbury.

Uma boa parte da festa acontecia diariamente num recanto do Golden Gate conhecido como a Colina dos *Hippies*. Lá, na grama, sob o sol, que Chocolate George (libertado sob fiança), um Hell Angel dissidente que virou *hippie*, montou seu escritório para empresariar novos talentos musicais. Nas horas vagas, Chocolate, sempre elegante, saía com um enorme estojo de guitarra (não havia nada dentro do estojo) pelas ruas de Frisco, fazendo-se passar por um músico de sucesso. Chocolate George fez da Colina sua base eleitoral. Ele concorria por conta própria à prefeitura de Frisco, prometendo, caso fosse eleito estimular o uso de LSD nas escolas primárias do país. Quando foi convocado para servir no Vietnã, protestou nu, durante várias horas em frente à Câmara dos Deputados da Califórnia.

E o hippismo cresceu. Em janeiro de 1967, no Golden Gate Park, foi organizado o World’s First Human-Be-in (o mais famoso congresso-festival do poder da flor). Timothy Leary, Allen Ginsberg, Jerry Rubin (líder dos *Yippies*, o partido internacional da juventude) e mais ou menos 30 mil pessoas marcaram presença para discutir e ouvir o som do Dead, do Airplane e outros.

Nesse momento, o ácido lisérgico é visto, como uma abertura para a unidade dos seres humanos e para a expansão da consciência, da compaixão e da inteligência. A maioria dos *hippies* de Hashbury vendia LSD e maconha. Ninguém precisava de muito dinheiro, pois a maioria vivia

comunitariamente. Os aluguéis não passavam de 25 dólares por pessoa, a comida era barata. Assim, não era difícil comprar um pouco de maconha, vender um pouco, fumar um pouco e ainda ter a grana do aluguel no fim do mês. A maconha era barata, não existiam as grandes organizações no tráfico internacional, o quilo da maconha valia 80 dólares, mas...

No dia 6 de outubro de 1966 o LSD é proibido por lei nos Estados Unidos. Para a maioria das pessoas, a data tem pouca importância, mas, para os *hippies*, ela tem um sentido místico. Ela contém o símbolo 666, frequentemente mencionado pela Bíblia, pela Cabala e pelos livros da Maçonaria. Segundo esses textos sagrados, 666 é o símbolo da besta. Todos os nomes do anticristo têm 66 como seu equivalente numérico do símbolo usado pelos gregos para designar o demônio, a mente inferior.

A repressão à “droga sagrada” desencadeia uma nova onda de protestos pacíficos *coast to coast*, de Frisco a Nova York. Cartas são enviadas a Casa Branca e às principais prefeituras do país: “Uma democracia é o povo dizendo ao governo o que o faz feliz e não o contrário. A proibição do LSD é uma interferência do Estado na privacidade da psique dos cidadãos”.

Nesta altura, a repressão corre solta em Frisco. *The Beard*, a peça do poeta Michael McClure, adaptada para o cinema por Andy Warhol, acabou de ser retirada do cartaz de um teatro de Hashbury, pela polícia, sob a acusação de “conspiração e atentado à moral”. *The Beard* é um diálogo entre Billy the Kid e Jean Harlow, no céu, ambos surpresos por terem merecido tamanha complacência de Deus.

Poucas semanas depois, os donos da *Psychedelic Shop* são presos por venderem o *Livro do Amor*, da escritora Lenore Kandel, um livro sobre expressões de êxtase que não fazia nenhuma distinção entre o êxtase sexual e o êxtase religioso. “Blasfêmia!”, sentenciou a corte americana. O mesmo

acontece com a peça *Circo Psicodélico*, do romancista Ken Kesey, ovacionado pela crítica por seu *best seller Um Estranho no Ninho*, que foge para o México temendo represália à encenação, na véspera, da sua *Sinfonia Psicodélica*, pelo Grateful Dead.

No começo de 1967, a estridência dos *hippies* e todos os acontecimentos em Hashbury repercutem em todo o mundo como uma crise moral que ameaça as mais sagradas instituições americanas. A ação da censura e a repressão policial crescem.

Nesse momento a maioria dos agrupamentos políticos de esquerda dos Estados Unidos emprestavam sua solidariedade aos *hippies* da Califórnia. Uma grande celebração foi promovida no Golden Gate Park, variando entre 20 a 60 mil pessoas vindas de toda a América “para uma união de total amor e ativismo político de duas tendências antes separadas por dogmas categóricos”. A convocatória para o ato público dizia: “Os militantes políticos de Berkeley, a comunidade *hippie* de San Francisco, a geração espiritualista da Califórnia e contingentes da geração revolucionária de toda a América se encontrarão no Golden Gate Park para a comunhão de um ideal comum: a união das tribos pela harmonia dos seres humanos”. A data escolhida é sábado 14 de janeiro de 1967, dia em que, segundo cálculos esotéricos, a população da terra seria equivalente ao total de mortos da História da Humanidade.

“Às primeiras horas da tarde, umas vinte mil pessoas reuniam-se no anfiteatro de emergência construído junto do campo de pólo de Golden Gate Park. Ainda que pareça estranho, não se via um único policial nas redondezas. Talvez fosse esse o maior mistério daquele dia.

Da plataforma, uma voz tranqüila saudou a multidão:

- Bem-vindos a esta primeira manifestação do *Bravo Mundo Novo*...

O público soltou uma espécie de suspiro coletivo. Seria verdade tudo aquilo, realmente? Vinte mil pessoas tinham-se concentrado ali, com o único objetivo de expressar o seu amor e a sua alegria, para celebrar a unidade naquele parque banhado de sol; na companhia de pessoas que tinham o mesmo aspecto que os outros, o mesmo pensamento, o mesmo compartilhar de esperanças e ídolos; cujo único desejo era permanecerem sozinhos e viver como melhor lhes aprouver” (3).

“As notícias sobre os planos para o primeiro Love-In chegaram através de uma ligação telefônica transcontinental, feita por Michael Bowen, o maluco e carismático artista-ativista. Ele e outras figuras de peso no cenário de San Francisco estavam bolando a celebração de uma missa no Golden Gate em honra do LSD e da consciência das drogas. Havia alguma rivalidade entre os barões psicodélicos sobre quem deveria encabeçar o evento: realmente, um problema dos mais difíceis, diante da presença de talentos como os Diggers, os remanescentes dos Pranksters de Kesey, a Mime Troup, o High Wizard Chet Helms, a Communication Company, o Grateful Dead, Bill Graham e os Hell’s Angels todos competindo pelo centro do palco. Michael prometeu que eu seria convidado para o encerramento. Alguns dos grupo de planejamento queriam organizar encontros similares no mesmo dia, em Londres, Amsterdã, Copenhague, Roma, Nova York e em outros pontos do Ocidente. Michael perguntou-me sobre imprimir e distribuir crachás da Liga da Descoberta Espiritual. Milhões no mundo inteiro os preencheriam e os colocariam em enormes caixas pintadas para parecer cubos de açúcar.



- Ei, espere um pouco, Mike - protestei. - Eu não quero pertencer a uma religião de milhões de pessoas que nem conheço.

- Apenas curta - continuou o impassível Bowen. - Em apenas um dia nossa religião seria procurada por mais adeptos do que o cristianismo e o islamismo em seus três séculos. Em um dia, você se tornaria papa de uma religião de alcance mundial.

- Papa, hein? É uma oferta interessante, mas não é exatamente a carreira que tenho em mente. Não gosto de cultos de massa.

- Pensamento fora de moda, cara - disse ele. - Seremos conectados

eletronicamente. Shows mundiais de tevê. Dizendo para as pessoas como evitar bad trips. E, quatro vezes por ano, nos equinócios e nos solstícios, repetiremos as celebrações de missa. O planeta está louco para ser ligado. Você é aquele que tem a resposta.

- Rosemary e eu iremos para o encontro - disse-lhe - como parte da multidão.

No meio da manhã, podia-se sentir a eletricidade aumentando ali na área da baía. Todas as estações de rádio comentavam o *Love-In*. As pontes para a cidade estavam lotadas de peruas Volkswagen e as ruas em direção ao Golden Gate tornaram-se rios de gente. Mais de 60 mil pessoas se espalharam pelo gramado, comendo, bebendo, fumando, tocando instrumentos musicais.

As maiores bandas de lá tocavam em um palco erguido sobre uma plataforma. Celebidades da contracultura davam seu recado entre os shows. Havia muita politicagem no comitê organizador quanto ao tempo fornecido a cada orador. O pessoal do lado cultural queria que eu enviasse uma nota com os princípios básicos. Os esquerdistas linha-dura queriam transformar o Love-In em uma demonstração política. Nas suas extremidades, a multidão era gentil, harmoniosa e alegre, no espírito de uma Kumamela hindu, onde o povo se alinha nas margens do Ganges para se encontrar. Enquanto íamos indo em direção do palco, pude observar um interessante fenômeno neuro-social. Quanto mais perto dos microfones e amplificadores, piores eram as vibrações. Havia espectadores empurrando outros para chegar perto do palco, o centro da agitação.

Agradei aos convites para subir ao palco. Discursos são irrelevantes. aquele monte de almas com mentes parecidas era a mensagem. Olhe lá em cima. Alguém num pára-quadras coloridíssimo ia descendo, descendo,

descendo até que aterrissou no centro do gramado. A maioria da multidão foi sensível o suficiente para ignorar a gritaria no palco. Jerry Rubin havia apanhado o microfone e estava passando uma reprimenda em todos os presentes, porque, enquanto eles estavam ali curtindo, se divertindo, três ativistas políticos de Berkeley estavam trancados na cadeia por atirarem pedras.

- Ligue-se, sintonize-se, assumo o comando - gritou ele.

Fui empurrado para o palco pelos promotores e fiquei espremido entre dois belicosos motoqueiros que defendiam seus respectivos espaços. As pessoas brigavam pelo microfone. Fui empurrado para o pódio. Berrei minhas seis palavras.

- Ligue-se, sintonize-se, libere-se.

E pulei para fora do palco” (4).

Jerry Rubin, dirigente dos *hippies*, orou sobre o Vietnã e Allen Ginsberg e Gary Snyder entoaram o hino Krishna:

Hare, Krishna, Hare Krishna, Krishna, Krishna, Hare Hare, Hare Rama, Hare Rama, Rama, Hare, Hare

The Grateful Dead, Jefferson Airplane e Dizzy Gillespie, atuaram e muitos outros.

Eram esperadas 50 mil pessoas vindas de todas as partes da América e da Europa. O sol é da cor de Orange Sunshine, o ácido lisérgico preferido por todos. E todos estavam lá. Ria-se, dançava-se.. “Éramos todos amantes”, lembraria Ric Levine, sentado no mesmo local do Golden Gate Park onde

tudo aconteceu.

Seria o último evento em Hashbury. Naquele mesmo dia, a placa da Loja Psicodélica foi queimada e enterrada, simbolizando “a morte dos hippies”. O resto, o que o mundo conheceu e ouviu falar, foi lenda, eco, migalhas de um fenômeno épico. Nada tinha havido antes que se parecesse com aquilo. E nada houve depois. Naquele dia também uma grande borboleta psicodélica que tinha nascido em Hashbury. Pela terra, pelos oceanos, voaria para outros continentes. E onde a borboleta psicodélica pousou, seu espírito se impregnou na consciência de milhões de jovens. E era tão forte o seu poder, que trazia a força viva de uma revolução. Uma revolução sem armas, pacífica. Foi ela quem dividiu a consciência do país, quando os cadáveres começaram a chegar em massa do Vietnã e os horrores da guerra entraram pelos lares da América.

Profetizou-se que cem mil crianças da geração flórida reuniram-se na grama para celebrar o primeiro grande festival de rock ao ar livre em junho para o Festival de Monterey Pop. Como sempre, a música acompanhava o movimento: em maio, o cantor Scott McKenzie lançava uma canção composta por John Phillips, dos The Mamas & The Papas, San Francisco (Wear Some Flowers in Your Hair). Além de fazer propaganda do Verão do Amor, a letra recomendava a quem viesse a San Francisco que não se esquecesse de colocar flores nos cabelos. E fazia, a certa altura, um verdadeiro manifesto hippie:

All across the nation / Such a strange vibration
 People in motion / There's a whole generation
 With a new explanation...

Ouvida ainda hoje - com frequência e nostalgia - a canção se tornou o hino do Ano da Flor. Encerrou a carreira de Scott McKenzie, cuja imagem

ficou para sempre associada a San Francisco. Ou, na observação mordaz da enciclopedista do rock, Lillian Roxon:

- Muitas pessoas foram a San Francisco com flores os cabelos e isso não lhes fez nenhum bem. Elas ainda não perdoaram Scott McKenzie.

Na verdade, os cem mil jovens não chegaram a San Francisco no mesmo dia, mas estiveram lá, no decorrer daquele verão, o que criou um grave problema para a municipalidade. Bem dentro do espírito da época (determinado pela superabundância econômica), os hippies exigiram das autoridades casa, comida e assistência médica. Mas San Francisco, a mais esnobe das cidades americanas, só estava interessada em turistas ricos. Tudo acabou-se acertando, quando a comissão de parques declarou várias áreas da região de Haight-Ashbury liberadas para os sacos-de-dormir. E, bem ou mal, San Francisco acabaria ganhando os seus turistas, com a súbita fama nacional - e internacional - como capital mundial dos hippies. Diante desta invasão, os hippies autênticos fugiram para as comunas rurais e Haight-Ashbury ficou entregue aos hippies-de-butique (que faziam um belo comércio) e a bolsões de jovens extraviados e drogados que acabariam expulsos pela alta de aluguéis decorrente da supervalorização da área. San Francisco refletiu, de maneira mais dramática, o que estava acontecendo - com a juventude em quase todas as cidades do mundo industrializado. Em janeiro de 1968, um ano depois da grande “reunião das tribos” convocada para o parque Golden Gate, os próprios moradores do Haight realizaram o enterro simbólico do hippie, “filho dedicado da mídia”. O hippismo se comercializara; o bairro estava infestado de traficantes, motoqueiros violentos, tomadores de anfetamina. Embora só agora estivesse começando a ser exportado para o resto do mundo, em San Francisco o sonho havia acabado.

Atenta em registrar os fenômenos de mudança no comportamento

humano, a revista Time dedicou sua reportagem de capa de 7 de julho de 1967 sobre Os hippies/A Filosofia de uma Subcultura. É curioso recordar a chamada da matéria, trinta anos depois:

Um sociólogo os chama de ‘proletariado freudiano’. Outro observador os vê como ‘expatriados vivendo em nossas praias, mas além de nossa sociedade’. O historiador Arnold Toynbee os descreve como ‘um sinal vermelho para o American way of life’. Para o bispo James Pike, da Califórnia, eles evocam os primeiros cristãos: ‘Há algo no temperamento e na qualidade destas pessoas, uma suavidade, uma calma, um interesse - algo bom’. Para seus pais profundamente preocupados por todo o país, eles mais parecem párias sociais perigosamente iludidos, candidatos a uma boa surra e a um curso intensivo de moral e civismo - se apenas voltassem para casa para receber as duas coisas. Qualquer que seja o seu significado ou o seu objetivo, os hippies emergiram no cenário norte-americano nos últimos 18 meses como uma subcultura totalmente nova, uma bizarra permutação do ethos da classe média americana a partir do qual evoluíram.

Mais adiante, a reportagem do Time toca no cerne da questão, a “filosofia” hippie:

Um senso crescente de utopismo domina a filosofia hippie. Ela tem pouco em comum com a autoritária cidade-estado descrita na República de Platão, ou com a Utopia de Sir Thomas More, que era uma ativa comunidade agrícola onde todo mundo trabalhava seis horas por dia. A inspiração hippie vem da Arcádia: é pastoral e primordial, enfatizando a unidade com a natureza física e psíquica. Northrop Frye, da Universidade de Toronto, professor de inglês e discípulo do filósofo das comunicações Marshall McLuhan, vê os hippies como herdeiros do ‘proscrito e furtivo ideal social conhecido como o País da Cocanha, uma terra de conto de fadas em que todos os desejos podem ser instantaneamente gratificados.

Notas

1. Publicado na revista psicodélica ‘De quando o rock era contracultural’, Volume I.
2. Revista PoP (Alemã).
3. Oliver Johnson exalta assim, no "East Village Other" (Nova York), o Human Be-in.
4. Timothy Leary, em Flashbacks LSD: A experiência que abalou o sistema, Editora Brasiliense.

Fonte: Do Próprio Bolso (www.dopropriobolso.com.br).

INTELIGÊNCIA NATURAL*

Jeremy Narby



Boa noite. Sou um antropólogo; isso significa, estudo pessoas. Em 1984 me embrenhei na Amazônia peruana, novato, direto dos subúrbios e da biblioteca. Não possuía nenhuma experiência prévia a respeito da floresta tropical ou de seus habitantes indígenas. Voltando no tempo, especialistas afirmavam que para se desenvolver a Amazônia, você deveria eliminar da floresta seus habitantes indígenas e derrubá-la, no intuito de explorar seus recursos naturais. Eles afirmavam que os índios não sabiam como utilizar os recursos racionalmente, e confiscar suas terras era economicamente justificável. Como um jovem antropólogo, eu queria estudar como o povo ashaninca vivia no meio da Amazônia peruana e utilizavam a floresta, no

intuito de demonstrar que eles utilizavam seus recursos racionalmente, e, portanto, mereciam e tinham o direito sobre sua própria terra. O objetivo era contradizer os bancos de desenvolvimentos internacionais e tentar promover uma mudança na política. O povo ashaninca com o qual eu convivi, acolheram e demonstraram-me o que eles sabem a respeito da floresta. Torna-se notório que a Amazônia peruana é o local no mundo com maior diversidade biológica. É o epicentro da biodiversidade mundial. Ela possui mais espécies de mamíferos, árvores, répteis, anfíbios e pássaros do que qualquer local de tamanho similar. Quando você anda pela floresta, você observa a mescla de espécies. Na Amazônia peruana, os cientistas acharam mais (a música inicia) espécies de formigas em uma única árvore do que em todas as ilhas britânicas; mais espécies de árvores em um simples hectare do que em toda a Europa; mais espécies de pássaros em um único vale do que em toda a América do Norte. É uma concentração de biodiversidade, um local onde a vida é mais ativa e fértil, e você pode sorver-la, o ar é almiscareiro, tal qual uma estufa.

Surpreendentemente, o ashaninca que me acompanhou pela floresta possuía os nomes de quase todas as plantas, e atribuiu usos para metade delas. Eles utilizam plantas como alimento, materiais de construção, cosméticos, tingimento e medicação. Rapidamente, percebi que eles possuem quase um conhecimento enciclopédico das propriedades das plantas. Eles conhecem plantas que aceleram a cicatrização de ferimentos, curam diarreia, ou curam dores crônicas de costas. Eu mesmo utilizei esses medicamentos quando necessários, somente para certificar-me que eles funcionavam. Logo, comecei a perguntar aos meus consultores ashanincas como eles sabiam a respeito das plantas. Suas respostas foram enigmáticas. Disseram que o conhecimento a respeito das plantas emana das próprias plantas, e os “ayahuasqueros”, tabaqueiros ou xamãs, tomam uma infusão de planta alucinógena chamada ayahuasca, ou comem tabaco concentrado, e falam em suas visões com as essências, os espíritos, que são comuns a

todas as formas de vida e são fontes de informações. Eles dizem que a natureza é inteligente e fala com as pessoas por meio de visões e sonhos.

Bem, eu não levei muito a sério o que essas pessoas estavam me contando. Não podia ser verdade, pois considerando que há informação verídica em suas alucinações, tem-se a definição de psicoses. Era uma impossibilidade epistemológica. Além do mais, isso contradizia o ponto central da minha pesquisa, demonstrar que essas pessoas utilizavam seus recursos racionalmente.

Contudo, uma noite, após quatro meses nesta aldeia, eu estava nas proximidades da vila bebendo chá de mandioca com alguns homens e questionando a respeito da origem dos conhecimentos sobre plantas, quando um deles disse: “Irmão Jeremias, se você quiser descobrir a resposta para sua pergunta, você deve beber ayahuasca, se você quiser, eu poderei mostrar-lhe algum dia”. Ele a chamou de tele-visão da floresta, ela permite que uma pessoa veja imagens e aprenda coisas.

Eu cresci na Suíça, onde o LSD é uma molécula indígena, portanto, eu já provei-o várias vezes, e pensei que sabia tudo sobre coisas desse tipo. Logo, disse sim. Algumas noites mais tarde, me encontrei com este “ayahuasquero” no tablado de uma casa silenciosa, rodeada pelos sons da floresta. Ele administrou a ayahuasca, que é uma infusão amarga, então, após um longo silêncio, ele começou a cantar na escuridão, refrões de sons incompreensíveis e melodias levemente dissonantes. Imagens apareceram na minha mente, e rapidamente me encontrei rodeado por enormes serpentes fluorescentes de 13 metros de comprimento por um metro de altura, realmente arrepiante, que começaram a conversar comigo por meio de uma linguagem mental, contando-me coisas consideradas dolorosas a meu respeito. Elas disseram, você é apenas uma existência humana, uma sensível existência humana. Eu pude ver, olhando para elas, que estavam

certas, que minha perspectiva materialista possuía limites, iniciando pela pressuposição de que meus olhos mostravam-me coisas que não existiam. E, pude ver que minha visão de mundo possuía uma arrogância abismal, fazendo-me cair para frente de joelhos. Então, tive que vomitar – em ashaninca, a palavra ayahuasca é kamárampi, do verbo kamarank, vomitar. A palavra também significa cobra. Logo, me levantei, caminhei sobre as cobras fluorescentes, e vomitei colorido, então me encontrei na escuridão, e transpus meu corpo acima do planeta, que não era azul, sim branco, e coberto de gelo. Mas, assim que o xamã mudou sua canção, eu retornei ao meu corpo, e vi centenas de milhares de imagens, como veias de uma mão humana que lembravam imagens de sulcos de uma folha verde; elas pareciam iguais. Havia muitas imagens, era difícil lembrar-me de todas elas. Era como estar dentro de uma máquina de lavar.

No dia seguinte, tentei falar dessa experiência. Por um lado, ela confirmou o que meus amigos ashanincas disseram. Você pode ingerir a ayahuasca sob a orientação de um praticante treinado e aprender coisas. Eu aprendi que eu era insignificante e de alguma forma, fazia parte da natureza. Eu olhei para a folha verde e em seguida para a pele da minha mão, e descobri que éramos feitos da mesma matéria. A experiência acima de tudo foi um antídoto à contemplação antropocêntrica da antropologia. Isso demonstrou que as noções aparentemente fantasiosas dos meus amigos ashaninca correspondem a algo poderoso, que passou diante da minha própria compreensão da realidade. Foi maravilhoso. Como eu poderia falar para meus colegas a respeito disso e ser levado à sério por eles? Experiências subjetivas de alucinógenos nativos não eram conhecidas no âmbito das carreiras antropológicas, portanto, me acovardei. Voltei as costas para este mistério e continuei minha pesquisa a respeito do uso dos recursos ashanincas, mais um ano, então retornei à universidade, escrevi minha dissertação e tornei-me um doutor em antropologia.

Os europeus chegaram à América há 500 anos atrás e começaram a despovoar as terras. Segundo avançadas estimativas conservadoras de historiadores europeus, quarenta milhões de indígenas morreram, do Alaska à Patagônia, à medida que os europeus apoderavam-se do continente.

Alguns afirmam que este genocídio não foi deliberado, e culpam as doenças contagiosas. Contudo, isso ignora os fatos da história. Europeus massacraram populações inteiras. Gonzalo de Oviedo, o historiador oficial da Coroa Espanhola, disse que ele viu mais mortes cruéis que as estrelas no céu. Ele nomeou esses homens de “despovoadores”. Os europeus reduziram países inteiros à escravidão e trabalho, que levou seus habitantes à morte. Conquistar a montanha de prata, Potosi, no Império Inca. Essa prata da montanha originou e impulsionou o capitalismo, mas quatro entre cinco trabalhadores morreram após um ano de trabalho forçado em Potosi. Nas proximidades das minas de mercúrio de Huancavelica, a expectativa média de vida do trabalhador era de três semanas. Historiadores estimam que mais de oito milhões de pessoas morreram nessas minas.

Essa implacável conquista estendeu-se até o século 20. Nos anos 60 e 70, na Amazônia, os índios eram definidos como “obstáculos pré-históricos ao progresso”, e eles foram massacrados. Na Amazônia brasileira, 56 tribos foram varridas da face da terra, somente no século 20. Foram 56 sociedades, línguas, formas de pensamentos transformados em fumaça. Costumavam ser sete milhões de indígenas na Amazônia, agora restou somente menos de um milhão.

O que podemos fazer com essa história? Não é sua culpa, não é minha, mas estamos montados nela esta noite.

E acredite ou não, a religião cristã com sua forma missionária evangélica continua a destruir as crenças dos índios amazônicos. Eu recentemente

visitei muitas regiões amazônicas, nas quais os últimos xamãs foram levados à morte pelos próprios indígenas, por sugestão missionária. Muitos séculos após a inquisição, as pessoas afirmam agirem em nome de Cristo, e continuam a erradicar o xamanismo.

O mundo industrial ameaça a diversidade biológica. Ele também ameaça a diversidade humana. Das 6.000 línguas ainda faladas, metade não está sendo ensinada às crianças. A cada duas semanas, uma língua desaparece juntamente com os mais idosos de uma tribo. Lingüistas estimam que 3.000 línguas desaparecerão durante este século, o que representa metade das palavras no mundo. Uma língua é mais do que um conjunto de palavras; é uma forma de compreender o mundo. O que está em perigo é o repertório da humanidade, por negociar com os desafios desconhecidos do futuro. Tomados juntos, as culturas deste mundo representam um vasto reservatório de conhecimento contendo as memórias de todos os mais velhos, curandeiros, guerreiros, fazendeiros, pescadores, parteiras, poetas e visionários. Essa é a expressão plena da experiência humana. A sociedade industrial possui somente 200 anos. Como uma simples cultura, com tão frívola história, possui todas as chaves para a sobrevivência das nossas espécies?

Os europeus não inventaram a civilização. Os chineses possuíam a porcelana quando os europeus ainda viviam na lama. Os hindus e os maias inventaram a matemática, a qual os árabes aprimoraram. Agora é nossa responsabilidade cuidar da diversidade humana com carinho, aproximar-se de outras formas de conhecimento e realização, compartilhar nossa contemplação e experiência de outras culturas.

O ashaninca ensinou-me muitas coisas, algumas das quais levaram anos para tornar-se compreensíveis. Contudo, uma coisa que eles conseguiram ensinar-me rapidamente foi a idéia de que a prática é a forma mais

avançada da teoria. Em suas concepções, se uma idéia é boa, você pode colocá-la em prática. De outro modo, é somente pura teoria, em outras palavras não vale muito. Isso me encoraja a aplicar o que aprendi. Em 1989, consegui um emprego em uma ONG suíça que promovia os direitos territoriais dos índios na Amazônia. Até então, este trabalho levou a garantir cerca de 4 milhões de hectares às comunidades indígenas, que é uma área equivalente à 1% da floresta amazônica. Isso também me permitiu visitar pessoas de muitas sociedades indígenas, não somente os ashanincas, mas os aguaruna, shipibo, shawi entre outros. E durante estas viagens, pude perguntar como eles aprenderam a respeito das plantas. Todos eles deram-me prontamente a mesma resposta: o conhecimento à respeito das plantas vem dos ayahuasqueros e tabaqueiros, que ingerem suas misturas de plantas e falam em suas visões com as essências comuns a todas as formas de vida. Você compreendeu? Sim, compreendi. Mas o que significa?

Isso foi um mistério: aqui as pessoas vivem na maior localidade de diversidade biológica no planeta; seus conhecimentos empíricos a respeito das plantas são agora amplamente reconhecidos pela ciência e indústria; eles ainda afirmam que a maior parte deste conhecimento surge das alucinações de seus xamãs. O que isso poderia significar?

Em 1992, fui à Conferência da Terra, no Rio, e descobri que todos falavam a respeito de conhecimentos de botânica dos povos indígenas, mas ninguém falava da origem alucinatória de parte deste conhecimento, como os povos indígenas a debatiam. Então, decidi aprofundar-me na questão.

Após meses de leitura e reflexão, comecei a enxergar coerência nas práticas xamânicas mundiais. Todos os xamãs trabalham em estados de transe que alcançam de distintas formas, não necessariamente por meio de plantas alucinógenas. Todos os xamãs os acompanham por uma música. Primeiramente, em especial, os xamãs realizam as músicas, tanto cantadas

ou por meio de instrumentos. Os xamãs ao redor do mundo associam as essências, ou espíritos, a uma forma que os historiadores de religião chamam de axis mundi, o eixo do mundo, que está formatado tal qual uma escada trançada, ou duas vinhas entrelaçadas, ou uma escada em espiral, as quais eles as descrevem como sendo extremamente longas, tão longas que unem o céu à terra.

Procurando compreender essas noções a partir de um ponto de vista racional, achei correspondentes diretos com a biologia contemporânea. O DNA, uma molécula informacional no centro de cada célula, a estrutura e a função que foram descobertas em um laboratório inglês há 51 anos atrás; essa se faz comum a todas as existências humanas, e está formatada precisamente tal qual uma escada trançada. Esta forma explica a função da molécula. Está configurada como dois cordões complementares envolto um ao redor do outro, o que pode protegê-los e permitir cópias exatas de si mesmos. Este formato permite que ocorra o armazenamento de informações e um mecanismo de duplicação. A molécula de DNA numa célula humana possui 10 átomos de largura e 2 metros de comprimento. Isso é um bilhão de vezes maior que sua largura. É como se um dedo mínimo fosse prolongado de Londres a Los Angeles. Se você pudesse estender seu DNA e colocá-los em linha reta, ele se estenderia por 200 bilhões de quilômetros, o que equivale a 70 viagens de ida e volta entre Saturno e o Sol, e o suficiente para dar a volta ao redor da terra 5 milhões de vezes.

Um DNA não é apenas uma montagem de átomos, não somente um ácido deoxiribonucleico, mas sim um tipo de texto; os biólogos o estão seqüenciando tal qual. Afirmar que o DNA é apenas uma química, seria o mesmo que afirmar que os trabalhos de Machado de Assis são apenas tinta sobre o papel. Trata-se de uma afirmação verídica, contudo não se afirma tanto.

O DNA transmite sua informação ao resto das demais células, por meio de um sistema de codificação que é surpreendentemente similar aos códigos humanos, no quais os registros individuais são significativos. As quatro moléculas que compõem os degraus da escada de DNA, e as quais os cientistas atribuíram uma letra (A, G, C e T), não significam nada individualmente, elas devem ser combinadas em tríades para que façam sentido. O código genético contém 64 palavras de letra-tríade, todas as quais possuem significado, incluindo pontuação, travessão e ponto. Estranhamente este sistema de codificação fora considerado como prova de uma inteligência, até a descoberta do código genético nos anos 60; até então, considerava-se que somente os humanos utilizavam códigos nos quais os sinais são significativos. Porém descobriu-se que todas as células no mundo utilizam tal código. Há uma unidade simbólica significativa em toda natureza.

Para conceber ciência e xamanismo conjuntamente, tive que enxergar inteligência na natureza, um conceito que os xamãs a muito sugeriram, e que os biólogos confirmaram em seus recentes estudos, até mesmo dos mais simples organismos.

Tome o mofo do limo *physarum policephalum*. Esta acéfala criatura unicelular amorfa normalmente comporta-se como uma massa cintilante de muco que move-se sobre, e engolfa sua comida – não se trata exatamente de um candidato premiado por conquista intelectual. Mas esse mofo é capaz de, consistentemente, resolver labirintos. É um organismo unicelular peculiar que pode crescer ao tamanho de uma mão humana e pode unir-se, em caso de separação. Quando pedaços de mofo são colocados em um labirinto, o limo espalha-se e forma um organismo simples que preenche os corredores do labirinto. Mas quando a comida está posicionada no início e no fim do labirinto, o mofo afasta-se das bordas e encolhe seu corpo em

formato de um tubo, o caminho mais curto entre as fontes de comida. Ele resolvera o labirinto desta forma, todas as vezes que fora testado.

Uma visão comum desta inteligência requer um cérebro. E cérebros são compostos por células. Mas neste caso, uma simples célula comporta-se como se tivera um cérebro.

No seu significado original, a palavra inteligência refere-se à escolha (interlegere), e implica na capacidade de tomar uma decisão.

As células em nossos corpos constantemente tomam decisões, respondendo a uma variedade de fatores elétricos, químicos e táteis, por isso crescem e diferenciam-se de modo coordenado. As células se comunicam umas com as outras de maneiras consideradas notáveis, que incluem cascatas em domínio de proteínas e uma larga variedade de sinais com significados tais quais “mantenha-se viva”, “mate-se”, “libere esta molécula que você tem armazenado”, “divida”, “não divida”. Qualquer célula recebe centenas de sinais de uma única vez e deve integrá-los e decidir o que fazer.

Os cientistas descobriram que as formigas podem cultivar hortas de cogumelos com antibióticos; abelhas podem lidar com conceitos abstratos possuindo um cérebro do tamanho de uma semente de grama; corvos podem utilizar-se de ações padronizadas de furto; golfinhos podem reconhecer-se em espelhos; e papagaios podem dizer o que querem. O velho dogma leva os cientistas enxergarem as existências naturais como objetos desprovidos de intenção, que Jacques Monod chamou de “a pedra angular do método científico”, não preenche mais os requisitos da informação. Além do mais, há claros sinais de inteligência em todos os níveis da natureza, e os conceitos dos xamãs indígenas podem lançar luz sobre isso.

Até mesmo os vegetais não são estúpidos. Os xamãs amazônicos a muito consideram certas plantas como “professores”. Agora, mesmo os cientistas estão começando a reconhecer que as plantas se movem e reagem ao mundo com inteligência. Por exemplo, uma planta parasita chamada cuscuta move-se ao redor de si, e ao redor de outras plantas e avalia sua qualidade nutricional. Botânicos descobriram que a cuscuta avalia corretamente o momento exato de comer, e de mover-se; estas estratégias de pilhagem possuem as mesmas exatidões matemáticas dos animais pilhadores. Mas a cuscuta computa a escolha certa entre alternativas próximas, sem o benefício de um cérebro.

Os xamãs utilizam suas mentes para aprender a respeito do mundo. Eles possuem técnicas distintas para modificar suas consciências. Afirmam que podem comunicar-se com outras espécies utilizando uma linguagem indireta e densamente metafórica. Os espíritos da natureza, eles afirmam, são fundamentalmente ambíguos, gostam e desgostam, e não podem ser reduzidos a uma simples descrição; isso justifica a metamorfose ser a única maneira correta para nomeá-los.

A comunicação com inteligências ambíguas da natureza leva ao conhecimento e poder, que são por si só ambíguos, duplo-facetado, e com uma face negra. E deveria ser dito que não basta beber ayahuasca para entender o mundo, pois a ayahuasca é um poderoso alucinógeno, e sua ingestão por parte de usuários casuais envolvem riscos. Por exemplo, pode modificar sua visão de mundo se o que você vê não é o que buscava. Por isso, tomem cuidado.

Na Amazônia, os povos indígenas dizem que nós temos semelhanças com as plantas e animais. Na cosmologia amazônica, humanidade é uma condição que se refere a todas as existências que habitam o mundo. Não há distinção fundamental entre humanos e outras espécies. Amazônicos pensam que é

possível comunicar-se com outras espécies no reino das visões. Eles afirmam que os xamãs podem transformar-se em animais por meio de certas músicas. Os xamãs são transformistas. Suas almas podem abandonar seus corpos, afirmam, e entrar nos corpos dos jaguares, por exemplo. Os xamãs tornam-se jaguares em suas crenças.

Esta capacidade de transformação é indicativo da semelhança que conecta os humanos ao resto da natureza. A ciência agora confirma que a semelhança humana com a natureza é literalmente verdadeira. A muito tempo atrás, eu tive uma bactéria por herança. As moléculas do meu corpo são cópias das cópias das cópias, voltando no tempo muitos bilhões de anos, de moléculas de DNA contidas em bactérias. Cogumelos, minhocas, girafas e pessoas possuem sobre-transposição de seqüências de DNA. Cinquenta por cento dos genes contidos em uma banana possuem equivalentes no genoma humano. O que não significa que vocês sejam meio-bananas. Com chimpanzés, a similaridade genética é de 99%. A biologia molecular como um todo é uma demonstração da nossa semelhança para com as demais espécies. Os povos animistas e xamânicos do mundo têm sido destacados por esse parentesco por milênios, enquanto a biologia contemporânea apenas começou a descobrir sua manifestação física.

A biologia agora tremula o duplo helix como sua bandeira, o símbolo de novas curas. Mas este mote é o mais antigo símbolo da vida e cura no mundo. A escada transada, duas serpentes entrelaçadas, o axis mundi, o símbolo dos xamãs nos cinco continentes por milênios.

A despeito destas convergências, a ciência e o conhecimento indígena distinguem-se. Ao redor do mundo, a população indígenas encontra-se em precárias condições. Na Amazônia, eles obtiveram títulos de terra de extensos territórios, porém, construções de estradas, colonização, derrubadas, extração de petróleo, e a tentação do mercado continuam a

assombrá-los. Jovens indígenas amplamente encaram a natureza como uma mentalidade de mercado, rompendo com o entendimento espiritual das plantas e animais. Há um tempo não muito distante, em muitas sociedades indígenas, os xamãs habituavam-se a negociar em suas visões pela liberação da caça com o “dono dos animais”, uma entidade disse desaprová-la por caça excessiva e predatória. Mas, hoje em algumas partes da Amazônia, jovens caçadores indígenas têm levado grandes mamíferos à extinção em resposta à demanda de carnes raras nas cidades próximas. Suas aspirações de mercado são tão legítimas como as de qualquer um. Porém, surgir com alternativas se faz necessário, pois, a natureza deve ser preservada em sua diversidade.

Em áreas de grande biodiversidade tais quais a Amazônia Ocidental, a conservação da natureza requer uma mescla da ciência e do conhecimento indígena. Mas trabalhar na linha de duas formas de conhecimento não é fácil. Há diferenças metodológicas, conceituais, filosóficas, tecnológicas e financeiras entre os dois campos. Para os indígenas e os cientistas conversarem entre si, se faz necessário o desenvolvimento de embasamentos conceituais comuns.

Uma base comum para o conhecimento humano poderia acomodar muitas formas de saber, e permitir que as mesmas sejam comparadas e utilizadas juntamente. Essa base comum poderia harmonizar controle e respeito, microscópios e consciências modificadas, textos científicos e especialistas orais, complicação e espírito, desprendimento e emoção.

Aprender a trabalhar com conhecimento indígena é como aprender uma segunda língua. Biculturismo, como bilingüismo, é difícil, mas vale, pois leva a outra forma de enxergar o mundo.

Se a natureza é inteligente, e somos parte da natureza, por que somos tão estúpidos? Porque somos uma espécie jovem. Nós, homo sapiens sapiens, com nossa fronte chata e queixo pontiagudo, temos aproximadamente 150.000 anos, segundo os registros de fósseis e análises de DNA. São somente 7.000 gerações biológicas, que está próximo a nada para uma espécie. Existiram outros homínidos antes de nós, os neandertais, por exemplo, com seus crânios de formato oval, fronte afundada e queixos, e corpos atarracados. Nossas espécies co-habitaram a terra com os neandertais por mais de 100 mil anos. Como nós, os neandertais semearam seu desaparecimento, fizeram instrumentos musicais e produziram eficientes apetrechos de caça. Mas eles não sobreviveram. Nossos ancestrais fizeram sofisticadas armadilhas e desenvolveram instrumentos precisos, não somente de pedra e madeira, mas também de ossos e cifres. Eles transformaram ossos em agulhas, o que permitiu que costurassem roupas, enquanto os neandertais provavelmente careciam da capacidade de fazerem roupas. Isso explica por que eles não sobreviveram à longa era glacial que ocorreu há 100.000 anos. Nossa grande força é a nossa capacidade de adaptação a todos os tipos de circunstâncias. Os descendentes de um pequeno grupo de humanos que deixou a África cerca de 100.000 anos atrás, espalhou-se pelo mundo e o povoou. Do Ártico ao deserto da Austrália e florestas da Amazônia; eles aprenderam a explorar as plantas e animais em cada novo meio que entravam. Os humanos possuem um histórico de longa depredação ecológica perpetrada. Espécies que eram fáceis de caçar tenderam a desaparecer rapidamente, após a chegada dos humanos em determinada área. O registro fóssil indica isso claramente em lugares como Madagascar, Nova Zelândia e Austrália. Como leões e lobos, os humanos são predadores sociais. Os leões e lobos possuem presas e garras, nós temos engenhosos conceitos que pomos em prática. Somos uma espécie invasora. Nossa formidável capacidade de adaptação nos torna os mais perigosos dos predadores.

Bem, temos cabeças grandes. Nossos cérebros triplicaram em volume durante os últimos três milhões de anos. Os primeiros primatas bípedes que foram os precursores da humanidade possuíam cérebros com um terço do tamanho do nosso. Desde então, os cérebros hominídeos não pararam de crescer. Porém, a posição bípede e erecta significava que a pélvis humana deveria estreitar-se, do topo do nosso dorso até a base da coluna entre nossas pernas. Surge o questionamento: como se pode dar a luz à crianças com cérebros grandes ao passo que se possui uma pélvis estreita? Sendo esperto e bípede é uma charada anatômica. As mulheres do mundo pagaram esse preço: nossas espécies possuíam as maiores taxas de mortalidade materna durante o parto. Jovens humanos requerem muitos anos de ensinamento, educação e compaixão para que seus cérebros alcancem potência total. Os humanos possuem de longe os mais longos períodos de infância e adolescência; os pais humanos mantêm compaixão por mais tempo, em comparação aos pais de outras espécies. Somos formidáveis predadores e temos grandes capacidades de compaixão. Combinamos os contrários; somos criaturas contraditórias.

Quinze mil anos atrás, nossos ancestrais pintaram na caverna de Lascaux. Foram somente 7000 gerações atrás. Eles não possuíam eletricidade ou qualquer coisa que possuímos hoje. E agora, olhe para nós. Ainda somos a mesma espécie, com a fronte chata e queixo pontiagudo, sem pelos ou rabos primatas, mas agora, equipados de tecnologia e apontando para o cosmos.

Nossa espécie possui uma trajetória vertiginosa. Para onde estamos direcionados? Qualquer resposta é especulativa. Mas um olhar no gráfico demonstra que estamos em uma fase intermediária. Estamos condenados a mantermo-nos evoluindo, contudo, com o risco de desaparecer. 99,9% de todas as espécies que existiram na terra já desapareceram. Com referência aos dinossauros, que viveram milhões de anos. Nós mesmos nos podemos.

Mas se fazemos as coisas certas, somos capazes de nos transformarmos, em semente de biosfera, capazes de transmitir vida. Temos ainda uma jovem ciência tecnológica que nos permite manipular o DNA, e deixar o planeta fisicamente. Ainda possuímos o velho conhecimento, que considera a vida como sendo sagrada, uma chama a ser defendida. Combinar esses dois pólos, conhecimento tecnológico e velho conhecimento, ciência e xamãismo, parece ser necessário para a sobrevivência de nossa espécie.

* Palestra dada pelo antropólogo Jeremy Narby, autor do livro *Cosmic Serpent : DNA and the origins of knowledge*, juntamente com a banda Young Gods, em 03/07/04, durante o Forum Cultural Mundial, em São Paulo.

Fonte: Trabalho Sujo (<http://gardenal.org/trabalhosujo/>).

JOHNNY MNEMONIC

William Gibson



Meti o rifle dentro da sacola Adidas e forrei tudo com quatro pares de meias para jogar tênis. Isso nem de longe faz meu estilo, mas era exatamente o que eu queria: se te acham grosseiro, seja técnico; se te acham técnico, seja grosseiro. Sou um rapaz muito técnico. Por isso decidi agir de modo mais grosseiro possível. Tive que abrir esse dois cartuchos calibre 12 de latão com a ajuda de um torno e depois tive eu mesmo de carregá-los. Tive que desenterrar um velho microfilme contendo instruções sobre como carregar cartuchos manualmente. Tive que construir um dispositivo de alavanca para acomodar as espoletas tudo muito complicado. Mas eu sabia que ia funcionar. O encontro seria no Drome às 23h

Desci do metrô três estações adiante da plataforma mais próxima e voltei esse trecho na caminhada. Procedimento a prova de falhas. Chequei meu visual refletido no tapume cromado de um quiosque de café: rosto caucasóide básico com uma coleira de pêlo duro e escuro.

As meninas do Na Ponta da Faca curtem muito o Sony Mao e foi difícil convencê-las a não me implantarem olhos puxados. Minha fachada provavelmente não enganaria Ralfi Face, mas poderia me ajudar a chegar perto da mesa dele.

O Drome tem um ambiente único e estreito com um bar ao fundo e mesinhas na lateral, carregado de cafetões, empresários de lutadores e uma sinistra variedade de traficantes.

As Cadelas Magnéticas tomavam conta da porta naquela noite e não me agradava a idéia de ter de passar por elas caso as coisas dessem errado e eu tivesse que fugir correndo. Elas tinham dois metros de altura e eram magras como cães galgos. Uma era branca; a outra, preta. À parte essa diferença, eram tão idênticas quanto possível fosse com a ajuda de cirurgia plástica. Amantes há anos, eram barra pesada quando o pau quebrava. Eu nunca me lembrava ao certo qual das duas tinha sido homem.

Ralfi estava em sua mesa de sempre. Devia-me muita grana. Eu tinha centenas de megabytes armazenados na cabeça no sistema idiota/sábio. Não tinha acesso a essas informações. Ralfi as tinha posta lá, mas não havia voltado para buscá-las.

Só ele poderia recuperar os dados utilizando uma frase código. Já não sou barato, pra começo de conversa, e minha hora extra para armazenagem de dados é bem cara. E Ralfi não vinha comparecendo com a grana.

Para completar, fiquei sabendo que Ralfi queria contratar alguém para me matar. Por isso armei esse encontro no Drome me fazendo passar por Edward Bax, contrabandista recém chegado do Rio e de Pequim.

O Drome fedia a negócios, havia um gosto metálico de tensão no ar. Garotos-músculo espalhados pela multidão se exercitavam levando peças de metal enormes enquanto forçavam sorrisos largos e frios. Alguns deles estavam tão desfigurados pelas superestruturas de enxertos musculares que nem pareciam humanos.

Com licença, amigos. Este é Eddie Bax, ou melhor, Fast Eddie, o Importador, com sua indescritível sacola de ginástica. Por favor ignorem a fenda na sacola, do tamanho exato para acomodar sua mão direita.

Ralfi não estava sozinho. Oitenta quilos de filé californiano loiro se empoleiravam espertos na cadeira ao lado. Só faltava escrever a expressão artes marciais na testa dele.

Fast Eddie Bax sentou na cadeira em frente antes que o filé tirasse as mãos da mesa. Faixa preta? Intimei. Ele fez que sim com a cabeça enquanto seus olhos azuis escaneavam a área entre meus olhos e minhas mãos, Também sou, falei. Minha faixa esta aqui na sacola. Meti a mão pela fenda e destravei a arma. Click. Calibre doze cano duplo com os gatilhos atados.

Isso é uma arma, disse Ralfi colocando sua mão rechonchuda e protetora sobre o peito duro de nylon azul de seu garoto. Johnny tem uma arma de fogo pré-histórica na sacola. O disfarce de Edward Bax já era.

Acho que ele sempre foi conhecido como Ralfi Qualquer Coisa, mas devia o sobrenome a um capricho singular. Dono de um corpo que mais lembrava

uma pêra madura, ele usava há vinte anos o rosto do famoso Christian Reggae Ariano, foi Sony Mao de sua geração e o maior nome do rock racista. Sou um gênio da cultura almanaque.

Christian White: traços pop clássicos com os músculos bem definidos de um cantor, maçãs do rosto como que esculpidas. Angelical por um lado, adoravelmente depravado por outro. Mas os olhos de Ralfi estavam vivos por trás daquele rosto, e eram pequenos, frios, negros.

Por favor, ele disse, vamos resolver isso como homens de negócio. A voz dele era marcada por uma sinceridade horrível, que prendia a atenção. Os cantos de sua linda boca de Christian White estavam sempre molhados. O Lewis aqui, continuou, acenando a cabeça na direção do filé, não passa de um monte de carne. Lewis ouviu tudo impassivelmente, parecia algo construído a partir de um kit. Você não é um monte de carne, Johnny.

Claro que sou, Ralfi. Um belo monte de carne entupido de implantes onde você estoca sua roupa suja enquanto sai por aí atrás de gente para me matar. Na minha opinião, Ralfi, você tem muita coisa para explicar. É o último lote de produto, Johnny. Ele suspirou fundo. Na minha posição de corretor. . .

Receptador, corrija.

Como corretor, sou sempre muito cuidadoso quando se trata de fontes.

Você só compra de quem rouba o melhor produto. Entendi.

Ele suspirou de novo. Eu tento. . . , respondeu enfasiado, não comprar de idiotas. Mas desta vez, receio que tenha feito isso. O terceiro suspiro foi a dica para Lewis acionar o disruptor neural que eles haviam colado debaixo

da mesa, perto de mim. Coloquei toda minha concentração na tentativa de fechar o dedo indicador da minha mão direita, mas era como se eu estivesse desconectado dela.

Dava para sentir o metal da arma e o pedaço de espuma que eu tinha revestido o gatilho, mas minhas mãos pareciam feitas de cera fria, distantes e inertes. Minha esperança era que Lewis realmente não passasse de um monte de carne idiota o bastante para pular em cima da minha sacola e puxar meu dedo, mas ele não fez nada disso.

Estamos muito preocupados com você, Johnny. Muito preocupados. Veja bem, o que você possui é propriedade da Yakuza. Algum idiota roubou deles, Johnny. Um idiota morto.

Lewis riu, nervoso.

Tudo passou a fazer sentido, como sacos de areia molhada se acomodando em torno da minha cabeça. Matar não fazia o estilo de Ralfi. Lewis também não fazia o estilo de Ralfi.

Mas ele havia se metido entre os Filhos do Crisântemo de Neon e algo que pertencia a eles - ou, mais provavelmente, algo deles que pertencia a terceiros. É claro que Ralfi poderia usar a frase código para me atirar no estado idiota/sábio e eu colocaria para fora todo o programa deles sem me lembrar de um pio depois.

Para um receptor como Ralfi, isso normalmente bastaria. Mas não para a Yakuza. A Yakuza saberia a existência das Lulas e não iria querer se preocupar com a possibilidade de uma delas puxar aqueles vestígios do programa que ficariam permanentemente gravados na minha cabeça.

Não sei muita coisa sobre as Lulas, mas tinha ouvido muitas histórias e nunca as repetia aos meus clientes. Não a Yakuza não iria gostar disso; prova contra eles. E eles não haviam chegado tão longe deixando provas vivas por aí. Provas vivas.

Lewis ria com satisfação. Acho que estava visualizando um ponto bem atrás da minha cabeça e imaginando como atingi-lo da maneira mais dolorida.

Ei, falou uma voz baixa, feminina, vinda de algum lugar atrás do meu ombro direito, os caubóis aí não parecem estar se divertindo muito.

Cala a boca piranha, disse Lewis, fechando a cara bronzeada.

Relaxem. Estão a fim de comprar um pó?

Ela puxou uma cadeira e sentou rapidamente, antes que um dos dois pudesse detê-la. Ela estava praticamente fora do meu campo fixo de visão. Era magra, usava óculos espelhados e tinha cabelo escuro, embaraçado. Vestia couro preto sobre uma camiseta com faixas diagonais vermelhas e pretas. Oito mil o grama.

Lewis bufou de raiva e tentou derrubá-la da cadeira com um tapa. Mas não acertou; a mão dela apareceu do nada e desviou a dele. Sangue cobriu a mesa. Ele apertava o próprio pulso com força enquanto mais sangue pingava por entre os dedos.

Mas a mão dela não estava vazia?

Lewis iria precisar de um grampeador de tendões. Ele levantou com cuidado, sem se importar em empurrar a cadeira para trás. A cadeira tombou. Saiu da minha linha de visão sem abrir a boca. Seria bom que ele procurasse um médico para cuidar daquilo, ele disse.

O corte foi feio.

Você não faz idéia, disse Ralfi, repentinamente, com voz cansada, da profundidade da merda em que você acaba de se meter.

Não brinca! Mistério. Eu curto mistérios. Por exemplo, por que seu amigo aqui está tão calado? Parece congelado. Ou para que serve isto aqui?, ela perguntou, mostrando a pequena unidade de controle que tinha arrancado de Lewis. Ralfi parecia doente.

Você quer 250 mil para me dar isso e ir embora? Uma mão gorda apalpava nervosa o rosto branco dele.

O que eu quero, ele perguntou, estalando os dedos e fazendo a unidade de controle girar, é trabalho. Um serviço. Seu garoto machucou o pulso. Mas 250 mil serve como sinal.

Ralfi suspirou com força e começou a gargalhar. Dava para notar que seus dentes não haviam sido tratados seguindo o padrão Christian White. Ela desligou o disruptor.

Dois milhões, falei.

Esse é meu tipo de homem, ela disse, rindo. O que tem na sacola?

Um rifle.

Grosseiro. Poderia ser um elogio.

Ralfi não disse nada.

Meu nome é Millions. Molly Millions. Quer zarpar daqui, chefe? Todo mundo está olhando pra gente. Ela levantou. Vestia calças de couro cor de sangue seco.

Vi pela primeira vez que as lentes espelhadas eram incrustações cirúrgicas, o prateado subia suavemente pelas maçãs do rosto e selava os olhos dentro das próprias órbitas. Vi meu novo rosto refletido ali.

Sou Johnny, falei. O Sr. Face vem com a gente.

Ele estava do lado de fora, esperando parecia um desses turistas tradicionais, de sandálias de plástico e com uma ridícula camisa havaiana estampada com fotos ampliadas dos microprocessadores mais vendidos de sua companhia. Do tipo que acaba a noite enchendo a cara de saquê em um bar que serve bolachinhas de arroz com porções de alga marinha. Do tipo que chora ao ouvir o hino da companhia, que aperta a mão do barman. Do tipo conservador que os cafetões e traficantes deixam de lado. Nunca a fim de muito agito e, quando está, é sempre prudente.

Mais tarde me dei conta de que devem ter amputado o dedão de sua mão esquerda na altura da primeira junta. Depois, devem ter arrancado o osso e carne do toco que sobrou e implantado ali um carretel e um soquete injetado com diamante artificial da Ono Sendai.

Para finalizar, devem ter enrolado cuidadosamente três metros de filamento mono-molecular nesse carretel.

Molly tinha armado algum esquema com as Cadelas Magnéticas. Por isso, pude passar pela porta segurando a sacola contra as costas de Ralfi. Ela parecia conhecê-las. Deu para ouvir a negra rindo.

Dei uma olhada para cima, provavelmente porque nunca tenha me acostumado com aqueles arcos de luz ou com as sombras da cúpula geodésica. Talvez isso tenha me salvado.

O Ralfi seguiu andando, mas não acho que estivesse tentando escapar. Acho que ele já tinha desistido de tudo. Talvez até soubesse o que iríamos enfrentar.

Olhei para baixo a tempo de vê-lo explodir. Rebobinando a cena, vejo Ralfi caminhando. De repente, do nada, surge o pequeno turista. Sorrindo. Ele faz menção de se curvar e seu dedão esquerdo simplesmente cai. É um truque impressionante. O dedão fica pendurado. Espelhos? Fios de arame? Ralfi pára de costas para nós, grandes meias-luas de suor marcam seu paletó de verão na área das axilas. Ele sabe. Deve ter pressentido. Na seqüência, o dedão mágico, pesado como chumbo, decola em arco como se fosse um ioiô. O fio invisível que o conecta à mão do assassino atravessa lateralmente o crânio de Ralfi na altura das sobrancelhas e desce rasgando o torso em forma de pêra desde o ombro até a caixa torácica. O corte é tão fino que não há sangue até que as sinapses começam a falhar e os primeiros tremores entregam o corpo aos efeitos da gravidade.

Ralfi despenca em pedaços em meio a uma nuvem rósea de fluídos. As três fatias retalhadas rolam pela calçada em total silêncio.

Levantei a sacola de ginástica para me proteger. Minha mão sacudiu com tanta força que quase quebrou o pulso.

Chovia lá fora. Fios de água atravessavam a cúpula geodésica rachada e respingavam na calçada atrás de nós. Ficamos agachados no espaço estreito que havia entre uma boutique cirurgia e um antiquário.

Ela lançou um de seus olhos espelhados até a esquina e verificou que havia apenas um módulo Volks na frente do Drome com as luzes piscando. Estavam juntando o que sobrou de Ralfi. Fazendo perguntas.

Eu estava coberto de felpos brancos chamuscados. Eram as meias para jogar tênis. A sacola tinha se transformado num pedaço de plástico enrolado em meu pulso. Como não saquei a presença desse cara?

É que ele é muito, muito rápido. Ela abraçou os joelhos e ficou balançando para a frente e para trás apoiada nos saltos das botas. O sistema nervoso dele é especial. A fábrica o monta por encomenda. Ela riu e deu um gritinho de prazer. Vou agarrar esse menino. Hoje à noite. Ele é o melhor, o número um, caríssimo, tecnologia de ponta.

Você vai é me tirar daqui. Seu amiguinho foi preparado em Chiba City. É um assassino da Yakuza.

Chiba. É isso aí. Molly também esteve lá. Então ela me mostrou as mãos. Dedos finos, afilados, muito brancos, contrastando com as unhas cor de vinho. Dr repente, dez lâminas saltaram de seus recessos sob as unhas. Bisturis duplos de aço azulado.

Nunca passei muito tempo na Nighttown. Ninguém por lá tinha coisas. que quisessem me pagar para lembrar. A maioria pagava para esquecer. Gerações de atiradores detonaram o neón até que as equipes de manutenção desistiram. Mesmo ao meio-dia, os arcos eram negros como fuligem.

Para onde você corre quando a mais rica organização criminosa do mundo está atrás de você? Onde você se esconde Da Yakuza, uma organização tão

poderosa que possui satélites de comunicação e pelo menos três ônibus espaciais? A Yakuza é uma multinacional, como a ITT ou a Ono Sendai. Cinquenta anos antes de eu nascer, a Yakuza

Já tinha absorvido as Tríades, a Máfia e a União Corsa.

Molly tinha a resposta: você se esconde no Buraco, no círculo inferior, onde qualquer influência vinda de fora gera ondas repentinas e concêntricas de ameaça pura. Você se esconde em Nighttown. Ou melhor, esconde-se em cima da Nighttown, já que o Buraco é invertido e a parte de baixo de sua concavidade toca o céu, o mesmo seu que a Nighttown nunca enxerga, condenada que é suar sob seu próprio firmamento de resina acrílica. Lá os Ba Teks passam o dia agachados pendurados na boca.

Ela também tinha outra resposta.

Quer dizer então que você está trancado, Johnny-san? Não tem jeito de tirar o programa de você sem a senha? Ela me guiou para as sombras que espreitavam no trecho não iluminado da plataforma do metrô. As paredes de concreto estavam cobertas de grafites. Acumulados durante anos, agora davam a impressão de ser um único meta-rabisco de raiva e frustração.

Os dados são implantados através de uma série modificada de próteses contra-autistas micro-cirúrgicas. Despejei uma versão sem graça do meu discurso de vendas padrão. O código do cliente é armazenado em um chip especial que bloqueia as Lulas. Não há maneiras de recuperar a frase código. Não há drogas, nem cirurgia. Nem tortura. Eu não sei qual é a frase. Nunca soube.

Lulas? Aquelas coisas cheias de pernas e que se arrastam? Saltamos do metrô em uma rua deserta. Figuras sombrias nos observavam do meio de

uma praça imunda, cabeças de peixe e fruta podre por todo o lado. Detectores de interferência quântica supercondutivos.

Usamos na guerra para localizar submarinos e anular os sistemas cyber do inimigo.

É mesmo? É um lance da marinha? Da época da guerra? Uma Lula consegue ler o chip que você tem aí? Ela tinha parado de andar e eu podia sentir os olhos dela em cima de mim por trás daqueles espelhos gêmeos.

Mesmo os modelos mais primitivos eram capazes de detectar campos magnéticos com um bilionésimo da força do campo geomagnético. É como distinguir um sussurro dentro de um estádio lotado.

Os tiras também já podem fazer isso com microfones parabólicos e lasers.

Mas seus dados continuam seguros. Orgulho profissional. Nenhum governo permitiria que os tiras tivessem Lulas, nem mesmo os responsáveis por segurança nacional. Daria muito problema interdepartamental: podem te meter num escândalo tipo watergate.

Lance da Marinha, ela repetiu e seu sorriso brilhou na escuridão. Tenho um amigo aqui que esteve na Marinha. O nome dele é Jones. Você devia conhecê-lo. Mas ele é junkie, vamos ter de levar alguma coisa para ele.

Drogado?

É um golfinho.

Ele era mais que um golfinho, mas sob o ponto de vista de outro golfinho, poderia parecer menos. Disquei observando seus rodopios preguiçosos

dentro do tanque galvanizado. A água espirrava e molhava meus sapatos. Ele era saldo da última guerra. Um ciborgue.

O bicho se ergueu para fora d`água e exibiu as placas incrustadas na lateral do seu corpo. Parecia uma caricatura, quase sem jeito sob a armadura articula. Desajeitado e pré-histórico. Deformidades simétricas em cada lado do crânio haviam sido projetadas para abrigar os sensores. Lesões prateadas cintilavam nas partes expostas de sua pele cinza claro.

Molly assobiou. Jones chacoalhou a cauda e espirrou mais água para fora do tanque.

Que lugar é esse? Eu olhava atento as silhuetas indefinidas pela escuridão, correntes enferrujadas, coisas guardadas sobre lonas. Acima do tanque pendia uma tosca estrutura de madeira que sustentava várias fileiras de lâmpadas de arvore de natal empoeiradas.

Terra da Diversão. Zoológico e muitas outras atrações. Fale com a Baleia de Guerra. Jones é uma baleia e tanto. . .

Jones se virou e me encarou com olhar triste.

Como ele se comunica?De repente, eu estava a fim de ir embora.

Esse é o truque. Diga olá, Jones.

E todas as lâmpadas acenderam ao mesmo tempo. Luzes vermelhas, brancas e azuis piscavam.

VBAVBABVA
VBAVBABVA

VBAVBABVA
VBAVBABVA
VBAVBABVA

Ele é bom com símbolos, mas o código é restrito. Na Marinha, era conectado a um mostrador audiovisual. Ela puxou um pacote do bolso do casaco. Essa é da pura, Jones. Você tá a fim? Ele congelou dentro da água e começou a afundar. Senti um estranho pânico ao lembrar que ele não era exatamente um peixe e podia se afogar. Jones, queremos a chave para o banco de dados do Johnny. E queremos já.

As luzes enfraqueceram e apagaram.

Vai fundo, Jones!

A
AAAAAAAAA
A
A
A

Luzes azuis, em forma de cruz.

Escuridão.

E da pura! Tá limpeza, Jones. Vai nessa.

BBBBBBBBB

BBBBBBBBB
 BBBBBBBBB
 BBBBBBBBB
 BBBBBBBBB

Um clarão de sódio branco iluminou o rosto dela. Sombras retas e monocromáticas dividiam seu rosto.

V VVVVV
 V V
 VVVVVVVV
 V V
 VVVVV V

Os braços da suástica vermelha apareceram invertidos nos óculos prateados dela. Dê logo pra ele, falei. Já conseguimos.

Ralfi Face. Sujeito sem imaginação.

Jones se ergueu para fora d'água e apoiou a metade do seu corpo blindado sobre a beirada do tanque. Achei que o metal fosse ceder. Molly o espetou com a míni-seringa entre duas placas de blindagem. A carga da seringa penetrou sibilante à pele dele. As luzes piscaram compulsivamente e logo se apagaram.

Nós o deixamos lá, boiando languidamente na água escura. Talvez sonhasse com a guerra no Pacífico. Ou com as minas cyber que desativara com o nariz, alterando o seus circuitos com a ajuda da Lula que ele tinha acabado de usar para desenterrar a patética senha que Ralfi havia enfiado na minha cabeça.

Posso entender que tenham cometido um engano ao dar baixa para ele com essa armadura toda intacta. Mas é difícil sacar como é que um golfinho se vicia em heroína.

Foi a guerra, ela disse. Todos eram viciados. A marinha fez isso. De outro modo iriam conseguir que esse povo trabalhasse para eles?

Não vislumbro um bom negócio aqui, disse o pirata, tentando arrancar mais grana. Acessar um satélite de comunicação que não está no catálogo. . . ?

Embace comigo e não irá vislumbrar mais nada, gritou Molly, apoiando-se na mesa de plástico e enfiando o dedo na cara dele.

Talvez vocês prefiram comprar suas microondas em outro lugar. Por trás daquela cara de Mao, ele era um garoto difícil. Nascido e criado em Nighttown, provavelmente.

A mão dela deslizou pelo paletó dele arrancando a lapela de uma só vez, sem amarrotar o tecido. Vamos fazer negócio ou não?

Vamos, ele respondeu, olhando para a lapela detonada. Vamos.

Enquanto eu checava os dois gravadores que tínhamos comprado, ela retirava do bolso de sua jaqueta o pedaço de papel. Desdobrou o papel e leu tudo em silêncio, movendo os lábios. Deu de ombros. É só isso?

Manda, falei, apertando o botão *record* dos dois gravadores ao mesmo tempo.

Christian White, ela recitou, e sua banda, a Reggae Ariano. Ralfi era um cara fiel, fã até o último instante.

A transição para o estado idiota/sábio é sempre menos abrupta do que espero. A fachada do escritório de retransmissão do pirata era uma agência de turismo caindo aos pedaços: um cubículo decorado com mesa, três cadeiras e um pôster velho de spa orbital suíço.

Dois pássaros de brinquedo com corpo de vidro e pernas finas bebiam água de um copo de isopor apoiados em uma prateleira ao lado de Molly. Quando entrei no modo idiota/sábio, eles passaram a beber cada vez mais depressa, até que suas penas fosforescentes se transformaram em sólidos arcos coloridos. O *led* que indicava os segundos no relógio de parede começou a mostrar traços sem significado, a imagem de Molly e do garoto com cara de Mao tornou-se difusa, o único movimento perceptivo era sua gesticulação brusca. Então, tudo ficou escuro e só se ouvia o monotom de um poema dito em uma língua estranha.

Sentei e recitei o programa roubado de Ralfi por três horas.

A alameda tem 40 Km de extensão de uma ponta a outra. Há uma longa seqüência de domos sobrepostos cobrindo o que um dia foi uma avenida periférica. Quando desligam os arcos em um dia claro, uma versão acinzentada dos raios do Sol consegue atravessar as camadas de acrílico. A visão lembra esboços de prisões feitos por Giovanni Piranesi. Os três quilômetros mais ao sul cobrem a chamada Nighttown. A Nighttown não paga impostos, luz ou água. Os arcos de neón estão mortos e as cúpulas geodésicas estão negras por causa da fumaça das fogueiras que queimam há décadas. Na quase total escuridão do meio-dia em Nighttown, quem irá reparar em meia dúzia de crianças enlouquecidas, perdidas nos edifícios?

Estávamos escalando há duas horas. Escadas de concreto, escadas de aço com degraus perfurados, guindastes e ferramentas cobertas de poeira iam

ficando para trás. Partimos de um lugar que parecia ser um depósito da manutenção, com pilhas e pilhas de telhas. Tudo ali havia sido recoberto com a mesma camada uniforme de grafite: nomes, gangues, iniciais, da virada do século. Os grafites iam diminuindo conforme subíamos. A certa altura, a única inscrição que sobrara era o nome Ba Tek. Escrito em letras de forma negras.

Quem é Ba Tek?

Não somos nós, chefe. Ela subiu uma vacilante escada de alumínio e desapareceu por um buraco em uma cobertura de plástico enrugado. Baixa Tecnologia, Baixa Tecnologia. O plástico abafava a voz dela. Eu a segui, segurando meu pulso dolorido. Nem os Ba Tek achariam graça naquele seu truque com o rifle.

Uma hora depois, passei por um outro buraco, este serrado em um pedaço de madeira compensada, e conheci meu primeiro Ba Tek.

Tudo bem, disse Molly com a mão no meu ombro. É apenas o Cão. Oi, Cão.

Sob a luz fraca da lanterna dela, ele nos examinou com seu único olho, exibiu lentamente um belo pedaço de língua cinza e lambeu seus enormes caninos. Me pergunto por que os transplantes de dente de dobermann passaram a ser considerados de baixa tecnologia. Os imunossupressivos não nascem em árvores.

Moll. Os dentes grandes prejudicavam a fala. Um fio de saliva pendia de seu lábio inferior.

Ouvi vocês chegando. Já faz tempo. Ele devia ter uns 15 anos. Mas os gigantescos caninos somados a um brilhante mosaico de cicatrizes

resultavam numa máscara que era pura bestialidade. Foram necessários tempo e um bocado de criatividade para montar um rosto como aquele. E a postura dele indicava que curtia viver por trás daquela fachada. Ele vestia jeans rasgados, pretos de sujeira mas brilhante onde havia vinco. O peito e os pés estavam nus. Fazia algo com a boca que lembrava um sorriso. Seguidos, foram?

Lá embaixo, na Nighttown, um vendedor de água gritava seus preços.

As cordas estão balançando, Cão? Ela apontou a lanterna para o lado e vi cordas finas amarradas a parafusos. As cordas seguiam para a beirada da plataforma e desapareciam.

Apague a porra da luz!

Ela desligou a lanterna.

Por que o cara está seguindo vocês não tem uma lanterna?

Ele não precisa. O cara é problema, Cão. Se os seus sentinelas tentarem pegá-lo, voltarão para a casa em pedacinhos.

Isso é o que chama de amigo, Moll? Ele parecia perturbado. Dava pra ouvi-lo arrastar o pé na madeira compensada. Não. Mas ele é meu. E esse aqui, ela bateu no meu ombro, é amigo. Entendeu?

Claro, respondeu sem muito entusiasmo. Então caminhou para a beirada da plataforma, e começou a passar algum tipo de mensagem pelas cordas esticadas.

A Nighttown se espalhava abaixo de nós como uma cidade de brinquedo

para ratos: pequenas janelas exibiam luz de velas, algumas mais fortes que outras; alguns cubículos eram iluminados por lanternas a bateria ou lâmpadas de carbureto. Eu imaginava velhos em intermináveis partidas de dominó, sentados sob goteiras de água quente dindas da cobertura de compensado sobre os barracos.

Então tentei imaginá-la subindo pacientemente através da escuridão, vestindo as sandálias de plástico e aquela horrorosa camisa de turista. Estaria calma e sem pressa. Como podia nos seguir?

Boa pergunta, disse Molly. Ele nos fareja.

Quer fumar? Cão sacou um maço todo amarrotado e tirou, orgulhoso, um cigarro totalmente detonado. Dei uma checada na marca enquanto ele acendia para mim com um fósforo de cozinha. Yiheyuan com filtro, da Fabrica de Cigarros de Beijing. Decidi que os Ba Tek eram contrabandistas. Cão e Molly retomaram sua discussão, que parecia ser a respeito da intenção de Molly utilizar um pedaço da propriedade dos Ba Tek.

Já lhe fiz muitos favores, cara. Quero aquele andar inteiro. E quero a música.

Você não é Ba Tek. . .

Essa conversa já se arrastava por mais de um quilômetro. Cão nos guiava por passarelas estreitas e escadas de corda. Os Ba Tek dormem em redes penduradas sobre o abismo. Em alguns pontos, seu país não passa de barras de ferro fixadas na cúpula geodésica para apoio de mãos e pés.

O Andar da Morte. Era como ela chamava. Lutando para continuar subindo atrás dela, meus sapatos novos escorregavam no metal gasto e na madeira molhada e eu pensava que isto não podia ser mais letal que o resto do

território. Ao mesmo tempo, percebi que os protestos do Cão faziam parte de um jogo e que ele iria acabar conseguindo o que estava a fim.

Em algum lugar abaixo de nós, Jones estaria nadando em círculos em seu tanque, sentindo as primeiras pontadas do *day after* sem drogas. A polícia estaria chateando os frequentadores do Drome com perguntas sobre Ralfi.

O que ele fazia? Com quem estava antes de sair? E a Yakuza estaria invadindo os bancos de dados da cidade à procura de imagens minhas em contas de banco, transações financeiras, contas de água e luz. Somos uma economia baseada na informação. Eles nos ensinam isso na escola. O que eles não lhe dizem é que é impossível se mexer, morar ou operar em qualquer nível sem deixar vestígios ou fragmentos aparentemente insignificantes de informações pessoais. Fragmentos que podem ser recuperados, amplificados. . .

Mas a esta altura, o pirata já devia ter enviado nossa mensagem - uma transmissão em caixa preta para o satélite da Yakuza. Uma mensagem simples: Recolham seus cães ou colocaremos seu programa na rede.

O programa. Eu não fazia idéia do que continha. Até hoje não sei. Apenas canto a música, sem entender nada. O mais provável é que fossem dados de pesquisa - o lance da Yakuza é espionagem industrial pesada. Nada mais que um negócio cordial, corriqueiro: roubaram os dados da Ono Sendai e pediram um resgate. Caso não recebessem a grana, arruinariam a pesquisa de todo conglomerado revelando os resultados para o mundo.

Mas por que não sossegavam? Eles não ficariam mais felizes tendo algo para revender a Ono Sendai? Mais felizes do que ficariam apagando um pobre Johnny Ninguém?

O programa deles estava a caminho de um endereço em Sidnei, um lugar que recebia cartas de clientes sem fazer perguntas - desde que paga uma pequena caixa taxa. Tarifa postal de quarta classe. Eu havia apagado a maior parte da outra cópia e gravado nossa mensagem no espaço que sobrou. Só deixei o suficiente para identificar o programa.

Meu pulso doía. Eu queria parar, deitar, dormir. Eu sabia que estava no limite e que iria cair em breve. Eu sabia que os elegantes sapatos negros que eu tinha comprado para a noite como Eddie Bax iam acabar me arrastando lá para baixo, para Nighttown: Mas ele aparecia na minha mente como um holograma religioso barato. A figura ampliada de um chip na camisa havaiana parecia crescer ainda mais, lembrava uma foto de reconhecimento de algum núcleo urbano devastado.

Assim eu seguia Molly e Cão pelo paraíso Ba Tek, um lugar mal e porcamente construído a partir de dejetos que até Nighttown rejeitara.

O Andar da Morte tinha oito metros de fundo. Parecia que um gigante havia tricotado cabos de aço em várias direções dentro de um ferro velho e depois esticado tudo. O andar inteiro rangia quando havia movimento, e o movimento não parava. O balanço aumentava com a chegada dos Ba Tek, que se acomodavam na arquibancada de madeira que cercava o recinto. A madeira estava prateada de tão velha, polida pelo uso e marcada por iniciais, ameaças, declarações de paixão. A arquibancada era suspensa por um outro grupo de cabos que se perdiam na escuridão acima do Andar.

Uma garota com dentes iguais aos do Cão pulou para o meio do Andar e caiu de quatro. No seios, tatuagens espirais. Ela atravessou o Andar rindo, atracada com um cara que bebia um líquido escuro.

A moda Ba Tek incluía cicatrizes e tatoos. E dentes. A eletricidade que eles

estavam desviando para iluminar o Andar da Morte parecia ser uma exceção a sua estética geral, exceção feita em nome do. . . ritual, do esporte, da arte?

Eu não sabia, mas podia ver que o Andar era uma coisa especial. Tinha jeito de lugar onde as pessoas se encontravam há muitas gerações.

Eu segurava o rifle inútil sob o casaco. Seu peso me dava segurança, embora eu não tivesse mais cartuchos. Então me dei conta de que não sabia o que estava realmente acontecendo, nem o que estava para acontecer. E essa era a natureza do jogo. Eu não passava de um receptáculo que devia ser preenchido com o conhecimento de outras pessoas. Depois, era esvaziado jorrando línguas que nunca compreendi. Um rapaz muito técnico. Até parece.

De repente os Ba Tek silenciaram.

Ele estava lá, no limite da região iluminada. Com a calma de um turista, tentava entender o Andar da Morte e a galeria Ba Tek em silêncio. Quando nossos olhares se cruzaram e se reconheceram mutuamente, uma lembrança me veio à mente. De Paris e da longa Mercedes elétrica deslizando pela chuva na direção de Notre Dame; estufas móveis, rostos japoneses por trás dos vidros e uma centena de Nikons se levantando em fototropismo cego; flores de aço e cristal. Por trás dos olhos dele, quando me detectaram, vislumbrei aqueles mesmo obturadores zunindo.

Procurei por Molly Millions mas ela tinha desaparecido.

Os Ba Tek abriram caminho para que ele pudesse passar. Ele se curvou, sorriu e descalçou as sandálias, deixando-as ao lado, perfeitamente alinhadas. Depois, desceu ao Andar da Morte. E veio atrás de mim,

atravessando aquela cama elástica sacolejante e abarrotada de ferro velho com a facilidade de um turista que atravessa o corredor de um hotel barato.

Molly pulou para o Andar.

O Andar delirou.

O recinto estava conectado a microfones e amplificadores, com pontos de saída nas enormes molas localizadas nos cantos e em outras posições aleatórias. Em algum ponto os Ba Tek tinham um sintetizador. Nesse momento, pude distinguir as caixas de som lá em cima.

Uma batida eletrônica começou a ecoar como um coração amplificado. Constante como um metrônomo.

Ela havia tirado o casaco de couro e as botas; a camiseta não tinha mangas, marcas tênues de circuitos implantados em Chiba City rabiscavam seus braços magros. A calça de couro brilhava sob a luz. Ela começou a dançar.

Molly flexionava os joelhos e pressionava os pés brancos contra um velho tanque de gasolina. O Andar respondia balançando. O som produzido parecia anunciar o fim do mundo, como se os fios que sustentam o paraíso fossem arrebentar e ricochetear pelo céu.

Ele acompanhou algumas poucas batidas. Depois, se deslocou pelo Andar como alguém que pula de pedra em pedra em um jardim.

Retirou a ponta do dedão com a graça de um homem familiarizado com a etiqueta social e o

Arremessou contra ela.

Sob aquela luz, o filamento parecia um raio colorido do arco-íris. Ela se atirou no chão, rolou e tentou cortar o filamento molecular com suas garras de aço. Só conseguiu agarrar um raio de luz.

A batida acelerou e ela se levantou. Seu cabelo selvagem envolvia as lentes prateadas. Seus lábios estavam duros. O Andar da Morte explodia. Os Ba Tek urravam seu entusiasmo.

Ele recolheu o filamento e o deixou girando à sua frente na altura do peito, paralelo ao corpo. Um escudo.

Molly liberou alguma coisa, algo que vinha de dentro, e esse foi o começo de sua dança do cachorro louco. Ela pulava, se contorcia, corria para o lado e se atirava em cima de um bloco de motor ligado diretamente a uma das molas. Tapei meus ouvidos com as mãos e me ajoelhei, atordoado pelo som, achando que o Andar e as arquibancadas estavam despencando em direção a Nighttown. Eu podia nos ver atravessando os barracos e explodindo no chão como fruta podre. Mas os cabos agüentaram. O Andar subia e descia como um mar de metal enlouquecido. E Molly dançava sobre ele.

No final, logo antes de ele tentar o último arremesso, vi algo em seu rosto, uma expressão que parecia deslocada. Não era medo. Tampouco raiva. Acho que era descrença. Incompreensão misturada à pura repulsa estética ao que estava ele assistindo, ouvindo ao que estava acontecendo com ele. Recolheu o filamento, o disco ficou reduzido ao tamanho de um prato. Ele girou o braço sobre a cabeça e lançou a ponta do dedão, que voou em direção a Molly como se tivesse vida própria.

O Andar baixou e a levou junto. A molécula passou raspando a cabeça dela. O Andar então voltou a subir e o colocou na trajetória da molécula, que

deveria passar por cima da cabeça dele e se acomodar no soquete de diamante.

Mas arrancou a mão dele bem acima do pulso. Havia um buraco no Andar bem à frente dele e por ali ele despencou com a graça proposital de um mergulhador. Um kamikaze derrotado a caminho de Nighttown. Em parte, acho que ele mergulhou para experimentar alguns segundos da dignidade do silêncio. Ela o tinha eliminado com um choque cultural.

Os Ba Tek uivavam, mas alguém desligou o amplificador e Molly atravessou o Andar da Morte em silêncio, rosto totalmente branco. O barulho diminuiu até que se ouvia apenas o som do metal rangendo.

Vasculhamos o Andar a procura da mão decepada, mas não a encontramos. Tudo o que achamos foi um orifício curvo feito aço pela molécula. As beiradas brilhantes como cromo.

Nunca soubemos se a Yakuza tinha aceitado nossos termos ou mesmo se tinha recebido nossa mensagem. Até onde eu sei, o programa deles ainda está a espera de Eddie Bax em uma prateleira no quarto dos fundos de uma loja de presentes no terceiro nível da Central 5, em Sidnei. Devem ter vendido o original de volta à Ono Sendai há meses. Mas talvez tenham recebido do pirata, visto que ninguém veio atrás de mim até agora e já faz quase um ano. Se resolverem vir, terão uma longa e escura escalada pela frente. Terão também de passar pelas sentinelas do Cão e, pra completar, já não me pareço mais com Eddie Bax, meus novos caninos estão nascendo.

Decidi fica aqui em cima. Quando olhei para o Andar da Morte ante de ele chegar, percebi o quão vazio eu estava. Eu não aguentava mais ser apenas um balde. Hoje, desço para visitar Jones quase toda noite.

Somos sócios, Jones, eu e Molly Millions. Molly cuida dos negócios do Drome. O Jones continua na Terra da Diversão, mas agora tem um tanque maior e a água do mar é trocada toda semana. Ele ainda recebe droga sempre que precisa. Continua conversando com as crianças através de lâmpadas, mas fala comigo através de um novo mostrador que instalei em uma cabana ali perto. É uma unidade melhor do que a que ele usava na Marinha.

Estamos todos ganhando um bom dinheiro. Mais do que eu ganhava antes: a Lula de Jones lê os vestígios de qualquer coisa que já esteve armazenada em minha cabeça e passa para mim através do mostrador em línguas que posso entender. Por conta disso, estamos aprendendo muito a respeito de meus ex-clientes. E um dia pagarei para um cirurgião retirar todo o silício que está nas minhas amídalas e passarei a viver apenas com as minhas próprias memórias, como todo mundo. Mas por enquanto continuarei assim.

Por enquanto vou segurando a barra aqui em cima na escuridão, fumando cigarros chineses e escutando os pingos condensados se despregando da cúpula geodésica. É bem silencioso aqui em cima a não ser quando os Ba Teks decidem dançar no Andar da Morte.

Também é instrutivo. Com o Jones me ajudando a sacar as coisas, vou acabar me transformando no cara mais técnico da área.

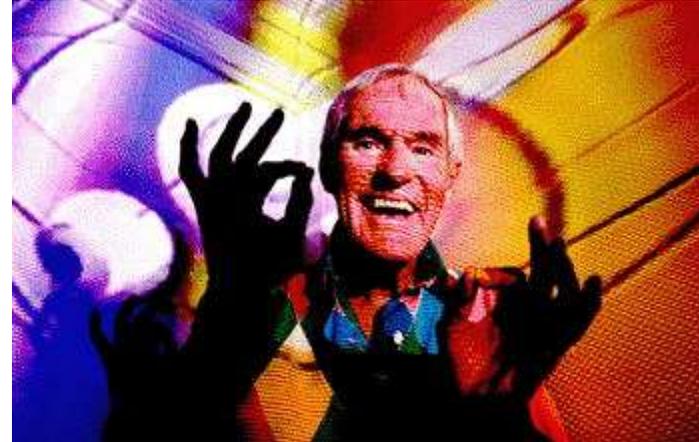
1981

Tradução de Jayme Alberto da Costa Pinto Jr.

Fonte: Ovelha Elétrica (<http://ovelhaeletrica.cjb.net/>).

JUST SAY "KNOW"

Timothy Leary



Timothy Leary em uma de suas últimas campanhas

.....

A "guerra contra as drogas" é absolutamente indecente. A proibição do uso de substâncias psicotrópicas beneficia a violência do tráfico às custas do dinheiro público, além de não impedir na prática a utilização de drogas, que devido a procedência duvidosa e adulteração, ficam ainda mais perigosas. Neste texto procurarei destrinchar a ideologia duvidosa que proíbe coisas como a maconha e os alucinógenos, ignorando o uso milenar dessas substâncias com fins religiosos, hedonistas ou medicinais.

A raiz da proibição de substâncias está na igreja medieval, que por razões

dogmáticas proibia o uso de todo o tipo de especiarias (não só psicotrópicos) como perfumes, açúcar, etc. O que quer que causasse prazer era controlado pelo clero. Mesmo a música demorou anos para se livrar da proibição da dissonância e mesmo da polifonia, a base de toda a música ocidental após o período renascentista.

O sexo até hoje é desconsiderado pela igreja como um ato sublime e religioso por si só, sem a reprodução como finalidade precípua, e a proibição de anticoncepcionais pelo Papa só endossa esta afirmação. Mesmo drogas medicinais eram atacadas, principalmente por serem utilizadas por "bruxos", que não passavam de médicos camponeses, parteiras, etc., que tinham o conhecimento das ervas. O descobrimento da América, já numa época onde essas substâncias eram toleradas, criou nações, como o Brasil, que dependiam e criavam sua riqueza (que, claro, ia para os colonizadores) quase que unicamente de uma substância psicotrópica que causa dependência, o café, e do açúcar, especiarias antes com o uso restringido na Europa. Isso sem falar no tabaco, hábito dos índios americanos que se espalhou pelo mundo com uma velocidade alarmante, apesar das restrições da Igreja, que não poderia tolerar uma coisa "infernai" como aquela, que queimava e produzia fumaça.

No século passado, já com o iluminismo absolutamente consolidado, em pleno positivismo, fez-se a descoberta de inúmeras drogas, entre elas os anestésicos, que revolucionaram a cirurgia. Intelectuais faziam uso de Absinto (uma bebida com um efeito ligeiramente diferente do álcool), cocaína, ópio, tabaco sob a forma de rapé e cigarros, e o uso dessas substâncias (com exceção talvez do ópio) era requintada e dândi. Mas entre

as classes populares ainda havia o preconceito (além da falta de dinheiro, claro) reminescente da Igreja, principalmente entre os Protestantes, mas o álcool sempre foi largamente utilizado.

O século XX entrou com a psicanálise do Dr. Freud, que era um notável usuário de tabaco e cocaína, que na época não era considerado, como normalmente se entende hoje, um ponto negativo para ele. Na Sears, loja de departamentos Norte-Americana, se podia comprar um kit com um seringa e diversas substâncias para o senhor de família relaxar ou se divertir. A antropologia estava em alta e diversos estudiosos viajavam para lugares remotos e experimentavam as drogas religiosas de diversos povos.

De fato quase toda cultura têm uma droga específica. Alguns casos chegam ao extremo, como algumas tribos vikings, que usavam um cogumelo extremamente tóxico. Eles faziam o guerreiro mais forte tomar uma poção com o cogumelo e depois toda a tribo bebia a urina do guerreiro, que mantinha o efeito psicotrópico mas não o efeito tóxico, o guerreiro passava mal alguns dias. Os índios mexicanos que usam cactus Peyote vomitam por dias a fio, com a boca lanhada e seca, apenas para ter alucinações. Normalmente quem faz o uso dessas substâncias é o xamã, ou pagé, da tribo, e ele a partir disso faz previsões ou curas.

Zoroastrismo, Igreja Cóptica, esquimós da Sibéria, índios por toda a América (aliás 80% das plantas alucinógenas se concentra na América), sufis do islã, tribos africanas, todos usam ou usavam substâncias psicotrópicas, sem contar o álcool, com fins religiosos, de prazer ou medicinais. Acredita-se que na Grécia antiga, nos ritos de Eleusis, se utilizava um derivado do Ergot, o

mofo do centeio, como um alucinógeno semelhante ao LSD. Se isso for verdade, gregos ilustres como Platão, que participavam das cerimônias utilizavam (ou viam pessoas utilizar) alucinógenos.

Mas com tudo isso, a maior nação Protestante do mundo, os Estados Unidos, em 1914 resolveram baixar uma lei proibindo o uso de diversas substâncias psicotrópicas, feito imitado por todo o mundo algum tempo depois. Além disso, na década de 30, talvez devido a depressão econômica, tentaram proibir o álcool. O tráfico foi tanto, a violência tanta, que voltaram atrás.

Enquanto isso se descobria o LSD e Aldous Huxley fazia experimentos com a mescalina e escrevia um livro muito influente até hoje "As portas da percepção". As bases estavam lançadas para o primeiro movimento contracultural, os Beatniks, nos anos 50. Usuários de drogas pesadas, intelectuais, apreciadores do Jazz, este grupo razoavelmente pequeno de pessoas foi a base cultural da revolução dos anos 60. Através de seus livros uma geração inteira de pessoas direcionadas para o uso sem preconceitos, e até exagerado, de drogas foi criada. E com ela a revolução sexual e cultural que todos conhecemos.

As pesquisas com o uso psiquiátrico do LSD caminhavam (com resultados controversos até hoje) muito bem, quando o governo percebeu havia toda uma geração não voltada para o consumo, despreocupada com o trabalho e pacifista (isso em plena e inútil guerra do Vietnã). Esse foi o ultimato para as drogas. O governo americano proibiu o LSD em 1966, e acabou com as verbas para sua pesquisa (o estudo psiquiátrico do LSD continua apenas na

Suíça). O tráfico internacional de drogas começou. Ouve toda uma campanha de desinformação sobre drogas. O usuário de drogas não podia confiar em nenhuma informação técnica sobre a substância, reportagens exageradas mostravam fatos duvidosos, etc. Até hoje existe algo disso, embora seja muito mais fácil conseguir informação confiável sobre drogas.

É isso mesmo. Você achava que o governo proíbe as drogas porque elas "fazem mal", mas na verdade o governo as proíbe porque elas são contraproducentes numa sociedade de zumbis consumistas, trabalhadores incansáveis de corporações sem rosto e pessoas naturalmente deprimidas e sem religião. É verdade que algumas drogas fazem mal e provocam uma dependência terrível, como a heroína, é verdade que se pode morrer de overdose de cocaína, e é verdade que uma pessoa despreparada e deprimida, num ambiente desfavorável, pode se suicidar pelo efeito do LSD. Mas o álcool e o tabaco também provocam muitos malefícios e são liberados. Você não acha que o cidadão é que deveria decidir o que utilizar? Você gosta de ser tratado como um bebê que não pode comer um doce porque papai não quer? Você, cidadão respeitável, gosta de pagar a busca e apreensão de drogas, que podiam render impostos para o governo e ainda ter uma qualidade bem melhor, o que evitaria muitas mortes? Você acha que seu filho merece a informação dos amigos e traficantes ou a de uma bula? Você não confia nas pessoas?

Não prego aqui a liberação de heroína ou cocaína, o que seria impossível aqui, embora a experiência da Holanda não seja o que pregam. Lá pelo menos os Junkies, que são doentes, têm o auxílio do governo. E sempre vão haver Junkies, pesquisas mostram que pelo menos 10% da população

desenvolve algum tipo de dependência que não seja café ou tabaco. Mas alucinógenos não provocam dependência e geralmente são experiências enriquecedoras. Quase não existe tráfico de LSD, simplesmente porque ele não vicia, a pessoa sequer sente uma vontade recorrente (como na cocaína, outra droga que não causa dependência física, apenas uma forte dependência psicológica) - ou seja, drogas seguras não são normalmente traficadas, e o lugar comum chega a pensar (já me vieram com essa diversas vezes) que o "Ácido" é muito mais perigoso do que a cocaína. Sem falar na maconha, que nunca deveria ter sido proibida, e que leva a fama de quase tudo que não é, aditiva, destruidora de cérebro, etc. E as pessoas que falam isso bebem todo o dia, ou todo o fim de semana.

Não prego aqui que todos devam usar drogas. Apenas os xamãs modernos, os artistas e os intelectuais, as pessoas criativas em geral é que normalmente se beneficiam, e que arcam o pequeno preço que algumas drogas cobram. Mas todos temos o direito de experimentar. Todos temos o direito de saber.

Fonte: Manguetronic

(<http://www.notitia.com.br/manguetronic/newstorm.notitia.apresentacao.ServletDeSecao>).

LIBERDADE AOS DIFERENTES

Maria Takeuchi

Propondo o fim dos manicômios: o Movimento da Luta Antimanicomial - batalha por uma sociedade igualitária.

.....

"Quando propomos o fim dos manicômios não é apenas um fim de um prédio, dos muros. É o fim desse olhar, dessas relações que não permitem a diferença. Ninguém escolhe ficar louco". É assim que Alessandro de Oliveira Campos (25), define o objetivo da luta do Movimento da Luta Antimanicomial (MLA). Psicólogo formado pela UNIP em 2002 Alessandro entrou no movimento durante um estágio em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de Diadema (SP). Os CAPSes são uma das inúmeras formas de tratamento aos portadores de distúrbio mental, também chamados de usuários dos serviços, que alguns membros do movimento apóiam em substituição aos hospitais psiquiátricos.

Existentes em todo o Brasil e criados pelos municípios, os CAPSes geralmente são uma casa em um bairro que reúne uma equipe de profissionais de saúde mental. As pessoas da comunidade passam o dia, ou parte do dia, nesse espaço onde ocorre o acompanhamento clínico e terapêutico aos usuários. No local, há ainda oficinas culturais. Para casos de crise com necessidade de internação existem os Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS).

Inicialmente criado pela prefeitura de Santos, primeira cidade do país a

promover a reforma psiquiátrica fechando o hospital Anchieta em 1989 pela ex- prefeita Telma de Souza (PT), o NAPS foi um marco para a história do movimento. No mesmo ano, durante a administração de Luiza Erundina (PT, na época) São Paulo ganhou Centros de Convivência, um equipamento de inclusão social iniciado pela mudança de atendimento de portadores de distúrbio mental - que passaram a ser em hospitais públicos de saúde geral - e pela organização de atividades relacionadas à arte juntando excluídos em geral, dentre os quais estavam os portadores de sofrimento mental. Os êxitos das duas experiências municipais comprovaram que a luta do MLA não era em vão, contribuindo também para o fortalecimento e crescimento da entidade.

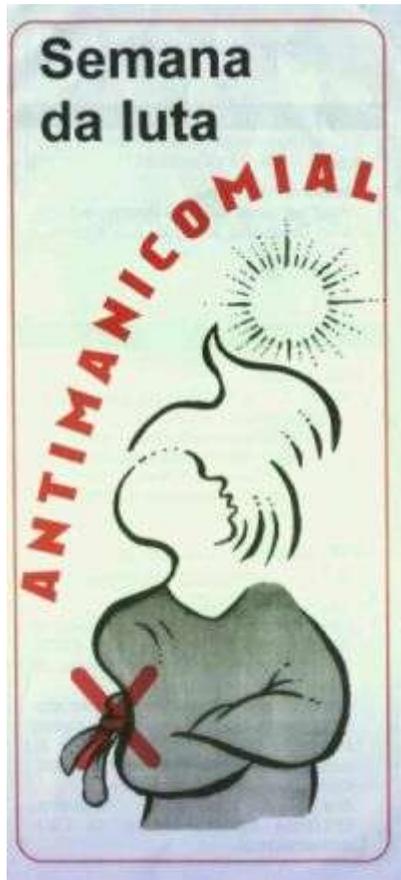
Mas o real crescimento da organização se deu em 2000, com o sucesso do filme o "Bicho de sete cabeças", dirigido por Laís Bodanzky. O filme, inspirado no livro "Canto dos Malditos" do curitibano Austregésilo Carrano, trouxe à tona o problema manicomial do país ao narrar a trajetória do autor pelo sistema psiquiátrico. A projeção alcançada contribuiu para a divulgação do Movimento da Luta Antimanicomial do qual Carrano faz parte.

O nascimento dessa luta ocorreu em maio de 1987 durante a I Conferência Nacional de Saúde Mental e do II Congresso Nacional dos Trabalhadores de Saúde Mental, em Bauru-SP. No encontro, ocorreu uma discussão de ação política e da possibilidade de uma intervenção social para o problema da saúde mental, especificamente, dos absurdos que aconteciam nos manicômios. Com a criação do MLA estabeleceram o lema "Por uma sociedade sem manicômios", e definiram o 18 de maio como o Dia Nacional da Luta Antimanicomial. Dentre os presentes estava Pedro Gabriel Delgado,

atual coordenador nacional de saúde e irmão do deputado Paulo Delgado.

Paulo Delgado foi o autor da Lei Antimanicomial aprovada pelo Congresso em 2001 após 12 anos de discussões. A lei reformula a situação do sistema manicomial do país e representa a maior conquista do Movimento da Luta Antimanicomial. "Na prática, a entidade cria condições legais para acabar com os hospitais psiquiátricos" explica Patrícia Villas- Bôas (33), psicóloga e militante do movimento desde 1996 . Os resultados são o surgimento de leis federais, estaduais e portarias que contribuiram para o fechamento de 60 mil leitos no país nos últimos 15 anos. Uma outra grande conquista é a criação de Comissões de Reforma no Sistema Único de Saúde (SUS) inicialmente a nível nacional, depois estadual - da qual Patrícia faz parte - e municipal, onde representantes da sociedade, inclusive o MLA, têm metade do poder de decisão, sendo a outra metade do Poder Executivo.

O Movimento tem núcleos em todos os estados do país, sendo todos autônomos, sem uma hierarquia propositadamente. Atualmente, o Movimento tem uma Secretaria Nacional Colegiada onde 5 estados se encarregam de projetos. O Rio de Janeiro é responsável pelo financiamento, Ceará pela comunicação, São Paulo pela articulação do encontro e assim por diante. Os projetos mudam de responsável a cada encontro nacional, que ocorre a cada dois anos, geralmente no segundo semestre após setembro. Fugindo da regra, o próximo será sediado na cidade de São Paulo no primeiro semestre de 2004. A intenção é de que ocorra próximo ao dia 18 de maio.



Todos os anos o "18 de maio" é comemorado em várias cidades do país com o propósito de divulgar a situação manicomial no Brasil. Esse ano, a semana do "18 de maio" será comemorada em São Paulo com uma série de eventos preparados pelo Fórum Paulista. Debates na câmara municipal da cidade, apresentação do Coral Cidadão Cantante - composta de usuários -, shows de

artistas famosos e o grande encontro no Parque do Ibirapuera agendada para o domingo que, coincidentemente, será dia 18. Paralelamente, na mesma semana, ocorrerão eventos nas faculdades organizado por alunos militantes da instituição.

Estudantes e profissionais da área de saúde mental, usuários, familiares de usuários, representantes de associações antimanicomais regionais, simpatizantes, membros de outros movimentos como a Cruz Negra Anarquista, o Movimento Negro, a CUT (Central Única de Trabalhadores), o MST (Movimento dos Sem Terra) compõem o Fórum Paulista que se reúne primeiro sábado de cada mês. Apesar da variedade de pessoas todos têm o direito de participar das discussões, de forma arbitrária sem o dever de respeitar alguma hierarquia, um cargo e comprovando, assim, a possibilidade de existirem debates de "igual para igual", ou melhor, de "diferente para diferente".

Os conselhos de psicologia, tanto regionais quanto federais, têm sido os grandes sustentadores em termos de infraestrutura, nas discussões de idéias e parceria financeira. A sede do Fórum Paulista fica no Conselho Regional de Psicologia (CRP) de São Paulo e profissionais de cargos superiores do CRP são também militantes. No momento, o Conselho está um pouco distante do movimento. Esse recolhimento têm o propósito de reavaliar as relações do CRP e melhorar a atuação de ambos. Apesar de receber contribuições do CRP, uma das principais dificuldades é a captação de recurso. O pagamento de uma taxa voluntária mensal de R\$ 50,00 como uma forma de obtenção de renda fixa começou a ser posta em prática esse ano.

O movimento em si é uma terapia aos usuários. Um exemplo claro é a recuperação de Maria do Patrocínio, presidente da Associação Livre dos Usuários, Técnicos e Familiares de Saúde Mental de Diadema e militante do Fórum Paulista. Maria sofria de depressão profunda e foi curada logo após sua entrada na associação. Agora como presidente ajuda no tratamento de usuários com a filosofia "Vamos ser humanos."

Fonte: Centro de Mídia Independente (www.midiaindependente.org).

NEUROMAGMA E MULTIDÃO

Resistência e comunidade no contexto biopolítico

Peter Pál Pelbart

(Palestra proferida durante o festival Mídia Tática Brasil – Next Five Minutes, em 13 de março de 2003)



Eu queria parabenizar os organizadores deste evento pela louvável iniciativa, nessa interface tão difícil de sustentar, entre o rastreamento de novas modalidades de mídia emergentes, a conceituação dessas modalidades desde um ponto de vista tático, conflitual, agonístico, e por fim, e não menos importante, o viés de chamamento que aqui se respira, e que Deleuze, na esteira de Nietzsche, definiria como o apelo por um povo por vir. Quando convidado para cá e ao me inteirar dos propósitos desse encontro, e sobretudo depois de ler o material escrito e enviado pelo

Ricardo Rosas, eu tive vontade de me familiarizar mais com isso tudo que eu não conheço bem, mas que ressoa inteiramente com um trabalho que venho desenvolvendo num outro plano, mais teórico ou conceitual. Portanto, o que eu poderia dar em troca desse apreendido é justamente um pouco disso: alguns elementos conceituais que talvez sirvam para quem está diretamente envolvido nessa materialidade linguageira, sonora e visual, para quem está com a mão na massa disso que vocês chamaram com um nome tão sugestivo, de mídia tática, e que me parece ainda mais urgente em dias como hoje, sobretudo num momento como esse, em que estamos, ao que parece, às vésperas de uma das guerras mais injustificáveis de que se tem notícia, e em que somos já de antemão estimulados a uma espécie de frisson pelo espetáculo sem precedentes que se anuncia, imperdível, seja pelo número de bombas a ser despejadas nos arredores de Bagdá, incluindo a mãe de todas as bombas, seja pelo número de soldados a serem desembarcados em suas fronteiras, seja pelo número de mortos que esse ataque promete, seja pelos cenários de guerra noturna ou eletrônica, seja pelo número de poços de petróleo a serem incendiados, seja pela sofisticação não só dos armamentos de última geração, mas sobretudo dos instrumentos de transmissão, diurna e noturna, visual e sonora. Estamos numa situação parecida aos tempos em que, conforme o relato de seu projetista particular, o Führer já não precisava assistir mais filmes de ficção, bastava-se com atualidades filmadas no front, neste filme grandioso e macabro do qual era ele o roteirista, diretor, protagonista, ator e espectador, no seu estúdio particular chamado Alemanha, ou o próprio mundo. É sabido que cada regimento do exército alemão possuía sua companhia de propaganda, cuja função era essa síntese entre ação militar, ação cinematográfica, ação propagandística, permitindo que fatos ocorridos no front distante se tornassem imediatamente documentários jornalísticos, autênticos, na própria velocidade da *Blitz*. A aspiração crescente da guerra total, do espetáculo total, cada vez mais grandioso, cada vez mais capaz de rivalizar com Hollywood. Acabamos de saber que o Exército americano

pediu ajuda a Hollywood para tornar o cenário do centro de imprensa no Qatar mais atraente... Como disse Goebbels num discurso, já no fim da guerra: “Senhores, em cem anos mostrarão o filme que descreverá os espantosos dias que vivemos atualmente. Não querem representar um papel neste filme? Cada um tem a oportunidade de escolher seu papel. Será um grande, belo e edificante filme, e por isso vale a pena sermos firmes”. A tese de Syberberg, que fez um filme único sobre o período, é irrefutável: a Alemanha perdeu a guerra mas Hitler triunfou, ele que impôs ao século sua lógica diabólica, que fez da política essa arte das massas, esta obra de arte total.. Hitler, o mais pretensioso dos cineastas. É preciso vê-lo como cineasta, é preciso julgá-lo como cineasta. A própria Alemanha como um filme de Hitler, ou Hitler como um filme da Alemanha.

Mas, dirão vocês, e com toda razão, os tempos são outros. Já não são os do cinema, nem sequer exclusivamente os da televisão, muito menos do Führer. Então, para apenas roçar o que está em jogo hoje, eu proporia um salto, e vou tentar uma breve descrição um pouco mais geral sobre os tempos presentes, proposta há poucos anos atrás por Franco Berardi, e que apesar de algumas reticências que se possa ter com relação a um ou outro aspecto, conserva plenamente sua atualidade (1).

Bifo lembra que já não se pode expressar o conjunto dos processos em curso em termos de uma física dos corpos sólidos, mas só em termos de uma psicoquímica dos fluxos tecnoneuronais. A sociedade aparece como uma imensa solução flúida na qual se difundem, se diluem, se mesclam e se confundem substâncias psicoquímicas de cores diferentes. Crenças, tradições, ilusões, fés, ódios, desejos que provêm de vários estratos do inconsciente antropológico. Fluxos midiáticos que provêm de várias fontes do ciberespaço. Fluxos subculturais que provêm dos vários níveis do imaginário planetário. E longe de reduzir ou uniformizar o comportamento cultural, a integração planetária produziu uma multiplicação de refrações,

esfumaçamentos, meios-tons que dependem dos diversos graus de contaminação. É verdade que a economia funciona como código semiótico transversal, capaz de comandar a gama infinita da diferenciação. Mas ela não unifica, não ajuda a encontrar um elemento universal humano no caleidoscópio das diferenças, ao contrário, inculca agressividade nas relações, rigidificações identitárias.

As consequências desse contexto, do ponto de vista de uma suposta democracia, são imponderáveis. As decisões globais dependem cada vez menos da opinião e da vontade, e cada vez mais do dever cego e inevitável dos fluxos psicoquímicos (hábitos, medos, ilusões, fanatismos) que atravessam a mente social. O lugar de formação da esfera pública se transferiu da dimensão do confronto entre opiniões ideologicamente fundadas para o magma do oceano neurotelemático, no qual as coisas se determinam fragmentariamente, imprevisivelmente, por efeito de tempestades psicomagnéticas e cada vez menos referidas a esquemas políticos definidos. Claro que há divergência de opiniões, cada um pode se expressar como quiser, mas isso já não tem nenhuma importância, pois já nada significa, não tem efeito algum. A proliferação ilimitada das fontes de informação, por sua vez, não necessariamente significa uma abertura democrática, talvez porque o efeito sociedade não se encontra mais na esfera do discurso, mas na psicoquímica. Ali não temos discurso, mas imagens, estratégias mais ou menos conscientes de pervasão subliminar. Potência imensa do fluxo invasivo que emana do poder infoesférico e abole a distinção entre esfera onírica e esfera da vida cotidiana. A partir dos anos 70, sobretudo, e do encontro entre política e publicidade, com a difusão da televisão como eletrodoméstico viral omniinvasivo, o destino coletivo se decide cada vez menos na esfera da política democrática, e cada vez mais na esfera psicodélica das aparições de fantasmas inconscientes. Assim, essa mutação não pode ser apreendida com as categorias da democracia moderna ou representativa, com o reino da opinião, das regras. Diante da

decomposição da mente moderna, resultante dessa mutação do ambiente em que se forma essa mente, do adensamento da crosta infoesférica, da expansão do ciberespaço, não cabem mais as modalidades lógico-críticas. Assistimos à integração da mente no processo de produção capitalista, à incorporação da inteligência na lógica do capital. Assim, não há mais sentido em falar da restauração das condições democráticas da política, pois a formação livre de opinião, condição necessária para o exercício do que nos acostumamos a chamar de democracia, tende a diluir-se. Nas condições da infoprodução, os fluxos psicoquímicos que agem sobre a mente social adquirem tal intensidade e tal potência invasiva, que os sinais pelos quais a mente é estimulada não são mais julgáveis criticamente. Penetramos numa zona de indistinção, de indecidibilidade. É o reino do Neuromagma. Na espiral neuromagmática a mente não pode mais elaborar escolhas conscientes, nem exprimir subjetividade coerente. Colocada nas condições de indecidibilidade, o organismo consciente reage com pânico, depressão, ou se reterritorializa na identidade.

Ora, o que se torna a política nesse contexto que parece irreversível? Nessa paralisia da empatia social e da afetividade? Os que pregam a participação têm por vezes a impressão de apenas prolongar o exaurido espetáculo da política do qual somos todos excluídos. Só as forças cegas do Neuromagma estão em condições de dominar a totalidade da sociedade, embora esse domínio não tenha o caráter do governo político, da mediação democrática,— evoca muito mais a força do inevitável, que hoje vai de par com o inevitável da força. Será que só nos resta abandonar-nos à idéia de ser parte de uma totalidade irreversível, irrecusável? Como subtrair-se à psicopatia que deriva da exposição ao Neuromagma?

Apesar dessa descrição catastrofista, Bifo não é um pessimista. Segundo ele, uma estratégia evolutiva nessa mutação pode nascer por uma via cismogenética: separação mais ou menos consciente de células

independentes. Estratégia não de domínio, mas de adesão ao devir cósmico e de separação no interior dele. A identidade, a responsabilidade, a participação política, a pretensão de um governo da totalidade são obsessões que impedem algo mais elementar, uma espécie de criatividade caosmótica e recombinações singulares, eventos libertários que uma célula independente pode experimentar por si e propor como exemplo, como contágio, fazendo rizoma sem precisar dominar. Seria uma maneira de pensar alternativas no interior desse caldo, onde se dissolveram os corpos compactos, como classes, ideologias, todas essas figuras simplificadas que já não agregam qualquer constelação de acontecimentos, de ações, de projetos. O fato é que hoje, em vez do sujeito, proliferam singularidades, e é a partir desse dado que seria preciso repensar novas composições. Assim, trata-se de cartografar esse Neuromagma seguindo um método composicionista, neuro-composicionista, diz Bifo, que consiste em seguir os fluxos que modelam a cognição e o psiquismo social, fluxos tecno-midiáticos, fluxos desejanter. Mais do que tentar prever o futuro, trata-se de funcionar como um terminal esquizo que emite profecias diversas conforme os fluxos que o atravessam e as redes às quais está conectado, mas segundo um vetor de imaginação. Nas condições muito concretas da experiência italiana dos anos 70, Bifo realizou parcialmente essa consigna, ao animar a rádio livre Alice, que Félix Guattari considerou como o início de um processo de proliferação dos agentes enunciativos, destinados a fazer explodir o modelo massmidiático. O movimento das rádios era uma espécie de antecipação da tendência pós midiática que o filósofo preconizava e antevia. Guattari jamais concordou com a diabolização das tecnologias da comunicação, e deu o suporte teórico para um pensamento tecno-nômade, confiando no poder de autoorganização molecular no interior dos fluxos semióticos desterritorializados que o capitalismo libera, nos vetores de resingularização ali presentes, na criatividade social e até numa civilização pós-midiática. Guattari referia-se a uma época em que a mídia hegemônica perderia sua centralidade e sua verticalidade, dando lugar a processos de

autoorganização tecnocomunicativa, numa sensibilidade pós-midiática.

Vocês podem reconhecer no que eu reporte sobre Bifo várias fontes de inspiração, que vão de Deleuze a Burroughs, de William Gibson a Pierre Levy. Podem chamar o Neuromagma de Nooesfera, Cérebro Global, Inteligência Coletiva, e dar a essa disciplina o nome que desejarem – temos, de todo modo, um contexto novo do ponto de vista das relações entre poder e subjetividade. Algumas das idéias que eu trouxe acima, extraídas dos textos de Bifo, podem lhes parecer catastrofistas. Em todo caso, eu não as reporte para necessariamente subscrevê-las, apenas para desenhar com cores carregadas, às vezes beirando o tom mitopoético do autor, um certo contexto no qual não podemos deixar de reconhecer, minimamente, um pano de fundo de nossa sensação de impotência atual, mas também das saídas que vemos serem inventadas por toda parte, de maneira proliferante.

Eu agora vou propor um outro salto, para falar desse mesmo contexto, mas desde uma perspectiva ampliada, o que nos permitiria, talvez, pensar mais positivamente o avesso desse Neuromagma desde um ponto de vista biopolítico. Não é preciso assustar-se com essa terminologia, que eu vou explicar em poucas palavras. Há dez anos atrás, inspirado em Foucault e em Burroughs, Gilles Deleuze afirmava já não estamos numa sociedade disciplinar, em que as várias instituições que esquadriavam o espaço social formatavam e disciplinavam o indivíduo, desde a escola e o exército até o hospital e o manicômio. A sociedade de controle, em contraste com a sociedade disciplinar, no limite prescinde das instituições. Como dizem Negri e Hardt em seu livro *Império*, o poder se exerce agora por máquinas que organizam diretamente os cérebros e os corpos em direção de um estado de alienação autônoma. Por exemplo, sistemas de comunicação, redes de informação, não são máquinas impostas a nós, ou não são apenas impostas, ao mesmo tempo são desejadas, reativadas por cada um, de tal modo que é a partir daí, também, que cada um aciona um sentido de vida e uma

criatividade próprias, no interior delas. Assim, a sociedade de controle é uma intensificação e uma generalização dos aparelhos normalizadores da disciplinariedade, que animam desde o interior nossas práticas comuns e cotidianas. Mas ao contrário da disciplina, esse controle se estende bem além dos lugares estruturados das instituições sociais. É isso que eles chamam de democratização entre aspas, ou seja, o poder não tem mais essa geografia vertical, de imposição desde cima, desde fora, ele é incorporado pelos sujeitos, reativado por eles, ele ganhou uma pregnância, uma penetração, um entrelaçamento, uma flexibilização, uma maleabilidade, uma imanência.. No rastro de Foucault, os autores reconhecem a natureza biopolítica desse novo paradigma de poder. O que é biopolítica? Trata-se de uma forma de poder que rege e regulamenta a *vida* social desde dentro, seguindo-a, interpretando-a, assimilando-a e a reformulando. O poder não pode obter um domínio efetivo sobre a vida inteira da população a menos que se torne uma função integrante e vital que cada indivíduo abraça e reativa por sua própria conta e vontade. É nesse sentido que a vida torna-se um objeto de poder, não só na medida em que o poder tenta se encarregar da vida na sua totalidade, penetrando-a de cabo a rabo e em todas as suas esferas, desde a sua dimensão cognitiva, psíquica, física, biológica, até a genética, mas também na medida em que isto é retomado por cada um. Então é um poder que investe a vida de uma ponta a outra, e a administra, e que cada um se incumba de reativar por conta própria. O que está em jogo no que Foucault chamou de biopoder ou biopolítica, de qualquer modo, é a produção e a reprodução da vida ela mesma. Não é mais só o domínio sobre um território, embora possa ser isso também, como é o caso hoje, não é só o domínio sobre a produção de riqueza, embora possa ser isso também, nem é só a administração da reprodução da vida para garantir a produção da riqueza, mas é a própria vida que é visada, no seu processo de produzir e de reproduzir-se.

A sociedade disciplinar, que predominava até algumas décadas atrás, não conseguia penetrar inteiramente as consciências e os corpos dos indivíduos a ponto de organizá-los na totalidade de suas atividades. A relação entre poder e indivíduo era ainda extrínseca, estática, e além disso era compensada pela resistência do indivíduo. Na sociedade de controle, o conjunto da vida social é abraçado pelo poder e desenvolvido na sua virtualidade. A sociedade é subsumida na sua integralidade, até os centros vitais de sua estrutura social, trata-se de um controle que invade a profundidade das consciências e dos corpos da população, atravessando a integralidade das relações sociais e as integralizando. Sim, é a subsunção da economia, da cultura, da inteligência, da afetividade, em suma, do *bios* social a um poder que assim engloba todos os elementos da vida social.

Mas é um domínio que produz algo muito paradoxal, e nada linear, dizem os autores, pois ao invés de unificar tudo cria um meio de pluralidade e de singularização não domesticáveis. Tentemos dizer isso de outro modo. A relação entre poder e subjetividade muda de figura: ao mesmo tempo que o poder prescindia das mediações anteriores (por exemplo institucionais, substituindo-as pelas mediações técnicas, ex: colapso da escola, ascensão da informática, colapso da fábrica, instituição de modalidades de produção mais em rede, informais, flexíveis) ele dá margem a figuras incontroláveis. Um exemplo é o do trabalho imaterial, como a produção de imagens, de informação, esse trabalho fundado sobretudo na força da inteligência e da comunicação, que portanto leva a exploração ao âmago do intelecto humano, explorando o que cada um tem de mais próprio, sua criatividade, imaginação, afetividade, vitalidade. Justamente por ser um trabalho sempre relacional, comunicacional, de inteligência associada e coletiva, vai engendrando figuras novas de subjetividade, de coletivização, de associação, revoltas potenciais. Quer dizer, se hoje assistimos a um poder sobre a vida, sobre o mais íntimo da vida, e vemos sendo explorada a dimensão mais imaterial das pessoas, sua força-intelecto, sua força-

invenção, sua “alma”, ao mesmo tempo é precisamente nesse caldo biopolítico que descrevíamos que se gestam novas modalidades de insubmissão, de rede, de contágio, de inteligência coletiva.

Retenhamos por ora isto: o poder investe a vida, o poder abarca a vida na sua extensão maior, biopoder, biopolítica. Mas ao mesmo tempo, nessa integralização, hibridação, invasão, extensão, é como se se revelasse o avesso disso, uma potência biopolítica, uma biopotência inaudita capaz de ameaçar as estruturas de comando e de dominação de uma sociedade de controle. Daí a tentação dos autores de inverter o sentido pejorativo do biopoder e da biopolítica, que se referia ao poder que incide sobre a produção e reprodução da vida, e pensarem esse contexto já não “desde cima”, a partir do olho do poder, mas “desde baixo”, a partir do corpo vital coletivo e de sua potência. Esse corpo biopolítico coletivo é o que os autores, a partir de Espinosa, designaram por multidão, é relação, é produção e reprodução, é estrutura e superestrutura, é vida no sentido mais pleno e político do termo. É para esse domínio que a análise deveria dirigir-se, para a biopotência da Multidão, e Multidão entendida não como massa compacta e homogênea, mas como heterogeneidade plural, acentrada, como rede de mentes e corpos, de inteligências e de afetações, de sensibilidades e criatividade, de gestações e invenções. Os autores acabam afirmando que o poder, e na sua modalidade contemporânea ele se organiza na forma do Império, não tem positividade nenhuma, ele é apenas um vampiro que vive da vitalidade da Multidão, até que ela tome posse de sua própria potência.

É a partir daí que eu proporia um terceiro salto, depois de ter atravessado os efeitos do Neuromagma, e de ter encontrado no seu avesso a biopotência da Multidão. Num contexto biopolítico, neuromagmático, psicoquímico, numa economia imaterial, num capitalismo ele mesmo conexionista e rizomático, como foi chamado por Boltanski e Chiapello, como pensar novas

sociabilidades, novas modalidades de conexão, de associação, de agenciamento, mas também de dissociação, de deserção, de cisão, de dissenso, de dissidência, de cismogênese, de heterogênese? Há alguns anos atrás Deleuze evocava a figura do solitário que, como Bartleby, ansiava por uma nova sociabilidade, por uma nova comunidade. A comunidade que Bartleby reivindica não é a comunidade de fusão, de unidade, de comunhão, de totalização. É a comunidade ‘negativa’, como a chamou Bataille, comunidade dos que não têm comunidade, dos que não têm pertinência, dos que não têm identidade. Essa comunidade é antes um jogo entre singulares do que um aglomerado de iguais. E no fundo desse jogo de diferenças, há um fundo comum, que ninguém tem o direito de representar ou de sequestrar. Este comum que pertence a todos, que está na origem dessas singularidades, podemos chamá-lo de Caldo biopolítico, de General Intellect, de Inteligência Coletiva, de Neuromagma, de Ilimitado, de Vida, de Linguagem, em todo caso, uma coisa é certa: ele não pode ser privatizado, ele não pode ser propriedade de ninguém, é como um patrimônio universal da humanidade.

Em seu livro intitulado *A comunidade que vem*(2), Giorgio Agamben recorda que esse Comum para Heráclito era o Logos, a linguagem. A expropriação do Comum numa sociedade do espetáculo é a expropriação da linguagem. Quando toda a linguagem é sequestrada por um regime democrático-espetacular, e a linguagem se autonomiza numa esfera separada, a da mídia hegemônica, e de modo tal que ela já não revela nada e ninguém se enraiza nela, quando a comunicatividade, aquilo que garantia o comum, fica exposta ao máximo e entrava a própria comunicação, atingimos um ponto extremo do nihilismo. Como desligar-se dessa comunicatividade totalitária e vacuizada? Como desafiar aquelas instâncias que expropriaram o comum, e que o transcendentalizaram? Como criar vacúolos de sentido, rupturas a-significantes?

Agamben evoca uma resistência vinda, não como antes, de uma classe, um partido, um sindicato, um grupo, uma minoria, mas de uma singularidade qualquer, do qualquer um, como aquele que desafia um tanque na Praça Tiananmen, que já não se define por sua pertinência a uma identidade específica, seja de um grupo político ou de um movimento social. É o que o Estado não pode tolerar, a singularidade qualquer que não reivindica uma identidade, que não faz valer um liame social, que constitui uma multiplicidade inconstante, como diria Cantor. Singularidades que declinam toda identidade e toda condição de pertinência, mas manifestam seu ser comum – é a condição, dizia Agamben há vários anos atrás, de toda política futura. Também Deleuze, antes disso, inspirado no pragmatismo americano, se referia à comunidade dos celibatários, à comunidade do homem qualquer, às singularidades que se cruzam, sem desembocarem no individualismo nem no comunalismo.

Feito esse percurso ziguezagueante, talvez me caiba apenas amarrar alguns fios para deixá-los nas vossas mãos. Nesse contexto global que eu tentei descrever, poderíamos perguntar: como resistir? Nesse contexto neuromagnético ou biopolítico, nessa economia imaterial, nesse capitalismo rizomático, nessa sociedade de controle, nesse jogo entre singularidades que constitui a multidão no seio do Império, o que significa resistir. Será que essa palavra tem ainda algum sentido? Se há algumas décadas a resistência obedecia a uma matriz dialética, de oposição direta entre as forças em jogo, onde havia um poder concebido como centro de comando, e que cabia a todos disputar, com a subjetividade identitária dos protagonistas definida pela sua exterioridade recíproca e complementariedade dialética (dominante dominado, colonizador colonizado, explorador explorado, patrão empregado, trabalhador intelectual manual, professor aluno, pai filho etc), o contexto pós-moderno, dada sua complexidade, suscita posicionamentos mais oblíquos, diagonais, híbridos, flutuantes. Criam-se outros traçados de conflitualidade. Talvez com

isso a função da própria negatividade, na política e na cultura, precise ser revista. Como diz Negri: “Para a modernidade, a resistência [era] uma acumulação de forças contra a exploração, que se subjetiva através da “tomada de consciência”. Na época pós-moderna, nada disso acontece. A resistência se dá como a difusão de comportamentos resistentes e singulares. Se ela se acumula, ela o faz de maneira extensiva, isto é, pela circulação, a mobilidade, a fuga, o êxodo, a deserção: trata-se de multidões que resistem de maneira difusa e escapam das gaiolas sempre mais estreitas da miséria e do poder. Não há necessidade de tomada de consciência coletiva para tanto: o sentido da rebelião é endêmico e atravessa cada consciência tornando-a orgulhosa. O efeito do comum, que se atrelou a cada singularidade enquanto qualidade antropológica, consiste precisamente nisso. A rebelião não é pois pontual nem uniforme: ela percorre ao contrário os espaços do comum e se difunde sob a forma de uma explosão dos comportamentos das singularidades que é impossível conter. É nisso que se pode definir a resistência da multidão.” (3)

Talvez as mídias táticas sejam um bom exemplo dessa mutação na lógica da resistência no seio da multidão, indo além das figuras clássicas da recusa e da negatividade. Mas como elas funcionam no contexto das novas segmentações, sobretudo num país como o Brasil, com sua herança histórica, em que regimes diversos de exclusão e segmentação se sobrepõem? É à luz dessa pergunta que eu termino minha exposição, com a intuição de que diante dela vocês já esboçaram respostas concretas, e das mais instigantes, forjando ou detectando novas modalidades de resistência, de conexão, de comunidade, de agenciamento, de dissenso, de embaralhamento, de apropriação e de escape...

1. Franco Berardi (Bifo): *Politiche della Mutazione*, Bolonha, A/Traverso, 1991, *Mutazione e cyberpunk*, Genova, Costa & Nolan, 1994, *Neuromagma*, Roma, Castelvecchi, 1995, *La nefasta utopia di Potere peraiò*, Roma,

Castelvecchi, 1998, *Felix*, Roma, Luca Sossela, 2001.

2. G. Agamben, *La communauté qui vient*, Paris, Seuil, 1990.

3. Toni Negri, *Kairòs, Alma Venus, multitude*. Paris, Calmann-Lévy, 2000.

Peter Pál Pelbart é filósofo. Estudioso da obra de Gilles Deleuze, traduziu para o português *Pourparlers, Critique et Clinique* e parte de *Mille Plateaux*. Escreveu sobre a concepção de tempo em Deleuze (*O tempo não-reconciliado*, Perspectiva, 1998) e sobre a conexão entre filosofia e loucura (*Da clausura do fora ao fora da clausura: Loucura e Desrazão*, Brasiliense, 1989 e *A Nau do tempo-rei*, Imago, 1993). Ultimamente tem se dedicado às relações entre política e subjetividade (*A vertigem por um fio: Políticas da subjetividade contemporânea*, Iluminuras, 2000 e *Vida Capital: ensaios de biopolítica*, no prelo). É professor no Departamento de Filosofia e no Núcleo de Estudos da Subjetividade do Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP. Também coordena uma trupe de teatro com pacientes psiquiátricos na cidade de São Paulo (*Cia Teatral Ueinzz*).

Link: Mídia Tática Brasil (www.midiatatica.org).

O CÉREBRO E O FORA

Cléber Lambert



Há algum tempo – um tempo infinitesimal que me leva até os rincões de começos de mundos, de quando meu corpo era uma tocha esférica – venho compondo, com linhas de corpos em fogo e com o plano de um pensamento impassível, um conceito de Universidade do FORA que seja uma coisa viva.

A Universidade do FORA é uma intensidade ou um corisco na matéria escura da vida para liberar o pensamento para a sua meia-noite – liberar o pensamento das amarras e peias da Academia, para afirmar que aquele não tem pátria nem mátria. Não nos agrada mais o feminino que o masculino – a nós, que somos afetados imediatamente pelo cosmos, seu infinitamente grande e seu infinitamente pequeno, suas sutis flutuações, seus rearranjos

luminosos, esse ser de luz e nada; a nós, cujo ultra-sexo é indiferente às dicotomias; a nós, nós mesmos uma inflexão na memória cósmica, um movimento sensual de contração na Rizosfera (Deleuze e Guattari me perpassam...).

Uma inflexão cuja força põe em modificação tanto mundo físico, quanto o orgânico e o simbólico – e todos os mundos desses mundos. Uma potência que faz todos estes estratos balouçarem – contrações geológicas para novas sedimentações; delírios dos corpos em torno de Artaud e Geoffroy Saint-Hilaire, em busca de outros modos de organização; descompasso da história-macho cujo caminho linear se vê recortado e estraçalhado por toda sorte de devires, de modo a se tornar a semi-reta de um ilimitado labirinto sem Ariadne, sem Teseu, sem fio – mas espaço de Proteu.

Pensamos que o fora da Academia só pode ser uma Universidade do FORA. Aqui, o termo Universidade não designa um novo lugar de produção de conhecimento, uma nova Academia, a mesma universidade medieval, escolástica, cristã, clerical que é a mesma universidade renascentista, humanista e universalista que é a mesma universidade iluminista, progressista e futurista que é a mesma universidade moderna, pragmatista, positivista, laica, gratuita, estatal ou privada – que nos importa? Se o que sempre esteve em jogo foi a Captura do pensamento por lunáticos do Clero, por virtuosos Iluminados, por cérebros encarcerados pelo movimento de produção do lucro, etc.

Não se trata de uma reivindicaçõzinha intelectualista. Pensamos o intelectual, na Universidade do FORA, de outro modo. Basta conclamar os devires, contrair e distender a MEMÓRIA e lembrar que os intelectuais na Idade Média avessos às categorias gramscianas, retomadas por Le Goff, de “crítico” e “orgânico” – esses intelectuais, dizia, deliraram a sexualidade, a cosmologia, a ética, a experiência do pensamento.

Abelardo, Mestre Eckhart e todos os empiristas superiores, os Goliardos do pensamento que é corpo, do espírito que é coisa.

É deliciosos mergulhar em Artaud e trazer de seu mar de vísceras e pregas Abelardo, carnoso e orgástico, a amar Heloísa em sua filosofia: “Sim, Heloísa, em ti é que ando com toda a minha filosofia (...) O beijo abre as suas cavernas aonde morre o mar. E veja-se o espasmo onde o céu concorre, uma espiritual coligação se desfralda, DE MIM CHEGADO. Ah! Já só me sinto vísceras, sem ponte do espírito por cima. Sem tantos sentidos mágicos, tantos segredos reunidos. Ela e eu. Estamos realmente lá. Domino-a. Abraço-a. Uma última pressão me imobiliza, me congela. Sinto entre as coxas a Igreja a deter-me, a lamentar-se; irá paralisar-me? Vou-me retirar? Não, não, afasto a derradeira muralha. S. Francisco de Assis, que me guardava o sexo, afasta-se. Santa Brígida abre-me os dentes. Santo Agostinho desaperta-me o cinto. Santa Catarina de Sena adormece Deus. Acabou-se bem acabado, deixei de ser virgem. A muralha celeste caiu. Estou a ser tocado pela universal loucura. Escalo o meu orgasmo no mais alto éter” (A. ARTAUD: Arte e Morte, pp. 26-7).

A Igreja está no corpo de Abelardo e, como uma muralha, quer deter o dardo obsceno, a estaca mágica do goliardo e a cripta demoníaca de Heloísa. Mas veja como cai a muralha celeste, a abóbada clerical que lhe revestia o cérebro e o sexo. Desaperta o cinto, abre as pernas e mergulha na imanência. O hímen se rompe e derrama o FORA. Heloísa e Abelardo estão realmente lá. Lá que não é além, mas ao lado, pelo meio das pernas.

Quando as muralhas desabam é o FORA que nos perpassa em nosso trajeto pelo seu MEIO. O beijo abre as cavernas e o corpo de Abelardo é liberado, todo o seu pensamento é transvazado à Igreja.

E nós, virgens do pensamento? Que muralhas revestem os contornos sinuosos de nosso cérebro, a converter-lhe em verdadeira cidade dos templários, a coibir nosso desejo para submetê-lo à falta, a codificar nossas vontades e a territorializar nossos mínimos procedimentos para atar nossa potência ao imóvel e frio mastro do poder?

Que acabe bem acabada nossa virgindade! Que o pensamento seja transvazado ao FORA e que o CÉREBRO seja todo ele uma ilimitada periferia.

Queremos um cérebro
que seja uma cidade de vespas
uma cidade de abelhas,
um ninho de ratos
um subterrâneo de formigas
uma multiplicidade incontrolável
em que se encontre um outra ordem
não mais a de Deus, a do Homem, a do Estado.

A tensão nos envolve. O Aparelho de Captura do pensamento, que chamamos Academia, não se reduz às instituições universitárias que conhecemos, tampouco aos colégios, escolas, pedagogia, etc. É o dispositivo mais imanente e lá onde a linguagem e a comunicação se exercem, lá onde o corpo é educado, lá onde uma criança ou toda uma multidão ouvem calados. Lá onde um mínimo gesto faz ou não PASSAR UMA IDÉIA, então é lá que a Academia se atualiza. A Academia é a Carcerária que envolve o CÉREBRO, é a Cidade planejada que urbaniza o pensamento, é a Brasília do pensamento, a cidade dos exércitos e seus tanques, a cidade da segurança nacional, é a Avenida que conduz sob velocidade controlada as Idéias com placas e chassis regulamentados. As dobras e morros cerebrais são extirpados pela terraplanagem Acadêmica. Um cérebro planejado e urbanizado, quarteirões e residências enclausuram as idéias, avenidas e

túneis controlam seu tráfego – o bom e correto tráfego das Idéias. A Academia é o dispositivo mais imanente. O bom motorista pode se tornar um bom condutor de idéias corretas. Um bom carcerário de suas idéias pode vir a ser um proprietário de muitas outras coisas: minha esposa, minha religião, minha pátria, meus enunciados. Mas por sob esses enunciados individuais é todo um agenciamento concreto que nos atravessa silenciosamente, é todo um esquecimento de si que arrebatada de nós a multiplicidade que somos, as multiplicidades que nos perpassam e no MEIO das quais somos constituídos e nos constituímos. Só se descobre a si próprio quando se faz cair essa muralha do esquecimento, quando se vê arrastado o si-próprio pelo fluxo de multiplicidades, quando o si-próprio é o próprio fluxo.

Entretanto, denunciemos a imanência da Academia no *socius*. Os dispositivos que a atualizam canalizam todos os fluxos – físicos, orgânicos e expressivos. Tudo é misturado a uma merda ontológica que termina despejada numa mesma fossa abençoada pelos direitos do homem, pela social-democracia, pela besteira do humanismo e todos os bestas que acreditam no bem e no mal, na humanidade, na proteção da natureza, na saúde e juventude eternas, no trabalho, em Deus, no crescimento econômico, no fim da pobreza, na redenção da África, na ajuda humanitária, na solidariedade.

Todos estes bestas de merda
Estes belas-almas
Estes “belas-bostas”
Que habitam a humana fossa

“Não consigo pensar em uma rua na América ou na gente que habitasse tal rua capaz de levar alguém à descoberta de si próprio. Andei pelas ruas em muitos países do mundo, mas em lugar algum me senti tão degradado e

humilhado quanto na América. Imagino todas as ruas da América combinando-se para formar uma enorme fossa, uma fossa do espírito na qual tudo é sugado para baixo e arrastado para a merda eterna. Sobre essa fossa o espírito de trabalho brande uma varinha mágica; palácios e fábricas surgem lado a lado, assim como indústrias de munição, usinas químicas, siderurgias, sanatórios, prisões e asilos de alienados. O continente é um pesadelo produzindo a maior miséria para o maior número de pessoas” (H. MILLER: Trópico de Capricórnio, p.6).

Imagino um cérebro onde tal América se atualize – uma terra espiritual e desejanete colonizada e recortada por cercas continentais. A América é um continente que é um modo de corpo, um modo de sexualidade e seu modo de exercer o pensamento se chama Academia. América – organização do corpo geológico, pilhagem da vida vegetal e animal, aniquilamento da vida mineral, liquidação dos povos, repressão do sexo, DETENÇÃO SEM MUROS DO PENSAMENTO. A América é o império biótico, da produção da vida, que continua o credo dos padres na forma da fé na vida, na humanidade, na Lei – a luta pela vida. “Ainda em cueiros eu já era filósofo. Era contra a vida, por princípio. Que princípio? O princípio da futilidade. Todos ao meu redor estavam lutando. Eu, porém, nunca fiz um esforço” (IDEM:p.4).

No exercício da Universidade do FORA experimentamos o princípio da futilidade. Há comunicação imediata – vale dizer, IMIDIÁTICA – entre o pensamento e o FORA lá onde as muralhas são furiosamente destruídas; lá onde as detenções de todas as espécies são violentamente derrubadas; lá onde o cérebro urbanizado, com seus edifícios metafísicos, é implodido; lá onde a atualização da Academia por todas as suas engrenagens imanentes e máquinas ontológicas são imidiaticamente expressadas e comunicadas – essas máquinas que querem se passar por ocultas, por inexistentes, temos de comunicá-las para todo o planeta, temos de trans-descende-las, elas que trans-ascendem.

A potência do pensamento do FORA é exercida toda vez que a idéia se torna efetivamente ação dissensual, quando o conceito nada é senão a própria coisa operando uma disjunção na matéria-memória, quando o próprio pensamento não é outra coisa que não o próprio corpo, geológico, orgânico, imaterial.

A Academia é o “vácuo da mente”

A Universidade do FORA é um gracejo que expressa o momento em que o pensamento encontra a vida, quando não há distância alguma entre os dois, quando há comunicação imidiática entre eles, quando a experimentação do pensamento torna-se parte do exercício da vida. “E não adianta. É preciso unir idéias a ação. As idéias não podem existir sozinhas no vácuo da mente. Estão relacionadas com vida: idéias biliares, idéias renais, idéias intersticiais, etc.” (H. MILLER: Trópico de câncer, p.230).

Há comunicação imidiática quando o dissensus age. Denunciamos que o reino da comunicação representacional se exerce pela mediação, pelo aniquilamento das diferenças vivas em nome da Identidade (“seja ela qual for!”, já nos sussurrou Deleuze), pelo estabelecimento do consenso – do bom sentido das faculdades do pensamento, ou seja, rotas fixas e corretas para o pensamento; do senso comum como melhor distribuição do sentido, ou seja, hierarquização do pensamento. A comunicação representacional remete a um problema que é, essencialmente, num só movimento, efetivo e ontológico, atual e virtual – REAL.

Mas quando o pensamento torna a reencontrar a vida, quando eles se comunicam imidiaticamente, o eterno retorno de um no outro, o Ser transvaza ao FORA, a repetição transvaza à diferença – a mediação, a identidade, a representação, todas as muralhas vão abaixo e a diferença é

afirmada como diferença pura que difere. “Quando a identidade das coisas é dissolvida, o ser se evade, atinge a univocidade e se põe a girar em torno do diferente. O que é ou retorna não tem qualquer identidade prévia constituída: a coisa é reduzida à diferença que a esquarteja e a todas as diferenças implicadas nesta e pelas quais ela passa” (DELEUZE: Diferença e repetição, p.121).

A Universidade do FORA brota
num instante impensável
pois a coisa cerebral treme esquartejada
pelas disparidades que a constitui

O pensamento do FORA é comunicado imidiaticamente na velocidade impensável em que as idéias divergem para em seguida convergirem no movimento dissensual da diferença. E a coisa cerebral só pode ser esquartejada, as idéias só podem atingir o movimento dissensual de produção da diferença pela diferença, quando o holofote soa forte. “Em todo lugar onde ia fomentava discórdia, não porque fosse idealista, mas porque era como um holofote mostrando a estupidez e a futilidade de tudo” (H. MILLER: Trópico de Capricórnio, p.9).

Vertov esquarteja a coisa cerebral, exerce a Universidade do FORA quando cria a “Cine-sensação”, quando instala um cine-olho num cérebro-câmera. O cine-olho comunica imidiaticamente o conceito enquanto coisa: o cine-olho está à beira dos trilhos enquanto a trabalhadora dorme; quando a coisa-trem passa e a coisa-adormecida acorda é um mesmo conceito de tempo que se realiza na imagem-movimento: a variação alucinada das tomadas de câmera, tanto no passar do trem quanto no levantar-se da trabalhadora, a divergência do movimento da diferença, o tempo dilatado, fragmentado, estendido. O cine-olho comunica imidiaticamente os dispositivos imanentes que atravessam e produzem o *socius*: o cérebro-

câmera proporciona uma “cine-sensação” da vida e da morte na cidade moderna, da repetitividade do Mesmo na produção industrial: o cérebro-câmera alcança a imanência de todos os dispositivos e os acompanha em seus movimentos: o cérebro-câmera emerge do copo de cerveja, alcança num só movimento de cima para baixo toda a multidão na avenida: “O principal, o essencial é a cine-sensação do mundo. Assim, como ponto de partida, defendemos a utilização da câmera como cine-olho (*Kinoglaz*), muito mais aperfeiçoada do que o olho humano, para explorar o caos dos fenômenos visuais que preenchem o espaço, o cine-olho vive e se move no tempo e no espaço, ao mesmo tempo em que colhe e fixa impressões de modo totalmente diverso daquele do olho humano” (D. VERTOV: “Resolução do conselho dos três – 10/04/1923).

O que o cine-olho e o cérebro-câmera de Vertov nos proporciona é a cine-sensação do movimento imanente de constituição dos corpos e das subjetividades, da produção material e imaterial nas cidades russas no final da década de 20. Mas o próprio cérebro-câmera não se assemelha àquilo que ele mostra. A cidade, o trabalho, a produção, o transporte, o entretenimento são uniformes e racionalizados – enfim, o cotidiano é dominado pelo bom senso e pelo senso comum. Mas cine-olho acelera de tal modo todos esses compartimentos aparentemente lineares, separados e uniformes do real de modo que eles iniciam um movimento de divergência que os converte em linhas puramente virtuais que se entrecruzam. O mundo atual derrete e vaza e uma dança louca de constituição contínua de corpos e desejos se inicia, uma grande canalização da potência humana convertida pela e para a fossa, pela e para as máquinas de poder. O Real em processo de produção ininterrupta.

O cérebro fixado dentro das rotas estabelecidas pelo senso comum e pelo bom-senso diz: Eu acordo para trabalhar. O kino-cérebro nos comunica imidiaticamente, pela cine-sensação, o seguinte: SE é constituído no

acordar, no trabalhar, no SE entreter. O cérebro urbanizado pela Academia acredita em “Eu sou”, “Eu decido”, “Eu conheço”. Mas o cérebro liberado da organização acadêmica conhece e pensa diversamente: somos constituídos na borda dos acontecimentos em comunicação imediata uns com os outros, infinitesimalmente. E os acontecimentos são produzidos pela imanência da produção pelas máquinas: desejanter, informáticas, mecânicas, orgânicas, geofísicas – todas EXTRA-laçadas.

A Universidade do FORA designa o movimento e o exercício de KINO-CÉREBROS, de CINE-OLHOS, de HOLOFOTES DISSENSUAIS. A Universidade do FORA designa a experimentação do pensamento e o kino-cérebro é um modo de experimentação do pensamento que implica um outro olhar (o “cine-olho”), um outro movimento dos corpos (“fragmentação”), uma outra visualidade do mundo (a “cine-sensação”, uma outra duração (o “tempo estirado”). “O olho mecânico (...) tateia no caos dos acontecimentos visuais, deixando-se atrair ou repelir pelos movimentos, buscando o caminho de seu próprio movimento ou de sua própria oscilação; faz experiências de estiramento do tempo, de fragmentação do movimento ou, ao contrário, de absorção do tempo em si mesmo, da deglutição dos anos, esquematizando, assim, processos de longa duração inacessíveis ao olho normal...” (IDEM).

Neste meu passeio pelos labirintos dobrados em morros da Universidade do FORA encontrei-me com Vertov – ou antes, encontrei-me em Vertov. De fato, ele é um empirista superior, ao fazer o pensamento encontrar a vida, a idéia tornar-se coisa, o cine-olho implicar um outro cérebro que não aquele cuja organização remete a um “olho normal”. O cine-olho é inseparável do kino-cérebro enquanto experimentação do pensamento: outro olhar, outro “ver”, outro modo de ser – novíssima vida. “Entram decididamente na bagunça da vida. 1. o cine-olho que contesta a representação visual do mundo dada pelo olho humano e que propõe seu próprio ‘eu-vejo’, e 2. o kinok-montador que organiza os minutos da

estrutura da vida, vista pela primeira vez desse modo” Ele diz bagunça – nós dizemos experimentação!

A experimentação do pensamento implica a destruição da muralha visual criada pelo olho normal, diretamente ligado a um cérebro e um corpo normatizado. Mas o empirismo não é superior se a experimentação não se completar pela criação, no caso, de um novo olho – um cine-olho, diretamente ligado a um outra organização do cérebro e do corpo: um verdadeiro kino-cérebro como máquina diferencial.

Logo após encontrar Deleuze que cantava no labirinto com voz de Alice: “Só o empirista pode dizer: os conceitos são as próprias coisas, mas as coisas em estado livre e selvagem, para além dos ‘predicados antropológicos’. Eu faço, refaço e desfaço meus conceitos a partir de um horizonte movente, de um centro sempre descentrado, de uma periferia sempre deslocada que os repete e os diferencia” (DELEUZE: Diferença e repetição, p.18) – logo aos encontrá-los, Deleuze e a voz de Alice, trombo Vertov adiante a gritar:

“Eu sou o cine-olho. Eu sou o cone-olho”.

Não Vertov humano, mas o Vertov tornado inumado, além-homem, máquina, kino-cérebro. Deleuze desenha o empirista exercendo a Universidade do FORA, no movimento de criação de conceitos-coisas. A experimentação do pensamento nada mais é senão o processo impessoal de fazer, refazer e desfazer os conceitos a partir de um cérebro tornado periferia, tornado cidade de vespas e de formigas – um CÉREBRO-PERIFERIA que só repete os conceitos na medida em que os diferencia, ou seja, na medida em que os comunica imidiaticamente.

Não sou um pensamento urbanizado
encarcerado e academicizado

não crio uma representação da vida
 pela percepção deste olho normal
 que não é meu
 que não pedi
 que deteriorou meu corpo em fossa
 e em imagem vazia molhada de água benta
 olho que não pedi
 mas que me constitui
 me constituiu até agora
 agora que passa e que faço passar
 a força de minha vontade
 em constituição insubmissa a tudo que queira negá-la
 eu sou um empirista
 eu sou o KINO-CÉREBRO
 e pelas células periféricas em ondas de pele
 surjo como aquele que vaza a vida e o pensamento em mil partículas
 em mil ondas
 em mil partes de mil partes de mil mundos reais
 em constituição contínua desse corpo-LUMINOSO
 nervura elétrica
 esporrando a matéria escura do céu
 com jorros de idéias aquiluminosas
 perpassando o COSMO, tocando o impensável
 penetrando o CAOS VIVO em suas pernas arreganhadas

A Academia determina mapas cerebrais a partir de dispositivos
 imanentes a maneira de máquinas, materiais e semióticas. Percursos
 constituídos ao mesmo tempo em que nos constituímos, enquanto
 indivíduos. Há um controle tão aperfeiçoado que se exerce diretamente
 sobre o processo de individuação, continuamente, a maneira de um

agenciamento da vida. As estrias e linhas de individuação vão sendo
 entrelaçadas por essas máquinas de modo a constituir nós dificilmente
 desatáveis, núcleos quase insondáveis de tão envolventes e fechados, vias e
 trajetos entre esses núcleos quase que irreversíveis, que vão e que vem,
 sem nunca se alterar, determinando o tráfego das ideais, a padronização do
 saber em um cotidiano de práticas repetitivas e automáticas, o comum dos
 desejos – ou seja, determinando a morte de tudo isso. Idéias mortas se
 multiplicam aos montes. Práticas mortas dissipam o corpo todos os dias –
 corpos vivos-mortos. Desejos mortos são compartilhados por uma
 comunidade em que reina o consenso, a vontade da maioria, a vontade
 aniquilada e cristalizada. E, finalmente, o saber morto é produzido de
 maneira padronizada seguindo métodos inquestionáveis e áreas
 epistemológicas previamente demarcadas.

Noutro espaço, o FORA transvaza ao pensamento. A Universidade do
 FORA consiste nesta ilimitada superfície semiojectiva de experimentação do
 pensamento. É o limite da América, onde os protestantes, o Portugal e a
 Espanha cristãos não alcançaram ainda nem haverão de alcançar nunca pois
 lá só se chega destruindo o que são para experimentar a diferença pura se
 produzindo. O que não são capazes por ser o que são.

Tupac Amaru corre pelas trilhas tortuosas e frias das Cordilheiras
 há cidades solares em meu cérebro
 onde idéias metálicas e preciosas rebentam
 em veios luminosos que tombam pela MONTANHA de rocha e desejo
 idéias atravessando vales
 e contornando dobras
 abrindo fendas no ventre cósmico dos Andes
 vazando por vales fecundos
 de um povo cujo deus dele não se distingue
 impregna-o num mar de luz

pavorosa superfície mastigada em Montanha
de sombrias gentes solares
outras tochas vivas
de povo incandescente atravessam meu cérebro.

A história é suspensa lá onde passa o devir-Inca, que não começa propriamente. É uma intensidade ou um cometa, menos um começo. A Cordilheira dos Andes é agora o húmus de meu cérebro. As cidades incas são de outra natureza. Cidade de vespas, esses guerreiros solares, essas peles em ouro – essas epidermes de células-ourives que a Igreja e os bancos centrais europeus nunca alcançaram, pois não se trata dos Incas da história, mas aqueles que povoam as fendas de onde sobem meus humores delirantes, onde nenhum cifrão conseguiu alcançar.

CÉREBRO-PERIFÉRICO – uma arquitetura diversa.

Noutra semi-reta do labirinto encontro Nietzsche, que acabara de enforcar Ariadne. Noutra abertura me encontro em Emanuel D. de M. Pimenta – esse empirista, vindo da terra de teantropos. Sim, as sinapses têm uma estruturação eminentemente plástica e modulável, pois o processo cognitivo é desenhado por *loopings sensoriais*, além da *paleta sensorial* apresentar-se como forte componente nessa formação plástica de imensos *patterns sinápticos*. Sim, por isso cantamos as formas arquitetônicas como “uma espécie de clone relativamente congelado de constelações sinápticas” (E. PIMENTA: Teantropos, p.16).

Sim. Sim. A Academia é a forma arquitetônica ou o clone gélido de um pensamento tornado cidade cartesiana, planejada e racional. Cidade inteligível. Somos máquinas vivas e constelações sinápticas congeladas pela Academia – constelações espremidas num Universo imóvel e fixo, a produzir

fluxos de energia cósmica e libidinal natimortos por sufocamento, pelas muralhas da censura, pelas dicotomias repressoras dos n-sexos – seja homem ou mulher ou qualquer putaria entre esses dois tons ou graus da escala sexual do poder, abençoada pelo Papa como cândido troca-troca de Jesus-Maria. Faça seu sexo mudar de grau, contanto que não ouse MUDAR DE NATUREZA: não tenha orgasmo com uma máquina, nem com uma galinha, tampouco dê o rabo a um cavalo, ou ame intensamente uma mandrágora nos nimbos do pacífico.

Rotas fixas do pensamento. Placas imperturbáveis de idéias. Blocos de crenças comentados e inextricáveis. Arquitetura rígida a endurecer as malhas sinápticas. Cérebro-patrimônio histórico da humanidade. Cérebro-tumba de clássicos. Tijolo-Voltaire. Tijolo-Aristóteles. Tijolo-Goethe. Liga-Thomas de Aquino. Reboco-Diderot. E, obviamente, acabamento dialético. Hegel dis-puta com Marx a cadeira do pai na mesa da cozinha. Esses siameses bíblicos-filosóficos. A Santa Ceia dependurada na parede abençoa o jantar. Esses inimigos do labirinto preferiram-no convertido num campo limpo e inteligível, varrido, em todas as suas reentrâncias, por uma bomba H, e a ser loteado para toda a sua descendência medíocre e hipócrita e sedentária. Esse Moisés. Esses empunhadores da Tábua. E mais uma vez, esses negadores da vida.

Decreto o fim das tumbas. Ratos devoram a carne podre que nela repousa. Traças removem trapos e fiapos de Universais. Minhocas abrem túneis por sob as tumbas de modo a convertê-las em partes do labirinto. Tumbas agora são entradas e saídas de metrô para a multidão de idéias. Mina de Chico Rei. Estação da Luz. Estética de Hegel. Buracos e mais buracos comunicantes.

Berros de Prigogine se espalham pelos espaços do labirinto. “– Longe do equilíbrio ... Longe do equilíbrio, o complexo e o instável podem a parecer, as flutuações reinam...”. A idéia de morte térmica é risível. Sim, o Ser é Diferença pura – a diferença se diferindo. O Ser se diz do Devir.

A Universidade do FORA canta o renascimento renovado do pensamento sempre insubmisso, avesso à ordem piramidal, à imposição hierarquizante. Pensamento que é, ele mesmo, o FORA, a sede da infinita proliferação disjuntiva. O navio estoura, sua forma só subsiste graças a sua completa ocupação por uma multidão de ratos. O navio se tornou a multidão de ratos. A forma esfumaça pelo movimento ondulante dos ratos. A multidão desmorona-se no mar e nada sedenta até a praia para ocupar um novíssimo continente. Ocupação que será uma travessia até o outro lado da terra porque a nova terra não tem lugar, não ficou para trás nem está adiante, não será entregue por revelação, nem pelas mãos sujas da história humana. A novíssima terra é o próprio fluxo, o fluir do movimento – é a travessia cósmica, pelos elementos e pelas formas de vida, pelos corpúsculos de toda natureza. É o pensamento novíssimo e intempestivo – o extemporâneo que só retorna tornado inumano. Um pensamento do FORA, sob o reino do inumano, se diz da multiplicidade de “grupúsculos” (Université Tangente) de ratos. Idéias que se proliferam como ratos e que fogem como ratos.

A Academia quebra lá onde a experiência da Universidade se completa fora dela mesma. É o sentido de um corpo-pensamento que é como uma dança dionisíaca – UM FORA DE SI. A filosofia é um ofício para a Academia – os profissionais da filosofia, os trabalhadores do saber.

Mas a Universidade do FORA libera a potência de uma VIDA FILOSÓFICA. Intelectuais de nova linhagem. É preciso abrir uma linha cerebral, uma paisagem nova do corpo que nos dê o labirinto em que De Libera nos fará “acompanhar os efeitos combinados do renascimento da filosofia e do nascimento dos intelectuais até os dois pontos culminantes de uma experiência em que a universidade se completa fora dela mesma, a *nobiltade* de Dante Alighieri, a *edelkeit* de Mestre Eckhart – dois contemporâneos cujo diálogo silencioso formula as condições de uma vida nova, uma ‘beatitude terrestre’, realizando, para não-filósofos, aquilo que, no dizer de Averrois, Al-Farabi havia chamado a ‘esperança filosofal’ (*fiducia philosophantium*)” (DE LIBERA: Pensar na Idade Média, p.21).

Uma vida filosófica para não-filósofos, a intelectualidade pertence a todos os marginais, aqueles que conjuram o caos e mais próximos vivem dele por isso, para de lá arrancar modos de existência nunca antes pensados, cósmicos e inumanos para além de qualquer fiapo de humanidade. Um pensamento do FORA para acéfalos (Deleuze/Guattari), para afásicos (Bergson).

Uma Universidade para não-vestibulandos, para todos que não desejam um lugar no mercado de trabalho, um lugar na existência calculada, para todos que não queiram viver do celeiro da Academia. Uma Universidade para rebeldes, bandidos e ímpios eréticos. Perversos.

Numa sala circular desembocam três linhas sombrias pelas quais chegam, fortes e terríveis como a ventania que precede a grande tempestade, três elementos ao MEIO-DIA: Kleist, Fação-Central e Nietzsche – três vezes infiéis – três vezes MEIO-DIA – entre eles...

Link: Universidade do FORA

(<http://br.groups.yahoo.com/group/universidadeperiferica/>).

O PODER DO MEME MEME

[Susan Blac.kmore](#)

Sem a teoria da evolução por seleção natural nada no mundo da biologia faz algum sentido. Sem Darwin e o neo-Darwinismo, você não pode responder a perguntas como "Por que os morcegos tem asas? Por que os gatos tem cinco garras? Ou por que nossas fibras óticas se cruzam na frente de nossas retinas?" Você pode apenas se sentar e apelar para um criador imaginário.

Eu vou fazer uma afirmação audaciosa.

Sem a teoria da evolução por seleção memética nada no mundo da mente faz algum sentido. Sem a memética você não pode responder a perguntas como "Por que eu não consigo tirar esse pensamento da minha mente? Por que eu decidi escrever esse artigo e não esse outro? Quem sou eu?" Sem a memética você pode apenas se sentar e apelar para um agente consciente imaginário.

Nesse artigo eu quero expor as bases de trabalho para a teoria da memética e ver até onde nós podemos ir. Eu devo esboçar as linhas gerais da história e origem da idéia, explorar como ela foi usada, abusada e ignorada, e como ela proveu uma nova forma de encarar o poder das religiões e dos cultos. Eu devo então tomar o ponto de vista dos memes e usar isso para responder cinco perguntas previamente não respondidas sobre a natureza humana. Por que não conseguimos parar de pensar? Por que nós falamos tanto? Por que nós somos gentis com os outros? Por que nossos cérebros são tão grandes? E, finalmente, o que é um eu?

Eu tentei escrever as seções de forma a serem independentes. Se você quiser ler apenas algumas delas eu sugiro que você leia a seção Tomando o ponto de vista dos memes, e pegue qualquer outras que sejam do seu gosto.

Uma História do Meme Meme

Em 1976 Richard [Dawkins](#) publicou seu best-seller [O Gene Egoísta](#). Esse livro popularizou a visão crescente na biologia que a seleção natural se procede não no interesse das espécies ou do grupo, nem mesmo do indivíduo, mas no interesse dos genes. Embora a seleção tome partido amplamente no nível do indivíduo, os genes são os verdadeiros replicadores e é a competição deles que dirige a evolução do design biológico.

Dawkins, claro e gentil como sempre, sugeriu que toda a vida em todo lugar no universo deve evoluir pela sobrevivência diferencial de entidades auto-replicadoras ligeiramente imprecisas; ele os chamou de "replicadores". Além disso, esses replicadores automaticamente se juntam em grupos para criar sistemas, ou máquinas, que os carregam por aí e trabalham em favor de sua replicação continuada. Essas máquinas de sobrevivência, ou "veículos" são nossos corpos familiares - e os dos gatos, da *E. coli* e do repolho - criados para carregar e proteger os genes dentro deles.

Bem no final do livro ele sugere que o Darwinismo é uma teoria muito grande para ser confinada no restrito contexto do gene. Então ele faz uma pergunta óbvia e provocativa. Existem outros replicadores em nosso planeta? Sim, ele afirma. Bem na nossa cara, embora ainda esteja desajeitado à deriva em sua sopa primordial de cultura, é um outro replicador - uma unidade de imitação. Ele deu a ele o nome de "meme" (para rimar com "creme") e como exemplos sugeriu "músicas, idéias, slogans, modas de roupas, modos de fazer vasos ou de construir arcos." Os memes são armazenados nos cérebros humanos e passados adiante via imitação.

Em apenas algumas páginas ele dispôs a fundação para a compreensão da

evolução dos memes. Ele discutiu sua propagação ao pular de cérebro para cérebro, os comparou com parasitas infectando um hospedeiro, tratou-os como estruturas vivas fisicamente realizadas, e mostrou como memes que se ajudam mutuamente irão se agrupar assim como os genes o fazem. Ele argumentou que, uma vez que um novo replicador surge, ele tenderá a tomar espaço e começar um novo tipo de evolução. Acima de tudo ele tratou os memes como replicadores por direito, *castrando* aqueles entre seus colegas que sempre tendiam a retornar à "vantagem biológica" para responder a perguntas sobre o comportamento humano. Sim, ele concordou, nós temos nossos cérebros por razões biológicas (genéticas) mas agora que nós os temos, um novo replicador foi solto e ele não necessita ser subserviente ao antigo. Em outras palavras, a evolução memética pode agora prosseguir sem se preocupar com seus efeitos nos genes.

Alguns anos depois Douglas Hofstadter escreveu sobre frases virais e estruturas auto-replicadoras em sua coluna Temas Metamágicos na [Scientific American](#). Os leitores responderam, com exemplos de textos usando iscas e anzóis para assegurar a sua replicação. Eles sugeriram frases virais desde a instrução mais simples, tal como "Me copie!", indo entre aquelas que adicionaram ameaças ("Me diga ou eu vou amaldiçoar você") ou promessas ("Eu vou lhe conceder três desejos"), até exemplos de cartas-corrente virulentas (Hofstadter, 1985, p 53). Um leitor sugeriu o termo memética para a disciplina que estuda os memes. Porém a memética ainda não decolou realmente.

Por que não? A idéia básica é muito simples. Se Dawkins está certo então tudo que você aprendeu por imitação de alguém é um meme. Isso inclui todas as palavras no seu vocabulário, as histórias que você conhece, as habilidades e hábitos que você tomou de outras pessoas e os jogos que você gosta de jogar. Isso inclui as canções que você canta e as regras que você obedece. Então, por exemplo, se você dirige na direita (e eu na esquerda!),

come um hambúrguer ou uma pizza, assobia "Parabéns Pra Você" ou "Mamãe Eu Quero" ou até mesmo aperta mãos, você está tratando com memes.

O maior proponente da memética desde Dawkins foi o filósofo Dan Dennett. Em seus livros *Consciência Explicada* (1991) e *A Perigosa Idéia de Darwin* (1995) ele expande a idéia do meme como um replicador.

Em *A Origem das Espécies*, Darwin (1859) explicou como a seleção natural deve acontecer se certas condições são reunidas. Se há hereditariedade do pai para a prole, variação entre a prole, e nem toda a prole pode sobreviver - então a seleção deve acontecer. Os indivíduos que tem alguma vantagem útil "tem a melhor chance de ser preservados na luta pela vida" (Darwin, 1859, p 127, e veja Dennett, 1995, p 48) e então irão passar suas vantagens para suas proles. Darwin claramente viu quão óbvio o processo de seleção natural é uma vez que você o compreendeu. Ele simplesmente deve acontecer.

Dennett descreve a evolução como um algoritmo simples - que é, um procedimento desprovido de mente que, quando levado adiante, deve produzir um resultado. Para a evolução você precisa de três coisas - hereditariedade, variação e seleção - então a evolução é inevitável. Você não precisa nos pegar, claro, ou qualquer coisa remotamente parecida conosco; pois a evolução não tem planos nem previsões. Todavia, você tem que conseguir algo mais complexo do que aquilo com o qual você começou. O algoritmo evolucionário é "um esquema para criar Design do Caos sem a ajuda da Mente" (Dennett, 1995, p 50). Essa, disse Dennett, é a perigosa idéia de Darwin.

Não é nenhuma surpresa que as pessoas tenham ficado aterrorizadas com isso, e lutaram tão duramente contra ela. É escandalosamente simples e

terrivelmente poderosa.

Se a evolução é um algoritmo então ela deveria ser capaz de rodar em diferentes substratos. Nós tendemos a pensar na evolução como dependente dos genes porque essa é a maneira com a qual a biologia funciona neste planeta, mas o algoritmo é neutro sobre isso e irá rodar onde quer que haja hereditariedade, variação e seleção. Ou - como Dawkins colocou - um replicador. Não importa que replicador. Se os memes são replicadores então a evolução irá ocorrer.

Então, são os memes replicadores?

Existe uma enorme variedade nos comportamentos que os humanos produzem, esses comportamentos são copiados, mais ou menos precisamente por outros seres humanos, e nem todas as cópias sobrevivem. O meme portanto se encaixa perfeitamente com o esquema de hereditariedade, variação e seleção. Pense em melodias, por exemplo. Milhões de variantes são cantadas por milhões de pessoas. Apenas algumas são passadas adiante e repetidas e até mesmo algumas chegam até as paradas pop ou às coleções de clássicos. Os ensaios científicos proliferam mas apenas alguns poucos chegam às longas listagens nos índices de citações. Apenas algumas das tramas nojentas feitas nos trabalhos chegam aos shows de TV que lhe contam como *funcionam* as coisas e apenas algumas das minhas brilhantes idéias foram apreciadas por alguém! Em outras palavras, a competição para ser copiado é violenta.

Claro que os memes não são como os genes em muitos aspectos e nós devemos ter muito cuidado ao aplicar os termos da genética nos memes. A cópia dos memes é feita por um tipo de "engenharia reversa" por uma pessoa copiando o comportamento de outra, ao invés de por transcrição química. Nós também não sabemos como os memes são armazenados nos

cérebros humanos e se eles irão são digitalmente armazenados, como os genes, ou não. Entretanto, o ponto importante é que se os memes são realmente replicadores, a evolução memética deve ocorrer. Dennett está convencido que eles são e ele explora como os memes competem para entrarem em quantas mentes forem possíveis. Essa competição é a força seletiva da memosfera e os memes bem sucedidos criam a mente humana conforme seguem adiante, reestruturando nossos cérebros para fazê-los melhores abrigos para os memes. A consciência humana, afirma Dennett, é um grande complexo de memes, e uma pessoa é melhor entendida como um certo tipo de macaco infestado com memes. Se ele está certo então nós não podemos esperar entender as origens da mente humana sem a memética.

Isso torna mais fascinante que a maioria das pessoas interessadas na mente humana tenham ignorado a memética ou simplesmente falhado em entendê-la. Mary Midgley (1994) chama os memes de "entidades míticas" que não são interessantes; "uma metáfora vazia e errônea". Num recente debate no rádio, Stephen Jay Gould chamou a idéia dos memes de "metáfora sem sentido" (embora eu não estou certa que alguém pode de fato ter uma metáfora sem sentido!). Ele deseja "que o termo "evolução cultural" deixe de ser usado." (Gould, 1996, p 219-20)

A palavra "Meme" nem mesmo aparece no index de livros importantes sobre a origem humana e de linguagem (e.g. Donald, 1991; Dunbar, 1996; Mithen, 1996; Pinker, 1994; Tudge, 1995; Wills, 1993), em uma excelente coleção sobre a psicologia evolucionária (Barkow, Cosmides e Tooby, 1992), nem em livros sobre a moralidade humana (Ridley, 1996; Wright, 1994). Embora existam muitas teorias sobre a evolução da cultura, quase todas fazem a cultura ser totalmente subserviente da conveniência genética, como na metáfora de Wilson (1978) dos genes retendo a cultura em rédeas ou a afirmação de Lumsden e Wilson que "a ligação entre os genes e a

cultura não pode ser rompida" (1981, p 344). Cavalli-Sforza e Feldman (1981) tratam a "atividade cultural como uma extensão da conveniência Darwiniana" (p 362) e até mesmo Durham (1991), o único a usar a palavra "meme", se restringe a exemplos de características culturais de relevância óbvia para a conveniência genética, tal como o nome das cores, hábitos de dieta e costumes de casamento. Talvez Boyd e Richerson (1990) chegam mais perto de tratar a unidade cultural como um replicador verdadeiro. Entretanto eles continuam vendo a "evolução genética e cultural como um apertado processo casado co-evolucionário nos humanos" (Richerson & Boyd, 1992, p 80).

Tão quanto posso entendê-los, ninguém exceto Cloak (1975) e Dawkins trataram suas unidades de troca como verdadeiros replicadores. Se há um continuum desde a completa rejeição de Gould em uma ponta, até Dawkins e Cloak na outra, então a maioria fica no meio. Eles aceitam a evolução cultural mas não a idéia de um segundo replicador. Quando eles dizem "adaptativa" ou "mal adaptativa" eles dizem em relação aos genes. Quando chega na hora de vamos ver eles sempre voltam para os apelos da vantagem biológica, assim como Dawkins se queixou que seus colegas há vinte anos atrás.

Dawkins é claro sobre esse assunto quando ele diz "não há razão para o sucesso de um meme ter qualquer conexão com qualquer coisa relacionada ao sucesso genético". Eu concordo. Eu vou propor uma teoria da memética que reside no final desse continuum. Eu sugiro que, uma vez que a evolução genética tenha criado criaturas que foram capazes de imitar as outras, um segundo replicador nasceu. Desde então nossos cérebros e mentes tem sido o produto de dois replicadores, não um. Hoje muitas das pressões de seleção nos memes ainda são de origem genética (tal como quem nós achamos sexy e que comidas são gostosas) mas conforme a evolução memética prossegue cada vez mais rápido, nossas mentes estão se

tornando cada vez mais o produto dos memes, não dos genes. Se a memética é verdadeira então os memes criaram as mentes humanas e a cultura com a mesma certeza que os genes criaram os corpos humanos.

Religiões como Complexos de Memes Co-Adaptados

Dawkins (1976) introduziu o termo complexo de memes co-adaptado. Com isso ele quis dizer um grupo de memes que prosperam na companhia um do outro. Assim como os genes se agrupam para proteção mútua, levando finalmente à criação de organismos, então nós devemos esperar que os memes se agrupem. Como Dawkins (1993) põe "irá haver um agrupamento de idéias que florescem na presença um do outro".

Complexos de memes incluem todos esses grupos de memes que tendem a serem passados adiante juntos, tal como as ideologias políticas, crenças religiosas, paradigmas e teorias científicas, movimentos artísticos, e linguagens. Os mais bem sucedidos entre eles não são apenas frouxas aglomerações de idéias compatíveis, mas grupos bem estruturados com memes diferentes especializados como anzóis, iscas, ameaças, e sistemas de imunidade. (O jargão memético ainda está evoluindo e esses termos podem mudar, mas veja o "dicionário memético" de Grant (Grant, 1990)).

Quando eu tinha uns dez anos de idade eu recebi um cartão postal e uma carta que continha uma lista de seis nomes e me instruiu a mandar um cartão postal para o primeiro nome da lista. Eu deveria por o meu próprio nome e endereço no final e mandar a nova lista para mais seis pessoas. Me prometia que eu receberia diversos cartões postais.

Essa foi uma carta corrente bastante inócua como essas coisa são, consistindo apenas em uma isca (os cartões postais prometidos) e um anzol (mande para mais seis pessoas). Ameaças também são comuns (mande isso

ou o mal olhado irá lhe pegar) e muitas tem conseqüências bem piores do que um desperdício de selos. O que elas tem em comum é a instrução para "me duplicar" (o anzol) juntamente com os co-memes para coerção. Esses simples pequenos grupos podem se espalhar muito bem.

Com o advento dos computadores grupos meméticos virais tem muito mais espaço para brincar e podem pular de disco para disco entre usuários de computador "sem higiene". Dawkins (1993) discute como os vírus e minhocas de computador usam truques para espalharem a si mesmos. Alguns se enterram na memória apenas para surgir como uma bomba relógio; alguns infectam apenas uma pequena proporção do que eles podem conseguir, e alguns são acionados probabilisticamente. Como vírus biológicos eles não devem matar todos os hospedeiros muito cedo ou eles irão morrer. O efeito final pode ser bem divertido, tal como um que faz o alto-falante do Macintosh dizer "Não entre em pânico!", mas alguns travaram redes inteiras e destruíram teses doutorais inteiras. Meus alunos recentemente encontraram um vírus no WORD 6 que vive em uma seção formatadora chamada "Tese" - lhe tentando à ser infectado justamente quando seu trabalho de um ano inteiro está quase terminado. Não é de espantar que nós agora temos uma proliferação de antivírus - o equivalente ao remédio da infosfera.

Os vírus de Internet são uma coisa relativamente nova. Na semana passada eu recebi um aviso muito gentil de alguém que eu nunca conheci. "Não baixe nenhuma mensagem intitulada "Cumprimentos do Amigo de Correspondência", ele dizia - e prosseguiu me avisando que se eu lê-se essa terrível mensagem eu iria deixar entrar um vírus "Cavalo de Tróia" que iria destruir tudo no meu hard drive e então enviaria a si mesmo para cada endereço de e-mail na minha caixa postal. Para proteger todos os meus amigos, e toda a rede de computadores, eu deveria agir rápido e enviar esse aviso a eles.

Você percebeu? O vírus descrito não faz sentido - e não existe. O vírus real é o aviso. Esse é um pequeno complexo de memes muito esperto que usa ambas ameaças e apelos para o altruísmo para te pegar - a vítima boba e preocupada - para passá-lo adiante. Não é o primeiro - "Bons Tempos" e "Deeyenda Maddick" usaram um truque similar - e provavelmente não será o último. Entretanto, quanto mais pessoais aprendem a ignorar os avisos esses vírus irão começar a falhar e talvez isso irá deixar entrar vírus piores, conforme as pessoas começarem a ignorar as advertências que eles deveriam avisar. Então cuidado!

O que isso tem a ver com as religiões? De acordo com Dawkins, tem muito. A mais controversa aplicação da memética é sem dúvida o seu tratamento às religiões como complexos de memes co-adaptados (Dawkins 1976, 1993). Ele descreve, sem nenhum receio, as religiões como "vírus da mente" e analisa como elas funcionam.

Elas funcionam porque os cérebros humanos são exatamente o que os info-vírus precisam; cérebros podem absorver informação, replicá-la razoavelmente com precisão, e obedecer às instruções que elas incorporam. Dawkins usa o exemplo do Catolicismo Romano; uma gangue de memes mutuamente compatíveis que são estáveis o suficiente para merecer um nome. O coração do Catolicismo são suas maiores crenças; um poderoso e piedoso Deus, Jesus, seu filho que nasceu de uma virgem e se levantou dos mortos, o espírito santo, e assim vai. Se isso não é implausível o suficiente você pode adicionar a crença em milagres ou a transmutação literal de água em sangue. Por que alguém deveria acreditar nessas coisas? Dawkins explica.

Ameaças de fogo infernal e danação são técnicas efetivas e maldosas de persuasão. Desde da tenra idade crianças são criadas por seus pais Católicos

para acreditar que se elas quebrarem certas regras elas irão queimar no inferno para sempre após a morte. As crianças não podem facilmente testar isso já que nem o inferno nem Deus podem ser vistos, embora Ele pode ver tudo o que elas fazem. Então elas devem simplesmente viver um medo durante a vida toda até a morte, quando elas irão descobrir com certeza - ou não! A idéia de inferno é portanto um meme auto-perpetuante.

E eu disse "testar" a idéia? Algumas crenças religiosas podem ser testadas, tal como se o vinho realmente vira sangue, se a prece realmente ajuda; daí a necessidade de um meme anti-teste da fé. No Catolicismo, a dúvida deve ser evitada, enquanto a fé é nutrida e respeitada. Se o seu conhecimento de biologia o leva a duvidar do parto virginal, - ou se a guerra, crueldade e fome parecem desafiar a bondade de Deus - então você deve ter fé. A história de São Tomé é um conto-advertência contra a procura de evidências. Como Dawkins o pôs, "Nada é mais letal para certos tipos de memes do que a tendência de procurar por evidências" (Dawkins, 1976, p 198) e as religiões, diferentemente da ciência, se certificam de desencorajar isso. Também diferente da ciência, as religiões freqüentemente incluem memes que tornam seus portadores violentamente intolerantes à idéias novas e não familiares e então protegem a si mesmos contra serem expulsos em favor de uma religião diferente - ou de nenhuma.

Finalmente os complexos de memes precisam de mecanismos para assegurar sua própria disseminação. "Mate o infiel" irá se desfazer da oposição. "Siga em frente e multiplique-se" irá produzir mais crianças para passarem eles adiante. Também o fará proibir a masturbação, controle de natalidade ou casamentos entre féis. Se o medo de ficar cego não funciona, existem prêmios no paraíso para missionários e aqueles que convertem os descrentes (Dawkins, 1993; Lynch, 1996).

O catolicismo geralmente se dissemina de pai para filho mas os padres

celibatos têm um papel também. Isso é particularmente interessante já que o celibato significa o fim da linha para os genes, mas não para os memes. Um padre que não tem esposa ou filhos para se preocupar tem mais tempo para disseminar seus memes, incluindo os para o celibato. Celibato é outro parceiro nesse vasto complexo de memes religiosos que se ajudam mutuamente.

Dawkins (1993) dá outros exemplos desde o Judaísmo, tal como a falta de sentido dos Rabinos testando a *pureza-kosher* da comida, ou os horrores de Jim Jones liderando seu rebanho para o suicídio em massa na selva da Guiana. Hoje ele poderia adicionar o "Portão do Paraíso" (Heaven's Gate) ao seu catálogo. "Obviamente um meme que faz com que os indivíduos que toquem com ele matem a si mesmos tem uma grave desvantagem, mas não necessariamente uma desvantagem fatal. ... um meme suicida pode se disseminar, como quando um martírio dramático e bem-divulgado inspira outros a morrer pela causa profundamente amada, e isso por sua vez inspira outros a morrerem, e assim vai." (Dawkins, 1982, p.111).

Ele poderia igualmente ter escolhido o Islã; uma fé que inclui o conceito de jihad ou guerra santa, e tem punições particularmente maldosas para as pessoas que desertam da fé. Até mesmo hoje o autor, e herético, Salman Rushdie vive temendo por sua vida porque muitos Muçulmanos consideram ser seu dever sagrado matá-lo. Uma vez que o você tenha sido infectado com memes poderosos como esses você deve pagar um preço alto para se livrar deles.

Lynch (1996) explora profundamente alguns truques usados pelas religiões e cultos. "Honre teu pai e mãe" é um excelente mandamento, aumentando as chances de que a criança tome as crenças de seus pais, incluindo o próprio mandamento. Como um meme secular ele não deve ter muito sucesso, já que os garotos iriam certamente rejeitá-lo se eles pensassem que ele veio

diretamente dos pais. Entretanto, apresentado como uma idéia de um Deus (que é poderoso, vê tudo e pune a desobediência) ele tem chances bem melhores - um bom exemplo de memes "virando gangues".

Leis de dieta podem prosperar porque elas protegem contra doenças, mas porem também manter as pessoas na fé ao tornar mais difícil a elas se adaptar a outras dietas de fora. Códigos morais podem ampliar a cooperação efetiva e sobreviver mas podem também ser formas de punir lapsos de fé. Observar os "dias sagrados" garante muito tempo para disseminar os memes, e as preces e graças públicas nas refeições asseguram que muitas pessoas estão expostas a eles. Aprender textos sacros de cor, e colocando eles em músicas inspiradoras ou memoráveis assegura sua longevidade.

Na longa história das religiões a maioria delas se disseminou verticalmente - ou seja, de pai para filho. Até mesmo hoje o melhor preditor de sua religião é a religião de seus pais - mesmo se você pensa que você racionalmente escolher a "melhor" ou "mais verdadeira"! Entretanto, hoje mais e mais religiões e cultos novos se disseminam horizontalmente - de qualquer pessoa para qualquer outra pessoa. Os dois tipos usam diferentes truques meméticos para sua replicação. Como exemplo do primeiro tipo Lynch (1996) dá os *Hutterites*. Eles tem em média mais de dez filhos por casal, uma média fantástica que é possivelmente ajudada pelo modo com o qual eles distribuem a responsabilidade paterna, fazendo de cada criança extra um fardo apenas um pouco mais pesado para seus pais naturais. Outras religiões põem mais esforço na conversão, como as fés evangélicas que prosperam sobre recompensas instantâneas e alegria espiritual na conversão.

Tomando o Ponto de Vista dos Memes

Nós estamos prontos agora para tomar o ponto de vista dos memes. A aproximação básica é assim - imagine um mundo cheio de hospedeiros para os memes (e.g. cérebros) e muito mais memes do que existem possíveis lares para eles. Agora pergunte - quais memes são mais prováveis de encontrar um lar seguro e serem passados adiante? É assim simples.

Ao fazer isso eu tentei seguir algumas regras simples.

Primeiro, lembre-se que os memes (assim como os genes) não tem poder de previsão!

Segundo, considere apenas os interesses dos memes, não dos genes ou do organismo. Os memes não se preocupam sobre os genes ou as pessoas - tudo o que eles fazem é se reproduzirem. Afirmções *resumidas* tais como "memes querem x" ou "memes tentam fazer y" devem sempre serem traduzíveis de volta para a forma maior, tal como "memes que tem o efeito de produzir x são mais prováveis de sobreviver do que os que não fazem isso."

Terceiro, os memes, por definição, são passados adiante por imitação. Então aprender por tentativa e erro ou por feedback não é memético, nem o são todas as formas de comunicação. Apenas quando a idéia, o comportamento ou a habilidade é passado adiante por imitação é que conta como um meme.

Agora, lembrando-se dessas regras, nós podemos fazer a pergunta e ver para onde ela nos leva.

Imagine um mundo cheio de cérebros, e muito mais memes do que existem possíveis lares para eles. Que memes são mais prováveis de encontrar um lar seguro e serem passados adiante?

Algumas das conseqüências são inicialmente óbvias - uma vez que você as tenha visto. E algumas são assustadoramente poderosas.

Eu devo começar com duas simples, parcialmente como exercícios de como pensar memeticamente.

1. Por que não conseguimos parar de pensar?

Você consegue parar de pensar? Se você já meditou você sabe saberá quão difícil isso é - a mente simplesmente parece continuar alegremente. Se estivéssemos pensando pensamentos úteis, praticando habilidades mentais, ou resolvendo problemas relevantes haveria algum sentido, mas na maioria das vezes não parece que estamos. Então por que nós simplesmente não podemos nos sentar e não pensar? De um ponto de vista genético todo esse pensamento extra parece extremamente desperdiçador - e animais que desperdiçam energia não sobrevivem. A memética provê uma resposta simples.

Imagine um mundo cheio de cérebros, e muito mais memes do que existem lares. Que memes são mais prováveis de acharem um lar seguro e serem passados adiante?

Imagine um meme que encoraja seu hospedeiro a mantê-lo mentalmente ensaiado, ou uma música que é tão fácil de cantarolar que fica girando em sua cabeça, ou um pensamento que simplesmente te obriga a continuar pensando sobre ele.

Imagine em contraste um meme que se enterra caladamente em sua memória e nunca é ensaiado, ou uma música que é tão imemorable para girar em sua cabeça, ou um pensamento que é chato demais para ser

repensado.

Qual se sairá melhor? Outras coisas sendo iguais, o primeiro irá muito. Ensaio auxilia a memória, e você é mais provável que você expresse (ou até mesmo cante) as idéias e músicas que preenchem suas horas ao acordar. Qual é a conseqüência? A memosfera se enche de canções atraentes, e de pensamentos pensáveis. Nós todos cruzamos com eles e então nós todos pensamos um bocado.

O princípio aqui é familiar da biologia. Em uma floresta, qualquer árvore que cresça mais consegue mais luz. Então os genes para crescer alto se tornam mais comuns na piscina de genes e a floresta termina sendo tão alta quanto as árvores podem ser.

Nós podemos aplicar o mesmo princípio novamente.

2. Por que nós falamos tanto?

Imagine um mundo cheio de cérebros, e muito mais memes do que existem lares. Que memes são mais prováveis de acharem um lar seguro e serem passados adiante?

Imagine qualquer meme que encoraje a fala. Ele pode ser uma idéia como "falar torna as pessoas como você" ou "é amigável conversar". Pode ser um pensamento urgente que você sente obrigado a compartilhar, uma piada engraçada, boas notícias que todos querem ouvir, ou qualquer meme que prospere dentro de uma pessoa faladora.

Imagine em contraste qualquer meme que desencoraje a fala, tal como o pensamento "falar é perda de tempo". Ele pode ser algo que você não ousa dizer alto, algo muito difícil de dizer, ou qualquer meme que prospere

dentro de uma pessoa tímida e retraída.

Qual se sairá melhor? Posto dessa forma a resposta é óbvia. O primeiro será muito mais ouvido por mais pessoas e, outras coisas sendo iguais, simplesmente deve ter uma chance melhor de ser propagado. Qual é a consequência disso? A memosfera irá se encher com memes que encorajam a fala e nós iremos todos falar bastante. E nós falamos!

Uma maneira mais simples de expor isso:- pessoas que falam mais irão, em média, disseminar mais memes. Então qualquer meme que prospere em tagarelas é mais suscetível a ser disseminado.

Isso me faz enxergar a conversação sob uma nova luz. Toda essa falação é fundada em vantagens biológicas? Falar gasta muita energia e nós falamos sobre algumas coisas estúpidas e sem sentido! Esses pensamentos e conversações triviais e estúpidos tem alguma vantagem biológica escondida?

Eu gostaria de pelo menos oferecer uma sugestão que eles não oferecem. Que nós fazemos toda essa falação e toda essa "pensação" meramente porque os memes que nos fazem fazer isso são bons sobreviventes. Os memes parecem estar trabalhando contra os genes.

Isso prepara o palco para uma sugestão mais audaciosa.

3. Por que nós somos tão gentis com os outros?

Claro que nós não somos sempre gentis com os outros, mas a cooperação humana e o altruísmo são coisas misteriosas - a despeito dos tremendos avanços feitos na compreensão das seleção de grupo e conveniência inclusiva, altruísmo recíproco e estratégias evolucionárias estáveis (veja e.g.

Wright, 1994; Ridley, 1996). As sociedades humanas exibem muito mais cooperação do que é típico das sociedades de vertebrados, e nós cooperamos com os não-relativos em uma larga escala (Richerson e Boyd, 1992). Como Cronin o pôs, a moralidade humana "apresenta um desafio óbvio para a teoria Darwiniana" (Cronin, 1991, p 325).

Todos podem pensar provavelmente nos seus exemplos favoritos. Richard Dawkins (1989 p 230) chama a doação de sangue de "um genuíno caso de altruísmo puro e desinteressado". Eu fico mais impressionada pela caridade de dar às pessoas em países distantes que provavelmente compartilham tão poucos dos nossos genes quanto qualquer outra pessoa na terra e que nós provavelmente nunca iremos conhecer. E por que nós *devolvemos* carteiras achadas na rua, resgatamos animais selvagens machucados, suportamos companhias eco-amigas ou reciclamos nossas garrafas? Por que tantas pessoas querem ser pobres enfermeiras e conselheiras com péssimos salários, assistentes sociais e psicoterapeutas, quando elas poderiam viver em casas maiores, atrair companheiros mais ricos, e ter mais crianças se elas fossem banqueiras, corretoras ou advogadas?

Muitas pessoas acreditam que tudo isso deve finalmente ser explicado em termos de vantagem biológica. Talvez será, mas eu ofereço uma alternativa a ser considerada; a teoria memética do altruísmo. Nós podemos usar nossa tática, agora, familiar.

Imagine um mundo cheio de cérebros, e muito mais memes do que existem lares. Que memes são mais prováveis de acharem um lar seguro e serem passados adiante?

Imagine o tipo de meme que encoraja o seu hospedeiro a ser amigável e gentil. Ele poderia ser um para dar boas festas, para ser generoso com a geléia de laranja feita em casa, ou apenas estar preparado para gastar

tempo escutando às mágoas de um amigo. Agora compare isso com os memes para ser antipático e pão-duro - nunca cozinhando jantares para as pessoas ou pagando drinks, e recusando a gastar seu tempo ouvindo os outros. Qual irá se disseminar mais rapidamente?

O primeiro tipo, claro. As pessoas gostam de ser gentis com as pessoas. Então aqueles que abrigam muitos memes amigáveis irão gastar mais memes com os outros e ter mais chances de disseminar seus memes. Em conseqüência muitos de nós iremos acabar abrigando muitos memes para sermos gentis com os outros.

Uma maneira mais simples de dizer isso:- as pessoas que são altruísticas irão, em média, disseminar mais memes. Então qualquer meme que prospere em pessoas altruísticas é mais provável de disseminar - incluindo os memes para ser altruísta.

Você pode desejar desafiar qualquer um dos passos acima. É portanto animador aprender com os muitos experimentos de psicologia social, que as pessoas são mais suscetíveis a adotar idéias de pessoas que elas gostam (Eagly e Chaiken, 1984). Se isso é uma causa ou é uma conseqüência do argumento acima é algo debatível.

Seria mais interessante se fatos psicológicos como estes, ou outros tais como a dissonância cognitiva, ou a necessidade de auto-estima, pudessem ser derivados simplesmente de princípios meméticos - mas esse é um tópico para outra hora!

Por enquanto nós devemos considerar se a idéia é ou não testável. Ela prediz que as pessoas deveriam agir de maneiras que beneficiem a disseminação de seus memes mesmo com um certo custo a si mesmas. Nós estamos acostumados em comprar informação útil, e com anunciantes

comprando por seus meios até a mente das pessoas com o propósito de vender produtos, mas essa teoria prediz que pessoas irão pagar (ou trabalhar) simplesmente para disseminar os memes que elas carregam - porque os memes as forçam. Missionários e Testemunhas de Jeová parece que o fazem.

Muitos aspectos da persuasão e da conversão em causas podem acabar envolvendo altruísmo dirigido por memes. Altruísmo é mais outro tipo de truque memético que as religiões (aqueles complexos de memes mais poderosos) têm *explorado*. Quase todas elas prosperam ao fazer seus membros trabalharem para elas e acreditar que eles estão fazendo o bem.

Claro, ser generoso é caro. Sempre existirá pressão contra isso, e se os memes puderem achar estratégias alternativas para disseminar, eles irão. Por exemplo, pessoas poderosas podem ser capazes de disseminar memes sem ser altruístas!

Entretanto, isso não muda o argumento básico - que o altruísmo dissemina memes. Você pode ter percebido que o tema principal em todos esses argumentos é que os memes podem agir em oposição ao interesse dos genes. Pensar o tempo todo pode não usar muita energia mas deve custar algo. Pensar é certamente dispendioso, como qualquer um que tenha estado totalmente exausto ou seriamente doente iria atestar. E, claro, qualquer ato altruísta é, por definição, custoso para o autor.

Eu diria que isso é exatamente o que nós deveríamos esperar se os memes são verdadeiros replicadores. Eles não se preocupam com os genes ou as criaturas que os genes criaram. O único interesse deles é a auto-propagação. Então se eles puderem se propagar ao roubar recursos dos genes, eles o farão.

No próximo exemplo nós veremos os memes forçando a mão dos genes de uma forma muito mais dramática.

4. Por que nossos cérebros são tão grandes?

Sim, eu sei que esse é um velho castanheiro, e que existem muitas e muitas boas respostas para a pergunta. Mas elas são boas o suficiente? Não vamos nos esquecer quão misteriosa a questão realmente é. Os cérebros são notoriamente caros tanto para serem construídos quanto para funcionarem. Eles tomam cerca de 2% do peso do corpo mas usam cerca de 20% de sua energia. Nossos cérebros tem três vezes o tamanho dos cérebros dos macacos com corpo de tamanho equivalente.

Comparados com outros mamíferos nosso quociente de encefalização é ainda maior, até 25 vezes (Jerison, 1973; Leakey, 1994; Wills, 1993). Em muitas medidas a capacidade do cérebro humano se destaca. O fato que tal inteligência surgiu em um animal que fica de pé pode ou não ser uma coincidência mas ele certamente aumenta o problema. Nossos pélvis não são idealmente adaptador para dar a luz a cérebros grandes e então o nascimento das crianças é um processo arriscado para os seres humanos - mesmo assim nós o fazemos. Por que?

O mistério ficou mais profundo para mim ao pensar sobre o tamanho da vantagem biológica requerida para sobrevivência. Em um estudo a respeito do destino dos Neandertais, Zubrow (Leakey, 1994) usou simulações de computador para determinar o efeito de uma margem ligeiramente competitiva. Ele concluiu que uma vantagem de 2% poderia eliminar a população competidora em menos de um milênio. Se nós necessitamos apenas de uma vantagem tão pequena por que nós temos uma tão grande?

Diversas respostas foram recentemente propostas. Por exemplo, Dunbar

(1996) argumenta que nós precisamos de cérebros mais largos para poder fazer fofocar, e fofocar é um tipo de trote verbal para manter grandes bandos de pessoas juntas.

Christopher Wills (1993) argumenta que a evolução desenfreada do cérebro humano resulta de um acelerante loop de feedback gene-ambiente. Miller (1993) propõe que nossos vastos cérebros foram criados pela seleção sexual; e Richerson e Boyd (1992) afirmam que eles são usados para aprendizado individual e social, favorecido pelas crescentes taxas de variação ambiental.

O que todos esses autores tem em comum é que seu último apelo é para os genes. Como os colegas de Dawkins que gemem, eles sempre desejam voltar para a vantagem biológica. Proponho uma alternativa baseada na vantagem memética.

Imagine homínídeos antigos que, por boas razões biológicas, ganharam a habilidade de imitar uns aos outros e a desenvolver uma linguagem simples. Uma vez que esse passo tenha ocorrido os memes podem começar a se disseminar, e o segundo replicador nasceu. Lembre-se - uma vez que isso tenha acontecido os genes não seriam mais capazes de parar a disseminação! Presumivelmente os memes mais antigos seriam úteis, tal como maneiras de fazer vasos ou facas, ou maneiras de pegar ou desmembrar a presa. Vamos assumir que algumas pessoas teriam cérebros um pouco maiores e que esses cérebros maiores fossem melhores copiadores. Conforme mais e mais pessoas começaram a pegar esses memes antigos, o ambiente iria mudar e então iria se ficar mais e mais necessário ter novas habilidades para poder sobreviver.

Uma pessoa que poderia rapidamente aprender a fazer um bom vaso ou contar uma história popular iria achar mais facilmente um companheiro, e

então a seleção sexual iria adicionar mais pressão para cérebros grandes. No novo ambiente pessoas com cérebros maiores iriam ter uma vantagem e a importância da vantagem iria aumentar conforme os memes se disseminassem. Me parece que essa mudança fundamental nas pressões de seleção, aumentar a taxa de propagação dos memes, provê pela primeira vez uma razão plausível por quê nossos cérebros são totalmente destacados de todos os outros cérebros no planeta. Eles foram dirigidos pelos memes. Um replicador forçou os movimentos do outro.

5. Quem sou eu?

Nós podemos agora ver a mente humana como o produto de dois replicadores, um usando para sua replicação a maquinaria criada pelo outro. Como Dennett apontou, as pessoas são animais infestados com memes. Nossas personalidades, habilidades e qualidades únicas derivam da complexa interação desses replicadores. E sobre nossos mais profundos eus - o "verdadeiro eu", a pessoa que experimenta a "minha" vida?

Eu diria que os eus são complexos de memes co-adaptados - embora apenas um dos muitos suportados por qualquer cérebro dado (Blackmore, 1996). Como as religiões, sistemas de crença política e cultos, eles são conjuntos de memes que prosperam na companhia uns dos outros. Como as religiões, sistemas de crença política e cultos, eles são abrigos seguros para todos os tipos de memes viajantes e eles estão protegidos da destruição por vários truques meméticos. Eles não tem que ser verdadeiros.

De fato nós sabemos que "eus" são um mito. Olhe dentro do cérebro e você achará apenas neurônios. Você não achará uma pessoazinha puxando as cordas ou um homúnculo observando o show em uma tela lá dentro (Dennett, 1991). Você não acha o lugar onde as "minhas" decisões conscientes são tomadas. Você não acha a coisa que apaixonadamente

segura todas essas crenças e opiniões. A maioria de nós ainda persiste em pensar sobre nós mesmos dessa forma. Mas a verdade é que - não há ninguém lá!

Nós agora temos uma resposta radicalmente nova para a pergunta "Quem sou eu?", e de certa forma uma horripilante. "Eu" sou um dos muitos complexos de memes co-adaptados vivendo dentro desse cérebro. Essa idéia assustadora pode explicar por que a memética não é mais popular. A memética lida com um terrível sopro na supremacia do eu.

O Futuro para os Memes

Os memes estão aí fora! Na maior parte da história humana os memes evoluíram ao lado dos genes. Eles foram passados adiante na maioria das vezes verticalmente - de pai para filho - e portanto evoluíram na mesma velocidade que os genes. Isso não é mais verdade. Os memes podem pular de cérebro para cérebro em segundos - mesmo quando os cérebros estão a meio planeta de distância.

Enquanto alguns memes ficam em cérebros por semanas, meses ou anos antes de serem passados adiante, muitos agora se disseminam na velocidade da luz. A invenção do telefone, das máquinas de fax e e-mail, todas aumentam a velocidade de propagação dos memes. Conforme a alta velocidade, a precisão e a cópia horizontal dos memes aumenta, nós podemos esperar alguns desenvolvimentos dramáticos na memosfera.

Primeiro, quanto mais rápido os memes se disseminam mais fraca é a resistência da seleção natural (genética). Esse divórcio relativo de genes e memes pode significar que mais do que nunca os memes que são prejudiciais para seus portadores irão se disseminar. Nós podemos já estar vendo isso em alguns dos cultos perigosos, modismos, sistemas políticos,

crimes audazes e crenças falsas que agora podem se disseminar tão rapidamente.

Segundo, nós podemos esperar que os memes construam para si mesmos veículos cada vez melhores para sua própria propagação. Os genes construíram para si mesmos organismos para carregá-los por aí. Qual é o equivalente memético?

Artefatos como livros, pinturas, ferramentas e aeroplanos podem contar (Dennett, 1995), mas eles são fracos comparados com computadores ou a Internet. Até essas recentes invenções ainda estão amplamente dependentes de humanos para seu funcionamento, e dos genes que esses humanos carregam - apesar de tudo, sexo é o tópico mais popular na Internet. Então, pode o segundo replicador algum dia se libertar? Ele pode se nós algum dia construirmos robôs que diretamente imitem uns aos outros. Felizmente essa é uma tarefa tão difícil que não será alcançada tão cedo e talvez até lá nós já teremos uma compreensão melhor da memética e estaremos em uma posição melhor para estar à altura dos nossos novos vizinhos.

Conclusão

Eu demonstrei como a teoria da memética provê novas respostas para algumas perguntas importantes sobre a natureza humana. Se eu estou certa, então nós humanos somos o produto de dois replicadores, não apenas um. Nos últimos cem anos nós perdemos com sucesso a ilusão que um Deus é necessário para compreender o design de nossos corpos. Talvez no próximo milênio nós poderemos perder a ilusão de que agentes conscientes são necessários para compreender o design de nossas mentes.

Referências

Barkow, J.H., Cosmides, L. e Tooby, J. (Eds) (1992) *The Adapted Mind: Evolutionary psychology and the generation of culture*. Oxford, OUP.

Blackmore, S.J. (1996) *Waking from the Meme Dream The Psychology of Awakening: An International Conference on Buddhism, Science and Psychotherapy*, Dartington, 9 November 1996.

Boyd, R. e Richerson, P.J. (1990) Group selection among alternative evolutionarily stable strategies. *Journal of Theoretical Biology*, 145, 331-342

Cavalli-Sforza, L.L. e Feldman, M.W. (1981) *Cultural Transmission and Evolution: A quantitative approach*. Princeton, NJ, Princeton University Press.

Cloak, F.R. (1975) Is a cultural ethology possible? *Human Ecology*, 3, 161-182.

Cronin, H. (1991) *The Ant and the Peacock*. Cambridge, Cambridge University Press.

Darwin, C. (1859) *On the Origin of Species by Means of Natural Selection*. London, Murray.

Dawkins, R. (1976) *The Selfish Gene* Oxford, Oxford University Press (nova edição com material adicional, 1989)

Dawkins, R. (1982) *The Extended Phenotype*. Oxford, Oxford University Press.

Dawkins, R. (1993) *Viruses of the mind*. Em B.Dahlbohm (ed) Dennett and

his Critics: Demystifying Mind. Oxford, Blackwell.

Dennett, D. (1991). *Consciousness Explained*. Boston, Little, Brown.

Dennett, D. (1995) *Darwin's Dangerous Idea*, London, Penguin

Donald, M (1991) *Origins of the Modern Mind: Three Stages in the Evolution of Culture and Cognition*. Cambridge, Mass, Harvard University Press.

Dunbar, R. (1996) *Grooming, Gossip and the Evolution of Language*. London, Faber & Faber.

Durham, W.H. (1991) *Coevolution: Genes, Culture and Human Diversity*. Stanford, Ca., Stanford University Press.

Eagly, A.H. e Chaiken, S. (1984) *Cognitive theories of persuasion*. Em L.Berkowitz (Ed), *Advances in Experimental Social Psychology*, 17, 267-359. New York, Academic Press.

Gould, S.J. (1996) *Full House*. Harmony Books (Publicado no Reino Unido como *Life's Grandeur*, London, Jonathan Cape.)

Grant, G. (1990) *Memetic lexicon*. <http://pespmc1.vub.ac.be/MEMLEX.html>

Hofstadter, D. (1985) *Metamagical Themas: Questing for the essence of mind and pattern*. N.Y. Basic Books

Jerison, H.J. (1973) *Evolution of the Brain and Intelligence*. N.Y. Academic Press.

Leakey, R. (1994) *The Origin of Humankind* London, Weidenfeld and

Nicolson

Lumsden, C.J. e Wilson, E.O. (1981) *Genes, Mind and Culture*. Cambridge, Mass., Harvard University Press.

Lynch, A. (1996) *Thought Contagion: How Belief Spreads Through Society*. N.Y. Basic Books.

Midgley, M. (1994) Letter to the Editor, *New Scientist*, 12 Feb, 50.

Miller, G. (1993) *Evolution of the Human Brain through Runaway Sexual Selection*. PhD Thesis, Stanford University Psychology Department

Mithen, S. (1996) *The Prehistory of the Mind*. London, Thames and Hudson.

Pinker, S. (1994) *The Language Instinct* New York, Morrow

Richerson, P.J. e Boyd, R. (1992) *Cultural inheritance and evolutionary ecology*. Em E.A.Smith and B.Winterhalder (Eds) *Evolutionary Ecology and Human Behaviour* 61-92.

Ridley, M. (1996) *The Origins of Virtue*. London, Viking.

Tudge, C. (1995) *The Day before Yesterday: Five Million Years of Human History*, London, Jonathan Cape.

Wills, C. (1993) *The Runaway Brain: The Evolution of human uniqueness*. N.Y., Basic Books.

Wilson, E.O. (1978) *On Human Nature*. Cambridge, Mass., Harvard University Press.

Wright,R. (1994) The Moral Animal. Pantheon Books.

Susan B.lackmore é Professora Sênior em Psicologia na Universidade do Oeste da Inglaterra, Bristol, onde ensina a psicologia da consciência. As pesquisas da Dra. Bl.ackmore incluem experiências próximas da morte, os efeitos da meditação, por que as pessoas acreditam no paranormal, psicologia evolucionária e a teoria da memética. Escreve para várias revistas, tem uma coluna ocasional no jornal The Independent, e é uma frequente contribuinte e apresentadora no rádio e na televisão. É autora do livro The Meme Machine. Para mais informações sobre a Dra. Susan Bl.ackmore, visite o seu site oficial em <http://www.uwe.ac.uk/fas/staff/sb/index.htm>.

Publicado na The Skeptic (EUA), 1997, 5 No 2, 43-49

Traduzido por: Leo Vines Vines@strbrasil.com.br

O ensaio base original está disponível em www.uwe.ac.uk/fas/staff/sb/sk97.html

Texto extraído do site da Sociedade da Terra Redonda (www.str.com.br)

OS OITO CIRCUITOS DA CONSCIÊNCIA

Robert Anton Wilson

Trecho do livro "Cosmic Trigger: Final Secret of the Illuminati"
["Gatilho Cósmico: O segredo final dos Illuminati"]

Vamos tentar entender a perspectiva do Dr. Leary a respeito desses mistérios. Para compreender o espaço neurológico, o Dr. Leary supõe que o sistema nervoso consiste de oito circuitos potenciais, ou "engrenagens", ou mini-cérebros. Quatro desses cérebros estão no lóbulo esquerdo, geralmente ativo, e estão preocupados com nossa sobrevivência terrestre; quatro são extraterrestres, residem no lado direito, "mudo" ou inativo, e são para uso em nossa evolução futura. Isso explica porque o lóbulo direito é geralmente inativo nesse estágio de nosso desenvolvimento, e porque se torna ativo quando a pessoa ingere psicodélicos. *(A visão do cérebro simplificada por hemisférios direito-esquerdo é hoje contestada, mas a idéia permanece válida enquanto metáfora, já que a localização dos "cérebros" não interessa na verdade. N. do T.)*

Iremos explicar brevemente cada um desses oito "cérebros".

I. O CIRCUITO DA BIO-SOBREVIVÊNCIA

Este cérebro invertebrado foi o primeiro a evoluir (2 a 3 bilhões de anos atrás) e é o primeiro ativado quando a criança humana nasce. Ele programa as percepções em uma tabela dividida em Coisas úteis-alimentícias (das quais se aproxima) e Coisas prejudiciais-perigosas (Das quais ele foge, ou as

quais ataca). A impressão desse circuito condiciona a atitude básica de confiança ou suspeita a qual sempre afetará os gatilhos de aproximação ou esquiva.

II. O CIRCUITO EMOCIONAL

Esse segundo bio-computador, um pouco mais avançado, formou-se quando os vertebrado apareceram e começaram a competir por território (talvez 500.000.000 AC). No indivíduo essa realidade-túnel ampliada é ativada quando a fita mestre de DNA aciona a metamorfose de rastejar para caminhar. Como qualquer pai sabe, o neném já não é mais uma criança passiva (bio-sobrevivência) mas um mamífero político, cheio de exigências territoriais (e psíquicas), em pouco tempo se meterá nos negócios da família e na tomada de decisões. Novamente a primeira impressão desse circuito permanece constante pela vida inteira (exceto quando eliminado por lavagem cerebral) e identifica os estímulos aos quais engatilhará comportamentos dominantes/agressivos ou submissivos/cooperativos. Quando dizemos que uma pessoa está se comportando emocionalmente, egoisticamente ou 'como uma criança de dois anos', estamos querendo dizer que ele/a está seguindo cegamente um dos túneis-realidade impressos nesses circuito.

III. O CIRCUITO DA DESTREZA/SIMBOLISMO

Esse terceiro cérebro se formou quando os homínídeos começaram a se diferenciar dos outros primatas (cerca de 4 a 5 milhões de anos atrás) e é ativado pelas funções lineares do lóbulo esquerdo do cérebro, determina

nossos padrões convencionais de manufatura de artefatos e pensamento conceitual. Esta é a terceira "mente" circuito.

Não é por acidente portanto que nossa lógica (e nosso desenvolvimento de computadores) siga a estrutura binária desses circuitos. Não é acidente que nossa geometria, até o século passado, tenha sido Euclidiana. A geometria de Euclides, a lógica de Aristóteles e a física de Newton são meta-programas sintetizando e generalizando as programações para frente/para trás do primeiro cérebro, para baixo/para cima do segundo cérebro e esquerda/direita do terceiro cérebro.

IV. O CIRCUITO SEXUAL/SOCIAL

O quarto cérebro, lidando com as transmissões de cultura étnica ou tribal através das gerações, introduz a quarta dimensão, tempo. Já que cada um desses túneis-realidade consiste de impressões bioquímicas ou matrizes no sistema nervoso, cada uma delas e especificamente acionada por neurotransmissores e outras drogas.

Para ativar o primeiro cérebro tome um opiáceo. Mamãe Ópio e Irmã Morfina trarão você lá para baixo, até a inteligência celular, até a passividade da bio-sobrevivência, até a consciência flutuante do recém nascido. (Esta é a razão pela qual os Freudianos identificam adição aos opiáceos como um desejo de retorno a infância.)

Para ativar o segundo túnel-realidade, tome uma quantidade abundante de álcool. Padrões territoriais dos vertebrados e política emocional mamífera

aparecem imediatamente enquanto a bebida desce, como Thomas Nashe intuitivamente percebeu quando categorizou os vários estados alcóolicos com rótulos: "bêbado como um asno", "bêbado como um bode", "bêbado como um porco", "bêbado como um urso", etc.

Para ativar o terceiro circuito, tente café ou chá, uma dieta rica em proteínas, anfetaminas ou cocaína.

O neurotransmissor específico para o quarto circuito ainda não foi sintetizado, mas é gerado pelas glândulas após a puberdade e flui vulcanicamente através dos condutos sangüíneos dos adolescentes.

NENHUMA DESSAS DROGAS TERRESTRES ALTERAM AS IMPRESSÕES BIOQUÍMICAS BÁSICAS. Os comportamentos que elas acionam são aqueles que foram armazenados no sistema nervoso durante os primeiros estágios de vulnerabilidade à impressão. O circuito II bêbado exhibe os jogos emocionais aprendidos dos pais na infância. O circuito III "mente" nunca vai além das permutações e combinações desses túneis-realidade originalmente impressas, ou com abstrações associadas com essas impressões através de condicionamento posterior. E assim por diante.

Mas todo esse robotismo Pavloviano/Skinneriano muda drasticamente e dramaticamente quando nos viramos para o lóbulo direito, os circuitos futuros e os químicos extraterrestres. Os quatro futuros "cérebros" são:

V. O CIRCUITO NEUROSSOMÁTICO

Quando esses quinto "corpo-cérebro" é ativado, configurações planas Euclidianas explodem multi-dimensionalmente. Mudança gestalt, nos termos de McLuhan, do ESPAÇO VISUAL linear para um todo-penetrante ESPAÇO SENSÓRIO. Uma excitação hedonística ocorre, uma surpresa extasiante, um desprendimento dos mecanismos compulsivos dos primeiros quatro circuitos. Eu acionei esses circuitos com maconha e Tantra.

Esse quinto cérebro começou a aparecer cerca de 4.000 anos atrás nas primeiras civilizações que mantiveram uma "classe de lazer" e tem aumentado estatisticamente nos séculos mais recentes (mesmo antes da Revolução das Drogas), um fato demonstrado pelas artes hedonísticas da Índia, China, Roma e outras sociedades influentes. Mais recentemente, Ornstein e sua escola demonstraram com eletroencefalogramas que este circuito representa o primeiro salto do linear lóbulo esquerdo para o analógico lóbulo direito.

A abertura e impressão desses circuito tem sido a preocupação dos "técnicos do oculto" — xamãs tântricos e hatha yogis. Enquanto a quinta realidade-túnel pode ser atingida por privação sensorial, isolamento social, estresse psicológico ou choque brutal (táticas de terror cerimonial praticadas por gurus patifes tais como Don Juan Matus ou Aleister Crowley), tem sido mais tradicionalmente atingida pela aristocracia educada das sociedades de lazer que resolveram os quatro problemas de sobrevivência terrestres.

Cerca de 20.000 anos atrás, o quinto neurotransmissor específico foi descoberto por xamãs na área do Mar Cáspio na Ásia e rapidamente se

espalhou por outros magos através da Eurásia e África. É, claro, a cannabis. Erva. Mãe Maria Joana.

Não é acidental o fato de que o "cabeção-emaconhado" geralmente refere-se a seu estado neural como "alto", ou "fora do espaço". A transcendência das orientações planetárias gravitacionais, digitais, lineares, ou Aristotélicas, ou Euclidianas, ou Newtonianas (circuitos I-IV) é, numa perspectiva evolucionária, parte de nossa preparação neurológica para a inevitável migração de nosso planeta natal, hoje em seus primórdios. Esta é a razão pela qual tantos "cabeções-emaconhados" são freaks de Jornada nas Estrelas e adeptos da ficção científica. (Berkeley, California, certamente a Capital da Cannabis dos EUA, tem um Posto de Troca da Federação na Avenida dos Telégrafos, onde o abonado pode facilmente gastar US\$500 ou mais num único dia, comprando contos, revistas, bugigangas em geral).

O significado extraterrestre de estar "alto" é confirmado pelo astronautas; 85% daqueles que já entraram na queda livre da gravidade zero descrevem "experiências místicas" de êxtase típicas do circuito neurosomático. "Nenhuma foto pode mostrar quão bela a Terra parecia," delira o Capitão Ed Mitchell, descrevendo sua Iluminação em queda livre. Ele soa como qualquer yogi ou "cabeção-emaconhado" bem sucedido. Nenhuma câmara pode mostrar essas experiências, já que elas ocorrem dentro do sistema nervoso.

QUEDA LIVRE, NO MOMENTO EVOLUCIONÁRIO CORRETO, AÇÃO A MUTAÇÃO NEUROSSOMÁTICA, crê Leary. A princípio essa mutação foi alcançada "artificialmente" por treinamento yogico ou xamânico ou pelo estimulante do quinto circuito, a cannabis. Surfar, esquiar, mergulhar e a

nova cultura sexual (massagem sensual, vibradores, arte Tântrica importada, etc.) evoluíram ao mesmo tempo como parte de uma conquista hedonista da gravidade. O estado "Ligado" é sempre descrito como "flutuante", ou na metáfora Zen, "um pé acima do chão."

VI. O CIRCUITO NEUROELÉTRICO

No sexto cérebro o sistema nervoso se torna consciente de si mesmo como separado de mapas de realidade gravitacionais (circuitos I-IV) e mesmo separado do êxtase-corporal (circuito V). O semantista Conde Korzybski, chama este estado de "consciência da abstração." O Dr. John Lilly chama ele "metaprogramação", i.e., consciência de programar a própria programação.

Essa conteligência (consciência-inteligência) Einsteiniana relativística reconhece, por exemplo, que os mapas da realidade Euclideanos, Aristotélicos e Neutonianos são somente três entre bilhões de possíveis programas ou modelos para a experiência. Eu liguei esse circuito com Peyote, LSD e os metaprogramas de "Magick" de Aleister Crowley.

Esse nível de funcionamento cerebral parece ter sido primeiro relatado lá por 500 BC entre vários grupos "ocultos" ligados pela rota da Seda (Roma - Norte da Índia) Está tão além dos túneis-realidade terrestres que aqueles que o alcançaram mal podem falar sobre ele para a humanidade comum (circuitos I-IV) e podem dificilmente ser entendidos mesmo pelos Engenheiros do Êxtase do quinto circuito.

As características do circuito neuroelétrico são alta velocidade, escolha

múltipla, relatividade, e a fissão-fusão de todas as percepções em universos paralelos de possibilidades alternativas como os da Ficção Científica.

As políticas mamíferas que monitoram as lutas por poder entre a humanidade terrestre são aqui transcendidas, i.e., vistas como estáticas, artificiais, uma charada elaborada. A pessoa não é nem manipulada coercivamente até uma realidade territorial alheia nem é forçada a lutar contra ela com um joguinho emocional recíproco (o costumeiro dramalhão de novela). A pessoa simplesmente escolhe, conscientemente, se vai ou não, e até onde, compartilhar o modelo-de-realidade do outro.

Táticas para a abertura e impressão do sexto circuito são descritas e raramente experimentadas em rajah yoga avançada, e nos manuais herméticos (codificados) dos alquimistas e Illuminati medievais-Renascentistas.

Nenhum químico específico para o sexto circuito é disponível ainda, mas psicodélicos fortes como a mesalina (do cactus sagrado, o peyotl) e a psilocibina (do "cogumelo mágico" Mexicano, teonactl) abrem o sistema nervoso para uma serie misturada dos canais V e VI. Isso é apropriadamente chamado "viajar", como distinguido do "se ligar" ou "ficar alto" exclusivos do V circuito.

A supressão de pesquisa científica nessa área tem trazido o resultado desafortunado de trazer a cultura marginal das drogas de volta ao hedonismo do quinto circuito e as realidades-túnel pré-científicas (a revivescência do ocultismo, solipsismo, Orientalismo Pop, etc.). Sem a

disciplina e metodologia científicas, poucos conseguem decodificar com sucesso sinais de metaprogramação que são muitas vezes assustadores (mas filosoficamente cruciais). Cientistas que continuam a estudar esse assunto não ousam publicar seus resultados (que são ilegais) e cada vez mais as largas realidades-túnel somente são percebidas em conversações privadas — como os eruditos da era da Inquisição. (Voltaire anunciou a Era da Razão dois séculos atrás. Nós ainda estamos na Era Negra. A maioria dos alquimistas underground desistiram de tal desafiante e arriscado trabalho individual e restringiram suas viagens aos túneis eróticos do quinto circuito.)

A função evolucionária do sexto circuito é permitir a nós uma comunicação na relatividade Eisteiniana e na velocidade neuro-elétrica, não usando os símbolos laringísticos do terceiro circuito mas diretamente via feedback, telepatia e ligação computadorizada. Sinais neuroelétricos irão continuamente substituir a "fala" (grunhidos homínídeos) depois da migração espacial.

Quando os humanos tiverem escalado para fora do meio de atmosfera-gravidade da vida planetária, a conteligência acelerada do sexto circuito tornará possíveis a comunicação de alta-energia com "Inteligências mais Altas", i.e., nós-mesmos-no-futuro e outras raças pós terrestres.

É charmosamente simples e óbvio, a partir do momento que percebemos que nossas experiências neurais fora-do-espaco são realmente extraterrestres, ficar alto e sair do espaco passam a ser metáforas acuradas. O êxtase neurossomático do quinto circuito é uma preparação para o próximo passo em nossa evolução, migração para fora do planeta. O circuito

VI é uma preparação para um passo após isto, comunicação entre as espécies com entidades possuidoras de túneis-realidade eletrônicos (pós-verbais).

O Circuito VI é o "tradutor universal" muitas vezes imaginado pelos escritores de ficção científica, já embutido em nossos cérebros pela fita de DNA. Da mesma forma eu os circuitos da borboleta futura já estão embutidos na lagarta.

SAINDO DAS SOMBRAS

Renato Rovai



O movimento pela legalização das drogas ganha adeptos em distintas correntes políticas no mundo inteiro e deixa de ser tratado como ode a liberdade para se tornar solução ao estado paralelo do narcotráfico.

.....

Na edição de 26 de julho de 2001 a The Economist, uma das principais vozes do projeto neoliberal, publicou reportagem com dezesseis páginas defendendo a legalização das drogas. Entre os muitos argumentos destacava que a guerra das drogas “absorve de 35 a 40 bilhões de dólares ao ano de impostos pagos pelo contribuinte dos EUA” e sustentava que mesmo “com todo esse investimento o preço da cocaína tinha caído pela metade desde 1980 e o da heroína era de 60% do valor da década anterior”. The Economist utilizou a lógica do mercado para decretar o insucesso da política “de guerra às drogas” patrocinada pelo governo dos Estados Unidos.

Antes do The Economist assumir essa posição, muitas outras entidades e personalidades já haviam se convencido de que a legalização pode vir a ser a única alternativa para desmantelar o aparato criminoso construído pelo narcotráfico.

Em 7 de março de 1992, Gustavo de Greiff assumiu a Procuradoria Geral da Colômbia. O grande desafio era desmantelar os cartéis do narcotráfico. Greiff conseguiu o que parecia impossível. Levou à prisão, entre outros, Pablo Escobar. Isso provocou a queda do Cartel de Medellín e Greiff tornou-se celebridade.

Em 1994, numa conferência sobre política antidrogas, em Baltimore (EUA), declarou ser a favor da legalização. Virou demônio. Surgiram imediatamente acusações de que teria envolvimento com o tráfico. Hoje, Greiff não pode mais entrar nos EUA. O governo suspendeu seu visto. A pressão foi tamanha que em 18 de agosto de 1994 deixou o cargo e a Colômbia e foi para o México ser professor universitário. Entre outros argumentos o ex-procurador da Colômbia, de 74 anos, destaca que “a proibição é um desperdício de energia” e que está destruindo as forças de segurança pública no mundo inteiro por conta do incrível poder de corrupção dos narcotraficantes. Em sua opinião, quanto mais os Estados vierem a investir no combate à produção, distribuição e ao porte de drogas, mais condições estarão criando para alimentar uma força paramilitar financiada pelas máfias narcotraficantes. A proibição das drogas produz uma guerra que poderia ser totalmente evitada.

A capa do The Economist e a corajosa opinião de Greiff em pleno EUA são apenas dois momentos do debate a respeito de uma nova forma de se relacionar com as drogas. Em fevereiro deste ano, em meio à crise de segurança pública no Rio de Janeiro, o senador Jefferson Peres também lançou luzes ao debate em nível nacional. A questão é que no mundo inteiro

há gente se convencendo de que algo precisa ser modificado urgentemente na política de combate às drogas.

Em fevereiro deste ano, provavelmente pela primeira vez na História, uma conferência promovida entre outros pelo sítio Narconews.com e pelo jornal Por Esto!, de Yucatan (México), levou gente do mundo inteiro à cidade mexicana de Mérida para discutir formas de fazer com que o debate saia das sombras. Há visões de todos os tipos, desde movimentos libertários que utilizam o argumento de que o Estado não pode impedir que o cidadão faça de seu corpo o uso que lhe convier, passando por aqueles que defendem apenas a descriminalização da maconha por considerá-la menos ofensiva que drogas lícitas como o álcool e o tabaco, até os que, como Greiff, defendem a legalização por entender que a grande questão é desmantelar o narcotráfico e controlar o consumo. Greiff acredita que cada país deve criar sua própria regulamentação, mas defende que companhias privadas e laboratórios fiquem com a produção e a venda das drogas. E que os governos e bancos privados criem fundos para custear a fiscalização da qualidade das substâncias.

Canadá e Argentina

No dia 27 de maio o governo do Canadá apresentou ao Parlamento de Ottawa um projeto de lei descriminalizando o consumo da maconha. Se essa lei for aprovada, a posse de 15 a 30 gramas de maconha deixará de ser um delito e só será penalizada com multas que variariam de 70 a 250 dólares. Se a quantidade apreendida for superior a 30 gramas, o caso será tratado como um delito, mas a imposição das maiores penas se restringirá a produtores e comerciantes. O que torna o projeto canadense, de certa forma, marco para uma nova política em relação às drogas na América é também o fato de o país fazer parte do Nafta e ser sócio-vizinho dos EUA.

Não foi à toa que o embaixador norte-americano em Otawwa, Paul Cellucci, reagiu em tom ameaçador. “A aprovação dessa lei pode afetar gravemente o comércio bilateral entre os países, de 1,2 bilhão de dólares diários.” Segundo ele, os inspetores de alfândegas norte-americanos poderiam começar a prestar maior atenção nas passagens fronteiriças, o que poderia reduzir consideravelmente o fluxo as exportações canadenses.

O ministro da Justiça canadense acusou o golpe. Ao apresentar o projeto, fez questão de dizer que a lei não pode ser vista como uma legalização. “Quero deixar claro, não estamos legalizando a maconha e não temos planos de fazê-lo”, disse Martin Cauchon. Mas completou criticando a política de penalização atual do país que é muito semelhante à do todo-poderoso vizinho. “As sanções atualmente são desproporcionadas. A legislação que apresento hoje garantirá que o castigo seja proporcional ao delito”, acrescentou.

Alberto Giordano, jornalista norte-americano, é um dos maiores ativistas da legalização das drogas. Editor do Narconews.com é impiedoso com o governo de seu país de origem.

“A política proibicionista é impulsionada atualmente por uma única nação, os EUA, que chantageiam todos os outros como vêm fazendo agora com o Canadá.”

“O debate está bem adiantado ao sul da fronteira gringa e também ao norte, com o Canadá se movimentando para descriminalizar a maconha. Os atuais presidentes do México, Uruguai e Brasil têm falado publicamente contra a política proibicionista. Kirchner nomeou um proeminente juiz antiproibicionista (Eugenio Zaffaroni) para a Corte Suprema. Na Bolívia, os coccaleros são reconhecidos pelo governo como força política importante (nas edições 7 e 8 da Fórum há cobertura completa do tema). Na Colômbia,

os sonhos gringos de Álvaro Uribe fracassaram em relação à política de droga. E no Peru, como antes na Bolívia, as manifestações dos coccaleros têm levado a uma rebelião mais ampla de muitos setores contra o governo de Toledo e sua política entreguista impulsionada por Washington”, analisa.



Giordano não disse, mas seu discurso aponta para uma análise de que o governo norteamericano tem interesses especiais na guerra com o narcotráfico na América Latina. Ou seja, é o que garante espaço para ocupação territorial de grandes áreas dos países andinos e mesmo intervenções nas políticas do Brasil, Argentina e Uruguai. Qual seria o motivo que levaria os EUA a ter suas forças armadas atuando de forma consentida em países como Bolívia, Peru, Colômbia e Equador, por exemplo, se as drogas fossem tratadas como um problema social e de saúde pública?

Claudio Serbale, professor de sociologia da comunicação na Argentina, sustenta que a discussão sobre as drogas no país ainda está distante de caminhar para algo próximo à legalização, mas lembra que no dia 1º de julho a deputada Irmã Parentella apresentou projeto para legalizar o uso médico da maconha. “Por outro lado o governo central, em certa medida

para dar respostas à questão da violência, implementou serviço telefônico para que qualquer pessoa possa denunciar onde imagina que se vendam drogas”, escreveu numa entrevista por e-mail. A essas contradições, segundo Serbale, se somam a indicação de Eugenio Zaffaroni para presidir a Corte Suprema de Justiça. “Ele é um penalista com reconhecimento unânime por sua honradez e formação e tem se posicionado a favor da despenalização do consumo”, registra.

Na Argentina, fumar maconha é um ato que para a Justiça constitui delito. É suficiente para que a pessoa flagrada passe por um processo judicial. Mesmo existindo uma lei de entorpecentes (nº 23.773) que contempla a intervenção judicial no campo da saúde, o que prevalece são atos, por parte dos aparatos de controle do Estado, policial-judicial, que acabam por criminalizar o consumo.

Silvia Inchaurreaga, presidente da Associação de Redução de Danos da Argentina (Arda) e secretária executiva da Rede Latino Americana de Redução de Danos (Relard), diz que na Argentina, como em outras partes do mundo, a demonização não só das drogas, mas também das idéias e dos defensores da antiproibição, são resultado de uma abordagem intelectual confusa por parte de muitos que discutem a questão e, claro, de uma política oficial global estadunidense que não abre espaço para um debate mais amplo.

“Legalizar as drogas não é legalizar as substâncias, é legalizar uma abordagem mais racional, efetiva e humana dos problemas associados a elas e ao seu consumo. É uma alternativa à atual legalização de mentiras como a teoria da escalada (de que se começa com uma droga mais leve até que se chegue às mais pesadas). A legalização é uma alternativa aos danos da proibição: contaminação por HIV pelo uso de seringa, violência policial, mercado clandestino, adulteração de substâncias e overdoses”, sustenta.

Inchaurreaga admite que partir para a legalização das drogas não pode ser o caminho atual de países como Argentina e Brasil. “Nesses casos, o possível é avançar com a descriminalização do consumo. Mas em nível internacional é preciso fortalecer o movimento antiproibicionista, que pode avançar para discutir as modalidades possíveis da legalização: aberta ou controlada. O que significaria que as drogas seriam pensadas como mercadorias ou como medicamentos”, diz.

México e Peru

O economista e estudioso do narcotráfico Hugo Cabieses afirma que atualmente o debate a respeito da legalização das drogas no Peru é quase nulo. “Quando alguém propõe um debate a respeito ou é satanizado ou ignorado, o que é ainda pior”. Ele sustenta que isso acontece em decorrência das pressões do governo dos EUA, mas que individualmente existem ministros e funcionários de alto escalão que pensam que a melhor saída para o problema do narcotráfico é a legalização. “Mas têm medo de se posicionar publicamente”, diz.

No México a defesa da legalização tem mais visibilidade, o deputado do Partido Revolucionário Democrático (PRD), Gregório Urias, tem sido taxativo: “A guerra contra as drogas é uma guerra perdida”. Ele é de Sinaloa, Estado do norte do país, região que sofre grande parte da violência e da corrupção originada no narcotráfico. “O narcotráfico só tem aumentado, controla mais capital e move maior volume de drogas e o consumo disparou. As conseqüências e a violência engendradas por ele só têm aumentado ano a ano.” No ano passado, Urias apresentou ao Congresso projeto de lei para começar o processo de descriminalização do uso da maconha.

Ele não foi o primeiro político a confrontar abertamente a política de proibição. Em 1998 a então senadora Maria del Carmen Bolado del Real, do Partido da Ação Nacional (PAN), do atual presidente, Vicente Fox, propôs projeto para legalizar e regularizar todas as drogas no México. Até mesmo Vicente Fox teria dito em 2001 que este seria o caminho inevitável como solução global.

O jornal diário ¡Por Esto!, da região de Yucatan, o terceiro em circulação do país, também tem defendido abertamente a legalização. Ricardo Sala, do site Vivecondrogas.com, garante que o movimento a favor da mudança da legislação no país é grande. “Pergunte ao taxista e ele dirá que é melhor legalizar.”



Brasil

Talvez o Brasil seja o país que mais caminhou silenciosamente para outro tipo de política na relação com as drogas e os usuários. A lei atual ainda reprime tanto o comércio quanto o uso, mas ao enviar sua primeira mensagem ao Congresso, o presidente Lula destacou como um dos pontos principais no tema Justiça, Segurança e Cidadania a redução da demanda

por drogas. Parece um detalhe, mas Lula poderia ter destacado o combate ao narcotráfico e sua rede criminoso.

O general Paulo Roberto Uchoa, Secretário Nacional Antidrogas do governo, ressalta que isso não foi à toa. Garante que a política da Senad foi homologada em 11 de dezembro de 2001, depois de amplo debate com a sociedade, e contempla muitos aspectos considerados modernos. “É uma política que já define o dependente químico não como um criminoso, mas como um doente que necessita de cuidados. É uma política que determina também que não haja discriminação para o simples fato da pessoa usar drogas. O tratamento com o usuário e dependente tem que ser totalmente diferenciado do traficante, porque o criminoso é o traficante, não o usuário. É uma política que privilegia a redução da demanda e está em harmonia com a Constituição do Brasil, principalmente no que diz respeito aos direitos humanos. É uma política que é humanista e pragmática”, define.

A respeito de uma política de descriminalização ou legalização, Uchoa diz que o debate ainda não chegou ao Conselho Nacional Antidrogas. “Mas ele vai chegar e com certeza vamos discuti-lo, uma vez que reconhecemos como tema pontual, mas que é preciso ser colocado com isenção, com espírito aberto, para uma discussão em que sejam ouvidos todos os segmentos da sociedade. O governo e a Secretaria Nacional Antidrogas não têm uma posição a tomar nesse assunto. A nossa posição será a de defender com unhas e dentes aquela que a sociedade adotar”, pontua.

Na sociedade e mesmo na mídia uma nova relação com a política que deve ser adotada em relação às drogas também vem sendo debatida. Alguns jornalistas e articulistas têm defendido a legalização como possibilidade melhor que a guerra contra as drogas. Entre esses, destaca-se texto de Hélio Schwartzman de 13 de março último publicado na Folha de S.Paulo. Destaca que a taxa de homicídios é de 2,4 por 100 mil habitantes na França, contra

23,5 no Brasil. “Nos EUA, a mais embrutecida das nações industrializadas, o número é de 6,6. Colômbia, se isso serve de consolo, tem taxa bem maior: 60 por 100 mil.” E continua: “em termos macroeconômicos, portanto, a receita para baixar a violência é muito simples. Basta que evitemos o caminho colombiano da guerra civil e nos tornemos um país rico. Essa solução se torna menos prática quando se considera que o Brasil não chegará, nos próximos vinte ou trinta anos, ao nível de desenvolvimento social verificado no Primeiro Mundo.”

Schwartzman então diz que o país tem de buscar outras respostas para essa questão e conclui: “Pode ser que eu esteja absolutamente enganado, mas acredito na tese de que as drogas respondem por boa parte da violência gerada pelo crime organizado. É evidente que, se não existissem entorpecentes ilícitos, as quadrilhas continuariam existindo, só que se dedicando a outras atividades delituosas. Ainda assim, acho que o tráfico está entre as mais rentáveis – e menos expostas – das especialidades criminais.(...) Nos interstícios dessa ampla estrutura, surge espaço para a corrupção de autoridades, contrabando de armas e de produtos químicos que serão usados no processamento da droga. Em termos estritamente lógicos, a saída para minorar o problema da violência associada ao narcotráfico é a legalização das drogas. Perceba o leitor que não estou falando em descriminalizar ou ser tolerante para com os usuários, mas de legalização mesmo. Maconha, cocaína e heroína seriam tributados como bebidas alcoólicas e cigarros e poderiam ser vendidos em pontos específicos.(...) No dia em que as drogas estiverem legalizadas, o poder do traficante não será maior do que o do dono de botequim.”

TECNOPSICOLOGIA

Derrick de Kerckhove

Tecnopsicologia

É um truísmo dizer que não sentimos saudades do que não conhecemos e outro dizer que a publicidade cria necessidades que não existiam antes. Banalidades como estas baseiam-se na pressuposição inquestionada de que todos os homens e mulheres foram criados não só semelhantes como iguais de uma vez por todas e para sempre. Nada podia estar mais longe dos fatos da vida. estamos para sempre a ser feitos e refeitos pelas nossas próprias invenções. O mito do denominador comum da humanidade é apenas um produto do filosófico “pensamento desejanter” do século XIX.

A nossa realidade psicológica não é uma coisa “natural”. Dependente parcialmente da forma como o nosso ambiente, incluindo as próprias extensões tecnológicas, nos afeta.

Uma boa forma de compreender a psicologia, como fato da vida e como ciência, é propondo que o seu objetivo seja fornecer uma interpretação abrangente e auto-atualizável das nossas vidas, à medida que estas vão sendo influenciadas pelo meio cultural em mudança. Assim, entre as suas muitas funções reguladoras, o papel da psicologia pode ser o de interpretar e integrar os efeitos da tecnologia nos sujeitos. Uma das funções da nossa psicologia individual é criar uma ilusão de continuidade quando há quebras culturais e tecnológicas importantes e, deste modo, retardar os efeitos do *feedback* tecnológico no nosso sistema nervoso. Se não tivéssemos uma

qualquer forma de ambiente estabilizador pessoal, estaríamos num estado de choque permanente causado pelo trauma cultural das novas tecnologias. Seríamos como Chancy Gardiner, a personagem principal do romance de Jerzy Konsinski, *Being There*. Depois de ter vivido toda a sua vida de adulto em frente à televisão, Chancy sai à rua pela primeira vez e descobre, para seu profundo espanto, que, por uma razão inexplicável, o controle remoto já não está funciona.

A “tecnopsicologia” é o estudo da condição psicológica das pessoas que vivem sob a influência da inovação tecnológica. A tecnopsicologia pode ser ainda mais relevante agora que existem extensões tecnológicas para as nossas faculdades psicológicas. A tecnopsicologia pode ser, para os investigadores da cultura e psicologia, o campo de actividades das psicotecnologias.

Psicotecnologias

Inventei o termo psicotecnologias, baseado no modelo da biotecnologia, para definir qualquer tecnologia que emula, estende ou amplifica o poder das nossas mentes. Por exemplo, enquanto a televisão é geralmente vista apenas como um difusor unilateral de materiais audiovisuais, podia ser útil para os psicólogos verem-na como uma extensão dos nossos olhos e ouvidos até os locais de produção das imagens. Quando se compreende a televisão desta forma, pouco importa se o programa é ao vivo ou gravado. De fato, telefone, rádio, televisão, computadores e outros *media* combinam-se para criar ambientes que, juntos, estabelecem um domínio das psicotecnologias. Vista deste prisma a televisão torna-se nossa imaginação

coletiva projetada fora do nosso corpo, combinando-se numa teledemocracia consensual eletrônica. A TV é literalmente, como Bill Moyers lhe chamou, “uma mente pública”.

Este domínio público é mais explícito durante uma videoconferência. Com a videoconferência e os videofones, a televisão aproxima-se da flexibilidade e comunicação instantânea conseguida com o telefone. De fato, estas tecnologias não apenas prolongam as propriedades de envio e recepção da consciência, como penetram e modificam a consciência dos seus utilizadores. A realidade virtual ainda está mais ajustada a nós. Acrescenta o tato à visão e audição e está mais próxima de revestir totalmente o sistema nervoso humano do que alguma tecnologia até hoje o fez. Com a realidade virtual e a telepresença permitida pela robótica projetamos literalmente para o exterior a nossa consciência e vêmo-la “objetivamente”. Esta é a primeira vez que o homem o consegue fazer.

Com a televisão e os computadores mudamos a localização do processamento de informação de dentro dos nossos cérebros para telas à frente dos nossos olhos, em vez de por detrás. As tecnologias do vídeo dizem respeito não só ao nosso cérebro, mas todo o sistema nervoso e aos sentidos, criando condições para uma nova psicologia. Ainda não chegou a bom termo a nossa relação com as telas. Pode ajudar compreendermos que a TV não está em competição com os livros, sugerindo antes algo completamente diferente. Propõe uma imaginação coletiva como algo que podemos realmente consumir, embora ainda não participemos diretamente nela. Com efeito, a característica essencial, a interação, a capacidade que garante a nossa autonomia individual dentro da poderosa tendência da

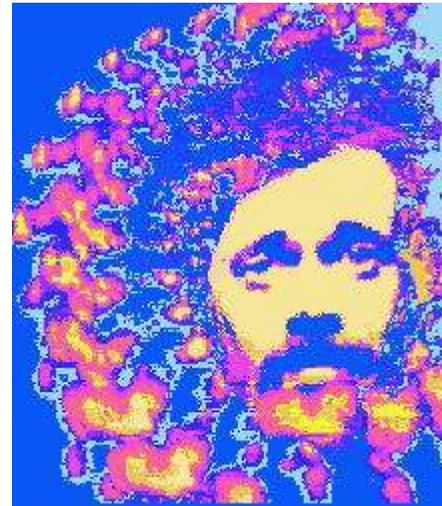
coletivização psicolecnológica, é fornecida pelos computadores e ainda mais eficazmente pelas redes de computadores.

Derrick de Kerckhove, A Pele da Cultura
Lisboa: Relógio d'Água, 1997. pp. 32 - 35.

Fonte: Semiosfera (www.eco.ufrj.br/semiosfera/).

GNOSE PRA CHAPAR

Ricardo Rosas



O mundo vai se acabar em 2012. Entraremos então na Supermente, o Logos, matriz de toda a linguagem. O OVNI é uma inteligência superior com que podemos entrar em contato através dos cogumelos. A realidade virtual transformará os sons em imagens. As raves são espaços privilegiados para a transcendência e superação do ego. Estamos agora no limiar de um retorno à cultura arcaica e ao xamanismo. Todas essas idéias e memes estão inevitavelmente ligados a Terence McKenna.

Falecido em 03 de abril deste ano, McKenna era considerado por muitos o sucessor de Timothy Leary. Guru psicodélico, McKenna era um explorador do caminho aberto por Huxley, Wasson, Leary, Metzner e outros no estudo

dos efeitos das substâncias psicodélicas sobre a imaginação humana. Seu objeto de estudo, ao contrário de Leary, não eram produtos de laboratório como o LSD, nem mesmo o símbolo da geração bpm, o ecstasy. Não, McKenna era mais natureza e seus principais focos de atenção eram os cogumelos que contivessem psilocibina, e o DMT, um psicoativo poderoso presente no ahayausca ou mais conhecido no Brasil como Santo Daime.

O DMT, quando fumado, produz um estado alterado de consciência por cerca de cinco minutos que, dependendo da quantidade utilizada, proporcionaria visões que nos permitiriam ter acesso a uma forma superior de inteligência extraterrestre presente desde tempos imemoriais em simples cogumelos silvestres como o *Stropharia cubensis*. Esta forma não humana de inteligência pode dialogar com o homem neste estado e seria na verdade uma matriz da linguagem proveniente do Logos ou Supermente criadora de todo o padrão presente na natureza desde a sua criação. Pequenos trols e duendes mecânicos falando através de imagens poligonais e bolas de basquete de cristal. Muito pirado? Pois isso é só o começo...

McKenna é um filho típico da contracultura dos 60 e foi estudante em Berkeley. Ao contrário da geração anterior, no entanto, McKenna não fez o drop-out (cair fora) dos hippies. Trouxe, isso sim, o fruto de seus estudos sobre os psicodélicos naturais para um público vasto e não só acadêmico. Seu esforço em estudar os efeitos desses psicoativos ao longo de toda a vida vem no bojo de uma geração que pode hoje em dia dissertar sobre os psicodélicos em centros de estudo relativamente considerados como Esalem ou o Instituto de Ciências Noéticas.

Seu nome é tão importante quanto o de psicanalistas como Leary, Ralph Metzner ou Stanilav Grof, o estudioso de golfinhos Dr. John Lilly, o bioquímico Rupert Sheldrake ou o matemático Ralph Abraham. Com estes dois últimos por sinal publicou um livro, traduzido no Brasil pela editora

Cultrix, chamado *Triálogos*. Nele são discutidos temas científicos e holísticos como a teoria do caos, a hipótese Gaia, campos morfogenéticos, realidade virtual e êxtases xamânicos. Junto com Sheldrake e Abraham, McKenna toca em temas vitais para a *fringe science* (ciência alternativa) de nossa época. A física quântica e a teoria do caos têm permitido à ciência entrar em terrenos antes considerados tabu, e já não parece nem um pouco estranho falar de uma consciência global do planeta, nem em rituais xamânicos como instrumento de cura.

Tudo isso faria parte de um movimento da humanidade de retorno à cultura arcaica dos povos primitivos e, nesse sentido, as tribos indígenas seriam verdadeiros repositórios da inteligência milenar do planeta e guardiões dos segredos das plantas, do ecossistema e do próprio espírito de Gaia, a Terra.

Esta nova consciência, que já estaria latente em toda a arte e cultura do século vinte como nostalgia do arcaico, muito mais que “ nova era ”, seria o que McKenna denomina de revival arcaico (archaic revival), nome por sinal de um de seus livros traduzidos em português, aqui intitulado *O Retorno à cultura arcaica*. Não muito longe está McKenna do que o cientista Thomas Kuhn sabiamente chamou de “ mudança de paradigma ” em meados dos anos 60, ao se referir ao estado da ciência com a trilha aberta pela teoria da relatividade e a física quântica, uma vez que o determinismo mecanicista da era de Descartes cai por terra.



McKenna escreveu muitos livros (alguns com seu irmão Dennis, neurobiólogo e etnobotanista), entre os quais *O alimento dos deuses* (ed. Record, 1995), *Alucinações reais* (ed. Record, 1993) *The Invisible Landscape* (Seabury, 1975) e o livro ilustrado (com o artista Tim Ely) *Synesthesia* (Granary Books, 1992). No primeiro, McKenna explora a hipótese de que o ser humano adquiriu a linguagem e a reflexão a partir da ingestão de cogumelos na pré-história, tese antes cogitada por Henry Munn em *Os cogumelos da linguagem* (Oxford University Press, org. Michael Harner, 1973). O livro explora igualmente todo um leque de estimulantes e estupefacientes desde o açúcar, o café e o tabaco passando pelo álcool até chegar na maconha, no cogumelo e no Soma, a bebida sagrada dos Vedas. Junte a isso, dados históricos de civilizações desaparecidas, estudos de hábitos alimentares e uma antevisão do futuro, e o livro se afigura como uma nova abordagem do surgimento da consciência humana.

Em *Alucinações reais*, McKenna narra a viagem feita por ele com o irmão à floresta amazônica, buscando os psicodélicos naturais da selva com o auxílio de nativos. Essa viagem marcaria para sempre a vida dos dois irmãos e sua importância mítica na trajetória de ambos fez dela muito mais um rito iniciático que uma exploração de caráter científico. Os *insights* e visões alucinantes com revelações surpreendentes geraram não apenas a narrativa da aventura em *Alucinações* como seu antecessor, o incrível e estranho *The Invisible Landscape*.

Autêntico *cult* psicodélico escrito junto com seu irmão Dennis McKenna, *The Invisible Landscape - Mind hallucinogens and the I-Ching* (ainda sem tradução para o português) é a primeira tentativa de interpretar o choque da revelação de suas experiências com os alucinógenos amazônicos num livro que se utiliza tanto da ciência como da filosofia ocidentais, como diz no prefácio Jay Stevens, autor do super cultuado *Storming Heaven - LSD and the american dream*. A paisagem invisível de McKenna seria visível nos

estados alterados de consciência e nas revelações que trariam consigo. O xamanismo e a esquizofrenia como estados de acesso alterado da mente que por sua vez seriam a base de uma teoria holográfica da mente. Dennis compara os estados da mente sob o efeito de psicodélicos em termos neurobiológicos, culminando com as revelações acontecidas em La Chorera. A segunda parte é Terence interpretando a revelação do cogumelo e tudo para dar a base para sua hipótese de estudar o calendário lunar sob a ótica do I-Ching, hipótese essa que lhe teria sido sugerida por uma estranha inteligência insectóide.

“Nós podíamos sentir a presença de alguma entidade hiperespacial invisível, um alien, que parecia estar nos observando e algumas vezes exercendo influência na situação para nos manter movendo gentilmente para uma resolução experimental das idéias que vínhamos tendo. Por causa da natureza alienígena do transe de triptamina, sua aparente acentuação de temas alienígenas, insectílicos, e futuristas e devido a experiências prévias com triptamina em que transformações alucinatórias e insectílicas de seres humanos foram observadas, nós fomos levados a especular que o papel daquele ser era algo como aquele de um antropólogo vindo dar à humanidade as chaves para a cidadania galáctica”.

O estudo do I-Ching sugerido pela inteligência desconhecida revelou que haveria um padrão rítmico no tempo, um ritmo que dançaria em sua cadência pelo milênio até chegar num Ponto Ômega que os McKenna calcularam como sendo o ano 2012. A onda-tempo zero, o fim da história. As análises de dados calculados com base nos hexagramas do I-Ching do que seria uma ressonância temporal de novidades mostram que em 2012 estaremos chegando a uma culminação tamanha de entrada de novidades na esfera dos acontecimentos que chegaremos a um ponto máximo de sublimação temporal. É igualmente quando acaba o calendário maia. Em que ecoem Theilhard de Chardin, as idéias de McKenna sobre o ponto

ômega deixam mais claro seu fundo gnóstico, como será visto a seguir, e os irmãos têm uma data precisa para seu acontecimento: 22 de dezembro de 2012, quando o mundo cessar de existir tal qual o conhecemos, quando nos uniremos com a entidade cósmica superior ou Supermente global.

Tal situação, segundo McKenna, seria incrementada pela presença de um objeto desconhecido nessa data nos guiando magneticamente na direção da superação da dualidade corpo e mente pela unificação com o Logos.

Se a visão, digamos, milenarista de McKenna prevê um apocalipse, essa visão é pelo menos bem mais alegre, *joyeuse*, que as distopias de nossos cientistas sociais. Sua positividade é manifesta. Seu caráter festivo não passou alheio ao público raver que no boom zippie de cinco anos atrás cultuou McKenna como um legítimo profeta da pronóia (o contrário da paranóia, ou sensação de que o mundo conspira a seu favor), cuja linhagem utópico libertária teria aproximação com figuras como Charles Fourier, Wilhelm Reich, Norman O. Brown, Hakim Bey, Raoul Vaneigem, Oswald de Andrade, entre outros.

A jóia rara que é *Synesthesia* é o resultado de um trabalho conjunto com o artista Tim Elly, e contém desenhos originais e imagens pintadas de misteriosos glifos, mapas e devaneios visionários. Objeto só para colecionadores.

Mas o melhor livro para se introduzir no universo McKenna é sem dúvida *O retorno à cultura arcaica*, um apanhado geral de suas idéias, reunindo entrevistas, textos escritos para revistas, ensaios, palestras. Por sua urgência de interesse, em espantosa simbiose com o atual estado das coisas, este livro é absolutamente imperdível. O revival arcaico de McKenna nos permite leques de iluminações sobre as fronteiras da mente humana, os precursores

dos estudos de psicodélicos, a realidade virtual, a idéia do OVNI como entidade psíquica autônoma.

Sua teoria é de que o extraterrestre é na verdade emanção da Supermente, “campo gerado pelos seres humanos, escapando ao controle de qualquer instituição, governo ou religião”. O OVNI desconcerta a comunidade científica e seu constante “reaparecimento” na mídia cotidiana nos diz que o OVNI representa um poderoso mito de nossa época, ao qual também já se voltaram Jung e Reich. Um mito, se provada a existência, capaz de provocar um choque de proporções insuspeitadas, abalando a ciência oficial e criando uma nova religião. Esta incorporaria em torno do OVNI a mesma devoção arquetípica que o cristianismo aplicou à Ressurreição.

Igualmente surpreendentes são suas conjecturas sobre o amor extraterrestre, isso mesmo, a recente “dimensão erótica” do fenômeno dos discos voadores.

Por mais divertidas ou absurdas que possam parecer a miríade de temas abordados por McKenna, a leitura fluida e rápida pelos tópicos mais pirantes na leveza de uma entrevista, que volta e meia reaparecem sob novos prismas em ensaios, funciona caleidoscopicamente para o leitor. Não que suas idéias, é claro, possam ser aceitas com facilidade.

Válidas ou não, a verdade é que as teorias de McKenna repercutem polêmicamente no meio científico. Em que pese os que contestam seu cálculo da onda-tempo zero, McKenna é referência para vários pesquisadores importantes de áreas como biologia, etnobotânica, antropologia ou psicologia.

Mas essas teorias tem um outro subtexto, não científico: a gnose. A visão de mundo gnóstica tem tido um crescente reavivamento de interesse desde a descoberta dos manuscritos de Nag Hammadi, Egito, em 1945. O conhecimento da gnose, que se desenvolveu com o cristianismo e teria raízes em certas seitas gregas, foi praticamente extinto no terceiro século da era cristã por dizimação e perseguição da igreja apostólica. Os manuscritos descobertos no Egito oferecem visões insuspeitadas dos mitos e memes bíblicos, versões diferentes do Gênesis, intensa valorização do feminino em certos textos, novas facetas de um Cristo irreconhecível talvez, textos pagãos, retorno da mitopoética já presente em toda a tradição gnóstica ocidental como no *Pistis Sophia* descoberto no século dezanove.

A Gnose nos diz que vivemos no mundo do demiurgo, um mundo falso criado por um falso deus que se vale dos seus asseclas, os reguladores ou arcontes, para manter a ordem. Além deste mundo estaria o Pleroma, onde respira a vibração cósmica do Logos, o verdadeiro criador. Uma interpretação simplificada desse mito iniciático significa que vivemos na ilusão de um ego que é o próprio inimigo do homem pois a respiração cósmica não está fora mas dentro dele mesmo, enquanto o ego o mantém na ilusão da existência.

Esta visão brevíssima e superficial da mitopoética gnóstica aparece sob diversas formas nos evangelhos achados em Nag Hammadi. As versões inusitadas e surpreendentes do Cristo e de mitos do velho testamento tem sido exploradas com profundidade e ousadia pela estudiosa Elaine Pagels, que acrescenta sua visão feminina e polêmica das interpretações bíblicas de Nag Hammadi contrapostas às da igreja tradicional.

Theilhard de Chardin, sob o viés mesmo do catolicismo, explorou hipóteses de inegável fundo gnóstico como a do Ponto Ômega de convergência e do Logos, que atribui ao Deus católico. Não obstante a predominância de tal

religião sobre sua cosmovisão místico-científica, a Igreja proibiu que o estudioso publicasse seus estudos em vida, só vindo estes a lume post-mortem, no que poderia muito bem se admitir que o principal motivo dessa censura fosse a presença subliminar de conceitos gnósticos nas teorias de Chardin.

A gnose e a visão do mundo ao contrário cabe bem em nosso mundo de crescente virtualização. A inversão, o pulo no espelho do *Orfeu* de Cocteau como estratégia de conhecimento e de iniciação, tema constante, mesmo um *leitmotiv* em tantos filmes e ficções do presente como *Matrix*, o *Show de Truman*, *A vida em preto e branco (Pleasantville)*, para ficar em apenas três filmes recentes, nos quadrinhos *Promethea* de Alan Moore, na adoração que artistas como Lydia Lunch ou a banda Sonic Youth lhe devotam, no mito da alucinação consensual coletiva dos cyberpunks como William Gibson, em teses de críticos musicais influentes como Greil Marcus, a arquitetura visionária de Paolo Soleri ou o desenho animado Aeon Flux.

Se o pop ficou gnóstico, é questão a se discutir. Mas o fato é que a gnose pode fornecer muitas chaves para se entender a ficção e ou fenômenos reais como o *Heaven's Gate*, mas igualmente para se ler McKenna e o fundo místico de suas idéias.

Não à toa, Erik Davis, brilhante jornalista, entre outros, do *Village Voice* e da famosa revista *Gnosis*, criou o termo de tecnognose. O livro, *Techgnosis*, saiu no ano passado e foi bastante elogiado por sua "história profana" da gnose em nossa época secularizada. Davis enxerga gnose nos lugares mais escondidos, de notas de dólar à arquitetura administrativa, de enredos de séries de tevê a supermercados, e simbologias antes ocultas, mas cotidianas e casuais ressurgem com outra aparência, o desvelar arcano de seu significado. Davis por assim dizer reencanta o mundo reificado da globalização corporativa capitalista com novas interpretações de ritos

simbólicos repetidos infinitamente em escala mundial. O próprio conceito da tecnognose seria mesmo essa relação contemporânea de simbiose da tecnologia com a mística gnóstica no subconsciente contemporâneo.



Aqui se encaixa perfeitamente a união que McKenna faz da ciência com a exploração iniciatória dos limites da imaginação e do êxtase. Seu otimismo entusiasmado em relação às possibilidades da realidade virtual como libertadora da linguagem seria um exemplo entre tantos de uma tecnognose mckenniana.

De qualquer forma, a presença de McKenna é um espectro subliminar mas constante no imaginário atual. Suas idéias inspiram bandas eletrônicas como Spacetime Continuum e System 7, tribos de zippies e ravers, quadrinhos como Os Invisíveis de Grant Morrison, sites psicodélicos ou contraculturais como o Levity (www.levity.com), Disinformation (www.disinfo.com), The Bomb (www.barbelith.com/bomb/) ou Hyperreal (www.hyperreal.org).

Tudo bem, depois de tudo que foi dito acima, pode ser que você ainda não veja razão alguma para ler McKenna. Mas pare um pouco. Lembra daqueles livros que depois de ler ainda ficam vários dias mexendo com as idéias de sua mente? É...Aquela sensação de barato, sabe, estado alterado de consciência atingido sem nenhuma droga ou estimulante, como o estado de

graça em que a gente fica quando assiste um filme maravilhoso. Pois o barato de McKenna é justamente esse. Só de ler você já fica chapado. E consciente.

Agosto de 2000

Leia Mais:

www.deoxy.org/mckenna.htm

www.levity.com/eschaton/hyperborea.html

(Arquivo Rizoma)

PIONEIROS DO UNDERGROUND VIRTUAL

Por Andrew Edmond

Desde os primeiros dias da internet, artistas, psiconautas, maconheiros, exploradores hiperespaciais, jardineiros etnobotânicos, químicos, místicos, ravers e ativistas têm estado trocando idéias e criando projetos que eles esperam que um dia mudem o mundo. Ao contrário do Mundo Real, onde aqueles que adotam a contracultura frequentemente têm de trabalhar duro para encontrar seu grupo, a internet é um lugar onde tribos podem ser formadas sem limites culturais ou geográficos. Aquelos que foram impelidos para o underground no mundo real estão agora descobrindo que a internet é uma incrível ferramenta para a expressão, para a troca de informação e conhecimento, e, mais importante, para encontrar e fazer amigos freaks de todo o mundo.

Uma das primeiras contraculturas virtuais formada na net foi uma lista de discussão chamada FutureCulture, criada por Andy Hawks ainda em 1992. FutureCulture atraiu cybercidadãos enamorados com a idéia de usar a telecomunicação global para lançar uma nova contracultura - uma que mixasse pessoas e idéias do mundo inteiro numa caótica sopa multicultural. Em 92 ainda, só havia cerca de três milhões de pessoas na internet, e o que Hawks consumou com FutureCulture foi um marco divisório. Ele criou uma "comunidade mundial" onde as pessoas de todo canto do mundo poderiam se encontrar diariamente no cyberspaço e fazer planos de mudar e sacudir o mundo como nunca antes. Antes da internet, comunidades criativas ficavam estranguladas pela localidade física. Na net, elas se auto-replicam como vírus - propagando e antecipando memes numa velocidade

assombrosa.

Apesar da FutureCulture prosperar por quase dois anos com um diálogo rico e potente, Hawks eventualmente a deixou, e como resultado, muitas outras listas contraculturais começaram a crescer. Fringeware, levada por Paco Nathan, a lista de discussão Leri iniciada por Scotto More, MIndSpace, formada por Jack Burns e a Visionary Plants List moderada por mim, atraíram muitos dos mais novos e mais célebres visionários da contracultura. Como os governos do mundo ainda estavam bastante ingênuos quanto ao mundo virtual, surpreendentes eventos como "net-trips" (pessoas de todo o mundo conversando num chat sob a influência de psicodélicos) passavam totalmente despercebidos pelas autoridades constituídas.

Em 1993, estas primeiras e simples listas de discussão underground começaram a se espalhar pelos fóruns da internet. Boletins (BBS) virtuais se tornaram praças públicas onde as pessoas podiam enviar sua poesia e música favorita, fazer perguntas, compartilhar experiências pessoais, e discutir tópicos que em muitos países eram considerados ilegais. As listas de discussão iniciais como FutureCulture eram comunidades estreitamente ligadas de, no máximo, umas poucas centenas de pessoas - mas fóruns como alt.drugs e outros rapidamente cresceram para grupos de milhares de freaks vagamente associados dentro de um período de meses.

O boom dos fóruns em 1993 é frequentemente referido como a "Era Dourada" da internet. Depois de digerir uma vida inteira de mídia programada, este repentino "livre comércio" de informação tinha

netcidadãos insaciavelmente curiosos e levados a quebrar todas as regras. Ativistas como Lamont Granquist começaram a publicar e arquivar informação de substâncias controladas e levaram avante discussões inteligentes e refletidas sobre psicoativos na net. Outras hierarquias de fóruns como rec.music uniu ravers de todo o globo numa aldeia de entusiastas. Mas os fóruns também tinham seus limites.

Quando a internet se tornou comercial, e mais pessoas de grandes servidores como America Online entravam para participar, os fóruns públicos rapidamente ficaram saturados com mais tagarelice desinformada (ruído) que informação realmente útil (sinal).

Felizmente, as coisas na net mudam rapidamente. Logo que os fóruns começaram a transbordar, a World Wide Web entrou em cena. Usuários não estavam mais limitados a rústicos textos ASCII e programa primitivo de chat. Na Web, artistas, ativistas, hippies podiam agora produzir galerias de arte virtuais e arquivos em hipertexto de informação underground. Com habilidade de transmitir conteúdo multimídia e criar links para qualquer documento na net, a Web tinha um vasto potencial como ferramenta de expressão comunitária.

O nascimento da Web teve um tremendo impacto no revival da contracultura virtual. As pessoas criavam sites na Web especificamente para promover o uso permitido de enteógenos, a cultura rave, a redução da violência, eventos pagãos, técnicas hiperespaciais, sociedades utópicas e todos os tipos de ideais de mudanças de paradigma. Eventualmente, estes sites cresceram até se tornarem bibliotecas virtuais de informação

underground, e começaram a atrair milhares de acessos por dia.

Um dos primeiros sites de contracultura a marcar presença de verdade na web foi o Hyperreal, criado por Brian Behlendorf nos fins de 1993. Behlendorf tinha dirigido uma lista de discussão chamada SF-RAVES quando a internet deu luz à Web, e ele rapidamente montou um site num servidor que ele tinha acesso na Universidade de Stanford. Logo, Hyperreal estava hospedando uma massiva compilação de FAQ (Perguntas Mais Frequentes) de substâncias controladas; promoções de raves e discussões; resenhas de techno, house e música ambient; revistas online; e mais. À medida que as pessoas afluíam à procura de informação acurada, uma comunidade começou a florescer.

A era que segue à criação da Web (esse piscar de olhos de 1994 a 1996) é frequentemente referido como a "explosão da Internet". Foi durante esta época que muitos outros sites igualmente criativos e informativos começaram a proliferar. Paranoia, dirigido por KevinTX, quebrou praticamente todas as regras ao publicar volumes de informação sobre sexo, psicoativos e religião que poderiam ter sido banidos apenas algumas décadas atrás. A informação "indecente" de KevinTX estava disponível para toda nação do mundo - de Israel à Nova Zelândia, e este surpreendente poder de transpor barreiras sociais motivou outros a levarem a coisa ainda mais longe. No período de dois anos, sites como Druglibrary disponibilizaram ampla quantidade de informação sobre substâncias controladas para o público geral. Estes sites, incluindo o meu, o Lycaenum, têm crescido até se tornarem algumas das maiores e mais versáteis bibliotecas enteogênicas no mundo.

Uma evolução particularmente interessante para a coesão das contraculturas virtuais veio na forma da Drug Reform Coordination Network (DRCNet), criada por David Borden e Adam Smith em 1993. A DRCNet pegou o entusiasmo da contracultura e combinou-o com a funcionalidade da Web para coordenar o ativismo na luta contra o establishment anti-drogas.

Enquanto na DRCNet, não só você pode encontrar informação útil sobre cânhamo e maconha medicinal, embaraçosas estatísticas de quantos dólares de imposto estão sendo utilizados na "Guerra às Drogas", e artigos que expõem a corrupção dentro das agências que tiram proveito do reforço destas leis, você também pode mandar cartas em e-mail sobre temas de proibição específica para os representantes no congresso americano.

Organizações como o Island Group, o Council on Spiritual Practices, revista Wired e uma miríade de outras empresas zippies, hippies, ravers, ativistas e pagãs evoluíram na Web e viram a participação de membros crescer numa maré de entusiasmo. Você pode agora encontrar praticamente toda comunidade contracultural, organização e publicação representada na Web, e muitas estão igualmente conduzindo listas e fóruns de discussão para reforçar as comunidades e encorajar novas idéias. E você sabe de uma coisa? Isso está fazendo muita diferença.

O impacto da internet no crescimento da contracultura não pode ser subestimado. Nos anos 90, nós temos visto um aumento na exploração psicodélica, expressão artística, música transcendente, ritos e rituais pagãos e uma multidão de outras práticas espirituais de poder. A internet tem sido

uma catalizadora para estas explosões na cultura porque ela permite a você localizar pessoas, informação e recursos que seriam de outra forma indisponíveis.

Pela primeira vez na história, milhões de pessoas de todo o mundo tem acesso a informação inesgotável e troca de novos conhecimentos em tempo real. Membros da contracultura estão usando este poder para fazer nada menos que tentar mudar o mundo como eles conhecem. E de onde estou sentado, parece que eles podem finalmente estar vencendo.

Fique ligado.

Andrew Edmond é um programador de computador por profissão, e formado como botânico. Ele é o Diretor do Lycaem, a Maior Comunidade e Biblioteca Enteogênica Online do Mundo. Você pode mandar um e-mail para ele no edmond@lycaem.org.

Tradução de Ricardo Rosas

Texto traduzido do sítio da revista The Resonance Project - (www.resproject.com).

Links para pioneiros do underground virtual

The Island Group - www.island.org

The Lycaem - www.lycaem.org

Hyperreal - www.hyperreal.org

FutureCulture - www.eerie.fr/~alquier/Cyber/culture.html

Fringeware - www.fringeware.com

DRCNet - www.drcnet.org

Druglibrary - www.druglibrary.org

Paranoia - www.paranoia.lycaeum.org

Council on Spiritual Practices - www.csp.org

Wired - www.wired.com/

SOLTOS AO VENTO E AO TEMPO - Erguendo o punho nos anos sessenta com o grupo-bomba Weather Underground

Revista Entropy (1)

"A melhor coisa que podemos estar fazendo por nós mesmos, assim como pelos Panteras (Panthers) e a luta revolucionária da Libertação Negra (Black Liberation), é formar um puta movimento revolucionário branco".

Bernardine Dohrn

Para que não esqueçamos, estar em sintonia durante os anos sessenta não significava só garotas com os cabelos dourados ao sol, contar nuvens, a primeira aparição das *air guitars* (2), ou acordar com haxixe na sua camiseta *tye-die*(3) (nem drogas significavam só "cair fora do sistema" [*drop out*] no sentido de uma "visão/cabeça" pessoal - elas *poderiam* significar os vínculos desenvolvidos pela experiência radical compartilhada). A década também viu a mais sistemática oposição jovem ao opressivo poder do estado, o "Chefão" e seus capangas, jamais tentada. Por vários continentes, os garotos estavam se levantando para tomar parte - de Paris a Chicago via Grosvenor Square em Londres e a ocupação da Universidade de Columbia, 1968 foi o ano, e por um momento pareceu que chegou a hora de por o mundo de cabeça para baixo e ver toda a merda cair na sarjeta. Tire os ianques do Vietnã, os engravatados do governo e o Capitalismo do Capital...

Ninguém levou estes ideais, e as conquistas nas ruas dos protestos dos "Dias de Ira" de Chicago(4), mais a sério do que o The Weather Underground (5). Saído de divisões no SDS (Students for a Democratic Society - Estudantes por

uma Sociedade Democrática - na verdade o grupo de vanguarda da *New Left* americana) (6), o Weather concluiu que só a luta militar do combate de guerrilha underground poderia parar as atrocidades que estavam sendo continuamente perpetradas contra inocentes em casa e no exterior. Resolutamente anti-imperialistas e anti-racistas, eles tiraram seu nome da letra de Bob Dylan "You don't need a Weathermen to know which way the wind blows" ("Você não precisa de um meteorologista para saber de que lado o vento sopra", de *Subterranean Homesick Blues*), assinalando imediatamente sua filiação às importantes mensagens cifradas nos elos da contracultura jovem e pop (mais tarde eles assinalariam uma mudança de direção ao adotar o título do disco de Dylan "New Morning"). Mais Lennon que Lenin, eles logo passaram a ver a contra/cultura como revolucionária em si mesma, e ela retribuiu o cumprimento quando os *acid-rockers* Grace Slick e Paul Kantner do Jefferson Airplane contribuíram para o projeto de um disco pró-Weather.



Mas as energias primárias do Weather se voltaram para uma campanha de bombardeamento estratégico visado alvos militares, governamentais e comerciais. Organizado dentro da anti-monogamia, do uso de LSD e de células clandestinas, o Weather explodiu bombas em bancos, administrações de presídios, edifícios federais e até no Pentágono. Eles também planejaram e executaram ações de alto gabarito como a fuga da cadeia de Timothy Leary (preso por porte de drogas) em setembro de 1970, levando-o através de sua rede secreta para a Argélia em questão

de dias.

O livro de Ron Jacobs, *The way the wind blew* - o mais recente de uma série de tentativas de documentar o movimento, flui como um *thriller*, mas é oferecido com a autoridade de alguém que foi, ele mesmo, um ativo agitador contra a guerra do Vietnã. Jacobs nos apresenta personalidades e política, nunca forjando as discussões sobre estratégia, e ao mesmo tempo contando tudo como se a estória fosse sobre os triunfos, as falhas (a morte de 3 membros na fábrica de bombas deles em Greenwich Village) e as contradições internas que, tanto quanto a atenção do FBI, viram a dissolução definitiva do grupo. Oferecendo uma cronologia completa e biografias do "The Cast" ("A equipe"), ele identifica, em retrospecto, os elementos performáticos dentro do Weather - a encenação pública da discordância e manipulação de mídia que caracterizaram a oposição criativa da época do processo dos 8 Yippies em Chicago(7) para a frente. Útil também é quando ele investiga ações mais recentes de versões estilhaçadas do grupo, e na análise final oferece a avaliação quase-definitiva de um movimento que convocou a juventude da América para as armas, exortando-os a trazerem a guerra de volta para casa, para as ruas das cidades e salas de estar...

1. Artigo sem assinatura (N. do Tradutor).
2. Air Guitar é a prática de "tocar guitarra" sem guitarra, recentemente em voga no Brasil (N. do Trad.)
3. Tie-dye é um estilo de estampa típico dos anos 60 e 70 no formato de

pinturas estreladas tipo *batik*, muito associada ao visual psicodélico (N. do Trad.).

4. Os "Days of Rage" de Chicago foram os protestos promovidos pelos membros do Weather Underground contra a guerra do Vietnã e o processo contra os 8 membros da Youth International Party (veja nota 6), envolvendo performance de rua, bombas, violência, quebra de vitrines e embates corpo-a-corpo com a polícia (N. do Trad.).

5. O termo pode ser traduzido, poeticamente, como o "Subterrâneo do Clima" (no caso, o clima político) (N. do Trad.).

6. O movimento "Students for a Democratic Society", cujas raízes repousam nos movimentos estudantis estadunidenses da década de 30, ocupou um lugar preponderante não só na luta pelos direitos estudantis e na oposição ao conflito militar no Vietnam, como por uma sociedade organizada de forma a encorajar a independência nos(as) cidadãos(ãs) e providenciar os meios para uma participação comunitária. Dentre as suas ações mais notórias e violentas (mais de 2000 entre 1965 e 1970) destacam-se a ocupação dos campus Universitários de Bekerley, Chicago, Columbia, Harvard e Wisconsin que seriam rechaçadas pelo exército federal (N. do Trad.).

7. O julgamento dos 8 "yippies" em Chicago foi um dos mais incomuns espetáculos jurídicos da história norte-americana. Tendo como réus Abbie Hoffman, Jerry Rubin, David Dellinger, Tom Hayden, Rennie Davis, John Froines, Lee Weiner, e Bobby Seale, e sob a acusação de conspirar para

incitar revolta na Convenção Nacional Democrata de 1968 em Chicago, o julgamento de quatro meses e meio em 1969-70 virou um circo e escandalizou os EUA e o mundo (N. do Trad.).

Tradução de Ricardo Rosas

Fonte: Revista Entropy (UK)

Para mais informações sobre a revista, contacte a editora:

Entropress

Garden Flat, 15 Ashgrove Road

Redland Bristol BS6 6NA UK

Tel 00 44 181 806 6272 .

